



Clássicos da Literatura Portuguesa

Contos Tradicionais do Povo Português

Volume 1

Teófilo Braga

Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro



Título: Contos Tradicionais do Povo Portugues – volume 1

Autor: Teófilo Braga

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos da literatura portuguesa

Adaptação, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

1.ª edição: outubro de 2013

ISBN: 978-989-8671-16-5

ideiascommérito
Rede de Bibliotecas Escolares

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Preliminar

(Da 2.^a edição de 1914)

Quando publicámos em 1883 estes contos coligidos da tradição oral, andava um fervoroso entusiasmo pelas compilações e investigações do *folclore portugues*. Não foi possível formar-se um grupo ou associação para imprimir unidade a todas as curiosas boas vontades que surgiam pelas províncias, por antinomias doutrinárias e exclusivas iniciativas. Nós prosseguíamos num plano que visava ao intuito de estudar as tradições como fonte estética da Literatura, procurando servir o pensamento da revivescencia do sentimento nacional pelos elementos de uma *Biblioteca das Tradições Portuguesas*. Era uma intuição. Vão passados bons trinta anos sobre esse plano, que está prestes a realizar-se completamente; e o trabalho sincero teve a maior das apoteoses. Dois dias depois da Revolução de 5 de Outubro de 1910, publicava a *Frankfurte Zeitung*, sobre esse fenómeno de ressurgimento nacional: «, o presidente provisional da República Portuguesa há pouco fundada, assumiu uma situação absolutamente especial na civilização, na poesia e na ciencia do seu país. O que ele fez pelo seu povo é nada mais nem nada menos do que a *ressurreição do seu passado literário, a reanimação de todas as tendencias nacionais e patrióticas* como elas sobressaem da lenda e da moral, da poesia e das tradições de Portugal. Poder-se-ia comparar a sua ação com a de Jacob Grimm, que fez outro tanto na investigação do nosso passado alemão como ele se encontra no folclore popular e na literatura — A velha Universidade pátria de Coimbra, sobre a qual mais tarde elaborava uma apreciação histórica de longo alcance de vistas, expos aos olhos do jovem estudante de Direito

luminosas imagens do passado; em vez da praxística jurídica, brotou dos seus trabalhos de jurisconsulto uma obra sobre a *Poesia do Direito*. Se já aqui tinha coincido com Grimm, nas investigações sobre o velho Direito, procurou ele depois aplicadas as suas *tradições poéticas* a civilização portuguesa o grande pensamento do Mestre alemão sobre a sondagem da *maneira de ser de um povo*. Entre as numerosas obras de ciencia que produziu em sua laboriosa vida, e que com um admirável conhecimento da literatura universal, pela primeira vez se perscrutaram e sondaram toda a poesia portuguesa... — tesouro que logrou trazer a clara luz do dia o nobre teor da cultura e poesia portuguesa há muito soterrado.»

Este julgamento mantém-nos todas as energias.

(Da 1.^a edição de 1883)

No plano do nosso vasto inquérito das tradições portuguesas, que temos realizado arquivando-as em coleções impressas sob o título de Cancioneiro e Romanceiro Geral Portugues (1867), entrava como parte integrante um outro corpo contendo o Novelário e Adagiário Nacional. Nos Estudos da Idade Média (1870) iniciámos pois esta ordem de investigações com os contos das Tres Cidras do Amor e Cacheirinha, embora com o defeito dos arrebiques da fase romantica; continuámos trabalhando, e já em 1871, nas *Epopéias Moçárabes* (pág. 96) prometemos o livro das Lendas, Tradições e Contos Portugueses do Século XII a XIX. Em um artigo sobre a Literatura dos Contos Populares em Portugal, publicado em 1877 na Rivista di Letteratura popolare, de Roma, e na Evolução, de Coimbra (n.º, 10, 11 e 12), tornámos a aludir a nossa coleção: «Este breve estudo servirá de introdução a uma série de contos que temos coligido das ilhas dos Açores, das províncias da Estremadura e do Minho, e que publicaremos mais tarde.» Fixamos estes dados para deixar bem patente que nos não atravessamos no caminho de outros coletores, e que obedecemos a um plano fundamental que, uma vez terminado, constituirá a Biblioteca das Tradições Portuguesas, base organica sobre que fomos criando a História da Literatura Portuguesa (1871 a 1881). Por estes estudos da tradição popular preparámo-nos para a compreensão do génio nacional e para a posse de uma disciplina de crítica. A mútua relação entre as conceções anónimas e a obra individual existiu vagamente entrevista no nosso espírito, antes de chegarmos a compreensão do seu alto valor científico.

Todo o nosso progresso literário deriva desta compreensão.

A demora da publicação dos *Contos Tradicionais do Povo Portugues* fez-se sentir como uma lacuna na ampla investigação a que pertenciam o Cancioneiro e Romanceiro. (Carta do Sr. Sílvio Romero.) Obedecemos as condições da nossa livraria, e em parte a dificuldade de organização dos nossos materiais acumulados, de *Contos, Casos, Histórias, Exemplos, Facécias, Lendas, Patranhas, Ditos e Fábulas*. Nas *Canções e Romances* existe a forma métrica e assonantada, que coadjuva a memória do recitador e dispensa do trabalho de redação ao coletor; porém, nos contos e casos a área é extensíssima, a forma é na prosa falada, espontanea, pitoresca, descritiva e dialogada, cujos efeitos não se podem reproduzir, nem se devem imitar. Para conservar-lhes o carácter de documento humano, como diria Zola, é preciso ver nestas narrativas mais do que um texto para estudo de dialetologia popular, e fugir dos retoques artísticos; esse termo médio só se poderá achar visando a fixar o estado dos temas tradicionais. Diante de uma tal dificuldade é que fomos adiando de ano para ano a nossa publicação. Lucrámos com a demora, tomando conhecimento da importancia científica que adquiriu na Europa a Novelística popular, cujos problemas tem sido tratados com a maior lucidez por Grimm, Kohler, Afanasieff, Liebrecht, Benfey, Comparetti, Gubernatis, Pitré, Ralston, Gaston Paris, Cosquin, Stanislo Prato e outros. Resultou da demora o ampliarmos a coleção a ponto de reconhecermos a necessidade de uma classificação deduzida da própria complexidade das ficções.

Para alargarmos a colheita dos contos orais por todas as províncias, servimo-nos da influencia pessoal de bons amigos, entre os quais citaremos Reis Damaso, para a novelística do Algarve, Dr. Ernesto do Canto e o falecido Dr. João Teixeira Soares para ilhas dos Açores; em casa achámos bastantes tradições da antiga divisão provincial de Entre Douro e Minho, e do contacto com os narradores populares colhemos diretamente versões importantes, por onde vimos que era absurdo, senão impossível, pretender estenografar um ditado

cheio de vacilações e sem nexos que prejudicam a compreensão dos temas tradicionais que se vão obliterando. Sobre o estado da tradição nos Açores, escrevia-nos o Dr. Teixeira Soares (Carta de 25 de novembro de 1875). «Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Inácia. Chamei-a e a minha criada para junto desta mesa de trabalho para as interrogar sobre contos populares a que o povo chama Casos. Desculpam-se da falta de memória juvenil para entrarem francamente neste campo; contudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripécias! que maravilhoso! que poesia! Afirmaram unanimemente que seria impossível ao investigador mais diligente formar uma coleção completa de todos os *Casos* sabidos do povo: — Todos escritos enchiam esta casa! disse a Maria Inácia. A lista junta mostra aqueles de que se recordaram e a que se referiram. Por ela verá o meu amigo a inesgotável mina de Casos que aqui o espera:

«Do Gado Gajão — Da Garoupinha — Dom José Pequeno — Maria do Pauzinho — Maria Subtil — O Rei Que Achava a Quinta Despedaçada Canarinho Verde — Rainha do Verde — Os Tres Homens Que Queriam Comer sem Gastar — D. Filipe — A Duquesa — Rei Dom João — Rei de Óstia — Filho da Burra — A Árvore Que Fala e o Pássaro Que Canta O Padre das Mãos Bonitas — A Princesa Que Rompia Sete Pares de Calçado de Noite — A Branca Flor — O Filho do Ladrão — O Afilhado de S. João — O Forte no meio do Mes — O Preto Fingido — O Monte de Ouro — São Pedro — A Vaca e o Lobo — O Parvo — O Celeiro.» [1]

>Os contos remetidos pelo Sr. Dr. Ernesto do Canto, foram passados a escrita por uma criança, e traziam na redação toda a ingenuidade da dicção popular. Cortadas as repetições usuais, explicadas pela conhecida locução — *Quem conta um conto acrescenta um ponto* — fixamos uma redação pura, sem a incongruência do improvisador momentâneo, nem o artifício do literato. Parece-nos este o verdadeiro meio de obter a forma definitiva, simultaneamente étnica e artística do conto: faze-los redigir por crianças, verdadeiro ponto de transição entre a

alma popular e a inteligencia culta. Os contos passados a escrita por meninas adultas vem eivados de divagações romanticas, tais como *explicações* dos atos, *nomes* de personagens e *considerações* religiosas. Assim encontrámos preciosos contos do Algarve, muitos dos quais tivemos de rejeitar da nossa coleção. O nosso excelente amigo Reis Damaso também nos descreve em uma carta o processo da investigação novelística no Algarve, donde é natural: «Esqueceu-me também marcar-lhes a proveniencia, porque não obstante as tradições que entreguei ao meu bom Amigo e Mestre serem escritas por tres senhoras, elas não são todas da mesma terra. Acabo de receber uma carta do Algarve, em que se me diz que tem havido grandes dificuldades para se obterem os contos, porque as velhas não os querem narrar nem a mão de Deus-Padre. É preciso gastar dinheiro e tempo; paciencia, sobretudo, é que é muito precisa. Só o amor que tenho por estas coisas me força a fazer despesas extraordinárias, como uma correspondencia aturada para cá e para lá, quase todos os dias, devendo também satisfazer a algumas exigencias de amigos. Um me diz, por exemplo, que teve de ir de um para outro ponto distante, gastando na diligencia uns tantos réis, só para me obsequiar, e que *uma velhinha de cem anos recebeu também uns vintenzitos pelo trabalho de contar.*»

Na exploração que fizemos na província do Minho soubemos da existencia de um patranheiro de fama, por alcunha o Cuco, quase narrador de profissão; ouvimos-lhe muitos contos, que passámos a escrita, mas a sua dicção era sobretudo notável pelas construções linguísticas, formas dialetais, locuções de gíria, com uma prolixidade de repetidos paralelismos e com uma incongruencia verdadeiramente infantil. Temos aqui representados os tres mais puros veículos das tradições populares, as *crianças*, como na ilha de São Miguel, as *mulheres e velhas*, como em São Jorge e no Algarve, e os homens do povo, como nos contos do Minho. O estilo prolixo dos contos foi conhecido por Soropita no século XVI, e Francisco Rodrigues Lobo imitou-o habilmente em um conto da sua

Corte na Aldeia[2]; é este o vício que amesquinha o alto valor tradicional dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso, que pela primeira vez vulgarizamos, destacando-os dos exagerados preambulos e divagações do nosso quinhentista. Para completar a tradição portuguesa nas suas ramificações coloniais, poderíamos incorporar na nossa coleção alguns contos brasileiros publicados pelo Sr. Sílvio Romero[3], e formas metrificadas, coligidas na ilha da Madeira pelo Sr. Dr. Álvaro Rodrigo de Azevedo no *Romanceiro* daquele arquipélago[4]. As formas metrificadas do conto são de uma extraordinária importancia; em muitas versões ainda se conservam fragmentos em verso, sobretudo nas partes em que se reclamava mais atenção, e donde parece inferir-se que a redação mais genuína e primitiva fora em verso. Só na tradição da ilha da Madeira é que se tem encontrado com frequencia contos completos em verso, talvez de elaboração secundária da tradição popular pela facilidade espontanea da formação da redondilha assonantada. Da ilha de S. Miguel também recebemos o *Caso do Tio Jorge*, que é um fabliau da Idade Média, em forma metrificada.

Na linguagem popular existem muitas designações para estas narrativas novelescas, como: *Histórias, Casos, Contos, Exemplos, Lendas, Patranhas, Ditos, Fábulas*, sintetizando-se todas na locução de *Contos da Carochinha*, da mesma forma que em França há a expressão genérica de *Contes de la mere Oie* e *Contes du vieux Loup*. Embora o povo confunda essas variadas designações, existem entre elas diferenças conforme a narrativa é maravilhosa, anedótica ou moral; em todos os povos europeus destacam-se estas tres categorias, como na Alemanha o *Marchen*, a que correspondem o *Conto, Cuento, Conti* ou *Racconti* das nações romanicas, e os *Tales* da Inglaterra; depois o *SAGEN*, ou a nossa *Lenda, História, Storie*, e com intuito moral o *Exemplo, Exempi, Conseja*; por último o *Schwank*, a que correspondem as nossas *Facécias, Patranhas, Ditos, Chistes* e *Contrafavole*. Uma grande parte destas designações novelescas tomou sentidos

especiais; as Lendas tornaram-se hagiológicas, os Exemplos converteram-se em sermões parabólicos, as *Fábulas* e *Novelas* tornaram-se exclusivamente literárias, os *Ditos* entraram na exploração das enciclopedianas, vindo por último as narrativas tradicionais a serem designadas por uma expressão geral mas característica.

Sobre esses tres tipos novelescos classificamos os complicados elementos da nossa coleção, separando os contos de evidente caráter *mítico* para um lado, as *facécias* para outro, e destacando os *exemplos* de tema tradicional e forma literária em que houve um manifesto intuito moral. A importancia destes elementos da tradição popular resulta do seu estudo comparativo, por onde se ve que a humanidade elaborou em todos os pontos do globo, entre diferentes raças e diversos graus de civilização, um certo número de temas fantasistas com que exprimiu as suas concepções dos fenómenos cósmicos e morais. É incalculável a soma de materiais bibliográficos que existe hoje em todas as literaturas para este processo comparativo.

A erudição sobre a novelística comparada está feita e ao alcance de todos; as notas opulentíssimas de Reinhold Kohler, as coleções das *Novelas Sicilianas* de Laura Gonzenback, as de Widter e Wolf, as de Bladé e as de Stefanovic, prestam-se a por em caminho os que investigarem contos que tenham paradigmas nas referidas coleções; para o elemento oriental temos as notas ao *Pantchatantra* de Benfey; a tradução de algumas novelas de Straparola, por Schmidt, acompanhada por notas, bem como as notas de Grimm e as comparações com os contos russos por Gubernatis, não deixam ter vaidades sobre este indispensável aparato crítico. Há monografias especiais, como a de Gaston Paris sobre o Peat Poucet, de Comparetti sobre o *Sindabad*, de Max Müller sobre a *Bilha de Leite* e *Baarlão e Josafat*; sobre *Os Dois Irmãos*, por Lenormant; a das *Tres Cidras do Amor*, por Stanislao Prato, bem como de Liebrecht sobre o mito de *Psique*. Hoje o difícil é não nos aproveitarmos do

trabalho dos outros.

Os contos tradicionais são imensamente simpáticos as crianças, e já Platão os considerava como um excelente meio de educação. No seu tratado da *República* escrevia: «Tu não sabes que os primeiros discursos que se dizem as crianças são fábulas!... Consentiremos que elas ouçam toda a casta de fábula forjada pelo primeiro que se aproxima? Recomendaremos as amas e as mães para só contarem aquelas que forem escolhidas e servirem-se delas para lhes formar as almas com mais cuidado do que o que empregam em tratar-lhes dos corpos.»^[5]

Este emprego foi sempre seguido nas escolas greco-romanas, como se ve pela transmissão das fábulas esópicas, adotaram-no os pregadores da Idade Média nos sermões com exemplos, e ainda M.me De Beaumont o generalizou no fim do século XVIII. O intuito pedagógico desnaturou o conto com o exclusivo fim moral; perdeu-se a intuição da beleza tradicional, da singeleza popular, e a poesia espontanea do passado achou-se substituída pela invenção pedante dos mestres. Só depois da renovação da pedagogia como ciencia aplicada da psicologia, é que os contos tradicionais e os jogos infantis foram considerados como elementos de educação, aproveitando antes de tudo as primeiras curiosidades do espírito e a coordenação dos movimentos. Visámos também a este fim, velando a nudez de algumas narrativas, ou deixando fora da nossa coleção contos cujas situações perturbariam a ingenuidade infantil. Para por a mão sobre este problema pedagógico é preciso uma grande pureza de alma, sem os rancores das mediocridades autoritárias, que pensam mais em impor-se do que em ser úteis. Se a importancia dos contos tradicionais é evidente para a educação das crianças, é extraordinário o seu alcance como documento de psicologia popular. É no conto que se conservam os vestígios das concepções da inteligencia primitiva do homem emocional, como diria Spencer, acerca dos fenómenos da natureza, personificados nessa forma tão complexa, tão variável e tão pitoresca do Mito, esse fundo de *subjetivismo* donde saíram as Religiões, as

Superstições, as Epopeias, os Contos, Provérbios, os Enigmas e as formas simbólicas da Arte e o Direito. Pelo estudo comparativo dos contos, simultaneos e comuns as raças amarelas, cuchito-semitas e áricas, desde as tribos selvagens as civilizações europeias, é que se descobre a importancia deste documento étnico, fazendo da novelística um importante capítulo da psicologia coletiva, como a conceberam Herbart e Waitz.

DA NOVELÍSTICA POPULAR

Sua origem, persistencia e transmissão

Os fenómenos que mais diretamente nos tocam são os que mais tarde e dificilmente se observam. A ciencia social é a última que veio a constituir-se como o desenvolvimento final da síntese objetiva realizada pelas ciencias cosmológicas e biológicas tornadas positivas; a maior parte dos estudos necessários para o estabelecimento dessa ciencia do fenómeno social, tem-se dividido em ciencias concretas, como a antropologia, a etnologia, a filologia, a mitografia, a psicologia, a literatura comparada e, que explicando o presente pelas suas relações ininterruptas com o passado, nos revelam estados primitivos da consciencia, e esse período emocional donde saiu o acordo afetivo das primeiras sociedades humanas.

Uma vez achado este critério, muitos factos que passariam despercebidos ou sem sentido, projetam uma luz imensa sobre as concepções mentais, sobre os costumes sociais do presente, logo que eles se aproximam de factos semelhantes que existiram ou ainda subsistem entre povos que nunca se conheceram, entre raças incompatíveis entre si, ou entre civilizações de diferente grau e carácter. Descobertas históricas importantes determinaram esta modificação do critério científico; a comparação dos caracteres das raças humanas pelos antropologistas, o confronto dos costumes dos povos selvagens pelos viajantes, a descoberta do sanscrito dando a base para o estabelecimento da filiação mútua das línguas indo-europeias, a leitura dos caracteres cuneiformes e hieroglíficos da Caldeia e do Egito desvendando os livros sagrados dessas civilizações, as suas ideias morais

e estéticas, a renovação dos estudos clássicos pela aproximação das literaturas dos dados arqueológicos, e por último o interesse pelos documentos da Idade Média da Europa na qual foi elaborada a civilização moderna, tudo isto convergiu para dar a inteligência um mais elevado ponto de vista pela relação de factos que isoladamente não apresentavam sentido algum e que eram como letra morta.

Assim pelos usos populares, por costumes locais, por locuções repetidas automaticamente, por anexins, por parlendas infantis, por hábitos domésticos pode Jacob Grimm reconstruir o sistema religioso da antiga raça germanica obliterado sob a cultura romana e pela assimilação católica. Com a intuição do génio criador, encetou Jacob Grimm a investigação dos contos populares nos vários estados da Alemanha, no começo do século XIX, quando esta forma tradicional, desnaturada pelas divagações literárias, parecia condenada a perder-se na transmissão oral inconsciente. Jacob Grimm e seu irmão publicaram entre 1812 e 1814 a coleção do *Kinder und Hausmarchen*, revelando que estas narrativas espontaneas continham uma riqueza de fantasia que ultrapassava todo o poder da invenção artística, e mais ainda, que essas situações dramáticas, esses personagens fantásticos eram os últimos restos das concepções míticas dos povos áricos, que se foram transformando para se adaptarem a corrente da civilização moderna. «Uma vez que Grimm nos abriu os olhos, tornou-se impossível o desconhecer a identidade de certos heróis locais e de deuses antigos, a identidade das empresas atribuídas a uns e a outros respetivamente pela tradição e a mitologia. O problema consistia em saber donde provinha esta identidade.» (Max Müller, *Nouvelle études de mythologie*, p. 76.)

A tese era fundamental; não sendo possível dar-lhe logo a evidencia da demonstração, pelo menos o confronto com tradições similares de outros povos levava a crítica a considerar esse produtos, aparentemente caprichosos, como documentos étnicos e psicológicos de alta importancia, provenientes de um fundo primitivo comum, ou correspondendo a épocas e cruzamentos de raças

anteriores aos tempos históricos. Desta compreensão séria nasceu o interesse com que começavam o ser investigados os contos populares em todos os países, alargando-se cada vez mais o campo comparativo e facilitando-se por esse meio a organização de determinados ciclos de ficções, e a demonstração dos elementos míticos de que eles são o último vestígio. Jacob Grimm foi seguido imediatamente em 1817 por Frederico Schmidt, que na sua tradução de dezoito contos da coleção das novelas italianas de Straparola ajuntou a maior soma de elementos comparativos colhidos nos novelistas da Renascença, nos *fabliaux* da Idade Média, e nos livros orientais; o próprio Grimm, em 1822, anotando a sua coleção, sistematizava o processo crítico da novelística tornando-a um capítulo essencial da mitografia. Secundaram os esforços de Grimm em diferentes países Afanasiéff, Castren, Liebrecht, Kohler, Ralston, Gaston Paris, Comparetti, Ancona, Gubernatis e Pitré, criando-se associações de *Folclore* por toda a parte.

Se para Michelet a história era uma ressurreição, e o que penetrava os documentos da antiguidade *passava o rio dos mortos*, pela nova direção achada por Jacob Grimm era possível remontar através das afluentes do curso das tradições poéticas a nascente primitiva da expressão emotiva de todas as concepções intelectuais — o Mito.

A importância do problema foi compreendida em toda a Europa, publicando-se sucessivamente coleções de contos populares dos povos eslavos e das raças amarelas, dos povos românicos e germânicos, e até das populações selvagens da África. Os trabalhos de Teodoro Benfey, sobre o *Pantchatantra* da Índia, ajudaram enormemente a restabelecer a cadeia tradicional do Oriente para a Europa, bem como os trabalhos de Silvestre de Sacy vieram esclarecer a ação direta da transmissão dos Árabes; os estudos e recensão sobre as fábulas de Esopo restabeleceram a continuidade das tradições greco-romanas, que Robert acentuou nos *fabliaux* dos troveiros franceses, e pela investigação das fontes do *Decameron* de Boccaccio se fixou esse fundo de persistência literária das tradições

novelescas que se encontra nos exemplos morais dos pregadores da Idade Média, desde o *Gesta Romanorum* até aos novelistas cultos da Renascença em Itália.

A crítica literária, coadjuvada pelos modernos trabalhos de filologia, tem procurado fazer alguma luz neste complicado problema da novelística, em que se distingue por um saber especial o Dr. Reinhold Kohler, da Biblioteca de Weimar; podem-se reduzir a tres as questões deste intrincado problema:

1.^a – Qual a origem dos contos, comuns a quase toda a humanidade, entre povos diferenciados pela raça, pela civilização e afastados por espaços e regiões diversas.

2.^a – Qual a forma da sua transmissão entre as diferentes raças e civilizações.

3.^a – Qual o grau de persistencia nas sociedades modernas.

A estas complexas questões tem-se respondido com mais ou menos intuição, mas sem a segurança de um método científico. É certo que os contos tem relações com mitos primitivos, de que são uma última transformação; porém, esses mitos não estão suficientemente esclarecidos, donde resulta que a interpretação novelística cada vez mais se confunde. Há raças que pela sua situação só desenvolveram os mitos solares, e outras que exerceriam a sua imaginação formando mitos siderais, meteorológicos, catonianos e agrícolas. «Kuhn, foi o primeiro que fez notar os estádios sucessivos da vida civilizada, pela sua repercussão sobre as mitologias das diversas nações, que eram de uma só nação em diferentes épocas. Houve indubitavelmente uma mitologia dos caçadores, dos pastores, dos agricultores, e também uma mitologia marítima, mas parece-me que as tentativas de Kuhn para definir estes períodos pecam por muito sistemáticas. Em mitologia, quer-se uma larga evolução duradoura, análoga aos tres grandes períodos da civilização que o Comte distingue em *ofensiva*, *defensiva* e *pacífica*.» (Max Müller, *op. cit.* p. 41.) Mas antes de tudo, importa estabelecer uma clara noção psicológica do *Mito*, produto variadíssimo de um estado mental

característico. Por aqui se ve quanto perigoso não será para o crítico o reduzir a interpretação dos contos a um sistema único. As analogias de contos asiáticos com outros que aparecem entre as populações negras da África obrigam a formação de hipóteses gratuitas sobre o modo de transmissão pelo contacto com os viajantes europeus. A investigação dos contos das raças da América veio complicar mais o problema, e tornar ineficaz a teoria dos mitos solares para a interpretação da novelística.

Entre o período de inconsciência primitiva em que as impressões dos fenómenos do mundo exterior eram identificadas com as representações subjetivas, e em outro período de observação crítica e de experimentalismo, houve uma fase *apriorística*, de contemplação ou intuição mística, de interpretação alegórica, analógica, em que a *imaginação* prevalecia sobre a razão, submetendo-a as suas expressões metafóricas, comparações, símbolos e diferenciações pelos géneros. A linguagem verbal criou-se nesta atividade mental, e todas as palavras refletem ideologicamente esse antropomorfismo e sentido ideológico primitivo. Aristóteles, que fixou os processos mentais na Lógica, definiu estes dois polos da mentalidade humana em *Filosofia*, ou o pensamento especulativo sistematizado em uma conceção geral, e a *Filomítia*. Assim como a racionalidade humana criou conceções gerais de Cosmogonias e Teogonias, antes de se elevar a sistematização filosófica, também criou mitos de todos os fenómenos inexplicáveis. *Ad ignotum per ignotia*. A mentalidade mítica exerceu-se muito antes de sistematizar as criações religiosas, exprimindo-as por mitos figurativos das divindades. Admirando a clara compreensão de Aristóteles, a *filosofia*, conhecimento das noções abstratas, chamaríamos Noologia, e a *Filomítia*, conhecimento representado, *Noomítia*. Esta tão bela noção da psicologia primitiva tem faltado aos que estudam os mitos, considerando-os no seu aspeto hierológico, e nos sistemas religiosos da Índia e da Grécia, já profundamente alterados pelas coordenações teológicas e sacerdotais, simbolizadas no culto.

Desde a simples canção ou hino, a expansão do sentimento afetivo encontra a expressão no mito com a mesma naturalidade com que hoje em dia se repete na tradição popular, em que a Aurora, o Sol, a Noite e a Terra são ainda mitificados:

Despediu-se o *Sol* da *Aurora*,
A *Aurora* fica chorando;
— Cala-te, *Aurora*, não chores,
Que eu te direi até quando.

(*Canc. Pop. Port.* I, 271.)

Donde vindes, bela *Aurora*,
Por onde andaste até agora?
«Alegra-te, mulher forte,
Que a Noite te parecia a morte.

(*Id.* II, 207.)

O Sol no hino popular é esse herói que morre prematuramente, cantado nas vetustas épocas das dinastias solares:

O *Sol* quando nasce é Rei,
Ao meio-dia é morgado;
De tarde *ele está doente*,
À noite é *sepultado*.

Já lá vem o Sol nascendo,
Que é o Rei da Alegria;

Quem se pode esquecer dele,
Se nasce todos os dias?

A Terra e os seus produtos, que Mannardt considerava a principal fonte mítica, ainda hoje encontram a mesma conceção popular:

Terra, *que tudo crias,*
Ó Terra, *que tudo comes,*
Ó Terra, que hás de dar conta
Das mulheres, mais dos homens.

O Trigo *é pai da gente,*
O Milho *é seu irmão,*
O Centeio *é seu primo,*
Oh que bela geração.

(*Canc. Pop.*, I, 316.)

O conhecimento dos caracteres observados, para representar os objetos, tomava a forma de um saber oculto especial, constituindo os Enigmas, que se explicam por contos. Em uma adivinha popular portuguesa, acha-se esta tradição que penetrou do povo ária nos hinos védicos, descrevendo o *Céu*:

Curral redondo,
Vacas ao lombo,
Moço formoso
Cão ravinhoso?

Portanto o Mito não foi uma doença da Palavra, como julgou Max Müller; foi o exercício dessa faculdade ou estado mental da *Filomitia* (Aristóteles) ou psicologicamente *Noomitia*. São coevos e simultaneos os Mitos, que deram corpo aos Deuses, e os Mitos que se desenvolveram em Contos.

«Quase todos os mitógrafos sérios concordam sobre este princípio fundamental: «que os deuses foram originariamente as representações personificadas dos principais fenómenos da natureza (Platão, *Crátilo*); os factos que nós consideramos como acontecimentos naturais foram tidos por atos destes personagens, e desde que se tomam agentes destes contos maravilhosos que efetuaram, necessariamente resultou desta conceção das faculdades as obras da natureza, como emanando de um ato de vontade individual, e não tardou em engendrar contos do mesmo género, embora faltasse o assunto.» (Max Müller, *Nov. Estudos de Mitologia*, p. 56.) Chegada a este ponto a identificação dos fenómenos naturais em deuses, estes fixaram-se como tipos de superioridade, a que se compararam as individualidades humanas preponderantes, os Heróis (semideuses) e por fim identificar-se uma realidade de personagens históricos. A representação dos deuses em figuração humana, *antropomorfismo*, é uma obra teogónica do génio grego que atuou na Civilização.

«A grande importancia dos citados cantos e contos populares, transmitidos pelos velhos Árias da Índia: são encontrados em nosso tempo em certas tribos arianas (Letes, Russos, Germanos), é a facilidade que eles nos oferecem de antever a génese dos mitos, o mesmo que dizer a própria evolução da inteligência popular, pelo fenómeno da formação mitológica...» (Max Müller, *Nov. Estudos de Mit.*, p. 73.)

Desde Huet com a célebre *Dissertação sobre a Origem dos Romances*, escrita para acompanhar o romance *Zaida* de M.me de Lafayette, derivam-se do Oriente todas essas ficções, não por documentos, então ignorados, mas por

considerandos subjetivos, sobre o estilo imaginoso, figurado e alegórico dos índios, Persas, Egípcios e Árabes. Limitou-se a dissertação do erudito bispo de Avranches como mero ponto de partida para a crítica que a transmissão das fábulas e contos se derivou da Índia; Silvestre de Sacy, Loiseleur des Longchamps, Benfey e Max Müller, no seu ensaio sobre a *Migração das Fábulas*, adotaram esta corrente tradicional. Porém a descoberta de contos tradicionais na civilização do Egito, e a origem semítica de muitas fábulas e mitos helénicos, levam a reconhecer outros focos de irradiação. Por último, a grande persistência dos contos nas raças amarelas, tendência aproveitada pela revolução religiosa do budismo, e que ainda hoje se observa nas raças nómadas da Alta Ásia, nos Calmucos, nos Ávaros, no elemento tártaro dos povos eslavos, onde esta vivacidade tradicional é enorme, coadjuvam a fixar melhor o problema das origens ligando a investigação do sentido mítico ao exame da situação social representada nos contos. Assim esses três dados do problema devem ser estudados simultaneamente. Vamos tentar uma coordenação da novelística segundo estas indicações.

Assim como nas religiões mais abstratas e nos cultos mais humanos, como o prova Tylor, subsistem concepções e ritos persistentes de estados morais inferiores, também nos contos populares das nações ainda as mais civilizadas conservam-se elementos da fantasia e do modo de ver das tribos selvagens. É por aqui que se deve começar a genealogia das ficções. O facto de existirem contos comuns as tribos negras da África e as civilizações da Europa, indica-nos o caminho para restabelecer a evolução mental, subindo das concepções concretas até as noções as mais abstratas. Na morfologia dos contos há um desdobramento gradual que corresponde ao progresso mental: a *Fábula*, nascida de uma simples comparação material, eleva-se ao intuito moral no *Apólogo*, fixando-se na forma literária, e dissolvendo-se na corrente oral que apenas conserva a conclusão ou moralidade do Anécdot. A fábula, depois da metáfora, é a forma a mais

rudimentar do conto; nasce desse estado mental subjetivo, e desse sentimento religioso do animismo em que se dá fala as coisas inanimadas, como as pedras; esta faculdade subsiste ainda nos processos retóricos da *prosopopeia*, e nas imprecações espontaneas do povo. Nos hábitos populares aquele que descreve reduz tudo a forma de narrativa dialogada, e o que escuta muitas vezes confunde a expressão concreta das figuras da linguagem com uma realidade. É frequente nos contos populares a antropofagia; e os poderes mágicos das pedras, das plantas e dos animais representam um estado mental a que corresponde na religião o período *fetichista*. É este o verdadeiro ponto de partida para a investigação da origem dos contos; os mitos siderais ou solares correspondem já a um elevado estado mental em que predominam as concepções *politeístas*, em que as forças da natureza se antropomorfizam, e por isso os contos não podem ser exclusivamente interpretados por um sistema de concepções mais adiantadas do que muitas das situações que encerram. Nos contos há o conflito de seres malévolos, elemento preponderante na credulidade fetichista, e os poderes mágicos são um característico de cultos decaídos e de raças escravizadas, que já se não encontram nas épocas politeicas. A concepção de Augusto Comte sobre a sucessão dos períodos religiosos da humanidade, começando pelo *fetichismo*, elevando-se ao *politeísmo* e depois ao *monoteísmo*, tendo a vantagem de coordenar a evolução do espírito partindo das noções concretas para as ideias abstratas, coadjuva imensamente a achar-se o nexos entre estas criações ideais, mas inteiramente subjetivas dos contos.^[6] Grandes filólogos e mitógrafos, desconhecendo esta transição natural dos sistemas religiosos, assim como foram levados ao absurdo de afirmar a existencia de um monoteísmo inicial da humanidade, também colocaram o campo de elaboração dos contos exclusivamente no período da atividade mítica do politeísmo, e de um modo indistinto sem observarem se esse politeísmo era semítico ou árico, porque fazem entre si profundas diferenças, e os mitos se eram populares ou já

sistematizados em cultos. Por isto se ve que o problema das raças é também indispensável para a intelligencia dos contos; a não consideração deste dado fez com que derivassem os contos europeus diretamente da Índia, sem discriminarem o elemento que compete as raças negroides, cuchitas e dravídicas, e as raças amarelas, quer as da Alta Ásia, quer as que precederam os Árias na ocupação da Europa. Se ainda hoje existem usos e superstições dos períodos ante-históricos da humanidade e das raças ante-históricas da Europa, porque se não teriam conservado alguns contos? As lendas das cidades arrasadas, está hoje demonstrado que derivam da tradição das cidades lacustres. Os anões habilidosos, que possuem riquezas, são o vestígio das populações metalúrgicas mongoloides, como os Cálibes e os Dáctilos; os peixes salvadores, do maravilhoso popular, levam-nos para esse mundo acádico, como as serpentes benéficas, que se transformam em donzelas ou em príncipes, pertencem ao panteão cuchito-semita. Os temas dos contos estão muito confundidos; importa separar-lhes os seus elementos constitutivos pelos dados da etnografia e da hierologia, e por este processo é que nos aparecerão como uma concepção mítica, que começa no animismo, até chegarem a idade atual exprimindo situações modernas e históricas, anedóticas, e obras literárias ou morais. Na linguagem popular existem locuções demarcando as épocas da credulidade, tais como *Quando as pedras falavam*, *Quando Deus andava pelo mundo*, *Quem quer bolota é que trepa*, e ainda um vago período histórico, como o dos Normandos e Tártaros para a Europa, e o tempo dos Mouros para a Península Hispanica.

O *fetichismo*, como forma espontanea da religião, representa também o estado do espírito humano na sua exclusiva concepção concreta; o homem anima todas as coisas, dá-lhes vontade própria, fá-las causas de si mesmas. Se esta capacidade se reflete na linguagem pelas *metáforas* arrojadas, e no simbolismo material que nos trouxe as concepções abstratas (como *div* e *divino*, *jus* e justiça), ela exerceu-se também pela narrativa novelesca da luta das forças malévolas, e dos triunfos da

argúcia contra a ferocidade brutal. A antropofagia nos contos, o ardil do fraco, as cavernas dos ogres, e a cooperação dos objetos inanimados são os vestígios deste período imensamente poético do fetichismo, ainda persistente nas crianças e no povo. O fetichismo apresenta uma evolução na sua credulidade, começando pela crença animista e culto dos objetos inanimados (*Manituísmo*), depois o culto dos corpos celestes (*Sabeísmo*), e por fim o culto dos produtos naturais (*Henoteísmo*) e coisas vivas (*Totemismo*). Nos contos populares ainda nos aparece o Manitu na boneca que se agarra ou que dá riqueza, na cacheira, que desanca; o *sabeísmo*, em *Tom Puce*, *Petit Poucet* ou *João Feijão* representando uma estrela da Grande Ursa; o totem, que nos aparece nos nomes de Grilo, de Feijão, dos anões e ladinos tradicionais, e a *fava* que se transforma em criança, ou a raposa na sua luta com o lobo, representando os conflitos das tribos fetichistas.

O conto, neste período social e religioso, tem outras causas que provocam a sua invenção; é uma delas o *metaforismo da linguagem*. Quando a criança fala, ainda hoje mitifica. Max Müller entendeu considerar o mito como uma doença da linguagem; ora o mito antes de ser expresso pela palavra é uma representação do espírito, é um estado mental. Hoje mesmo se fabricam espontaneamente contos entre o povo nascidos de analogias etimológicas, ou de equívocos de linguagem; e o que se repete com frequência em uma idade de crítica, era geral em uma idade de sincretismo mental, em que não havia uma justa relação entre a realidade e as representações subjetivas. A linguagem não podia exprimir relações gerais e abstratas; por assim dizer *significava*, adstrita ao sentido concreto e esse por meio de comparações. Na China o vocábulo que exprime a fábula significa comparação (Pi-yu). Foi comparando as coisas entre si, por meio de prosopopeias que se fizeram as fábulas onde raras vezes entram mais de dois personagens. Os homérides representavam Aquiles comparando-o ao leão cercado de caçadores e os Troianos a um bando de grou. As comparações, assim como produziram a fábula enquanto a diferenças, produziram os enigmas pela

aproximação mais ou menos pitoresca das semelhanças. Estas duas formas tradicionais encontram-se muitas vezes confundidas pela contiguidade da origem; os contos de enigmas (*Ratselmarchen*) são uma das formas mais antigas da novelística, pelo estado mental que representam. A própria linguagem subordinada a expressão de um pensamento, era uma figuração dramática; *falar* é derivado de *fabular*, o modo de comunicar concretamente um pensamento, e a *palavra* é a Parábola, uma comparação trazida para uma situação determinada, e já com intuito moral. O poder das palavras, que corresponde as religiões fetichistas propiciatórias e esconjuratórias, aparece com frequência nos contos populares; e essa relação entre o *Nomen*, o *Omen* e o *Numen*, que Max Müller vê nos mitos, é um metaforismo da linguagem, porque deriva de um estado mental animista. A palavra desdobra-se como epíteto em entidades independentes; o prestígio augural faz com que se transite para a lição moral, como na frase: *perceber a linguagem dos pássaros*; o homem desabafa em prosopopeias espontaneas, como ainda hoje a criança quando se molesta em qualquer objeto material; Polifemo desabafa com os seus carneiros, Heitor faz discursos aos seus cavalos, e Roland fala com a sua espada. Nos contos populares há o poder maravilhoso das Pedras (*Lapidários*), das Plantas (*Viridiários*), das Aves (*Aviários*); os animais como o lobo, a raposa, o leão e o cavalo, tem relações morais com o homem; estas situações não podiam nascer e conservar-se sem um sentido real, e esse é o de provirem de uma primitiva conceção fetichista; os *horóscopos* do nascimento, que se personificaram na ação das Fadas, são a consequencia da fase sabeísta do período fetichico. Assentada esta base, fácil é de inferir em que povos se originaram as fábulas, e como elas se desenvolveram passando como temas consagrados para outras civilizações que lhes deram intuito moral no *Apólogo*. A raça negra é a que ainda se não elevou do culto fetichista, e as raças amarelas, como os Acádios e Chineses, desenvolveram o seu fetichismo de um modo abstrato sintetizando-o na abóbada celeste, *An*, *Zi-An*

ou *Thian*. É nestas duas camadas que devem ser procurados os tipos rudimentares dos contos, ainda na forma de lapidários e bestiários. Assim tornam-se de fácil explicação os factos extraordinários da simultaneidade das fábulas do ciclo da Raposa na Europa da Idade Média e nas populações selvagens da África, como se ve pela coleção do Dr. Bleck, e da semelhança dos contos dos Zulus com os europeus, como notou Max Müller, analisando as *Nursery tales, traditions and histories of the Zulus*, coligidas por Callaway.

Na África Setentrional, Egito, Abissínia, Berberes de Argel e Marrocos possuem um repertório de contos semelhantes aos contos europeus; provieram da Ásia pelo islamismo, e difundidos pelos Berberes entre a população da África Ocidental e Central desse fundo europeu.

Por outro lado, já vemos sem surpresa a tradição chinesa *Dos Membros e do Estomago* aparecer ali com a forma de *A Cabeça e o Rabo da Serpente*^[7], quando nunca Tito Lívio teve conhecimento de essa fonte para a transportar para a boca de Mnenio Aggripa, nem tão-pouco São Paulo para a aproveitar nas suas Epístolas. A lenda céltica de San Kadoç, que fica extático a espera que choque o ovo que um passarinho lhe pos na mão, aparece na China, no conto de *Buda e os Ovos de Pássaro*^[8]; a fábula de La Fontaine e os contos facetos do amante que é depilado das cãs pela amásia moça e dos cabelos pretos pela velha, aparece na forma chinesa sob o título *O Marido Que Depena a Barba*^[9]; enfim, até a anedota corriqueira do sovina que ia fazer a barba a Cacilhas, e que se julgava local, lá se repete no Extremo Oriente com o título *O Credor e o Devedor*^[10]. O célebre conto da Matrona de Éfeso foi encontrado por Abel Remusat na literatura chinesa. É portanto necessário discriminar estas duas camadas antropológicas, o elemento negroide, representado pelos Cuchitas, e o elemento mongoloide, representado pelas tribos da Alta Ásia, elemento tártaro da Rússia, da Hungria e da Turquia, e a persistencia do elemento ibérico em todo o Ocidente da Europa no período ante-histórico; é nestas duas camadas que se

elaboraram todas essas variedades de contos que só uma imaginação fetichista pode criar diretamente míticos, mas com intuito artístico. As tribos nómadas da Alta Ásia são ainda hoje ávidas de narrativas; as fábulas, na civilização helénica, representavam também no seu título a sua proveniência, chamavam-se *líbias*, *etiópicas* ou *esópicas*, como quer Lassen. Foi entre as raças amarelas que o budismo se propagou com as lendas do *Pantchatantra*, da mesma forma que o cristianismo se generalizou nos povos da Europa por meio das lendas cuchito-semitas do Pentateuco, e por meio dos exemplos dos pregadores tirados dos contos árabes. A Índia teve os seus mitos, que desenvolveu na forma popular dos *Puranas*, como a Ásia semítica teve outros que os doutores rabínicos compilaram; mas não são estes o elemento ou fundo comum onde se encontram os gérmes dos contos gerais entre os dois continentes.

O barão de Eckstein caracteriza as protocivilizações, que precederam as indoeuropeias baseadas sobre as noções científicas, com as seguintes observações:

«O mundo primitivo pode dividir-se em tres grandes características: ou o pensamento é expresso por sinais e estes *sinais* se explicam por *hieróglifos*; ou o pensamento se exprime por tropos e estes tropos se explicam por parábolas; ou enfim o pensamento se exprime por mitos, e os mitos se explicam por *legendas*.»

Estes caracteres quadram perfeitamente com o grande grupo de civilizações compreendidas sob o nome de turanianas e cuchito-semitas. Os povos, que como o Egito, a Caldeia e a China se elevaram da representação ideomorfa e icástica a generalização hieroglífica, desenvolveram um portentoso génio artístico, quer na perfeição dos detalhes, como o chinês, quer nos efeitos gerais e na grandeza, como os egípcios e os caldeu-babilónicos. Os povos que levaram a figuração material até a representação abstrata dos *tropos*, elevaram-se as criações mais extraordinárias da poesia, criaram a capacidade mítica e inventaram as epopeias espontaneas, como as raças semíticas, essencialmente evemeristas na sua história; a *parábola*, que deriva da forma elementar do tropo,

é também o rudimento de expressão das noções morais. O mito é já um sistema de conceções gerais para explicarem a complexidade dos fenómenos e é essa tendencia racional explicativa que o dissolve em legendas; a não ser esta característica o mito reduzia-se a simplicidade de um tropo. É esta a fase intelectual em que nos aparecem as raças áricas antes de se elevarem as noções científicas que caracterizam a civilização greco-romana, e que lhes deram a hegemonia da humanidade.

Tanto nas raças amarelas, como entre a cananea ou cuchito-semita, o fetichismo foi exclusivo e daí o carácter concreto e ativo da sua civilização, imobilizada no imperativo das ideias morais. As fábulas das coisas e dos animais destinadas pela sua comparação a inferencia de uma ideia moral, tornaram-se uma forma literária, quer com um carácter filosófico como o *Apólogo*, ou com um sentido religioso como a *Parábola*. Em sociedades que nunca se elevaram acima da constituição patriarcal, e em que a família se dissolvia na tribo, as narrações fictícias tornavam-se uma necessidade moral, e isto mesmo vemos nos costumes dos Árabes, o ramo semita mais retardatário, que tinha os seus *rawi* ou narradores na época em que as tribos não estavam ainda unificadas pelo islamismo, e adoravam os seus fetiches, de que a pedra negra da Caaba se tornou o principal. É a um elemento negroide ou cuchita que se deve atribuir esta persistencia de elementos tradicionais entre os Semitas; no Livro dos Reis, se lê da atividade especulativa de Salomão: «E ele tratou de todas as árvores, desde o cedro que cresce sobre o Líbano até ao pequeno hissope que vegeta nas paredes; e ele tratou dos quadrúpedes, das aves, dos répteis e dos peixes.» Renan entende a natureza deste saber como «*moralidades* tiradas dos animais e das plantas, análogas aquelas que nós lemos nos Provérbios (capítulo XXX) e as dos Fisiólogos, que foram tão populares na Idade Média. [II]» A proveniencia deste movimento intelectual que se não continuou em Israel, é atribuída pelo mesmo semitólogo ao elemento idumeu: «A Idumeia, sobretudo, parece ter contribuído

em grande parte para este movimento de filosofia parabólica; a ciência de Teman (tribo idumita) tornou-se proverbial; o herói e os interlocutores do *Livro de Job* são árabes e idumeus.» Remontando ao fundo do problema étnico, Renan deduz dos trabalhos dos modernos assiriólogos, que uma mesma população industrial, comercial e materialista forneceu elementos comuns as civilizações do Egito, do Tigre e Baixo Eufrates: «A cor obscena das religiões da Assíria e da Fenícia, tão oposta ao pudor natural dos Semitas e dos Árias, o mito sefeniano de Joje, o culto cuchita de Sandan ou Sandak e de Adónis, as genealogias fabulosas que fazem descender Agenor e Fénix de Belo, de Líbia, de Egito, e os põem em relação com Cefeu e os Etíopes, a lenda que os liga a Mémnon, explicam cabalmente esta hipótese.» Aproveitando esse elemento comum a Índia e a Arábia, como negroide, como o reconhece Weber, e que Renan considera com os antigos Aditas da primitiva civilização do Iémen, ele recompõe muitos caracteres étnicos: «Lo k man, o representante mítico da sabedoria adita, lembra Esopo, cujo nome pareceu a Welcker conter uma origem etiópica (*Aisopos, Aithiops*).» Reforçando esta inferência pelas conjeturas de D’Herbelot, acrescenta: «Também na Índia a literatura dos Contos e dos Apólogos parece provir dos Sudras. Porventura este modo de ficção, caracterizado pelo papel que nele representa o animal, discrimina um género de literatura próprio dos Cuchitas.^[12]» Em nota acrescenta Renan, que o culto e a preocupação constante do animal são um dos traços mais salientes das raças cuchitas, considerando-os representantes da raça negroide da Índia: os *Caucicas*; foi entre esta raça que se propagou o budismo por meio dos seus contos e apólogos, e foi pela irradiação do budismo que um grande número de contos transmigraram para o Ocidente e até para o cristianismo.

A descoberta do *Conto dos Dois Irmãos*, no papiro hierático d’Orbygny, vem explicar de um modo plausível a passagem dos mitos cuchitas para a forma literária de novela, redigida sobre a lenda elaborada pelo povo. Lenormant

estabelece a transição dos mitos estranhos ao Egito para essa narrativa dos passatempos da XIX dinastia, principalmente do jovem príncipe que veio a ser Seti II. Diz Lenormant, falando do escriba egípcio: «Fez como o nosso Perrault; deu uma forma fixa e literária a um conto popular, e este conto, como a maior parte dos outros entre todos os povos, não era senão um mito degenerado, despido do seu caráter religioso.[13]» Como estrangeiros ao Egito esses mitos foram tratados sem respeito, com a espontaneidade popular da transmissão legendária; a época em que se determina a entrada de elementos culturais estrangeiros no Egito é na XVIII dinastia, e esses mitos eram frígios, como o de Átis, fenícios e sírios como o de *Adónis*, ou gregos como o de *Zagreus*. Conclui Lenormant, do confronto da ação do conto com os dados destes mitos semelhantes: «São estes tres mitos famosos e particularmente o de Átis, de que o romance dos *Dois Irmãos* reproduz todos os dados fundamentais, e em certos casos até nos detalhes mínimos e mais característicos.» A traição da uma mulher desatendida, tema das lendas da vingança da mulher de Putifar contra José, e de Fedra contra Hipólito, é a base do conto passado entre os dois irmãos Anpu e Batu, o seduzido pela cunhada. Estes ódios feminis aparecem no mito de Átis, por não ter acedido aos desejos de Cibele; como o jovem deus frígio, Batu também se emascula, circunstancia a que alude igualmente o mito de Adónis. Batu confunde a sua vida com a de um cedro, onde guarda o coração, da mesma forma que Átis se transforma em pinheiro. Lenormant desenvolve este paralelismo, achando o acordo com os complicados episódios do conto, e concluindo: «que o romance dos *Dois Irmãos* não é outra coisa senão a transformação em contos populares do mito fundamental nas regiões da Ásia Anterior, do jovem deus solar morrendo, e tornando sucessivamente a vida, mito de que temos a versão sírio-fenícia na fábula de Adónis, a versão frigia na de Átis e finalmente a versão helenizada em uma época ainda, agora impossível de determinar, na lenda de *Zagreus*.[14]» O domínio dos faraós da XXII e XIX

dinastias sobre a Síria, determinou um certo sincretismo religioso como se ve na associação dos cultos de Biblos e do Baixo Egito e na legenda de Osíris-Adónis[15]; os deuses cananeus Baal, Anat, Kedesch, Astarte e Sutekh entraram no panteão egípcio. Nestes sincretismos religiosos há a decadencia de muitos elementos míticos, e por isso uma sucessiva reelaboração em lendas e contos; a crise religiosa no budismo na Índia refletiu-se ainda com este carácter na Ásia Anterior[16]; o orfismo na Grécia e o cristianismo na Europa provocaram nas imaginações esta forma secundária da ficção, ou o tipo do conto ou lenda. O conto dos *Dois Irmãos*, restabelecendo-nos o caminho da sua derivação mítica, tem um paradigma atual entre os Bechuanas, o que nos confirma a necessidade de procurar a forma de certos mitos, ou o tipo da sua degeneração novelesca, nas raças selvagens e no elemento negroide[17].

O que vemos com a civilização cuchita em relação aos mitos semitas, dá-se também com a civilização turaniana no seu contacto com os Árias. Husson considera os *Peixes* salvadores dos contos populares como provenientes das lendas caldeu-babilónicas; e Belloguet ve nas figuras dos Ogres e dos Ciclopes, em rivalidade com os Ulisses e Petit Poucet, como um antagonismo nos elementos das raças do Ocidente[18]. Dos mitos que se acham na epopeia finlandesa do *Kalevala*, e que se reproduzem nos contos populares europeus, deduz Gubernatis, que primitivamente as raças turanianas e áricas se acharam em contacto, tendo entre si certas conformidades, hoje desconhecidas pelo diferentes graus de civilização em que se acham[19]. Bergmann, no seu trabalho sobre os Getas, explica cabalmente este problema; também pelos *Contos Populares Estonianos*, publicados por Frederico Kreuzwal, e anotados por Kohler, em 1869, aparecem narrativas que parecem as formas completas de muitos contos europeus; aí aparece a velha feiticeira que tem presas as donzelas, os jovens príncipes perdidos na floresta, o segredo da linguagem dos pássaros, os cavalos mágicos, as transformações maravilhosas, o anão inteligente e a boneco-

fada. O vigésimo conto estoniano é uma variante do Barbe-Bleu, comum a todos os povos da Europa. Gubernatis interpreta o sentido mítico desses contos, o que é mais plausível quanto mais atrasado está o povo a que pertencem, sendo esse o meio de pelo processo comparativo vir a determinar a intenção mítica perdida na novelística dos povos mais civilizados. Nos *Arvarische Texte*, publicados por Schieffner, acha-se também um conto popular bastante desenvolvido semelhante ao nosso intitulado os *Dezasseis Quintais*, que se encontra igualmente na coleção siciliana de Laura Gonzenback. Outro mistério da tradição, desde que se desconhecer o contacto primitivo das raças nómadas da Alta Ásia com os Árias; a essas raças pertencem o grupo turaniano, e os povos que sob o nome de Líbios e Iberos, e de Eusk e Aquitanios, nos aparecem ocupando o Ocidente da Europa: Se um certo número de costumes e superstições tem sobrevivido até hoje na civilização moderna dessas idades antehistóricas, porque não subsistirão os contos como últimos restos de mitologias extintas? O Tributo das Donzelas é considerado como uma degeneração mítica, como se deduz da comparação com outras lendas que tornam mais evidente essa relação. O contacto das raças nómadas ou mongoloides com os Árias[20] é que nos explica como um certo número de fábulas e contos chineses, como o da *Matrona de Éfeso*, aparecem na Europa sem que seja possível descobrir uma conexão histórica entre as duas civilizações. Apresentaremos um facto além de muitos já observados no domínio dos costumes e superstições populares; Gregorovius, no seu livro sobre a *Córsega*, cita um canto popular no gosto dos romances peninsulares, que nós encontramos na tradição oral do Minho em forma de conto em prosa, adaptado aos interesses da vida moderna. Eis o *vocero* corso:

«Um rapaz das montanhas deixa sua mãe, pai e irmã e vai para a guerra sobre o continente. Ao cabo de muitos anos regressa feito oficial. Caminha para as suas montanhas; ninguém dos seus o reconhece. Só se dá a conhecer a sua irmã, cuja

alegria é indizível. Ele depois diz ao pai e a mãe, que ainda o não tinham conhecido, que preparem para o dia seguinte um esplendido banquete, para o qual dará bastante dinheiro. A noite pega na sua espingarda e vai para a caça. No quarto deixou o seu saco, onde tinha bastante ouro. O pai ve estas riquezas e planeia matar o estrangeiro durante a noite. O terrível crime é cometido. Eis que o dia chega, soa o meio-dia, e como o irmão não aparece, a irmã pergunta novas do estrangeiro: no seu terror, ela revela aos pais quem ele era. Precipitam-se então para o quarto, o pai, a mãe, a irmã; — ei-lo prostrado no próprio sangue. Então começa o lamento da irmã.»

Gregorovius acrescenta sobre este dado do *vocero* corso: «*Esta história é verdadeira...* » Eis a versão portuguesa:

Na tradição popular do Minho, é um rapaz que regressa do Brasil muito rico; procura a cabaninha de seus pais na serra, e encontra-os muito pobres e já velhos; não se lhes dá a conhecer, e pede pousada para dormir naquela noite, na esperança de se dar a conhecer no dia seguinte. Durante a noite os velhos vão ver a mala do forasteiro, e para se apoderarem da sua riqueza matam-no e enterram-no. Passados dias é que souberam da chegada do filho, e confirmada a tremenda apreensão do seu remorso, a mãe endoudece e o pai vai entregar-se a justiça.

Para nós é este um tema primitivo, próprio de uma sociedade rudimentar que produzia situações brutais como a que se celebra na *Silvaninha*, no *Rico Franco*, no *Dom Pedro* e outros romances tradicionais. A sua aproximação do *vocero* corso obriga-nos a remontar a sua origem a uma antiguidade pré-árica; na Córsega ainda existe na forma de verso, mas adaptada a situação ao período das guerras continentais de Napoleão do princípio deste século; em Portugal há ainda vestígios de forma poética no romance da *Pastorinha* e *Linda Pastora*, porém a parte repugnante caiu totalmente, ficando apenas a forma vulgar de um caso restrito a província do Minho, que é a que alimenta mais a emigração para o

Brasil.

Alguns contos populares atuais correspondem ainda a linguagem simbólica das tribos cíticas, onde nasceram como modo de expressão; é assim que Plutarco conta como o monarca cita Skilvarus, para mostrar aos seus cinquenta filhos que *a união faz a força*, manda juntar cinquenta varas, que reunidas não podem ser quebradas[21]. A *ação emblemática* transformava-se espontaneamente em uma *narrativa alegórica*, na forma de comparação (no chinês *pi-yu*; no gót. *gajuka*), ou na forma de *parábola enigmática* (no gót. *frisabts*.) Todas estas formas persistem na novelística popular; a crença religiosa dos povos citas, de que a Lua é a mansão dos mortos, persiste ainda em toda a Europa na lenda do homem que foi arrebatado para a Lua. A deusa *Artin-paza*, ou a própria Lua, é que recebia em si as almas dos mortos[22]; a universalidade da lenda só se pode explicar pela dissolução de uma crença comum[23].

O restabelecimento da cadeia tradicional só pode conseguir-se procurando os elementos étnicos e antropológicos comuns aos diferentes povos. É assim que a enorme dispersão das raças mongoloides para o Ocidente e Norte da Europa, bem como o seu fetichismo inicial, nos explicarão as condições de unidade de certas fábulas e contos europeus que ainda hoje se vão encontrar no Extremo Oriente. Os filólogos não se atreviam a recuar para trás das raças áricas, e por isso estes problemas, muitas vezes incompatíveis com as concepções politeístas, eram explicados por comunicações históricas forçosamente recentes. São enormes as relações dos contos e crenças do povo português com o folclore da Rússia; este facto toma uma verdadeira importancia quando se ve que se generaliza ao Ocidente europeu. Diz Gubernatis: «Tem causado certa impressão *a grande parecença dos contos sicilianos com uma dada série de contos russos*; mas todo o pasmo deve cessar, se se pensar simplesmente que a proveniencia de um grande número de contos russos e sicilianos é comum, isto é, essencialmente bizantina.[24]» A causa da unidade é mais remota; a Rússia foi povoada por uma

enorme camada de elemento mongólico, e o elemento líbico e ibérico do Mediterrâneo, vindos da Ásia Meridional pertenceu a essa mesma raça. Assim se determina este fundo étnico comum, pelo qual se compreende a identidade das tradições da Rússia com as da Sicília e Portugal, fenómeno também notado por Max Müller entre as tradições dos Zulus com as da Europa, bem como das aváricas e calmucas, e especialmente das tradições chinesas com a Europa Ocidental[25]. Nos estudos da novelística ainda se não tinha determinado este fundo proto-histórico da civilização humana, atribuindo estes documentos similares de tradições importantes a frase vaga — identidade dos processos do espírito humano, quando apenas são os fragmentos que ficaram de uma raça que formou as concepções fetichistas, as quais para outras raças mais especulativas se conservam como ficções.

Nas civilizações que chegaram ao período das religiões *politeístas*, é que os mitos tendendo a uma unificação espontânea, recebem quase que exclusivamente uma representação antropomórfica. Comte notou o modo dessa unificação, como na árvore que sintetiza a floresta, e no homem que é a manifestação da vontade. As raças semítica e árica distinguem-se das raças e civilizações anteriores pela sua elevação ao *politeísmo*, conservando em si os elementos recebidos do contacto com os cuchitas e mongoloides. Há entre estas duas raças superiores diferenças provenientes não só dos seus cruzamentos étnicos, como já notámos, mas do seu meio ou habitat; o politeísmo dos Semitas é *antropopático*, ao passo que o dos Árias é *antropomórfico*. Na investigação dos mitos primitivos que subsistem ainda nos contos populares, importa distinguir esta dupla proveniência, sem o que infalivelmente se vai cair em um sistema artificial de alegorias. No seu estudo sobre as origens do *Petit Poucet*, Gaston Paris parte desta distinção essencial: «Sabe-se que os povos indo-europeus não possuem e nunca possuíram religião propriamente sideral. Os deuses da nossa raça são a personificação mais ou menos distinta e mais ou menos antiga dos grandes fenómenos naturais.

Nascidos provavelmente em um país de montanhas, sob os climas violentos da Alta Ásia central, a religião indo-europeia tem em cada um dos seus mitos o vestígio da alegria ou do medo que lançavam na alma ainda quase que unicamente sensível dos homens de outrora convulsões terríveis, mas muitas vezes benéficas, que eles tinham de sofrer sem recursos de defesa.» É por isso que os principais mitos se baseiam sobre os fenómenos da sucessão do verão e do inverno, o grande drama mítico de todos os povos indo-europeus, conservado ainda nos costumes e festas civis de toda a Europa; o Vento e as Nuvens, o Relampago, o Sol repelindo as sombras da Noite, a Aurora sendo seguida pelo Sol, ou no crepúsculo vespertino sendo sepultada pela Noite, eram representados no drama religioso do culto, nas tradições sociais ou nacionais da Epopeia, e nas conversas e lendas domésticas dos Contos e Enigmas. A vida pastoral era transportada para os fenómenos meteorológicos, e as nuvens eram as Vacas, o Sol era o Pastor, o vento o Rakchasa ou ladrão que as escondia na caverna, finalmente o céu era a grande Árvore da vida que cobria o mundo. Foram estes mitos, que persistiram na civilização dos diversos ramos áricos, o tema comum que se transformou em narrativas sem sentido religioso, mas com o interesse das aventuras dos contos populares.

A maior parte desses contos pode ser reduzida ao tipo geral em que os personagens se identificam com os mitos do Sol, da Aurora e da Noite, da primavera e do inverno. Aplicar este processo a contos de origem cuchita ou mongoloide, ou ainda a tradições de proveniência semítica, é um erro de exegese, que impossibilita o desenvolvimento científico da novelística como complemento da evolução mítica.

O politeísmo semita tem outro caráter, a que chamamos *antropopático*. Gaston Paris reconhecendo a diferença que existe entre os dois sistemas de religiões, escreve: «As grandes planícies em que se desenvolveram as primeiras civilizações semitas não apresentam os espetáculos grandiosos e deslumbrantes das

pastagens montanhosas onde a divindade se revelava nas tempestades; a serenidade das noites, a transparencia do ar, a ausencia de linhas que atraíssem o olhar, tudo contribuía para transportar para o céu os olhos dos pastores que conduziam os seus rebanhos por estes imensos prados. Segundo a tradição da antiguidade, foram os Caldeus os primeiros astrónomos; e antes que tivessem a ideia de observar cientificamente os astros, adoraram o seu esplendor. Eu quero somente constatar, que as religiões indo-europeias não apresentam nada que se pareça com o culto planetário. Jacob Grimm admirava-se de achar esta lacuna entre os Alemães; porém ela é comum aos seus irmãos. Os povos da Europa, pelo menos, não parece terem tido nomes para designar os planetas, etc. [26]» A diferença de meio, refletindo-se na diferença dos costumes, repete-se na diversidade das religiões dos Árias e Semitas; portanto os seus mitos não tendo a mesma base de concepções, ao degenerarem na forma de contos hão de apresentar não só o carácter dos elementos, étnicos primitivos (cuchitas e mongoloides) como a personificação dos fenómenos siderais e meteorológicos. Dissemos que os mitos semitas eram *antropopáticos*; no Egito o curso solar era equiparado ao da existencia humana; Rá, o Sol, passava da mansão da luz ou da vida, para a das trevas ou da morte, e nesta sucessão representava diversas entidades divinas; na sua existencia noturna era *Tum*, brilhando no meridiano era Rá, e alimentando a vida *Quéper*. Os deuses sistematizados pelos sentimentos humanos foram divididos em masculinos ou representando a força ativa, e em femininos. Osíris, Sol do hemisfério inferior, representava os destinos de uma existencia além da morte; e os fenómenos morais do bem e do mal foram também personificados, como Tífon e Sutekh. Para os Caldeus os astros foram representações divinas, que sistematizaram por meio de hipóstases em vastos sistemas religiosos, de que os Siro-Fenícios apenas conservaram o lado sensual dos ritos e as suas formas concretas. O mito principal em quase todos os povos semitas, que desenvolveram o culto das divindades femininas, é o Sol expirando e

ressuscitando rejuvenescido, como na paixão de Cristo; pertencem a este grupo os mitos de Átis, da Frigia, o mito de Adónis dos Siro-Fenícios, e o de Dioniso Zagreus, dos Gregos, conservado nos mistérios Eleusinos ou renovado pelos Órficos[27]; mesmo no Egito o mito osiriano veio a confundir-se com estes mitos asiáticos, transformando-se nessa forma épica com que a descrevera Plutarco e tal como se acha no *Ritual dos Mortos*. A influencia dos cultos das divindades femininas é que determinou a decadencia dos mitos dos jovens-deuses solares em contos como o dos *Dois Irmãos* ou como o de José e da mulher de Putifar, ou o conto de Sansão, que entre os Assírios babilónicos ainda nos aparece como o deus *Simson*. A passagem dos mitos caldeu-babilónicos para lendas populares ou históricas entre os Semitas está hoje determinada pela aproximação dos nomes dos Patriarcas do Génesis dos deuses decaídos, como *Henoch* com *Anak*, *Set* ou *Schet* com *Schita*, *Noé* com o peixe salvador *Nuab*[28]. *Thamuz*, ou o mancebo chorado pelas mulheres nas montanhas da Judeia, fora, antes de decair em herói épico, uma divindade *Damuzi*; esta decadencia observa-se em outras divindades, que como *Istar* adorada pelos Fenícios se tornou um Diabo, *Astaroth* entre os Hebreus.

A extraordinária tendencia dos Semitas para tudo personificarem, lançou-os numa invenção mítica permanente, de modo que apenas elaboraram em epopeias e contos os mitos da paixão do jovem-deus morto, chorado e ressuscitado; dos nomes dos seus deuses fizeram patriarcas, e dos patriarcas regiões geográficas, fabricando segundo as necessidades da interpretação lendas etimológicas segundo a ininteligencia da linguagem arcaica dos seus livros. Renan, falando das lendas etimológicas do *Génesis*, escreve em nota que este fenómeno é comum a muitos outros povos, tendo originado uma grande quantidade de mitos; exemplifica com a lenda de Dido, que toma posse do terreno abrangido pela pele de um boi, a qual ela cortou em tiras tenuíssimas. Esse terreno chama-se *birsa*, que em siríaco significa a fortaleza; interpretado

este nome por uma língua estranha, *birsa* em grego significa o couro; daqui a invenção da lenda da aquisição do terreno de Cartago[29]. Nos contos populares é frequente a intervenção do *peixe* com o poder protetor, dos gigantes poderosos como Sansão, e dos dilúvios e serpentes de sete cabeças, como nos mitos babilónicos que se transformaram na civilização dos Semitas. Husson, no seu livro sobre o Encadeamento das Tradições, indicou a necessidade de alargar as investigações além das antigas migrações áricas e das infiltrações indianas de épocas posteriores «procurando-as com certa reserva entre as raças *xamíticas*, e porventura também entre as raças *turanianas*. [30]»

Entre os povos os mais afastados pelo espaço, pela raça, existem temas tradicionais, comuns de fábulas, como a mulher que depila o amante e a dos membros e o estomago, que se acham na coleção chinesa dos *Avadanas*. A preferencia das comparações que constituem a fábula, tomadas sempre das relações dos animais entre si, das suas qualidades e hábitos, levam a inferir que esta criação estética teve a sua origem em uma época fetichista da sociedade, em uma civilização proto-histórica negroide, que deu todo o desenvolvimento a essa ordem de concepções religiosas, especialmente na arte e na moral. O epíteto com que as fábulas eram conhecidas na Grécia, revela o conhecimento de tal proveniencia, e Theon distingue as fábulas em *líbricas* (Lassen aproxima o nome de *Esopo* de *Aithiopes*), em *sibaríticas*, *frigias*, *cilicianas*, *carianas*, *egípcias* e *cípricas*, como que acentuando o seu fundo negroide. Muitas das fábulas de Lokman aparecem tratadas em Esopo; e Neumann, Maracci, Hottinger e Golins unificam os dois poetas fabulistas em um mesmo sentido. Na coleção atribuída a Esopo, aparecem fábulas comuns ao *Pantchatantra*, como a do *Leão* e a do *Mosquito*, a da *Águia e a Tartaruga*, e do *Asno com a Pele de Leão*, e a *Preza e a Sombra*. Revela esta similaridade um fundo comum, que na Índia se determina pela classe ínfima explorada pela propaganda búdica. Na Grécia antes de Esopo, já as fábulas eram conhecidas, e posteriormente a época esópica outras

fábulas tradicionais, e transmitidas pelo vulgo, receberam forma literária, não só em obras dramáticas como em obras filosóficas. Em Hesíodo, acha-se a fábula do *Abutre e o Rouxinol*, em Stesichoro a do *Homem e o Cavalo*, e em Alceu a da *Serpente e o Escaravelho*; Arquíloco alude a fábula da *Raposa e do Macaco*, e a *Águia e a Raposa*; Eurípides traz a fábula do *Homem e a Morte*, Platão a do *Lobo e a Raposa*, e do *Leão Doente*. As relações das fábulas conhecidas na Grécia com as das raças semitas, levam a inferir da impersonalidade de Esopo, cuja entidade mítica é caracterizada por Vico, Neumann, Unker, Welcker, e Camerarius. A tradição esópica como a tradição homérica, não é escrita; a fábula, como o mito, chegou a ter o seu desenvolvimento épico, como se ve pelo ciclo do *Renard*, na Idade Média. A transformação da tradição oral em forma rítmica é que fez porventura adotar o nome de *Esopo: Asoph*, em hebraico significa o verso, a poesia. O caráter de estrangeiro do género poético, é que se fixou na personalidade de *Esopo* na qualidade de *escravo*. Os temas tradicionais foram tratados nas escolas dos sofistas gregos como assuntos de exercícios literários de redação; eram os *Loci communes*, também adotados nas escolas de Roma, cujos Cadernos, achados no fim da Idade Média, vieram a constituir as *Fábulas de Fedro*, outra entidade sem existencia real, formada do epíteto de rocha *phaedrica*, da qual tinha sido precipitado Esopo, segundo a lenda.

O conto não foi trazido para a Grécia; pertence a mesma criação de seus mitos em época anterior a sua sistematização por Homero e Hesíodo. Não deve aos povos orientais essa ordem de ficções, como pretendia Huet. O caráter fundamental da literatura grega é a originalidade e transformação evolutiva dos géneros estéticos; não foi alterada na elaboração dos contos. Escreve Gaston Boissier: «Nunca na história literária da Grécia, influencia ou imitação estrangeira modificou de uma maneira sensível a marcha de seu génio. Todos os géneros da literatura saem uns dos outros; não são uma importação exterior, vem a nascer por seu turno dos que o precederam, por um progresso lógico e

regular. O romance (conto já escrito) somente nascido em uma época obscura, em plena decadência, é que se ligava com algum custo ao restante; a primeira vista, parecia tão diferente, que se procurava a sua origem fora da Grécia. Erwin Rohde, no seu trabalho fundamental sobre o *Romance Grego*, reuniu ao encadeamento das formas literárias este anel separado, mostrando como tudo se liga nesta admirável literatura. Sabe-se que a literatura grega viveu, durante os seus mais belos anos de um certo número de narrativas, transmitidas pela tradição desde os tempos mais longínquos e acumuladas na memória do povo. Elas se reproduzem sem cessar e constituem o fundo destes poemas, que são a admiração do mundo. Os Gregos não sentiam a necessidade de criar assuntos novos, os antigos bastavam para tudo. Essas velhas lendas seguiam a tendência filosófica, e estendendo a Grécia depois das conquistas de Alexandre na Ásia Menor, na Síria e no Egito, foram reelaborados os géneros literários e as lendas locais, que não estavam coerentes com o Olimpo helénico, foram tratadas especialmente com liberdade e originalidade no período alexandrino.» Escolhiam-se de preferência, na multidão dessa segunda camada de lendas, principalmente as que tratavam de situações amorosas. Foi esse o tema novo, tão estranho a Homero, a Ésquilo, a Aristófanes. Essas lendas da segunda camada eram na transmissão oral contos populares, que se tornaram os belos romances que vieram acordar na Europa no fim da Idade Média, as novelas de Amor.

Max Müller dando conta da teoria da formação e difusão dos contos tradicionais sustentada por Hahn, retocou-a agregando-lhe a transmissão histórica. Eis a ideia fundamental de Hahn: «As tradições das raças primitivas não foram utilizadas no seu conjunto para formarem o fundo da mitologia divina e heroica, que chegaram até nós. Muitos destes conceitos primordiais *sobreviveram* até hoje, e vemo-los mesmo, apesar da sua vetustidade desenvolverem-se ainda no espírito popular, reagindo potentemente sobre ele sem que tenham perdido a sua força. — A análise atenta desses documentos neles encontra como fundo

primitivo os mesmos fenómenos naturais que serviram de materiais as histórias míticas dos deuses e de heróis, no seu todo apenas tratado sob uma, forma mais familiar. E refere a um período anterior a separação da família ariana a origem destes contos encontrados modernamente entre todos os ramos desta família.» Max Müller acha muito aceitáveis estes pontos de vista, e conclui que importa considerar «a imigração histórica, e muitíssimo posterior a das fábulas da Índia para a Europa, facto que as demonstrações de Benfey impõem com a necessidade da evidencia. Abstraindo-se de tudo quanto foi visivelmente importado, nos tempos históricos, da Índia pela Europa, e por camadas sucessivas; do sanscrito ao pélvico, ao árabe, ao grego, ao hebreu, ao latim, etc., ainda fica um resíduo considerável das tradições populares, que exige uma explicação diferente. Os dados de Benfey, a meu ver, são irrefragáveis, mas conciliam-se com os resultados estabelecidos por Hahn.» (*Nouvelles études de mythol.*, p. 31.)

O conhecimento dos grandes monumentos poéticos e religiosos do Veda e do *Avesta* trouxe a ciência elementos para deduzir as concepções primitivas que esses livros sistematizaram, como o estudo filológico da *Iliada* de Homero e da *Teogonia* de Hesíodo, veio desde Schelling a reconhecer que a mitologia dos Gregos não nasceu desses poemas, que pelo prevalectimento dos mitos sistematizados influíram no abandono dos mitos populares a sua espontaneidade. Esse fundo acha-se hoje determinado pela exegese desses mitos védicos, avésticos e helénicos; resume o problema lucidamente Max Müller:

«Dois assuntos foram de um interesse permanente para a poesia védica: 1.º O raiar do Sol ou o triunfo quotidiano da Luz sobre a Treva; e o triunfo anual da primavera sob o inverno. 2.º A Tempestade ou o triunfo de um deus luminoso sobre as nuvens negras, a empresa em que se libertavam as águas fertilizantes da prisão em que elas parecem esmorecer durante a estação das calmas. O protagonista de um destes dramas é Agni, quanto a luz solar; o outro é Indra,

como o campeão do Céu azul.

«Estes dois combates, temas permanentes da poesia védica, são muitas vezes tão misturados, enfeitados de metáforas e perfeitamente idênticos, que é difícil saber, em qual deles pensava o poeta, a que guerreiro solar e luminoso dirigia o seu Cântico de vitória. Daqui provieram as duas escolas de interpretação, uma *solar*, outra *meteorológica*, que se esforçavam de aplicar os seus princípios aos hinos da Rig Veda, ou a um grande número de episódios da mitologia ariana. Quanto a mim, considere sempre a fraseologia solar e vernal como a mais importante e a mais primitiva da evolução mítica, pela razão que os mitos solares e vernais compreendem os fenómenos que são de recorrencia regular, e portanto de natureza a deixarem no espírito uma impressão durável.» (*Ib.*, pág. 104). E mostrando como o mito do Fogo, estudado fundamentalmente por Kuhn, está incluso no mesmo drama, termina pela conclusão de Senart: «A luta da Luz contra a Treva entende-se também da luta da Manhã contra a Noite, como a do Sol contra a Tempestade; é o laço que aproxima o herói solar a Agni e manifesta-se com evidencia.» (*Legenda de Buda*, p. 283.) Do drama da aparição da Aurora e do Sol que a segue, antes de se representar nos mitos védicos, já estava esboçado na significação dos seus nomes: «Aqui, não é somente o deus do fogo e do sacrifício, é também o fulgor do Relampago, o esplendor da Aurora, a radiante luz do Sol meridiano e do Sol do Ocaso. Ushas védica, a que brilha, identifica-se com a Aurora; quem pode ser o seu amante senão algum fenómeno celeste em estreita relação com ela? E pois que a luz que segue a Aurora se chama Hélios ou Hiperión, não é preciso grande sabença de grego para compreender que tanto Hiperión como Hélios designam um personagem solar.» (Max Müller, *op. cit.*, p. 300.)

Este quadro definido dos fenómenos solares e meteorológicos, é que faz compreender a limitação dos temas míticos, o que levou Gaston Paris a entender que os contos, separados de seus episódios e combinações variadíssimas, são no

fundo em número determinado. Mitos, Contos, Religiões, Literaturas, nascem do fenómeno psicológico de uma representação subjetiva do espetáculo do drama universal identicamente em todas as latitudes e em todas as idades: o Dia, a Noite, a Aurora, o Sol, o Céu e as Nuvens, a Luz e as Trevas, os Ventos e as Tempestades; o estudo da novelística comparada conduz pela unificação dos temas comuns das raças ao conhecimento das conceções primitivas da humanidade; o que o espírito crítico reconhece nas reminiscencias da infancia levava a conclusão sublime de Goethe, de o homem se reconhecer na humanidade.

Na sua Dissertação sobre os Contos de Fadas, o erudito Walkenaer assina-lhes um fundo histórico representado nas tradições populares europeias: «Depois do grande abalo, que deixara no mundo o vácuo causado pela queda do Império Romano, os povos da Germania e da Cíttria europeia precipitaram-se sobre o grande colosso derrubado.

«Entre as tribos nómadas do Norte de Ásia, as conhecidas sob o nome geral de *Tártaros*, não podendo ser retidas, saíram dos seus desertos, e não cessaram, durante muitos séculos da Idade Média, de atacar os estados mais poderosos que acabaram por conquistar. Sob o comando de Gengiscão e de Tamerlão, fundaram os mais vastos impérios que se viram. Grandes carnificinas, crueldades inauditas tornaram memoráveis estas prodigiosas revoluções. Os Tártaros, para quem a Ásia já não era bastante, penetraram nas partes orientais da Europa, e fundaram a Rússia, na antiga Dácia e na Panónia, novos estados; daí fizeram incursão na Alemanha, Itália e França. Por toda a parte espalharam o medo e um terror geral. Os mais antigos e os mais cruéis destes devastadores tomaram-se os mais célebres, e seus nomes serviram para designar todos os outros. Deste modo se reuniram os nomes dos antigos Hunos e de ferozes *Oigour*, para designar os Magiares, tribo tártara, vinda das bandas do Volga, que se assentou mais no interior da Europa. Na Dácia e na Panónia chamaram-lhes

então *Honni-Gouris* e a sua terra *Honni-Gouria*; daqui vem o nome de *Húngaros* e *Hungria*. Estes *Hunni-Gouris*, *Oigours*, são os *Ogres* terríveis dos Contos de Fadas, os entes ferozes que devoram crianças e gostam de carne humana tenra e saborosa.» Os *Ogres* tem sempre uma grande soberania como de raça vencedora, o que explica que muitas casas nobres fundavam suas genealogias em uma *Ogresse*, como a Casa de Lusignan, em *Meluzioa*, a Casa de Croy, Salin, Bassonpierre e Argangor, ou o solar de Haro na Biscaia e dos Marinheiros em Portugal. Serão desta origem os *Courrils*, os diabos malignos que dançam, segundo a superstição das costas de Finisterra, a que Leroux de Lincy dá as formas de *Gourils*, *Gories* e *Criours* (*Livre les légendes*, p. 167) e que na tradição de Biscaia era os *Coouro*, e *escoouradas*, as mulheres que dormiam com esses diabos malignos ou *Coouros*, e *carolas* as danças desses *Courrils*. Nos Contos de Fadas figura também o *Lobo*, não com o caráter das lutas burguesas figuradas no *Roman du Renard*, mas com o tipo sanguinário do grande facínora, o *Wargus*, que se tomou o Lobisomem, em que a superstição popular figura a personalidade germanica do expulso da Arimania como um lobo errante e noturno, contra o qual se podia atirar impunemente. Na tradição portuguesa o Lobisomem só podia voltar a sua forma humana depois de ser ferido. No Conto do *Petit chaperon rouge* é o lobo que figura na ação; na *Cendrillon* é o símbolo jurídico do sapatinho, que aparece nos costumes germanicos do casamento. Os Contos de Fadas relatam vagamente grandes fomes, que obrigavam os pais a abandonar os filhos na floresta; a antropofagia aparece figurada na raça dos *Ogres*, sendo hoje o vago Papão das crianças. O mundo feudal acha-se ali representado na sua crueza, em que o marido sacrifica a sua brutalidade a esposa, que tudo sofre submissa, como no conto de *Griselidis*; o pai deseja a própria filha, que se defende com subterfúgios, como no conto de *Peu d'ane*.

Na organização social da Idade Média a vida confinada dos *Pagi*, povoações rurais, mantinha as velhas tradições que a Igreja combatia com o nome de

Paganismo. Nessa estabilidade dos *Pagi* sincretizavam-se os restos dos cultos druídicos com elementos do politeísmo romano, com práticas do culto odínico germanico. A Igreja combatendo essas vetustas tradições, tentando adaptá-las ou opondo-lhes outras, atuava em um incessante sincretismo. Observou Darmesteter: «Onde quer que o cristianismo achou acesso, por via dos seus missionários, dos mosteiros ou da sua eclesiola estabelecida, pelas escolas, sermões, lendas escritas, fez-se veículo das ideias clássicas que penetraram no Folclore popular.» Exerceu o cristianismo na Europa uma ação semelhante a do budismo na Ásia, tornando o conto e os exemplos como meio de propagar as doutrinas religiosas abstratas.

«O fundo da mitologia ariana assenta sobre a *luta permanente das Trevas com a Luz*. Trevas que sem cessar fazem entrar o mundo no nada; Luz que sem cessar o faz ressurgir.» (Darmesteter, *Etud. orient.*, p. 137.)

«O mundo renasce sob os nossos olhos de tres maneiras, em tres circunstancias: Ao sair do *Inverno*, — da *Noite* e da *Tempestade*.» (*Ib.*, p. 138.)

O INVERNO: A *Serpente* que prende as Águas congelando-as, como um Cinto que oprime e abafa a Natureza. — Das Águas nasce a faísca do Raio, que solta as Águas na torrente. O Fogo celeste de *Agni* é o *Deus Menino*, o Salvador; renasce a Natureza na florescencia e alegria, em que Agni é a Esposa.

A NOITE: é a *Caverna* onde se oculta o Dragão (a *Treva*, o Lobo que assalta, a *Velha*, que ilude a Menina (a *Aurora*) que o Sol persegue, como sua Esposa. — O Sol no Ocaso é o *Cavaleiro*, que morre prematuramente, e que procura as Águas para a revivescencia.

A TEMPESTADE: A Nuvem negra representa o Baixel, que paira no Dilúvio

das Águas; dela sai o *Raio* (a pomba) a cima já descoberta do decrescente Dilúvio.

A NUVEM: a *Floresta* (Vana) — a *Árvore celeste*. O *Caçador selvagem*, *Wotan* — o Furacão, urra e impera na tempestade, torna-se o Deus das Batalhas; é num Cavalo branco que passa nos ares e atravessa os mares. — Transformado pelo Cristianismo em Arcanjo S. Miguel, e em São Martinho, em mil anos de evolução tradicional, volta outra vez a sua origem popular do *Caçador feroz*.

A relação tão profundamente apontada por Aristóteles entre a *Filosofia* e a *Filomítia*, pelos modernos estudos da importancia das Tradições poéticas, levaram a conclusão sintética, tão bem formulada por Darmesteter: «A Filosofia constrói os seus primeiros sistemas em volta das velhas fórmulas incompreendidas, que ela julgou ter criado, e que nasceram não de silogismos, mas de *sensações*, não de reflexão lógica mas do agrupamento de *imagens* que faz os *Mitos*.» (*Etud. orient.*, p. 136.)

A ideia mítica fundamental da comparação e analogia dos fenómenos da natureza com a vida do homem, aparece com intuito teológico nos primeiros séculos do cristianismo. Minutius Felix exclama: «Vede como a natureza inteira para nos consolar, parece ocupar-se da ressurreição futura, e produz diante de nós as imagens dela. O Sol põe-se e levanta-se, os astros fogem e tornam, as flores morrem e renascem, as árvores envelhecem e revestem-se de folhas novas, as sementes corrompem-se para reviverem. Também o corpo no túmulo, como a árvore no inverno, oculta um princípio de vida sob uma aparência enganosa de morte. O corpo tem a sua primavera; é preciso saber esperá-la.» A conceção mítica do homem primitivo vendo os fenómenos físicos através da sua subjetividade, persiste com um novo sentido moral de alegoria teológico-metafísica. Tertuliano desenvolve estes mitos indo-europeus em considerações

abstratas: «Eu lanço os olhos sobre as manifestações do poder divino: *o dia morre para dar lugar a noite*, e sepulta-se por toda a parte nas trevas. O ornamento do universo oculta-se sob os funéreos véus: tudo é sombrio, silencioso, consternado; por toda a parte a interrupção dos trabalhos! *A natureza enlutou-se para chorar a perda da luz...* Mas eis que ela revive para todo o universo, com a sua magnificencia e com a sua pompa nupcial, sempre a mesma, sempre inteira, *imolando a morte, isto é, a noite, rasgando a sua mortalha, isto é, as trevas, e sobrevivendo a ela, até que a noite volte outra vez e traga consigo os lúgubres aprestos.* Então acendem-se as estrelas, que a claridade da manhã extinguiu. Os planetas, um momento exilados pelo dia, são trazidos em triunfo... Sobre a Terra, a mesma lei que no céu; depois, de terem sido fanadas, as flores reaparecem com suas cores, os campos cobrem-se uma segunda vez de verdura. O que é, pois, esta perpétua revolução da natureza? Um testemunho da ressurreição dos mortos.»[\[21\]](#)

Podem-se aproximar desta análogas passagens dos Vedas; então se notará que a conceção dos fenómenos é a mesma, havendo apenas uma interpretação alegórica sobre a impressão subjetiva. Nos espíritos mais elevados, a imagem poética incide inconscientemente sobre esta mesma ordem de comparações, tendo já perdido o carácter de realidade mítica; em Metastásio, o fino poeta cesário do século XVIII, le-se

Primavera, giuventu dell'anno,
Giuventu, primavera della vita.

Se nos espíritos cultos através dos dogmas religiosos e das idealizações artísticas se não perdeu o tipo mítico, com mais razão deve ele persistir entre as camadas populares.

Nas locuções vulgares existem elementos dos mitos primitivos, cuja importância só se nos revela pelo processo comparativo. A Aurora é representada como uma Donzela engolida por um Dragão, ou a Noite, como se observa nos mitos de Andrómeda, de Hesíone, de Santa Margarida, do qual vem a ser libertadas por um herói, ou elas mesmas é que rasgam o ventre do monstro. Tylor diz que se reconhece no conto do *Petit chaperon rouge* o mito do Sol crescente e do Sol no ocaso[32], isto é, da Aurora matutina e da Aurora vespertina. Na linguagem popular diz-se o *romper da Aurora*, e de facto o rompimento deriva de uma concepção mítica primitiva; diz Tylor: «Os cristãos representavam voluntariamente Hades como um monstro que engolia os homens na morte. Tomemos exemplos pertencentes a diversos períodos: o Evangelho apócrifo de Nicodemo, na narrativa da descida aos Infernos, faz falar Hades como uma pessoa, queixando-se de dores no ventre quando o Salvador se prepara para descer e dar a liberdade aos santos retidos prisioneiros desde o começo do mundo. Na Idade Média, quando se queria pintar esta libertação, chamava-se-lhe o *rasgamento do Inferno...*[33]» Esta prisão das trevas, ou a noite, é o tema mítico conservado na locução do *romper da Aurora*, a qual se completa por outro vestígio do mesmo mito na locução a *boca da Noite*. Aqui o sentido preciso é do começo das trevas, que, como o dragão, abre a boca para engolir a donzela; sobre este ponto diz Tylor: «Por toda a parte onde a Noite e Hades se personificam em um mito, pode esperar-se o encontrar concepções tais, como aquela que exprime a palavra sanscrita que significa a noite, *rajanimukha*, isto é, a boca da noite. Também os Escandinavos falam de Hell, a deusa da morte, que abre a garganta como faz seu irmão Fenrir; o lobo devorante da Lua; e uma velha poesia alemã representa-nos o abismo de Hell, que bocejando se abre do céu a terra.[34]» Temos ainda uma outra locução, o *olho do Sol*, para significar a ação intensa do seu calor ou luz; Tylor acha esta metáfora solar em povos selvagens, *Mata-ari* (o olho do dia) em Sumatra e Java, e *Maso-Andro*, com o mesmo

sentido em Madagáscar; na Nova Zelandia o mito torna-se completo, sendo o Sol o olho de Mani, e entre os Árias é *Chakshuh Mitrasya*, o olho de Mitra, ou o *olho de Júpiter*, como lhe chamavam os antigos Romanos, como o refere Macróbio[35]. Se a linguagem vulgar conserva esta impressão indelével dos mitos primitivos mais característicos dos povos indo-europeus, com mais razão devem eles persistir nas narrativas dramáticas ou novelescas em que esses mitos se desdobraram.

Os fenómenos siderais e atmosféricos foram *personificados*, identificados com a figura e hábitos morais do homem; é este um dos caracteres mais fundamentais do *politeísmo*. Nos contos populares que pertencerem as raças que se elevaram ao *politeísmo*, devem persistir estas concepções míticas, muitas vezes já não compreendidas por causa da substituição de um mais adiantado estado mental. Os contos de *Psique*, de *Crescencia*, de *Genoveva*, da *Imperatriz Porcina*, de *Merhuma* (do *Tuti-Nane*, I, 7), de *Cendrillon*, derivam dos mitos da Aurora perseguida ou libertadora, tal como aparece nos hinos dos *Vedas*[36]. O Sol seguindo a Aurora, personifica-se no mito de Eros, no esposo de Melusina, de Hélias, do Cavaleiro do Cisne, e no esposo de Eurídice[37]. Já vimos atrás como se personificava a *Noite*, no lobo que devora, na velha que esconde a donzela, ou a transforma e se torna negra, como no conto das *Tres Cidras do Amor*. O vento acha-se mitificado nas *Botas de Sete Léguas*, comum a todos os povos áricos[38]; a nuvem é a *toalha que se estende* e dá sempre que comer com abundancia, a qual nos *Vedas* é também representada pela vaca, que ainda aparece nos contos populares[39]. Muitas vezes, os contos derivam de uma mitificação espontanea como se ve pelas locuções populares, outras vezes são o efeito de uma decadencia de mitos sistematizados; assim a *sala proibida* do conto do *Barbe-Bleu* é considerada como uma obliteração do tesouro de Ixíon[40]; o *roubo dos bois* por *Petit Poucet* aproxima-o do mito de Hermes; a guarda do boi Cardil ou boi Bragado é o mito de Mercúrio e Argos[41]. Poderíamos ampliar as referencias a

sistemas míticos da Antiguidade que ainda subsistem nos contos populares, mas basta-nos deduzir da lei da sua formação o limite preciso dos temas novelescos. Gaston Paris é de opinião que os temas tradicionais se fixam em um determinado número de tipos; é o que se deduz dos dois sistemas politeístas, o antropomórfico e antropopático. Indicaremos esses tipos fundamentais, aproximando-os das personificações dos contos:

O SOL é o príncipe encantado, o herói que salva, o amante que perde a forma horrenda, é o doente que morre prematuramente e que renasce, é o cavaleiro que mata o dragão, é o tesouro.

A AURORA é a criança, a donzela, a recém-nascida, a filha da feiticeira negra, velha e feia; é a *Psique* que tem o marido sobrenatural; é a *Melusina*, ou a esposa sobrenatural que abandona o marido, é a *Penélope* ou esposa fiel que recupera o seu marido.

A NOITE é a velha feia e ruim, a ogresse, a madrasta que maltrata a enteada, o lobo devorador, o saco em que é furtada a menina, ou a cova em que estão enterrados os príncipes.

OS DIAS são os filhos desejados que tomam formas monstruosas, as vítimas de um voto, as crianças abandonadas, ou que tem um nascimento maravilhoso.

OS CREPÚSCULOS *matutino* e *vespertino* são os dois irmãos gémeos; são os pequenos maltratados; são o irmão que mata o irmão ou o salva.

Além destes tipos, nos costumes populares de toda a Europa conservam-se as cerimónias dramáticas da entrada do VERÃO e saída do INVERNO, o rapto da PRIMAVERA, nas lendas do *Caçador feroz*, na morte do Dragão, na libertação da donzela, como Andrómeda, na revivescência do cavaleiro como Artur, Barba-Roxa ou Dom Sebastião. Nas festas religiosas é que se conserva nas formas cultuais o mito do nascimento do FOGO ou o menino, o medianeiro ou o salvador. Assim dos dois grupos de fenómenos solares e siderais se deduzem

os tipos ou temas míticos que mais persistem nos contos populares, sendo essa também uma das causas da sua universalidade. Uma boa classificação novelística é, portanto, uma síntese baseada sobre estes dados concretos. Os contos populares tem sido compilados sem nexos, por causa da sua extraordinária complexidade, apesar de terem sido já reconhecidos os episódios mais frequentes em todos eles. Esta deficiência tem obstado a sua apreciação. Von Hahn apresentou uma classificação descritiva artificial, que só serve para tornar monótonos os contos coligidos segundo esse agrupamento exterior. Essa classificação foi adotada pelo Folk-Tale Committee de Londres; depois desta, conhece-se a classificação de Baring-Gould, com o mesmo espírito, variando apenas pelo arbítrio. A única classificação racional dos contos é a que se funda nos temas tradicionais derivados dos tipos míticos, como acima indicamos; para realizar este trabalho é preciso conhecer a sucessão dos estados mentais da humanidade, as capacidades das raças, e só assim é que se verá como os mitos derivam já da comparação, como as fábulas do fetichismo, já da analogia, como nas personificações politeístas, já da plausibilidade, como nas épocas em que existe um certo grau de abstração tendente para o monoteísmo, e em que o mito subsiste na forma da parábola, e em que a lenda se converte em história. Tylor define o valor desta sucessão mental: «Este desenvolvimento opera-se com tanta uniformidade, que se torna possível tratar o mito como uma produção organica da humanidade inteira, na qual as distinções de indivíduos, de nações e mesmo de raças, são subordinadas as qualidades universais da inteligencia humana.» (*Op. cit.*, I, 481.)

CLASSIFICAÇÃO DA NOVELÍSTICA POPULAR

I. Concepções fetichistas (*peculiares aos povos selvagens e persistentes nas civilizações cuchitas e mongoloides*):

a) Comparação por diferença..... *Fábulas*

Lapidários — Viridiários — Bestiários — Astrologia, Animismo ou transição mítica.

b) Persistência desta concepção com intuito moral e forma literária.....
Apólogos.

c) Dissolução popular em locuções proverbiais e referências ou ditos alusivos..... *Anexins.*

II. Concepções politeístas (*das sociedades rudimentares, aparecendo desenvolvidas nas civilizações semíticas e áricas*):

a) Mitos antropomórficos..... *Contos*

Do Sol, da Aurora e da Noite.

Do Céu das Nuvens e das Estrelas.

Dos Dias e dos Crepúsculos.

Comparação por analogia:

1.^a — Doméstica (Enigmas)

2.^a — Nacional (Epopéias)

3.^a — Sacerdotal (Teogonias)

b) Mitos antropopáticos..... *Epopéias*

O Sol hibernal e estival, ou o jovem herói que morre e ressuscita
(Aquiles, Sigurd, Cristo.)

A primavera, ou a donzela raptada. — (Sita, Helena.)

III. Concepções monoteístas (*Das sociedades superiores, em que preponderam ideias abstratas*):

a) Obliteração dos temas míticos entre o povo..... *Casos*

O Príncipe, A Donzela, A Velha, O Tesouro, O Lobo, O Ogre.

b) Renovação pelas formas literárias..... *Novelas e Lendas*.

c) Mitificação racional na comparação por plausibilidade..... *Exemplos e Parábolas*.

Quando começou o estudo dos contos, por Huet, Sylvestre de Sacy e Loiseleur des Longchamps, consideraram-se geralmente de proveniência oriental; Benfey e Max Müller fixaram no *Pantchatantra* este veículo de transmissão para o Oriente e Ocidente, e os contos foram considerados de origem árica. Chegados a este ponto, era pela unidade dos mitos áricos nos povos indo-europeus, gregos, romanos, celtas, teutónios e eslavos, que se explicava a similaridade dos contos populares entre as várias nações da Europa. Os contos eram considerados como a decadência de *mitos* que perderam o sentido religioso e sistematicamente especulativo, tornando-se *lendas* persistentes na fantasia popular. Assim para interpretar os contos muitos filólogos aproximam-nos imediatamente dos mitos áricos, ou agrupam em série todas as versões conhecidas do mesmo conto para por uma simplificação dos episódios acidentais determinarem a lenda primitiva que pode mais facilmente relacionar-se com o mito. São errados estes

dois processos; existiram outras civilizações além da áfrica, que fizeram contos sem dependencia de mitos, e por isso aproximá-los dos mitos védicos é forçá-los a analogias fortuitas; quando porém o mito se dissolveu em lenda, foi por efeito de uma revolução moral, a ruína de um culto, e portanto o mesmo mito dá lugar a muitas lendas simultaneas, sem tipo unitário. Pretender achar a lenda proveniente do mito pela comparação de muitos contos do mesmo tema, é um trabalho infrutífero que a nada conduz. O conto é uma mitificação da linguagem; nasce da palavra, do epíteto, da sinonímia, da homonímia, como *Dafne*, a aurora e o loureiro, e *Birsa*, a fortaleza e a pele de boi, sobre que se formou a lenda da edificação de Cartago. Depois de ter percorrido toda a sua evolução quer com sentido religioso, histórico ou moral, intuitos que influem nos acidentes dramáticos do seu tema e na particularidade ou universalidade da sua transmissão, o conto ou se torna um molde sobre que se adaptam novos episódios, ou acaba pela simples *locução proverbial* donde partira. Citaremos alguns exemplos portugueses; ainda hoje se diz untar as mãos como meio de conseguir mais facilmente o que se pretende, mas ninguém se lembra do conto da Idade Média donde esta locução deriva[42]; o anexam *A fé é que nos salva, e não o pão da barca*, ainda tem a forma de conto na Itália[43]; o mesmo com *A fé do carvoeiro*[44].

A passagem dos contos para a forma literária foi na índia devida a propaganda búdica, cujas lendas morais foram coligidas no *Pantchatantra*; na Grécia os contos escreveram-se com intuito artístico, formando os *Loci communes* das escolas dos retóricos[45], atingindo rapidamente a perfeição em Apuleio, e em Roma em Petrónio. O catolicismo procurando combater o politeísmo, no Ocidente serviu-se do processo do budismo, deu forma escrita aos contos nesses Exemplos dos pregadores medievais, e nas lendas hagiológicas como a de *Barlaão* e *Josafat* tirada do *Lalita vistara*[46]. Acidentes históricos provocaram o encontro das fontes tradicionais populares com as eruditas; tais foram as

causas da decadência do politeísmo entre os povos indo-europeus, que abraçando o catolicismo nem por isso esqueceram os seus mitos nacionais, aceitando ao mesmo tempo a lição moral pregada nos *Exemplos*.

A entrada dos Árabes na Europa fez com que se vulgarizasse a tradução do *Pantchatantra*, traduzindo-se do árabe para grego por Simeo Seth, para latim por João de Cápua, para castelhano com o título de *Calila e Dimna*, e na época da Renascença para italiano, francês, inglês[47]. Com a primeira Renascença, em Boccaccio, Sacchetti, Gower e Chaucer, o conto recebe a forma literária que os humanistas cultivaram, já com o espírito sensual e sarcástico da época, já com o pedantismo moral que lhes fez esquecer a graça e ingenuidade popular; é incalculável a soma de coleções de Novelas sobretudo nas grandes literaturas românicas, especialmente a italiana. Esta atividade não deixou de influir na revivescência popular e a necessidade de preencher um certo número de contos de coleções artificiais, como o *Decameron*, o *Pentameron* e *Heptameron*, obrigava a recorrer as narrativas populares para suprirem na falta de invenção[48]. Ainda sob a forma quase que exclusivamente literária da *Novela*, é aonde os costumes antigos se acham mais pitorescamente esboçados. Os escritores foram-se aproximando conscientemente da tradição do povo, como Perrault, mas daí até possuírem essa *mão casta* para colher as flores da tradição, como o fez Grimm no começo do século XIX, distava um espaço que só pode ser transposto pela ciência, com os seus variados recursos da filologia comparada, da mitografia, da etnologia, que nos revelaram o critério que torna inteligível este antiquíssimo documento humano.

Novelística brasileira

O ponto de vista antropológico e étnico da novelística popular, acha a sua plena

comprovação em um país em que esses elementos organicos se contrapõem sem estarem ainda mutuamente integrados.

Parecerá a primeira vista estéril a investigação das tradições em uma recente nacionalidade como o Brasil; mas com a colonização deste importante país dá-se um fenómeno conjuntamente étnico e sociológico, que poremos em relevo. A primeira ocupação pelos Portugueses fez-se por um modo pacífico, com intuitos mercantis conciliados com a propaganda religiosa; a necessidade da cooperação agrícola obrigou ao aproveitamento de uma raça degradada, e nesta coabitação permanente em um grande campo de exploração, o *Portugues* radicou a sua tenacidade colonial pela fusão ou mestiçagem com o elemento *indígena* e com o elemento *negro*. Este importante fenómeno histórico, donde derivam os novos caracteres de uma nacionalidade, distingue de um modo bem acentuado o sistema de colonização da América do Sul. Sobre este problema, escreve Augusto Comte, com surpreendente lucidez: «O modo próprio da colonização introduziu, entre o Norte e o Sul da América, uma diferença contínua, quanto as relações respectivas com as populações principais. Sistematizada pelo catolicismo e pela realeza, a transplantação ibérica conservou o conjunto dos antecedentes, e mesmo permitiu, como acabo de explicar, um melhor desenvolvimento dos caracteres essenciais.^[49]» O Portugues não atacou as raças selvagens do Brasil, como o Anglo-saxão na América do Norte; não ocupou o novo continente por emigrações forçadas sob o impulso da revolta política e da dissidência religiosa; não viu no seu cooperador ativo, o escravo negro, esse abismo inacessível da cor, e suscitado pela ambição pacífica do lucro, conservou instintivamente o *conjunto dos antecedentes*; esta circunstancia facilitou o encontro das tres raças produzindo-se gradativamente os caracteres essenciais para a formação de uma vigorosa nacionalidade. Durante a colonização portuguesa, não perdemos na transplantação as tradições poéticas da mãe--pátria, como se ve pelos *Contos Populares do Brasil*; pelo seu lado, as raças selvagens, guarani e tupi,

mantiveram as suas tradições primitivas. Na língua portuguesa das províncias do Pará, Goiás e especialmente Mato Grosso, notou Couto de Magalhães vocábulos tupis e guaranis, frases, figuras, idiotismos e construções peculiares do tupi; as *danças cantadas*, como o *Caterete* e *Cururu* vieram dos Tupis incorporar-se nos hábitos nacionais; em São Paulo, Minas, Paraná e Rio de Janeiro há canções em que se alternam versos portugueses e tupis; na vida doméstica entraram Contos e Lendas, como a história de *Saci Sararé*, *Boitaitá* e *Curupira*, e muitas fábulas foram coligidas do ditado de soldados indígenas servindo na guarnição de Rio de Janeiro. O elemento negro, escravo, trazido do foco africano procurou nas ficções do seu fetichismo, nessas fábulas espontaneas, a consolação de uma situação monstruosa que se prolongou abusivamente durante quatro séculos. Um dos caracteres essenciais da nova nacionalidade será evidentemente a reminiscencia destas tres tradições, na forma de *Mitos*, de *Lendas* ou de *Contos*, segundo o desenvolvimento social dessas tres raças que se aproximaram.

Coligir essas tradições no sincretismo atual em que se acham, determinar a intensidade de cada elemento étnico, é um processo de alta importancia para avaliar como a par da assimilação organica se está elaborando a síntese afetiva, que individualiza e unifica uma nacionalidade em todas as manifestações da literatura e da arte. Foi sob este aspeto que ligámos uma singular importancia aos *Contos Populares do Brasil*, coordenando-os etnologicamente, de preferencia a qualquer disposição estética[50].

As tres principais raças humanas, «as únicas cuja distinção é verdadeiramente positiva» como diz Comte, acharam-se em contacto no solo do Brasil; o *branco*, o *amarelo* e o *negro* aproximaram-se em condições diferentes, cada um com as suas qualidades antropológicas e psicológicas, em uma cooperação inconsciente. A conservação dos antecedentes de cada uma facilitando o estabelecimento de relações morais, como se ve pelo sincretismo das tradições, foi a base segura para

o desenvolvimento da nova nacionalidade, e leva a prever-lhe um esplendido e assombroso futuro. Analisemos os elementos que constituem a síntese afetiva da nacionalidade brasileira.

I. — *Tradições de proveniência europeia.* Os colonizadores portugueses do século XVI, conservando o conjunto dos seus antecedentes, transplantaram consigo um grande número de tradições europeias e persistências consuetudinárias, algumas atualmente obliteradas no velho mundo. Assim o rudimento dramático do *Bumba meu boi*, aparece proibido em um sermão do século VII: «Que ninguém se entregue as práticas ridículas ou criminosas das Calendas de janeiro, tais como *fingir* velhas ou *animais* (aut cérvulos).» A parlenda infantil «Estava a moura em seu lugar,» [51] ainda se conserva na sua forma antiga na tradição oral da Galiza, por onde se ve como foi modificada por uma homofonia na versão brasileira:

Estava a amora em seu lugar,
e ven a mosca pra a picar.

«A mosca n'amora n'a silva, a silva n'o chan,

Chan, chan, ten man.

Estaba a mosca no seu lugar,
e ven o gallo pra a pillar... [52]

Como se ve, a forma galega, que é muito extensa, conserva ainda o caráter de um jogo popular; e na brasileira, a *amora* converteu-se em *moura*, vestígio da sua proveniência e processo de adaptação. O romance a morte do príncipe D. Afonso (*Cantos*, n.º 19) é também um documento da vivacidade dos cantos transplantados com os colonizadores no século XVI. Os costumes domésticos tem impressa essa feição quinhentista; é nessas relações íntimas, que os contos se repetem, tais como foram recebidos da metrópole, e como passatempo, na vida isolada da província. No nosso estudo sobre *A Literatura dos Contos Populares em*

Portugal[53], investigamos a área de vulgarização novelesca no século xvi e xvii, e por ele se ve a abundancia dos elementos que se transmitiram para o Brasil. Os novos emigrantes das várias províncias de Portugal e ilhas tem alimentado esse fundo tradicional europeu, segundo o costume meridional, expresso por Jean le Chapelain:

Usaiges est en Normandie
Qui herbergiez est, qu'il die
Fable ou chançon lie á l'hoste.

Gil Vicente, António Prestes e Camões aludem ao nosso costume popular de contar histórias que duram noites a dias, e patranhas de rir e folgar. Vemos isto, por exemplo, nos costumes do Ceará: «Em setembro começam a desmanchar a mandioca, a fazer a farinhada. E que alegres dias e festivos serões na humilde casa de palha do pequeno lavrador! Parentes, amigos e vizinhos, no mais cordial adjutório, com ele arrancam, raspam, cevam a bendita raiz. Levam-na a prensa, a peneira, ao forno. Suor de escravo não vereis ali correr; é o trabalho livre e fecundo, amenizado pela saudosa modinha cearense ao tanger da viola, ou por *intermináveis histórias de cobras e onças.*»[54] Em uma poesia de Juvenal Galeno, Saudades do Sertão, descreve-se também este viver doméstico, em que se repetem os contos:

Conta o moço uma façanha
Das vaquejadas do dia,
O velho recorda um
Caso De quando se divertia;
A velha *conta uma história...*
O vaqueiro uma vitória...
Cada qual tem sua glória,
Seu feito de bizzarria.

Em Portugal, a par da *Modinha*, como descreve Tolentino, usava-se também o

Conto, que se foi tornando apanágio das crianças e da ingenuidade provincial; diz o poeta dos costumes burgueses do século XVIII.

Contando histórias de fadas
Em horas que o pai não vem,
E co'as pernas encruzadas
Sentado ao pé do meu bem
Lhe dobo as alvas meadas.[55]

O caráter popular das obras de António José da Silva é uma prova da vitalidade das tradições do Brasil; porque sendo ele de uma família abastada, esse sentimento tradicional que introduzia nas criações literárias de uma época decaída, era a consequência do meio fecundo em que se desenvolvera. Na ópera *Os Encantos de Medeia*, alude a vários contos dos ciclos mais universalizados da Europa. «ARPIA: Pois sabei que na quinta de Creúsa, debaixo da terra, está uma estrebaria, *na qual está um burro que caga dinheiro*. SACATRAPO: Eu ouvi falar nisso do *burro caga dinheiro*, que minha mãe o contava quando eu era pequeno; porém sempre tive isto por história. ARPIA: Não te digo eu que todos tem notícia desse burro? — quando fores a empresa, te hei de dar um capelo, que foi de minha avó, *o qual quem o põe ninguém o ve*, e pode ir por onde quiser, e entrar em toda parte sem ser visto; etc.»[56]; Quando António José se aproveitou destes elementos tradicionais ainda eles eram considerados como desprezíveis; depois a ciência determinou-lhes paradigmas universais, e daqui foi levada a interpretá-los como últimos e apagados vestígios de concepções, tais como mitos e lendas, já de proveniência de noções religiosas ou de reminiscências históricas. Hoje a tradição do *burro mija dinheiro* é conhecida na sua forma alemã coligida pelos irmãos Grimm no *Kinder und Hausmarchen*, a por Bechstein, no *Deutsche Marchenbuch*; na sua forma norueguesa coligida por Asbjornsen, no *Norske Folke eventyr*; na forma inglesa, coligida por Baring Gould, no apêndice do *Folk Lore of the Nothern countier of England*, aparece a

mesma tradição nos *Contos do Decan*, coligidos por Miss Frere, nos contos calmuços, estonianos, e ainda em versão italiana e espanhola. Na coleção brasileira (n.º XLI) o conto do *Preguiçoso* filia-se neste imenso ciclo tradicional ao qual se tem procurado a sua base na degeneração mítica.

António José imita também as fórmulas populares da narrativa novelesca, como se ve na comédia *Vida do Grande D. Quixote*: «SANCHO: Acerca disso contarei uma história que sucedeu não há vinte anos. Convidou um fidalgo do meu lugar, mui rico e principal, porque descendia do Neptuno do Rossio, que casou com Dona Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroios, homem sobretrancão e seco, o qual se afogou em pouca água, por causa de um furto que lhe fizeram, de que se originou aquela célebre pendencia das enxurradas, na qual se achou presente o senhor D. Quixote, que veio ferido em uma unha; não é verdade, senhor? D. QUIXOTE: Acaba já com essa história antes que te faça calar... SANCHO: Como vou contando, vai senão quando... Aonde ia eu, que já me esquece? FIDALGA: Na pendencia das enxurradas. SANCHO: Ah, sim, lembre Deus em bem; este fidalgo, que eu conheço como as minhas mãos, porque da sua a minha casa não se metia mais que uma estrebaria, convidou, como vou dizendo, este fidalgo a um lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pariu. D. QUIXOTE: Acaba já com essa história. SANCHO: Já vou acabando: chegado o tal lavrador a casa do fidalgo convidador, que Deus tenha a sua alma na glória, que já morreu, e por sinal dizem que tivera a morte de um anjo, mas eu me achei presente, que tinha ido não sei donde. D. QUIXOTE: Por minha vida que acabes, senão te moerei os ossos. SANCHO: Foi o caso: que estando os dois para sentar-se a mesa, o lavrador porfiava com o fidalgo que tomasse a cabeceira da mesa, o fidalgo porfiava também que a tomasse o lavrador; tem daqui, tem dali, até que enfadado o fidalgo disse ao lavrador: Assentai-vos, vilão ruim, aonde vos digo; porque onde quer que eu me assentar essa é a cabeceira da mesa.

Entrei por uma porta,
Saí por outra;
Manda El-Rei,
Que me contem outra.»[57]

Este ditado novelesco ainda se repete na tradição atual do Brasil (*vid.* adiante, Ditados Novelescos); o tema do conto pertence ao ciclo das fábulas mais vulgarizadas na Europa. António José, como Francisco Rodrigues Lobo no século XVII, chasqueia o ditado popular, cheio de vacilações e incongruências; por onde se vê que é errado o processo daqueles que ao coligirem os contos do povo atendem principalmente as formas dialetais, sacrificando o que é persistente, os temas tradicionais, ao modo acidental da sua narração. Convém separar o estudo da Novelística do da Dialectologia.

A universalidade de um certo número de contos entre as mais separadas raças e diferentes civilizações humanas, é o primeiro fenómeno que surpreende o crítico. Daqui a inferência da sua importância étnica e psicológica, como documento inconsciente de um período emocional da vida da humanidade. É, portanto, lógica a aproximação do *Conto*, tal como ele chegou até nós, dos *Mitos* mais gerais criados pela inteligência primitiva, e mesmo considerá-lo em grande parte como degenerescências desses mitos quando deixaram de ser compreendidos. Não é esta, porém, a nossa doutrina; porque a aproximação do conto pode fazer-se também da *Lenda*, estabelecendo-se uma relação íntima entre estes dois produtos da imaginação e das concepções subjetivas. O *Conto* é para nós um produto independente e simultâneo com a criação do *Mito* e da *Lenda*, apropriando-se dos elementos de cada uma dessas concepções, e conservando por isso na sua variedade umas vezes caracteres míticos, outras vezes caracteres lendários. É por uma tal relação que o conto se conserva com uma tenacíssima persistência, já entre as raças atrasadas e mesmo entre os indivíduos mais adaptados a concepção mítica, como as crianças, entre as pessoas em quem

prepondera a memória histórica, como os velhos. A feição mítica dos contos reconhece-se em um determinado número de temas incidentais que se repetem entre todos os povos; tais são as *botas de sete léguas*, mitificação do vento; a *toalha sempre com comer*, que Brueyre interpreta como sendo a nuvem, os *pomos do ouro*, ou o Sol, a *menina que bota pérolas quando fala*, ou a Aurora, que é a *gata borralheira* no crepúsculo vespertino; alguns contos tem sido aproximados de mitos definidos, tais como o conto de *João Feijão* (Tom Puce) do mito astronómico da Grande Ursa e dos bois por Hermes, o da *Cendrillon* do mito de Prosérpina, a sala proibida do *Barbe-Bleu*, do mito do tesouro de Ixíon, as *botas de sete léguas* com as sandálias de ouro de Minerva, na *Odisseia*. Estas aproximações podem ser verdadeiras, mas é preciso que se não submeta tudo ao exclusivo ponto de vista mítico. Segundo a aproximação do tipo lendar, o conto apresenta outros caracteres: conserva o seu tema, modificando as circunstancias de pessoas e lugares. Exemplifiquemos: Conta-se em Lisboa que Diogo Alves, assassino célebre, vivia nos Arcos das Águas Livres, roubando os visitantes daquele Aqueduto, e precipitando-os daquela enorme altura; uma vez tomara uma criança nos braços para a precipitar, mas a criança vendo-se ao colo do assassino sorriu-se na sua candura, e o malvado não teve então coragem para realizar o seu crime. Esta tradição local acha-se contada por Heródoto (*Hist.*, liv. V, cap. XCVII) em situação diversa, mas com o tema fundamental da criança que sorri para os seus assassinos e assim escapa.[\[58\]](#) Às vezes o conto, conforme prevalece o carácter lendário, persiste pela sua aplicação moral; nos Açores existe o conto, de que há no céu um queijo de ouro, que ainda está por partir, e só será encetado por aquele que sendo casado nunca se tenha arrependido. Esta tradição aparece com o mesmo intuito na Sicília, dando lugar a um provérbio[\[59\]](#). Se o conto de *Psique* deriva do mito da Aurora, o conto de Rodópis, já citado por Estrabão (XXI, 808) E POR ELIANO (*HIST. VÁRIAS*, XIII, 33) PERSISTIU À CUSTA DAS SUAS RELAÇÕES LENDÁRIAS[\[60\]](#).

Desta dupla relação do *Conto* com o *Mito* e a *Lenda*, assim ele se confina exclusivamente entre o povo, até o irem lá descobrir Perrault com um intuito artístico, e os Grimm com o seu espírito científico; ou o conto se desenvolve literariamente, como vemos na Grécia com os *Loci communes*[61] e com o pensamento filosófico, como o conto das *Parcas e da Vida Humana*[62]. Também nos escritores mais individualistas aparecem estas reminiscências novelescas, cujas raízes se vão encontrar vivazes na tradição popular: Voltaire, descrevendo o Anjo que vive em companhia de Zadig, elabora um tema anterior que se acha no inglês por Thomas Parnell, e já no século XIV em uma homilia de Alberto de Pádua, indo remontar na forma escrita até aos *fabliaux*, como afirma Littré. É já possível coordenar todos estes elementos da mentalidade subjetiva em uma relação psicológica, de forma que se compreendam como concepções de uma síntese espontânea. Vico foi o primeiro que estudou o ponto de partida de todas estas concepções na sua forma simples e imediata de *Tropos*. Quase todas as palavras na sua significação não são mais do que abreviações de *Tropos*; assim o *Norte* (north) significa o lado da chuva; *Sul*, batido do sol; *Leste*, brilhar, arder; *Oeste*, da casa. O *Tropo* desenvolvendo-se sob o ponto de vista da personificação antropomórfica, aparece-nos na eflorescência do *Mito*. Assim nas concepções do Egito, o Sol é o menino *Horus*, as trevas são personificadas em Set, contra as quais luta Horus, para vingar seu pai *Osíris* ou o Sol radiante. Nos mitos védicos, a Aurora, ou o crepúsculo matutino é personificada na donzela, em Ushas; o Firmamento é o pai, *Varuna* ou *Úrano*. A afirmação de que os temas míticos tem uma área limitada só se pode aceitar enquanto ao seu desenvolvimento dentro de certos sistemas religiosos; assim os fenómenos solares personificados deram lugar a seguinte categoria de mitos: os fenómenos diários da *Aurora*, do *Sol* e da *Noite* (personificados na donzela, a criança órfã, a recém-nascida, a enteada bonita, a rapariga feia temporariamente; no príncipe, no amante, no encantado que aparece; na velha, na madrasta ruim, na bruxa). Os

fenómenos solares anuais, da *primavera*, do *verão*, do *inverno*, foram mitificados antropopaticamente, sendo este em geral o fundador das grandes epopeias. Esta forma organica das literaturas é efetivamente o desenvolvimento de temas míticos, que as vezes subsistem entre o povo na forma de contos, mas deveram a sua ativa elaboração e interesse as relações lendárias de que se aproveitaram.

Vimos o que era o *Mito*; resta-nos definir a *Lenda*: esta criação é a narração de um facto não pelo que ele teve de realidade, mas segundo a impressão subjetiva que produziu. O poder da formação lendária é característico da nossa raça árica, que o desenvolveu até chegar a veracidade histórica; diz Emilio Burnouf: «Todos os povos da raça árica, no Oriente e no Ocidente, remontam a sua origem a personificações heroicas que nunca existiram, e a estes seres ideais que são deuses ou símbolos, mas não pessoas reais[63]». As lendas tem também formas definidas na sua divergencia da realidade: os *Epónimos*, como *Mena*, *Manu*, *Rómulo*, *Hellen*, *Dorus*, representam uma raça ou uma civilização; na *Toponímia*, os lugares são representados como individualidades históricas, como se ve nos antigos livros hebraicos, onde o nome de *Sem* significa *montanha*, *Héber*, o da margem de lá, ou da outra banda do rio, *Faleg*, a divisão. À elaboração dos elementos da lenda poderia também dar-se o nome de *mitificação por plausibilidade*, como indica Tylor.

Assim como se chegou a ler a imagem emblemática dos brasões, também a linguagem mítica tem as suas formas gradativas, podendo coordenar-se na sua dependencia psicológica através dos mais inconscientes sincretismos.

2. — *Tradições de proveniencia africana*. Na época em que os Portugueses colonizaram o Brasil, a raça negra da África entrava no concurso da civilização moderna pela forma afrontosa da escravidão; esta circunstancia destoando completamente do espírito da corrente histórica, influiu na degradação simultanea do negro e do branco, deixando ao futuro que hoje é o nosso presente, um dos mais difíceis problemas sociais a resolver. Acabara a

escravatura antiga, porque esta situação social era emergente do estado de guerra; entrando-se no regime industrial e pacífico, determinado pelas grandes navegações, a *escravidão* tomou uma nova forma, a exploração criminosa de uma raça inferior, degradada em vez de ser tomada como cooperadora da atividade dos Europeus. Foi preciso que o senso moral se elevasse para que a escravidão do negro se considerasse uma afronta da humanidade, lançando Filanghieri o primeiro brado contra essa iniquidade. Comte julgou com bastante clareza esta situação social que explorava o negro como escravo: «o destino normal da escravidão não convém senão a submissão do trabalhador ao guerreiro. Enquanto a instituição antiga secundou o desenvolvimento respetivo do senhor e do servo aproximando-os, a monstruosidade moderna degrada um e outro separando-os.»^[64] Nos anexins populares conhece-se o instinto de aversão e crueldade da população branca do Brasil para com o negro:

Negro é toco,
Quem não lhe atira e louco.

Negro é vulto,
Quando não pede, furta.

Negro quando não canta, assobia;
Deitado é laje;
Sentado é um toco,
Correndo é um porco.

O preto tem catinga,
Tem semelhança com o Diabo;
Tem o pé de bicho,
Unha de caça

E calcanhar rachado;
Quando se chama, resmunga,
Se resmunga, leva pau.

(Rio de Janeiro)

Apesar deste barbarismo no branco, a raça negra deve considerar-se como um elemento cooperador da civilização brasileira. Diz Joaquim Nabuco: «Para nós a raça negra é um elemento de considerável importancia nacional, estreitamente ligada por infinitas relações organicas a nossa constituição, parte integrante do povo brasileiro.»^[65] O mesmo escritor continua com a autoridade da sua competencia: «a parte da população nacional que descende de escravos é pelo menos tão numerosa como a parte que descende de senhores, isto quer dizer, que a raça negra nos deu um povo.»^[66] Ainda por este tempo a população negra elevava-se ao número de milhão e meio de almas^[67]; de 1831 a 1852 o tráfico transportou da África para as senzalas do Brasil um milhão de negros^[68], calculando a cifra anual em cinquenta mil. Era antropologicamente impossível, que este elemento não atuasse sobre a população branca, apesar do seu afastamento cruel. As músicas e danças populares, como as *sambas*, *xibas*, *batuques* e *candomblés*, o *vapatá* e o *caruru*, são a prova da influencia étnica do negro, no Brasil. Como é que as tradições populares e domésticas escapariam a influencia dessa raça no seu espontaneo fetichismo! Se o branco foi severo no seu afastamento do escravo negro, este obedeceu a sua tendencia afetiva, ligou-se a nova nacionalidade de que o fizeram cooperador. Sobre este ponto escreve Joaquim Nabuco: «A escravidão, por felicidade nossa, não azedou nunca a alma do escravo contra o senhor, falando coletivamente, nem criou entre as duas raças o ódio recíproco que existe naturalmente entre opressores e oprimidos.»^[69] Como os factos particulares confirmam as grandes leis naturais: a raça negra é essencialmente afetiva, e é este o carácter com que tem de ser trazida a

cooperação com as raças superiores da história. Augusto Comte expos este grande princípio sociológico, confirmado pelos antropologistas: «Pode-se já reconhecer que os negros são tão superiores aos brancos pelo sentimento como abaixo destes pela inteligência.»^[70] No desenvolvimento da nacionalidade brasileira confirma-se este facto da cooperação sentimental; diz Joaquim Nabuco: «Aliados de coração dos Brasileiros, os escravos esperaram e saudaram a Independência como o primeiro passo para a sua alforria, como uma promessa tácita de liberdade, que não tardaria a ser cumprida.»^[71] A relação étnica do negro com a pátria brasileira é vastíssima, como se ve pela abundância de *fábulas*, colhidas da tradição oral. Na Grécia a fábula era também considerada como proveniente de uma civilização negroide, donde a sua designação de *fábulas líbicas, etiópicas*, e a identificação de Esopo com *Aithiops*. A publicação moderna dos *Contos dos Zulus*, por Henry Callaway, veio esclarecer-nos sobre a evolução das formas tradicionais entre a raça negra, onde aparecem os contos do *Renard*, do *Petit Poucet*, e a elaboração de um fetichismo que perdeu a forma cultural. No Brasil existe nas festas do Natal e Reis Magos, o auto rudimentar do *Bumba Meu Boi*, análogo a festa do Boi Geroa, ou o *Muene-Hambu* dos Ba-Nhaneca, da África^[72]. Muitas das fábulas africanas da população negra do Brasil são populares em Portugal, como o *Cágado e a Festa no Céu*, *Amiga Raposa e Amigo Corvo*, o *Macaco e o Moleque de Cera*, o *Macaco e o Rabo*, o *Macaco e a Cabaça*. No romanceiro português é frequente a alusão a raça negra na nossa sociedade desde o século XV; no romance do *Conde Grifos*, se diz: «A um *pretinho* que tinha — Uma lança lhe há dado»; no romance da *Morena*, vem: «Manda os *pretinhos* a lenha — E as moças buscar água.» Ve-se que este elemento penetrou profundamente na sociedade portuguesa e que a sua prolongação no Brasil foi fortificada pela necessidade da exploração agrícola. Assim como o cruzamento do elemento negro com o indígena produz essa mestiçagem chamada o *cafuzo*, também as suas tradições num ou noutro ponto se encontram; a fábula da *Onça e*

o *Bode* (pág. 149) coligida em Sergipe acha-se na tradição dos indígenas do Juruá, coligida sob o título *O Veado e a Onça* (pág. 184) como a fábula do *Jabuti* aparece na África.

O elemento africano manifesta-se ainda por uma grande abundancia de superstições populares; em Portugal o preto conserva um prestígio mágico, empregado na venda das cautelas das lotarias, como também no século passado circularam profecias em nome do *Pretinho do Japão*. Entre as crenças populares portuguesas existe o costume de trazer uma oração escrita e dobrada dentro de uma pequena bolsa ao pescoço, a qual livra do raio, dos assassínios, de morrer afogado ou repentinamente, e de outros males. Em África a oração é essencialmente um remédio, que os feiticeiros exploram, tal como o descrevem minuciosamente Astley e Caillé. As superstições e medicina popular relacionadas com o elemento africano, não são tão simpáticas como os contos e fábulas provenientes do seu fecundo fetichismo, mas são dignas de se estudar como documento da situação de uma raça violentamente degradada.

3. — *Tradições das Raças Selvagens do Brasil*. — Todos os que tem coligido tradições populares conhecem o fenómeno psicológico de desconfiança ou de medo com que os depositários desses tesouros poéticos respondem as interrogações que lhes fazem; receiam descobrir essas reminiscencias queridas, julgam-se expostos ao ludíbrio dos indiferentes, tem medo as vezes que as suas palavras se tomem sortilégios com que os persigam. Isto que observámos durante a coleção do *Cancioneiro e Romanceiro Geral Portugues* e dos *Contos Tradicionais* repete-se com mais intensidade entre as raças selvagens. O Dr. Couto de Magalhães, no seu livro *O Selvagem do Brasil*, onde coligiu as principais tradições dos Tupi e Guarani, acentua este importante facto: «Todo aquele que tem lidado com homens selvagens, terá conhecido por própria experiencia o quão pouco comunicativos são eles em tudo quanto diz respeito as suas ideias religiosas, suas tradições e suas lendas domésticas. Eles tem medo que

o branco, o carina, se ria deles...»[73] Para vencer esta repugnancia do povo a revelar a sua tradição, a primeira condição é mostrarmo-nos conhecedores dela, repetindo fragmentos que estimulem a imaginação, e assim lhe recordem os trechos conservados inconscientemente na memória, e que familiarmente se fazem recitar de um modo espontaneo. Jacob Grimm, o grande colecionador das tradições populares da Alemanha, era também o homem que melhor conhecia o fundo poético e nacional das raças germanicas; Castren, o que mais conheceu os dialetos das tribos mongólicas, foi por isso quem melhor soube interrogar essas tribos e coligir-lhes as suas tradições dispersas. Com as tradições das raças selvagens do Brasil deu-se a mesma circunstancia; o Dr. Couto de Magalhães, além do seu carácter audacioso e empreendedor, conhece os diferentes dialetos da língua geral, e por este meio entrou na familiaridade dos que acidentalmente se destacaram da vida selvagem para o contacto da civilização brasileira. Com o conhecimento da forma amazónica do tupi é que o Dr. Couto de Magalhães penetrou depois na investigação das lendas, confrontando-as com outras que ouvira em Mato Grosso. Em alguns lugares do seu livro declara a fonte donde colheu as tradições: «Fui auxiliado no trabalho das lendas por um soldado do 2.º regimento de artilharia, que quase não falava o portugues.»[74] A guerra do Paraguai não deixou de ter influencia no estudo das raças selvagens do Brasil; diz o Dr. Couto de Magalhães, que durante essa guerra é que ouviu pela primeira vez, a bordo de um vapor no rio Paraguai, um marinheiro contar as Histórias do Jabuti, apenas com alguns aforismos ou anexins em língua tupi. Viajando depois para a foz do Amazonas, parou no Afuá ancoradouro de muitos barcos que navegam para o Ampá e Guana; ali ouviu de novo os *Contos ou Histórias do Jabuti*. Mais tarde voltando ao Pará, coligiu das versões orais de um marinheiro índio *mundurucu* algumas das lendas que lhe serviram de crestomatia para o seu livro[75].

Alguns destes contos são populares também nas províncias do interior do Brasil:

«Existem aqui nos corpos da corte, escreve o Dr. Couto de Magalhães, nada menos do que quarenta a cinquenta praças que falam o tupi, e corno são indígenas todos sabem de cor algumas lendas que figuram nesta coleção.» Essas lendas bem mereciam ser conhecidas, e pela forma que o Dr. Couto de Magalhães as introduziu no seu livro de balde se suspeitará que ali esteja arquivado um tão importante documento tradicional; a forma de tradução interlinear, sacrificando a construção portuguesa a inteligência da construção da frase tupi, é necessária para o trabalho gramatical, mas prejudica algum tanto a importância etnológica do monumento tradicional. Só tornando bem conhecidas as tradições das raças selvagens do Brasil é que se podem fazer comparações com as de outros povos selvagens, vindo assim a deduzir-se relações que talvez esclareçam problemas instantes da antropologia. Por exemplo: a fábula do *Jabuti*, que vence o Veado na carreira, foi também achada na África e em Sião, e já assim a interpretação sidérica dessas fábulas não será um esforço de crítica subtil e sem realidade. Também na coleção de fábulas africanas, publicadas pelo Dr. Bleek, com o título de *Reinche Fuchs in Africa*, encontra-se um conto dos indígenas de Madagáscar (pág. XXVII) e um conto dos Dama, ramo da raça cafre, com grandes analogias com o conto popular português do *Rabo de Gato*, dos *Contos Populares Portugueses*, n.º X, e na tradição popular da Sicília e de Otranto [76]. À medida que estes resultados comparativos se forem alargando, se chegará a determinar que um grande número de expressões míticas da nossa linguagem, e de contos populares representam um subsolo selvagem sobre que se formaram as nossas civilizações, da mesma forma que os etnologistas explicam hoje já a persistência das guerras e ainda os crimes individuais do assassinato e do latrocínio como formas de recorrência dos hábitos selvagens primitivos. Pelo desenvolvimento desta ordem de estudos, que já dotaram a filologia com o capítulo novo da linguagem generativa, e a etnologia com o problema das origens da família, é que se há de fundar a Ciência das Civilizações

Proto-Históricas, sobre que se basearam as civilizações superiores no seu período do empirismo espontâneo. Uma destas civilizações proto-históricas é a das raças cito-mongólicas, nome que talvez seja preferível para exprimir as raças turanianas, da mesma forma que os antropologistas propõem o nome de Siro-Árabes em vez de Semitas, e Indo-Europeus em vez de Árias. O pressentimento destas civilizações proto-históricas, que se distinguiram por um grande saber de indústria metalúrgica e por conhecimentos astronómicos, como entre os Acádios e Cuchitas, é que leva hoje alguns espíritos sugestivos a procurarem interpretar os mitos zoológicos das raças selvagens como expressões de factos siderais observados pela condição da sua situação geográfica. O professor Hartt, que também coligiu algumas lendas brasílicas no Tapajós, considera-as como velhas tradições astronómicas da raça tupi; no opúsculo *The Amazonian Tortoise myths* vem os elementos da sua interpretação sidérica, que o Dr. Couto de Magalhães aplica as fábulas do *Jabuti*. Transcreveremos as próprias palavras do ilustre etnólogo brasileiro em que segue o ponto de vista do Prof. Carlos Frederico Hartt: «É assim que a primeira lenda explicada pelo sistema solar, parece-me oferecer no Jabuti o símbolo do Sol, e na Anta o símbolo do planeta Vénus.

«Na primeira parte do mito, o Jabuti é enterrado pela Anta. A explicação parece natural, desde que se sabe que em certa quadra do ano Vénus aparece justamente quando o Sol se esconde no Ocidente.

«Chegado o tempo do inverno o Jabuti sai, e, no encalço da Anta, vai sucessivamente encontrando-se com diversos rastos mas chega sempre depois que a Anta tem passado. Assim acontece com o Sol e Vénus, que quando aparece de manhã, apenas o Sol fulgura ela desaparece.

«O Jabuti mata finalmente a Anta. Isto é, pelo facto de estar a órbita do planeta entre nós e o Sol, há uma quadra do ano em que ela não aparece mais de madrugada para só aparecer de tarde. O primeiro enterro do Jabuti é a primeira conjunção, aquela em que o Sol se some no Ocidente para deixar Vénus luzir. A

morte da Anta pelo Jabuti é a segunda conjunção, aquela em que Vénus desaparece para deixar luzir o Sol.» Estas interpretações astronómicas poderiam considerar-se simplesmente engenhosas ou gratuitas, se o Dr. Couto de Magalhães que andou muitos anos entre os selvagens do Brasil, não tivesse notado os seus conhecimentos de fenómenos astronómicos. O contacto com uma civilização completa como a quíchua, que possuía uma teologia baseada no culto solar, torna plausível esta interpretação, considerando esses conhecimentos tradicionais do selvagem brasileiro como vestígios de uma civilização interrompida. Vamos tentar o esboço dessa civilização rudimentar.

As raças da América do Sul foram classificadas por d'Orbigny em tres grandes troncos, Ando-Peruviana, Pampiana e Brasília-Guaraniana; esta divisão admitida por Prichard, condiz com um certo número de diferenciações, tais como: a dolicocefalia dos peruvianos característica das raças da América Setentrional, o desenvolvimento da grande civilização dos Quíchuas ou Incas sobre as ruínas de uma civilização mais antiga, porventura autóctone, dos Aymarás, resultando deste longo conflito a dispersão da raça pampiana em numerosos grupos ou hordas, que, ou não chegaram a assimilar os progressos realizados pelos Incas, permanecendo no estado selvagem, ou, se iniciaram essa cultura, regressaram por efeito das lutas a selvajaria primitiva[77]. A fragmentação das raças da América do Sul é um dos fenómenos que mais impressiona o antropologista, bem como a coexistencia de civilizações completas anteriores aos tempos históricos e estados selvagens que parecem uma regressão a animalidade primitiva. Na raça Brasília-guaraniana, a fácil tendencia para a sociabilidade revela-nos que entraram nas primeiras vias de um processo que foi interrompido por circunstancias especiais. De facto as raças do Sul caracterizam-se também pela sua braquicefalia, pela obliquidade dos olhos peculiar dos Mongóis, tendo também numerosas analogias étnicas com as raças nómadas da Alta Ásia. No seu grande trabalho *Crania americana*, o Dr. Morton

traz algumas indicações bem características para separarem as raças indígenas da América do Norte das da América do Sul; depois de descrever os crânios oblongos (dolicocefalos) do Norte, diz: «As cabeças dos Caraíbas, tanto das Antilhas como da terra firme, são também naturalmente arredondadas (braquicefalas) e, segundo as observações que pudemos fazer, este caráter persiste nas raças meridionais ainda, nas nações situadas a leste dos Andes...»^[78] Prichard não viu o alcance desta diferenciação cefálica estabelecida por Morton; nos modernos trabalhos antropológicos de Paul Broca, acha-se uma distinção igual entre os povos bascos espanhóis e franceses, o que parece fundamentar a existência dos dois tipos primitivos: o basco espanhol é dolicocefalo, e o basco francês é braquicefalo. Não admira pois que nas conquistas espanholas da América se estabelecesse uma fácil fusão do espanhol e regressão ao tipo indígena. Na América do Sul a braquicefalia também leva a compreensão de analogias excepcionais já observadas pelos antropologistas; diz Morton: «Entre os índios da América do Norte é raríssimo ver pronunciar-se nitidamente a obliquidade dos olhos, que é tão geral nos Malaios e Mongóis; mas Spix e Martius observaram-na em algumas tribos brasileiras, e Humboldt nas do Orenoco, etc.»^[79]

Falando da cor amarela, estatura mediana, fronte deprimida, olhos muitas vezes oblíquos, sempre elevados no ângulo exterior, das raças brasílio-guaranianas (Caribes, Tupi e Guarani), acrescenta Prichard: «Estas feições que pertencem as grandes raças nômadas da América do Sul, aproximam-se, como se ve, bastante das raças nômadas da Alta Ásia.»^[80] Também Spix e Martius acharam nos Caribes uma semelhança palpável com os Chineses^[81]; e falando das ideias religiosas dos Americanos, acrescenta Prichard: «Devemos fazer notar, que há sobre todos estes pontos uma grande analogia entre as opiniões dos Americanos e as dos Asiáticos do Norte.»^[82] Por tudo isto se pode inferir, que foi das raças nômadas da Alta Ásia que se destacaram essas migrações que entraram na

Europa antes dos Indo-Europeus, e que se conhecem pelo tipo braquicéfalo do basco frances; a coincidência da dolicocefalia do basco espanhol com o berbere, como notou Broca, revela-nos também o caminho por onde o turaniano da Ásia entrou no Sul da Europa vindo através da África, onde uma parte estacionou. É por isso que se torna legítima a comparação das canções provençais com os cantos acádicos e chineses[83], bem como com o fenómeno da persistencia da modinha brasileira[84], e o mesmo processo leva a grandes resultados aproximando o romanceiro peninsular ou as Aravias dos cantos históricos ou Yaravis do Peru[85].

Destas rápidas considerações antropológicas e étnicas somos levados a tentar estabelecer uma nova divisão entre a Pré-História e a História, a partir desde o tipo humano troglodita até as civilizações rudimentares, isto é, desde o desenvolvimento das condições de sociabilidade, especialmente da linguagem articulada. Depois deste estado, a que se chama Pré-História, deve estabelecer-se como intermédio para a História propriamente tal, uma fase de conexão evolutiva, já pressentida por Littré, a que chamaremos P roto - História: deve compreender as civilizações rudimentares acádica, cuchita, mexicana, peruviana, etrusca e chinesa. Se a Pré-História foi fundada pelos antropologistas, compete aos etnologistas o desenvolver a Proto-História pelo estudo comparativo dessas civilizações improgressivas, produzidas principalmente nas raças turanianas ou mais propriamente cito-mongólicas. Estes estudo só pode ser fundado pela contribuição da Mitografia, da Linguística, da Etnografia, da Cronologia, das Literaturas Tradicionais, das Artes Ornamentais e Técnicas, da Psicologia Comparativa e da Cosmografia; neste vasto complexo de ciencias concretas e subsidiárias da Proto-História, as superstições populares, as fábulas ou bestiários e os contos míticos são mais fecundos em resultados do que as comparações antropológicas. Vamos tentar a indicação dos contornos da Proto - História, em que devem ser estudadas as tradições das raças do Sul da América.

Entre as civilizações isoladas, que por esta condição material se tornaram improgressivas, ocupam um lugar importantíssimo depois do Egito e da China, as duas civilizações do México e Peru. É este o seu lugar na história da humanidade; talvez tão antigas como a do Egito, mas ainda mais isoladas pelo território, pela pureza da raça e por falta de estímulo de outros povos, estas devem ser estudadas antes do aparecimento das raças áricas, e sob um critério comparativo, como o vestígio mais completo da capacidade social do elemento turaniano. O conhecimento da China data na Europa da época da invasão dos Tártaros (1240) e especialmente depois da leitura das Viagens de Marco Polo; as maravilhas contadas pelo atrevido viajante italiano exaltaram a imaginação de Colombo, e este ousado navegador pensando que descobria o Catai ou a China, abordava ao continente desconhecido da América, onde existiam outras civilizações igualmente isoladas e com analogias profundas com a chinesa. Esta circunstancia casual que conduziu Colombo a descoberta da América, explica-nos também como o continente americano chegou a ser habitado por uma raça civilizadora, que nas suas expedições marítimas abordou inconscientemente a América pela corrente do Gulf-Stream. Essa raça primitiva é turaniana, e por isso os graus do seu progresso, mitos, literatura e arte, tem profundas analogias com as criações do génio chines.

As muitas relações étnicas entre o México e a Índia, nos mitos, nas tradições populares, nas formas simbólicas, não escaparam a sábios como Wilson, Tylor e Alexandre de Humboldt; o motivo dessas relações foi debalde procurado em comunicações históricas imediatas com as raças áricas supondo já a hipótese de uma migração do Nordeste da Ásia para o Noroeste da América, já a de uma comunicação entre os dois continentes por uma ponte de ilhéus no meio do estreito de Behring. A descoberta dos monumentos cuneiformes, e a leitura dos livros acádicos, restabelecendo a civilização turaniana, veio derramar uma luz imensa sobre a marcha evolutiva da humanidade. Onde as civilizações turanianas

foram absorvidas, como no Egito, Caldeia e Assíria pelas raças cuchito-semitas, ou na Índia pela raça árica, frutificaram; no México essa mesma civilização tornou-se improgressiva por falta de estímulo social. Como ramo turaniano, a civilização do México torna-se um facto claro pela comparação com as manifestações análogas dos outros ramos da mesma raça; a sua teologia é tão desenvolvida como no Egito, os seus mitos produzem epopeias como a de *Ghisdubar* em Babilónio, ou a do *Kalevala* na Finlândia; o seu teatro sai dos ritos litúrgicos, como na Índia, e também a sociedade é submetida a uma autoridade teocrática. Os costumes mexicanos ainda apresentam analogias com os de raças turanianas existentes; a superstição de não bulir no lume com uma faca, é turaniana, e por isso é comum aos Tártaros, aos índios Sinx da América do Norte, e aos habitantes da extremidade nordeste da Ásia entre os habitantes do Kamschatcka[86]; o mesmo rito aparece referido numa máxima pitagórica «Não bulir no lume com uma faca.» A reconstituição dessa grande civilização proto-histórica vem explicar a unidade de um certo número de tradições entre povos que não tiveram relações entre si nas épocas históricas. A civilização do México tem a importancia de nos mostrar em um grande número de instituições o génio criador da raça turaniana; e ao mesmo tempo como a precocidade da sua capacidade inventiva o conduziu a esterilidade e decadencia pelo seu remotíssimo isolamento que o subtraía a toda a pressão social. O mesmo facto se repete na vida histórica da China, talvez o mais vetusto dos ramos turanianos, que estacionou no familismo pelo seu isolamento na extrema Ásia.

No seu pequeno estudo sobre os *Usos e Costumes*, Max Müller cita este, que se conserva ainda na ilha de S. Miguel: «Há, nas tradições populares da América Central, a história de dois irmãos, que na ocasião de partirem para uma perigosa viagem no país de Xibalba, onde seu pai morrera, plantam cada qual um canavial no meio da casa de sua avó, para que ela possa saber, vendo as canas florirem ou secarem-se, se os seus netos são vivos ou mortos. A mesma concepção se encontra

exatamente nos contos de Grimm. Quando os dois filhos de ouro querem ir ver o mundo e deixarem seu pai, este, com tristeza lhes pergunta como poderá saber novas deles; responderam: Nós vos deixaremos dois lírios de ouro. Por meio deles vós podereis ver como passamos. Se estiverem viçosos, é porque nós passamos bem; se emurhecemos, é porque estamos doentes; se caírem ao chão, é porque somos mortos. — Grimm indica a mesma ideia nos contos indianos. Ora tal ideia é bastante extraordinária, e muito mais ainda o encontrará-la simultaneamente na Índia, na Alemanha e na América Central. Se ela se encontrasse somente nos contos indianos e germanicos, poderíamos considerá-la como uma antiga propriedade ariana; mas quando a encontramos na América Central, só nos restam dois meios de sair da dificuldade: ou é preciso admitir que houve, numa época recente troca de ideias entre os colonos europeus e os noveleiros indígenas da América... ou então se não existe algum elemento inteligível e verdadeiramente humano nesta suposta simpatia entre a vida das flores e a dos homens.^[87] » O facto da existencia simultanea na Índia e no México de uma tal tradição, conduz a determinar a única filiação histórica possível e confirmada hoje na ciencia. Antes da civilização ariana existiu na Ásia a civilização turaniana, que lhe serviu de base de desenvolvimento; nos costumes do México conservam-se também muitas formas comuns as raças tártaras e basca, que são de origem mongoloide; além disso na Europa, os elementos basco, turco, magiar e finlandes são os restos da primitiva civilização proto-histórica turaniana. O costume supracitado é uma revivescencia de crenças de uma raça que foi repelida da Europa Central pelas migrações indo-europeias, revivescencia motivada pela tradição de origem turaniana trazida da Ásia Central. Max Müller explicava estas analogias por motivos subjetivos do sentimento humano «e que não é necessário admitir uma relação histórica entre os Aborígenes do Guatemala e os Arianos da Índia e da Alemanha.»^[88] Diante da descoberta dos monumentos acádicos e da reconstrução da civilização

turaniana, a verdade está do lado da realidade histórica.

Creemos ter aqui provado o grau e condição de superioridade das raças selvagens do Brasil, pelas suas relações antropológicas com a grande raça amarela. A mestiçagem com este elemento indígena deu na nacionalidade brasileira populações ativas e individualidades dotadas de um grande sentimento artístico. A raça amarela, como a caracterizam os antropologistas, é essencialmente ativa. A cooperação das tres grandes raças humanas, a árica pela capacidade *especulativa*, a negra pela sua superioridade afetiva, e a indígena pelo tendencia *ativa*[\[89\]](#), unificando-se no facto social da nacionalidade brasileira, fazem-nos augurar qual será a extraordinária grandeza da civilização sul-americana, de que o Brasil tem já a hegemonia. As tradições aqui reunidas representam o que os Romanos designavam como ídoles dessa assimilação organica, que se tornará consciente.

PARTE I - CASOS DA
TRADIÇÃO POPULAR

SECÇÃO I

CONTOS MÍTICOS DA
AURORA, DO SOL E DA NOITE

A CARA DE BOI

Era um rei, que tinha tres filhos. Um dia disse:

— Pois, filhos! ide correr o mundo; aquele que trazer a mulher mais formosa é que há de ficar com o meu reino.

Partiram; os dois irmãos mais velhos acharam logo duas raparigas muito formosas, com quem se casaram. Uma era filha de uma padeira e a outra de um ferreiro. O mais novo andou por muitas terras, sem encontrar mulher que lhe agradasse.

Indo um dia por um escampado, cheio de fadiga, desceu do cavalo e deitou-se a uma sombra. Deu-lhe então na vista uma casa muito alta sem porta nenhuma, e só lá bem no alto é que tinha uma janela. Esteve ali muito tempo, até que viu aparecer uma velha, que chegou ao muro da casa, bateu na parede e disse:

Arcelo! arcelo,
Solta o teu cabelo
Cá abaixo de repente;
Quero subir imediatamente.

Foi então que ele viu desenrolar-se da janela uma trança de cabelo tão comprida, que ficou espantado com a sua beleza. A velha pegou-se a ela como se fosse uma corda e subiu para dentro de casa. Pouco depois a velha tornou a sair, e o cavaleiro tendo desejo de ver de quem seria a trança, chegou-se a parede, bateu e repetiu as palavras:

Arcelo! arcelo,
Solta o teu cabelo
Cá abaixo de repente;

Quero subir imediatamente.

A trança desenrolou-se pela janela abaixo, e o rapaz subiu. Ficou pasmado quando viu diante de si a cara mais linda do mundo. A menina deu um grande ai de surpresa e aflição:

— Vá-se embora, senhor! que pode vir minha mãe, e tem artes de lhe causar todos os males que há.

— Não vou, sem a menina vir comigo; porque eu assim ganho o reino de meu pai. E se não quiser vir, lanço-me desta janela abaixo.

Desceram ambos pela parede, e fugiram a toda a pressa no cavalo que estava folgado a sombra. Ainda não iam longe, quando ouviram uma voz:

— Para! para, filha cruel! Não me deixes só no mundo.

E como a menina fosse sempre fugindo com o príncipe, a velha disse-lhe:

— Olha para trás, ao menos, para receberes a benção de tua mãe.

Assim que a menina se virou para trás, ela disse-lhe:

— Eu te fado, que essa cara linda que tens se torne uma cara de boi.

Coitadinha! ficou logo como um boi.

Assim que o príncipe chegou a corte, puseram-se a rir daquela figura horrenda, sem saber como ele se tinha apaixonado por cara tão feita, que fazia fugir. O príncipe contou a sua desventura aos irmãos, mas quem é que se fiava? Estava quase a chegar o dia em que os tres irmãos teriam de apresentar as suas esposas diante de toda a corte, para se assentar qual era a mais linda, e qual deles é que havia de ficar com o reino.

A rainha velha tinha muita pena do filho, e lembrou-se de fazer demorar a cerimónia, para ver se a velha com o tempo perdoava a menina e lhe restituía a sua formosura.

Disse a rainha, que queria que antes da cerimónia da corte cada uma das suas

tres noras lhe bordasse um lenço. A filha da padeira e a do ferreiro não sabiam bordar, mas trataram de enganar a rainha, arranjando quem lhes fizesse os bordados; a que tinha cara de boi pos-se a chorar, e tanto chorou que lhe apareceu a velha, e disse:

— Não te rales mais; no dia em que tiveres de entregar o lenço a rainha eu cá to virei trazer.

Chegou o dia; a velha veio entregar-lhe uma noz muito pequenina. A Cara de Boi foi levá-la a rainha, dizendo que ali estava o seu lenço. A rainha quebrou a noz e ficou pasmada com a mais fina cambraia, bordada com flores, ramos e aves.

Chegou o dia de irem a corte para serem apresentadas as tres noras do rei; a Cara de Boi pos-se a chorar, a chorar, até que lhe apareceu a velha que era sua mãe:

— Não chores mais; trago-te aqui um vestido para a festa. — Desdobrou-o; era todo bordado de ouro e pedrarias; a filha vestiu-o, mas quanto o vestido era lindo, tanto ela ficava mais horrenda. E pos-se a chorar, a chorar cada vez mais.

Quando já todos tinham entrado para a sala, faltava só ela; a velha disse-lhe:

— Vai agora tu.

A filha obedeceu, mas ia muito triste por ver-se tão medonha. Quando ia pelo corredor do palácio, a mãe disse-lhe cá de longe:

— Olha para trás.

E assim que a filha voltou a cara, continuou:

— Fica com a tua formosura. Mas não te esqueças de meter nas mangas todos os bocadinhos de toucinho que puderes, para me dar.

Então ela entrou na sala pelo braço do marido, e todos ficaram pasmados. A corte logo confessou que ela é que era a mais linda; e daí foram todos para a mesa do banquete. Enquanto estiveram jantando a menina não fazia senão

meter bocadinhos de toucinho nas mangas do vestido; as outras duas que a viam fazer aquilo trataram de fazer o mesmo, pensando que era moda. Acabado o jantar, começaram as danças; mas a rainha ao ver o chão todo besuntado de gordura, e que a cada passo se escorregava em bocados de toucinho, perguntou quem é que fizera tamanha porcaria. As duas damas disseram que o viram fazer a princesa herdeira, e por isso fizeram o mesmo. Começou cada uma a sacudir as mangas dos vestidos, e das mangas da menina começaram a cair aljofres e diamantes misturados com flores; as outras envergonhadas botaram-se pela janela fora, pelas escadas, corridas, e a que chamavam Cara de Boi é que veio a ser a rainha, porque o rei velho entregou a coroa ao filho mais novo.

(Algarve — Faro)

NOTA: A donzela a evidentemente o mito da Aurora, como se comprova pelo estribilho *Arcelo, Arcelo*; em um romance popular do Algarve, intitulado *D. Carlos de Montalvar*, coligido pelo folclorista Reis Damaso, le-se o verso: «Não permita Deus d’Arcelo» por Deus del ciclo. (*Enciclopédia Republicana*, p. 204, Lisboa, 1882.) A velha, que torna feia a menina e a Noite, e o jovem amante que a arrebatou e o Sol. No Catalogo de Barrera y Leyrado, cita-se um Auto de Gil Vicente (o neto do poeta, Gil Vicente de Almeida, ou da Torre) intitulado *A Donzela da Torre*, porventura baseado sobre este tema mítico comum aos outros povos românicos. Nos *XII Conti pomiglianesi*, illustrati da Vittorio Imbrianni, Napoli, 1877, acha-se este conto desenvolvido sob o título de *Persillette*, no qual a donzela fechada na torre, a madeixa que serve de escada e a fuga com o namorado são simples episódios. A tradição portuguesa está mais pura na sua simplicidade, enquanto o conto de Pomigliano é formado pela confusão de diferentes contos, como o da *Filha do Rei Mourão* (p. 14). O tema do

filho de um rei que vai procurar uma mulher formosa, condição essencial para suceder no reino do pai, acha-se na novela monferrina *La bella d' Pisoule Fourtiuna*, publicada por Stanislao Prato (Como, 1882) com notas de abundantíssimos paradigmas. Nas *Quattro novelline popolari Livornese*, do mesmo escritor, na terceira *II re e su tre figlioli*, há também este mesmo tema, em que a encantada é uma rã que depois aparece numa mulher bonita. Pertence a um vastíssimo ciclo novelesco comum a toda a Europa, o que coincide com o seu evidente sentido mítico. Da importante nota de Stanislao Prato a este conto (pp. 136 a 144), transcreveremos a indicação das principais coleções em que ela se encontra: Imbrianni, *La Novellaja fiorentina*, n.º 20, *I tre fratelli*; Pitré, *Fiabe e Novelle popolari siciliane*, n.º 46, *La limuruta*; Corazzini, *Componimenti*, n.º 18: *A ranaottola*; Comparetti, *Novelline popolari*, n.º 4 e 48, *La moglie trovata colla from-bola*, e *Le scimmie*; Visentini, *Fiabe montovane*, n.º 48, *La rana*; Gianandra, *Novelline e fiabe popolari Marchigiani*, n.º 4, *El figlio del re, che sposa 'na ranocchia*. Em Espanha, no *Rondellaire ou quentos populars catalans* de Maspons y Labrós: *La princesa encantada*. Em França, nos *Contes de fées*, de M.me d'Aulnoy, *La chatte blanche*; e na revista *Melusina*, t. I, p. 64, *Les trois fils du roi, ou le bossu et ses deux freres*. Nos povos germanicos e eslavos, escandinavos, este ciclo novelesco é extensíssimo, como se infere dos estudos comparativos do Dr. Reinhold Kohler, o que mais profusamente tem investigado estes assuntos; ele encontrou paradigmas fundamentais nas coleções de Bürching, Hylten-Cavallius, Grimm, Beauvois, Jonson, Kattan, Asbjornsen, Toppen, Schwartz, Ey, Stefanovic, Radloff, Colshorn, Hahn, Zingerle, Benfey, Chavannes, Afanasieff, Bohmer, Peter e outros.

Nos *Portuguese Folk-Tales*, coleção de Consiglieri Pedroso, e tradução de Ralston vem com o título *A Filha da Feiticeira*, n.º IV, muito desenvolvido, e contendo no seu sincretismo, os de pp. 1, 14, 42 e 70, que coligimos

separadamente e em diferentes lugares. Ralston compara esta versão com o conto *The story of Sringabhujá and the Daughter of the Rackshasa*, que vem no vil livro do *Kathá Sarit Ságara* (vol. 1, pp. 335-367), tradução de Tawney. Na versão do Algarve cita-se uma noz dentro da qual cabe o lenço bordado para a rainha; Gubernatis, diz: «A noz que esconde a fazenda de que se faz o vestido do noivado para a esposa do príncipe solar, a Aurora, parece ser propriamente a Lua. Por influencia dela a donzela perseguida escapa ao poder mágico da mãe-bruxa e apresenta-se vestida com vestes esplendidas na festa do príncipe. O vestido luminoso, imagem do céu, é tão ténue, tão subtil, que pode desdobrar-se sem fim.» (*Mythologie des plantes*, t. I, p. 145).

O VELHO QUERECAS

Eram tres irmãs, muito pobres, que viviam do seu trabalho aturado. Naquela terra havia uma casa em que ninguém queria habitar porque lá dentro ouviam-se de noite grandes gritos e terrores; as raparigas, para pouparem o aluguer, foram pedir para as deixarem morar naquela casa. A mais nova, como mais animosa, foi a residir para o último andar.

Uma noite, mal se tinha acabado de deitar, ouviu uma voz gritar:

— Eu caio!

— Pois cai! — respondeu-lhe a rapariga.

De um buraco do teto caiu uma perna. Depois soou de novo o mesmo grito:

— Eu caio!

— Pois cai! — repetiu a rapariga; e assim foram caindo os braços, o tronco, até que afinal achou diante de si um homem já muito velho e calvo.

O velho chegou-se próximo da rapariga, e perguntou-lhe:

— Não tens medo de mim?

— Não.

— Fazes muito bem; és a primeira e única pessoa que resiste ao medo de me ver. Em paga de tua coragem toma lá esta bolsa e quando te vires nalguma aflicção diz sempre: «Valha-me aqui o velho Querecas».

O dinheiro da bolsa nunca se acabava, e as tres irmãs começaram a viver com largueza. No entretanto a mais nova começou a sentir que por mais que se fechasse no seu quarto parecia-lhe que sentia meter-se alguém na cama com ela. Lembrou-se se seria o velho Querecas e teve uma certa repugnancia: mas para

certificar-se, uma noite acendeu de repente a luz, e viu deitado ao pé dela um mancebo formoso, que estava adormecido. Estava tão embebida a olhar para ele, que lhe caiu um pingo de cera na cara. O mancebo acordou de repente, e disse:

— Ah! desgraçada, o que fizeste! Dobraste-me o encantamento, que estava quase no fim! Agora não me tornas mais a ver.

A menina chorou muito, e ainda mais quando conheceu o estado em que se achava. Lembrou-se então do segundo dom, e disse:

— Valha-me aqui o velho Querecas.

— Aqui estou já, e bem sei porque me chamas. Há só um modo de remediar o mal que a ti mesmo fizeste. Toma lá estes tres novelos, e vai andando sempre sempre até onde eles se acabarem; aonde quer que seja, pede que te deem aí pousada do ar da noite.

A rapariga chorou por ter de deixar as irmãs, mas o que ela queria era quebrar o encantamento daquele moço; foi andando, até ir dar ao fim de muito tempo a um palácio cercado de um vistoso jardim. Espreitou pelo buraco da chave, e viu lá dentro uma sala com muitas mulheres trabalhando em lindos vestidos de noivado, e fazendo as roupinhas de uma criança. Teve receio de bater aquela porta, e foi rodeando o palácio, até que encontrou o hortelão, a quem pediu pousada.

O hortelão respondeu-lhe:

— Voce sabe em casa de quem está, para vir assim pedir pousada?

— O que sei é que já me não tenho de cansada; e é por uma esmola.

O hortelão teve dó da rapariga e deu-lhe um canto no palheiro; ela deitou-se mais morta que viva, e ali mesmo deu um menino a luz. Tudo aquilo se transformou num quarto muito aseado e rico. Quando o hortelão veio ao outro dia, ficou pasmado com o que viu. Foi dar logo parte a rainha, que também quis certificar-se da maravilha.

Quando chegou ao lugar em que estava a menina, deu um grito ao ver a criança:

— Oh senhora! quem é o pai deste menino?

A rapariga ficou muito envergonhada por não poder logo dizer-lo; no meio da sua confusão contou o caso de velho Querecas. Foi então que a rainha se lembrou:

— Esse menino é o retrato de meu filho, que me desapareceu, sem eu nunca mais saber dele nova má nem boa.

A rainha levou a rapariga para o palácio, tratou de lavar a criança, e quando a despiu achou-lhe nas costas um grande sinal. Reparou, e viu que era um pequeno cadeado com uma chavinha. Quis ver se o abria, mas com receio disse a mãe que experimentasse a ver se dava volta aquela chavinha. Logo que a mãe pegou na chave abriu o cadeado, e imediatamente se quebrou o encantamento do príncipe, que deveu a sua liberdade ao animo daquela rapariga com quem casou logo.

(Algarve)

NOTA: À parte os episódios comuns a muitos contos, e este uma das formas do mito de Psique. Gubernatis, na *Mythologie zoologique* (t. I, p. 437), traz uma variante deste conto coligida em Fucecchio, na Toscana, em que o desencantamento do príncipe a devido a coragem da donzela. As circunstâncias episódicas divergem e pertencem a outro ciclo novelesco. Um conto coligido em Cosenza, na Calábria, por Greco, traz o episódio do ruído noturno, do pingo de cera que acorda o mancebo, e do novelo que deve guiar a menina a busca do amante. (Gubernatis, *op. cit.*, t. II, p. 301, nota 2). Estas uniões misteriosas acham-se ainda com caráter mítico, no *Harivansa*, entre Urvasi e Pururavas, e no *Maabarata*, entre Çantana e a ninfa das águas; na lenda grega de Psique, Eros desaparece, quando acorda por causa do pingo de azeite que caiu da

lâmpada a cuja luz foi visto. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 183, cita contos pertencentes a este ciclo na coleção sueca de Cavallius e Stephens, *Svenska Folk-Sagor och Aeventyr*, traduzida por Thorpe, e na coleção norueguesa de Asbjornsen e Moe, traduzida por George Webbe Dasent, aparece o episódio do pingo de cera.

Sobre o evidente caráter mítico destas tradições, acrescenta Brueyre: «Em todas estas narrativas a felicidade dos amantes não é de longa duração, porque, apesar da fé jurada, a promessa é sempre violada, e aquele dos amantes a quem o outro faltou a palavra, é forçado a desaparecer, não obstante o ardente amor que o consome. M. Cox demonstra que as lendas desta natureza são a *representação do mito celeste do Sol seguindo a Aurora*, ou reciprocamente. Muitas vezes depois da violação da promessa e da separação dos amantes o mito continua.» (*Op. cit.*, p. 184). Em um artigo sobre a História do Japão, cita-se também a lenda análoga a de Psique: «Uma parenta do imperador era a esposa do deus Omonomichi. Ele jamais aparecia aos olhos da princesa, pois não se encontrava com ela senão nas trevas. Uma noite ela lhe disse: — Ainda me não foi dado olhar para a tua face; rogo-te que fiques comigo até pela manhã, para eu ter a felicidade de te contemplar.

«Tanto lhe rogou, com tal ternura e tais carinhos, que o esposo cedeu e prometeu-lhe que ficava. Por fim, as primeiras claridades da Aurora entraram no aposento da impaciente princesa, mas qual foi o seu espanto quando ela descobriu, no leito, uma serpente enroscada! Soltou um grito de pavor, e a serpente transformou-se logo num jovem formosíssimo, que lhe disse com expressão de dolorosa melancolia: — Nunca mais, agora, hei de poder estar contigo. E desapareceu. Abatida por tristeza incurável a esposa solitária foi pouco a pouco decaindo até falecer de paixão.» (Do viajante português Mesnier, *Atualidade*, n.º 241, do ix ano). O despertar por meio de um raio de luz é frequente, como na *Bela Aurora* (Spoleto) e *La Bella Rosalinda dai capelli d'ori*, e

na novela dinamarquesa de Grandtovic (Stanislao Prato, *Quattro novelline*, pp. 156 e 157). Sobre as origens míticas indo-europeias deste conto, vide Gubernatis, *Piccola Enciclopedia Indiana*, p. 175, em que discute a simultaneidade da representação da Aurora e da Nuvem que desaparecem quando o Sol se mostra. Este ciclo do Amor e Psique foi estudado por F. Liebrecht, *Zur Volkskunde (Amor und Psyche)*. Na versão do Algarve há o episódio do corpo que cai aos pedaços, para experimentar a coragem da menina; a comum a vários contos, e acha-se na lenda de Atenodoro (ap. Alexander ab Alexandro, lib. III, cap. 12), que o padre Manuel Consciencia traduziu na sua *Academia Universal de Erudição*, p. 545.

O SURRÃO

Era uma vez uma pobre viúva, que tinha só uma filha que nunca saía da sua beira; outras raparigas da vizinhança foram-lhe pedir que, na véspera de São João, deixasse ir a sua filha com elas para se banharem no rio. A rapariga foi com o rancho; antes de se meterem no banho, disse-lhe uma amiga:

— Tira os teus brincos e põe-nos em cima de uma pedra, porque te podem cair na água.

Assim fez; quando estavam a brincar na água passou um velho, e vendo os brincos em cima de uma pedra, pegou neles e deitou-os para dentro do surrão.

A rapariga ficou muito aflita quando viu aquilo, e correu atrás do velho, que já ia longe. O velho disse-lhe que entregaria os brincos, contanto que ela os fosse buscar dentro ao surrão. A rapariga foi procurar os brincos, e o velho fechou o surrão com ela dentro, botou-o as costas e foi-se de vez. Quando as outras moças apareceram sem a sua companheira, a pobre viúva lamentou-se sem esperança de tornar a achar a filha. O velho, ao passar a serra, abriu o surrão e disse para a pequena:

— Daqui em diante hás de me ajudar a ganhar a vida; eu ando pelas ruas, a pedir, e quando disser:

Canta, surrão;

Senão levas com o bordão...

tens de cantar por força. Toma tento.

Por toda a parte por onde o velho passava todos ficavam admirados daquela maravilha. Chegou a uma terra aonde já corria a notícia de um velho que fazia

cantar um surrão, e muita gente o cercou para se certificar. O velho depois que viu que já estavam bastantes curiosos juntos, levantou o pau e disse:

Canta, surrão;
Senãoavas com o bordão...

Ouviu-se então um canto, que dizia:

Estou metida neste surrão,
Onda a vida perderei,
Por amor dos meus brinquinhos
Que eu na fonte deixei.

As autoridades tiveram conhecimento daquele caso e trataram de ver aonde é que o velho pousava; foram ter com uma vendeira, que se prestou a deixar examinar o surrão quando o velho estivesse dormindo. Assim se fez; lá encontraram a pobre rapariga, muito triste e doente, que tudo contou, e então é que se soube do caso da viúva a quem tinham furtado a filha. A pequena saiu com as autoridades, que mandaram encher o surrão de todas as porcarias, de sorte que quando o velho foi ao outro dia mostrar o surrão, este não cantou; deu-lhe com o bordão, e então derramou-se pelo chão toda aquela porcaria que o povo lhe obrigou a lamber, sendo dali levado para a cadeia, e a menina para casa de sua mãe.

(Algarve)

NOTA: A lenda cristã de St.^a Margarida, engolida por um Dragão, representa a luz solar escondida pela noite. Pertence a este ciclo, como observa Tylor, a história do *Petit Chaperon rouge*, em França e Inglaterra: «Na Alemanha as velhas conservam-no com toda a sua pureza. Segundo a sua narrativa, o lobo engole a encantadora criança, vestida com o seu brilhante manto de cetim vermelho, e a sua avó; mas elas saem incólumes da barriga do

animal que um caçador abriu enquanto ele dormia. Acha-se um conto parecido na coleção de Grimm, em que se pode igualmente reconhecer o mito do Sol. Como no *Petit Chaperon rouge*, abre-se a barriga do lobo e enche-se-lha de pedras.» Tylor, *Civilisation Primitive*, t. I, p. 390. Aparece em frances nos *Contes populaires lorrains* t. II, pp. 202 e 363, de Emm. Cosquin, *L'homme au pois*; e em Fernan Caballero, *El Zurrón que cantaba*, t. II, p. 72. Sobre o carácter mítico deste conto, aplicamos o dito de Gubernatis:

«O saco representa um importante papel na tradição do herói escondido ou perseguido; este saco é a Noite, ou a Nuvem (o inverno), etc.» *Mythologie zoologique*, t. I, pp. 255 e seg. E em outra passagem, acrescenta: «Achamos aqui não somente a heroína que foge, mas a heroína que viaja; esta heroína é a Aurora...» (p. 259). Nos romances populares portugueses há donzelas metidas em esquifes de vidro ou deitadas ao mar em cofres. Nos costumes domésticos, as crianças são intimidadas com a ameaça de um velho que vem e as leva num saco. O surrão é o saco de couro das tradições indo-europeias e dos costumes jurídicos da penalidade simbólica medieval.

Emm. Cosquin, nos *Contes populaires de Lorraine*, vol, II, pp. 205 a 214, trata este conto comparado com versões italianas, provençais hanoverianas, russas, calmuças, indianas, anamitas e africanas, entre as quais cabe esta versão portuguesa.

A SAIA DE ESQUILHAS

Um homem rico tinha tres filhas, e costumava ir passar o verão com elas para o campo; ao voltar para a corte ficou a filha mais velha, que era muito esperta, encarregada de arranjar a bagagem. Depois de ter tudo arrumado e pronto para partir, foi ter com a caseira da quinta, que andava no arranjo da sua casa. Em cima de uma caixa estava uma roca com estopa, e a menina pegou nela para se entreter:

— Menina, não pegue nessa roca; pode meter alguma pua pelas unhas, e olhe que faz grandes dores.

A velha continuou a governar a sua casa, quando sentiu um grito; veio ver o que era. Era a menina que tinha caído desmaiada, sem sentidos. Deu-lhe a cheirar alecrim, alfazema, mas ela não voltava a si. Apoquentada com aquela desgraça, escondeu a menina, e logo que anoiteceu foi deitá-la na tapada real; pos-lhe uma almofada para recortar a cabeça e cobriu-a com uma manta, fingindo que estava ali a dormir. Passado outro dia foi lá ver se a menina teria dado acordo de si. Nada. Calou-se muito calada e voltou para sua casa.

O príncipe costumava sempre andar a caça, e num dia recolheu-se aquela tapada, porque lhe anoiteceu depressa; mas foi grande o seu espanto quando descobriu ali uma menina muito formosa, a dormir, sozinha. Esteve primeiro a olhar para ela muito tempo; já se tinha- apaixonado, e quis acordá-la; ela estava corada e risonha, mas não se movia. O príncipe quis acordá-la, porque bem conhecia que não estava morta, queria-lhe falar. Foi tudo impossível. Ali ficou junto dela, e todas as vezes que podia, fingia que ia para a caça, mas não fazia senão vir sentar-se para o pé da menina, que ele já amava com loucura. Só o

criado que o acompanhava é que sabia do segredo. O príncipe vinha a corte de fugida só quando era preciso, e tornava para a tapada, onde guardava a menina adormecida, que mesmo assim veio a ter tres filhos.

As crianças foram crescendo, e cada vez se tornavam mais encantadoras; mas o príncipe tinha uma grande pena de a mãe estar naquele estado.

Um dia; andando um dos pequeninos a brincar em cima da cama, começou a pegar nas unhas da mãe, e por acaso, sem saber como, fez-lhe saltar da unha a pua que causara aquela doença. O príncipe, que estava ali, ficou maravilhado por ve-la mexer-se logo e começar a falar e a beijar os filhos, como se tivesse voltado a vida. O príncipe, contou-lhe tudo como se tinha passado até ali, e disse-lhe que os seus tres filhos se chamavam Cravo, Rosa e Jasmim. A rainha já andava desconfiada daquelas ausencias do filho, e tratava de ver se descobria alguma coisa.

Uma ocasião, o príncipe teve de ir a uma grande feira, e perguntou a sua namorada se queria que lhe trouxesse de lá alguma coisa; depois de muitas instancias sempre disse:

— Pois traze-me de lá uma saia de esquilhas.

Não havia lá isso; mas o príncipe mandou-a fazer de propósito; era uma saia cheia de guizos, que tintilintavam. A menina ficou muito contente com a lembrança. Mas a rainha, que maquinava a sua vingança e que pelo pajem que acompanhava o filho já sabia tudo, fez com que o príncipe se demorasse muitos dias na corte. O filho, com medo do génio ruim da rainha, não dizia nada, mas andava cheio de saudades; foi de uma vez que ela lhe ouviu um suspiro:

— Ai de mim!

Cravo, Rosa e Jasmim.

Isto lhe confirmou a verdade; a rainha chamou o pajem e disse-lhe:

— Vai já, quando não mando-te matar, e traze-me aqui o menino Cravo. Dize

lá a minha nora que é ordem do príncipe, que me contou tudo.

O pajem trouxe o menino; mas a velha rainha entregou-o a criada, dizendo:

— Ensopa-me esse menino para o jantar.

Quando o filho estava jantando, e com fastio, porque andava muito triste, a mãe disse-lhe:

— Come, come, que teu é.

Passados dias a rainha deu ordem ao pajem para ir buscar a menina Rosa. Seguiram-se as mesmas coisas. Depois deu ordem para lhe trazer o menino Jasmim. O príncipe já andava doente, e a velha rainha, dizia-lhe sempre a mesa:

— Come, come, que teu é.

Por fim, não contente ainda desta vingança, mandou dizer a nora, que viesse a corte, porque a queria casar com o seu filho. A menina que já andava morta de saudades, por se ver sem os seus filhos, vestiu-se a pressa com a sua saia de esquilhas e partiu para a corte. A rainha estava a espera dela e assim que a viu, deixou-a entrar para um corredor, e lançou-lhe as unhas furiosa para a afogar. A menina lutou para ver se lhe escapava, e quanto mais lutava, mais barulho fazia a saia de esquilhas.

O príncipe, que estava de cama, assim que ouviu aquele som lembrou-se de sua mulher e levantou-se para ir ver o que era. Viu a rainha querendo estrangular a nora. Chamou gente; e foi então que se soube das ordens que a rainha tinha dado para matarem os netos. O príncipe ainda ficou mais aflito e começou a gritar:

— Ai de mim!

Cravo, Rosa e Jasmim.

Foi então que a criada da cozinha disse que não tinha cumprido as ordens da rainha e que tinha escondido os meninos. A rainha foi condenada, e o pajem sentenciado a morte, e a cozinheira em paga foi feita dama da nova rainha.

(Algarve)

NOTA: O vestido com escamas de ouro com que a menina escapa a ferocidade da sogra é a Aurora depois que brilha vencendo a escuridade maligna da Noite. É um tipo geral deste ciclo novelesco. No conto hindu intitulado *Sourya-Bai*, da coleção *Old Deccan Days*, de Miss Frere, a menina fica com um sono letárgico por causa de um espinho, e é lançada num poço por outra mulher que a ve amada por um príncipe. Sobre o carácter mítico deste conto pode aplicar-se a consideração de Husson sobre o citado conto hindu: «Temos nesta narrativa o novo exemplo do mito da mulher picada por um espinho ou por uma ponta aguda, e caindo em um sono letárgico de que é tirada por um príncipe amoroso. Um outro mito se lhe sobrepõe, o de uma rival ou irmã ciosa, que personifica a hostilidade da escuridão contra a luz da primavera contra o inverno; e nesta fase de desenvolvimento novas peripécias se manifestam entre uma morte aparente e um regresso persistente a vida.» (*La chaine traditionnelle*, p. 109). Nos *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, 1879, o conto XXXV, *Os Sapatinhos Encantados*, versa sobre um sono letárgico com algumas relações no fim com o nosso.

AS TRÊS FADAS

Era uma vez uns casados que não tinham filhos, e viviam por isso muito descontentes. A mulher foi-se confessar ao Padre Santo António e contou-lhe o seu desgosto. O santo deu-lhe tres maçãs, para que as comesse em jejum. A mulher chegou a casa, pos as tres maçãs sobre a cómoda, e foi arranjar o almoço. O marido vindo de fora encontrou as tres maçãs e comeu-as.

A mulher foi outra vez falar com o santo, que lhe disse:

— Pois os trabalhos por que tinhas de passar, o teu marido que os passe.

Chegado o tempo o homem começou a gritar; chamou-se pessoa entendida, e abriram-no para o aliviar. O homem desesperado mandou deitar a criança no monte. Uma águia desceu do ar e levou a criança no bico e lá a criou com o leite que ia tirar as vacas que andavam pastando, e agasalhava-a com a roupa que pilhava pelos estendedouros. Fez-lhe uma casinha de palha, e ali se criou a pobre criança, que se tornou uma menina bem formosa.

Um dia passou por aquelas montanhas um príncipe que andava a caça; viu aquela menina tão linda, e perguntou-lhe se ela queria ir com ele. Respondeu que sim. Quando a meteu na carruagem, acudiu a águia para lha tirar, mas não podendo ainda lhe vazou um olho. A menina ficou com aquele grande defeito, mas o príncipe não deixou de a amar. Levou-a consigo e escondeu-a no seu quarto no palácio. A rainha desconfiada de ver o filho sempre fechado no seu quarto, quis saber o que seria, e combinou uma grande caçada, que durava dias. Foram todos e por lá andaram, e a rainha pode entrar no quarto do filho por uma porta que só ela conhecia. Assim que entrou viu a menina:

— Ah! és tu, torta zarolha, que tanto encantas meu filho? Anda daí ver estes palácios e o jardim.

A menina foi com a rainha; assim que chegaram ao jardim, levou-a para o pé de um poço muito fundo e deitou-a lá dentro. Quando veio o filho da caça foi logo ter com ele:

— Aquela torta zarolha que tinhas fechada no teu quarto, assim que se lhe abriu a porta, botou a correr por aí fora, e ninguém foi capaz de a apanhar.

De noite passaram tres fadas pelo pé do poço e sentiram uns gemidos:

— Que será? Que não será?

São vozes de mulher.

Chegaram a borda do poço para escutarem melhor, e disse uma das fadas:

— Eu te fado que saias desse poço cá para fora, e que sejas da maior perfeição do mundo.

— Pois eu te fado que tenhas uma tesourinha de prata, para cortares a língua a quem te perguntar as coisas duas vezes.

— E eu te fado que tenhas um palácio defronte do palácio da rainha, que seja velho por fora, mas por dentro chapeado de ouro e prata.

Ao outro dia, ficaram todos espantados no paço por verem um grande palácio antigo defronte, sem se lembrarem como e quando é que o ali edificaram. A rainha ainda ficou mais pasmada com aquilo, e mandou o seu velho camareiro saber o que era, e quem morava ali.

O camareiro entrou no velho palácio mas ficou assombrado com o que viu por dentro; apareceu-lhe uma menina muito ricamente vestida, a quem fez as perguntas de mandado da rainha. Ela respondeu:

Diga a Sua Majestade

Que minha mãe me desejou,
Que foi meu pai que me teve
E nas silvas me deitou;
Uma águia me criou.

Na caça o príncipe me achou,
A rainha ao poço me deitou;
Mas tres fadas me fadaram,
Para aqui me trouxeram
E eu daqui me não vou.

O camareiro não ficou logo com o recado na cabeça, e pediu a menina para repetir; e ela disse então:

— Desanda tesourinha.

Caiu-lhe a língua num instante; o camareiro voltou para o palácio, e só podia dizer: ló-ló-ró, ló-ló-ró. A rainha mandou lá outro fidalgo, mas também lhe sucedeu o mesmo. Por fim foi lá o príncipe, e quando ouviu aqueles versos que a menina dizia, veio dar parte a rainha, que se quis certificar com os seus olhos, e depois deu licença para o filho casar com ela.

(Algarve)

NOTA: No conto hindu de *Sourya-Bai*, a menina também nasce de um fruto de manga, e tendo anteriormente sido roubada, depois que volta a sua casa desposa um príncipe. Sobre o rapto por uma águia, diz Husson: «Os contos populares gregos mais ou menos conservados pelos poetas ou reproduzidos nos vasos pintados, fazem-nos conhecer muitas ninfas encantadoras, Tália, Egina, Ganimedes, Astéria, igualmente arrebatadas por uma águia divina.» Em uma versão popular de Abrantes, há o estribilho:

Tesourinha, tesoureta, / Corta aquela lingueta.

A FILHA DO REI MOURO

Um rei mouro tinha duas filhas. A mais nova queria aprender a religião e andava as escondidas com o camarista, que a ensinava. A mais velha vendo-a uma vez sair do quarto do camarista, disse-lhe:

— Deixa estar, mana, que o pai há de saber tudo.

— Ai menina! — disse o camareiro, se o rei sabe que anda a aprender a rezar comigo, estamos perdidos.

— Não tenhas medo; alevanta-te de madrugada, aparelha dois cavalos e vamos para a tua terra.

Assim fez; ela encheu tres sacos, um de cinza, outro de sal e outro de carvão, e foram-se ambos por esse mundo fora. Quando o rei soube da fugida, mandou a sua tropa para agarrarem o camarista e a filha, e que os matassem onde quer que os encontrassem. A cavalaria correu a toda a brida, e estava já quase a pilhá-los, quando o camarista olhando para trás, gritou:

— Ai menina! estamos perdidos.

— Não tenhas medo.

E a menina despejou o saco de cinza e fez-se logo um nevoeiro tão cerrado que a tropa não pode dar mais um passo, e voltaram para trás a dizer ao rei:

Armou-se-nos tamanho nevoeiro,
Que não víamos caminho nem carreiro.

O rei mandou-os avançar de novo, e que lhe trouxessem a princesa e o camarista presos.

— Ai menina, estamos perdidos! — disse o camarista vendo a cavalaria quase a alcançá-los.

— Não tenhas medo.

E despejou o saco de sal, e fez-se logo ali um grande mar, que os soldados não puderam atravessar. Voltaram outra vez para trás e foram dizer ao rei:

Real senhor achámos um grande mar,
Que os cavalos não puderam passar.

O rei deu outra vez ordem de ir agarrar a filha e o camarista:

— Ai menina! Estamos perdidos.

— Não tenhas medo.

E despejou o saco do carvão, e logo se fez uma noite muito escura, com grandes trovoadas e relâmpagos. As tropas voltaram, e foram dizer ao rei:

Real senhor, fugimos em debandada
Com tantos raios e tamanha trovoadas.

O camarista já estava perto da sua terra, e a princesa disse-lhe:

— Eu salvei-te da morte; mas agora em chegando a tua terra já te não lembras de mim.

Assim aconteceu. Ela com tristeza vestiu-se de viúva, e pos uma estalagem para poder viver. O camarista convidou tres amigos, e disse-lhes:

— Havemos ir cada um por sua vez pernoitar aquela estalagem.

Foi o primeiro, e disse que desejava ficar ali aquela noite. A estalajadeira disse que sim. Ele ficou muito contente. Quando foi para o quarto, começou a despir-se e a vestir-se, a despir-se e a vestir-se e ficou nisto até de manhã, em que já estava muito cansado. Assim que foi dia a estalajadeira, que tinha visto tudo do andar de cima, disse-lhe que se pusesse no meio da rua, porque tinha estado a fazer zombaria da sua casa. Veio o segundo, e também pediu para pernoitar;

levou toda a noite a despir e a vestir a camisa, sem poder parar. Pela manhã também foi posto fora com igual descompostura. Veio o terceiro; pediu para pernoitar, e ela deu-lhe licença. Quando se ia deitar, disse que tinha muita sede:

— Pois vá ao quintal, e tire água daquele poço.

Toda a noite o pobre do homem esteve dando a nora, e só quando foi de dia é que apareceu a estalajadeira, que o fez parar e o pos fora, dizendo que tinha vindo fazer zombaria da sua casa. Chegou o quarto amigo, e também pediu para pernoitar; ficou muito contente com a licença, porque os outros guardaram sempre o segredo do que lhes acontecera. Quando a estalajadeira estava deitada, disse:

— Ai, que me esqueceu fechar a porta da rua.

E toda a noite o hóspede andou para cá e para lá a fechar a porta da rua, até que pela manhã estava estafado, e a estalajadeira o pos fora, por lhe querer quebrar a porta.

Os quatro amigos reuniram-se e contaram uns aos outros o sucedido mas, ainda assim o camarista, que era um deles, não se lembrava nem por nada da amante que abandonara com tanta ingratidão. Como ele estivesse para casar na sua terra, segundo o costume, tinha de dar um jantar tres dias antes do casamento as pessoas com quem vizinhava. Foi também convidar a estalajadeira viúva. Ela foi ao jantar. Quando estavam todos a mesa, combinou-se que cada um contaria a sua história:

— A senhora, apesar de estar com esse desgosto, há de também contar o seu conto.

A estalajadeira pediu que lhe apresentassem duas tigelas; bateu com uma na outra, e apareceram um pombo e uma pomba. E disse a pomba:

— Não te lembras quando me ensinavas a rezar as escondidas de meu pai? — disse o pombo:

— Lembro-me.

— E não te lembras quando minha irmã disse que ia contar tudo ao pai, e que exclamaste: Ai, que estamos perdidos?

E assim foi perguntando, e o pombo respondendo a tudo o que se tinha passado com a filha do rei mouro. Só ao fim de muitas perguntas é que os convidados começaram a reparar em circunstâncias que se tinham dado com os quatro amigos, e o camarista conheceu a sua ingratidão:

— Real senhora, eu é que sou esse esquecido; e já desfaço aqui este casamento, para receber quem por mim deixou pai e mãe e a sua terra.

(Estremadura e Algarve)

NOTA: Há uma outra versão intitulada *Crisme e Guiomar*, nos *Contos Nacionais para Crianças*, n.º XV, Porto, 1883. No *Violier des histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. V, vem esta situação sem o maravilhoso da fuga dos dois amantes. No *Pentamerone*, de Basile, é Petusinella, que foge lançando sucessivamente tres nozes, que recebem várias transformações. Nos *Contos Zulus*, de H. Callaway, há o de uma rapariga perseguida pelos canibais que vai deixando cair atrás de si grãos de sésamo. O mesmo em um conto russo em que a Boba-Yaga corre atrás de uma rapariga. O mesmo episódio aparece no *Aprendiz do Mago*. O conto *O Cavalinho das Sete Cores* é uma variante notável, pelo episódio do esquecimento produzido pelo abraço em uma pessoa de casa. As transformações dos amantes que fogem, acham-se nos contos estonianos, citados por Gubematis, de Kreuzenwal. (*Myth, zoologique*, t. I, p. 180).

AS FIANDEIRAS

Era uma mãe que tinha uma filha e só pensava em casá-la bem. Foi a casa de um mercador que vendia linhagem e pediu-lhe para que lhe vendesse uma pedra de linho, porque a filha fiava tudo num dia. Trouxe o linho para casa e disse a filha:

— Tens de me fiar esta pedra de linho hoje mesmo, porque amanhã vou buscar mais. Quando voltar a casa quero achar o linho todo fiado.

A pequena foi sentar-se a porta, a chorar, sem saber como obedecer a mãe. Passou uma velhinha:

— A menina o que tem, que está a chorar desse modo?

— O que hei de ter! É minha mãe que quer a força que lhe fie num dia uma pedra de linho, e eu não sei fiar.

— Deixe a menina estar, que eu lhe fio tudo se me promete que no dia do seu casamento me há de chamar tres vezes tia.

A menina olhou para dentro de casa e viu o linho remexido e todo fiado. No dia seguinte a mãe foi a loja, gabou muito a habilidade da filha, e pediu outra pedra de linho para ela fiar. A pequena foi-se sentar a porta, a chorar, esperando que passasse a velhinha da véspera. Passou uma outra:

— A menina o que tem, que está a chorar dessa maneira?

A pequena contou-lhe as ordens que tinha recebido da mãe.

— Pois se a menina me promete que no dia do casamento me há de chamar tres vezes sua tia, o linho há de aparecer fiado. A pequena prometeu que sim, e olhando para dentro de casa deu com o linho remexido e pronto.

A mãe foi buscar mais outra pedra de linho, e repetiu-se o mesmo caso; até que passou uma terceira velhinha, que lhe fez tudo com a mesma promessa. O comerciante sabendo daquela habilidade quis ver a rapariga, achou-a bonita e esperta e quis casar com ela; a mãe ficou bem contente porque o noivo era muito rico. O comerciante mandou-lhe um grande presente, com muitas rocas e fusos, para que quando casassem, as suas criadas todas fiarem. No dia do casamento, fez-se um opíparo jantar, a que todos os seus amigos assistiram; quando estavam a mesa bateu a porta uma velhinha:

— Ai! é aqui que mora a noiva?

— Entre minha tia; sente-se aqui, minha tia; coma alguma coisa, minha tia.

Ficaram todos pasmados de verem uma velha tão corcovada com um nariz muito pencudo. Mas calaram-se. Instantes depois, bateram a porta; era uma outra velhinha:

— É aqui que mora a noiva que se casou hoje?

— E, minha tia; entre, minha tia; jante connosco, minha tia.

A velha sentou-se e todos ficaram pasmados do enorme aleijão que ela tinha nos queixos. Mas continuaram a jantar. Bateram outra vez a porta; era outra velhinha, que fez a mesma pergunta.

— Ora entre, minha tia; cá a esperávamos, minha tia; há de jantar connosco, minha tia.

Também não causou menos pasmo esta velha toda corcovada e com as costelas embicadas para fora; mas desta vez os curiosos, principalmente o noivo, perguntaram porque tinham aquelas suas tias tamanhos aleijões.

Disse a primeira:

— Tenho assim o nariz, porque fiei muito, muito, e as arestas do linho puseram-se assim.

— E eu, meu sobrinho, tenho assim os queixos, porque fiei muito, e fiquei assim por tanto riçar os tomentos.

— Pois eu, sobrinho, fiquei com estas corcovas por estar sempre para um canto com a roca a cinta.

O marido tanto que ouviu aquilo, levantou-se e foi pegar nas rocas, fusos, sarilhos, dobadeiras e sedeiro e atirou tudo para a rua, declarando que na sua casa nunca mais se havia de fiar, porque não queria que lhe acontecessem a sua mulher iguais desgraças.

(Algarve)

NOTA: Nas *Fire Side stories of Ireland*, de P. Kennedy, acha-se este conto, e traduzido por Brueyre com o título *A Preguiçosa e Suas Tias*. (*Contes populaires de la Grande Bretagne*, n.º XXXII, p. 159.) Entre as diferentes fontes, cita a versão escocesa da coleção de Chambers, *Whooppity Storie* (*op. cit.*, p. 245, de Brueyre); há uma lição francesa *Histoire du Ric Din-Don* de M.lle Lhéritier; no *Pentamerone* de Basile, o conto italiano, e na *Novelline di Santo Stefano*, de Gubernatis, *La Comprata*. No *Norske eventyr*, de Asbjornsen e Moe, *As Tres Tias*; e na coleção sueca de Cavallius e Stephens, *A Rapariga Que Não Podia Fiar Ouro com Lama e Palha*, e *As Tres Corvinhas*. Jacob Grimm, nos seus *Kinder und Hausmärchen*, n.º 14, traz *As Tres Fiandeiras*; traduzido nos *Contes choisies*, de Fred. Baudry, p. 128. Há alguns vestígios em *Rumpelstilzchen*; na coleção de Bürching, *Volksagen, Märchen, und Legenden*, e o das *Tres Fiandeirinhas*. Há uma outra versão portuguesa traduzida por G. Ralston nos *Portuguese Folk-Tales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XIX, com o título *As Tias*. Na *Mythologie des plantes*, t. II, p. 212, Gubernatis traz um conto popular da Calábria, cujo maravilhoso versa sobre o poder de fiar concedido pelas fadas a uma mulher.

CRAVO, ROSA E JASMIM

Uma mulher tinha tres filhas; indo a mais velha passear a uma ribeira, viu dentro da água um cravo, debruçou-se para apanhá-lo, e ali desapareceu. No dia seguinte sucedeu o mesmo a outra irmã, porque viu dentro da ribeira uma rosa. Por fim, a mais nova também desapareceu, por querer apanhar um jasmim. A mãe das tres raparigas ficou muito triste, e chorou, chorou, até que tendo um filho, este quando se achou homem, perguntou a mãe porque é que chorava tanto. A mãe contou-lhe como é que ficara sem as suas tres queridas filhas.

— Pois de-me minha mãe a sua benção, que eu vou por esse mundo em procura delas.

Foi. No caminho encontrou tres rapagões em uma grande guerreia. Chegou ao pé deles... «Olá, que é isso?» Um deles respondeu:

— Oh, senhor! Meu pai tinha umas botas, um chapéu e uma chave, que nos deixou. As botas em a gente as calçando, e lhes diga: Botas, ponham-me em qualquer banda, é que a gente aparece onde se quer; a chave abre todas as portas; e o chapéu em se pondo na cabeça, ninguém mais nos ve. O nosso irmão mais velho quer ficar com as tres cousas para si, e nós queremos que se repartam a sorte.

— Isso arranja-se bem — disse o rapaz querendo harmonizá-los. — Eu atiro esta pedra para bem longe, e quem primeiro a apanhar é que há de ficar com as tres cousas.

Assentaram nisso; e quando os tres irmãos corriam atrás da pedra, o rapaz calçou as botas, dizendo:

— Botas! levem-me ao lugar em que está minha irmã mais velha.

Achou-se logo numa montanha escarpada onde estava um grande castelo, fechado com grossos cadeados. Meteu a chave e todas as portas se lhe abriram; andou por salas e corredores, até que deu com uma senhora linda e bem vestida, que estava muito alegre, mas ao ve-lo gritou com espanto:

— Senhor! como é que pode entrar aqui?

O rapaz disse-lhe que era seu irmão, e contou-lhe como é que tinha podido chegar ali. Ela também lhe contou a sua felicidade, mas que o único desgosto que tinha era não poder o seu marido quebrar o encanto em que andava, porque sempre lhe tinha ouvido dizer que só se desencantaria quando morresse um homem que tinha o condão de ser eterno.

Conversaram bastante, e por fim a senhora pediu-lhe para que se fosse embora, porque podia vir o marido e fazer-lhe mal. O irmão disse que não tivesse cuidado porque trazia consigo um chapéu, que em o pondo na cabeça ninguém mais o via. De repente abriu-se a porta e apareceu um grande pássaro; mas nada viu, porque o rapaz quando sentiu barulho pos logo o chapéu. A senhora foi buscar uma grande bacia dourada, e o pássaro meteu-se dentro transformando-se logo em um mancebo formoso. Em seguida olhou para a mulher, e exclamou:

— Aqui esteve gente!

Ela ainda negou; mas viu-se obrigada a confessar tudo.

— Pois se é teu irmão, para que o deixaste ir embora? Não sabias que isso era motivo para eu o estimar? Se cá tornar, dize-lhe para ficar, que o quero conhecer.

O rapaz tirou o chapéu, e veio cumprimentar o cunhado, que o abraçou muito. Na despedida deu-lhe uma pena, dizendo:

— Quando te vires em alguma aflição, se disseres: valha-me aqui o Rei dos Pássaros! Há de te sair tudo como bem quiseres.

Foi-se o rapaz embora, porque disse as botas que o levassem onde estava sua irmã do meio. Aconteceram pouco mais ou menos as mesmas cousas; a despedida o cunhado deu-lhe uma escama:

— Quando te vires em alguma aflição dize: valha-me aqui o Rei dos Peixes!

Até que chegou também a casa da sua irmã mais nova; achou-a em uma caverna escura, com grossas grades de ferro; foi pelo som das lágrimas e soluços dar com ela muito magra, que assim tanto que o viu, gritou:

— Quem quer que vós sois, tirai-me daqui para fora.

Ele então deu-se a conhecer, e contou-lhe como achava as outras duas irmãs muito felizes e alegres, mas só com o desgosto de não poderem os seus maridos desencantar-se. A irmã mais nova contou-lhe como estava com um velho hediondo, um monstro, que queria casar com ela por força, e que a tinha ali presa por não se prestar a fazer-lhe a vontade. Todos os dias o velho monstro vinha ve-la para lhe perguntar se já estaria resolvida a tomá-lo como marido; e que ela se lembrasse que nunca mais teria liberdade, porque ele era eterno.

Assim que o irmão ouviu isto lembrou-se do encantamento dos dois cunhados, e pensou em apanhar o segredo por via do qual ele era eterno; aconselhou a irmã que fizesse promessa de casar com o velho, só se lhe dissesse o que é que o fazia eterno.

De repente o chão estremeceu todo; sentiu-se como um grande furacão, e entrou o velho, que chegou ao pé da menina e lhe perguntou:

— Ainda não estás resolvida a casar comigo? Tens de chorar todo o tempo que o mundo for mundo, porque eu sou eterno, e quero casar contigo.

— Pois só casarei contigo, tornou ela, se me disseres o que é que faz que tu nunca morras?

O velho desatou as gargalhadas:

— Ah, ah, ah! pensas que me poderias matar! Só se houvesse quem fosse ao

fundo do mar buscar um caixão de ferro, que tem dentro uma pomba branca, que há de por um ovo, e depois trouxesse aqui esse ovo, e mo quebrasse na testa. E desatou a rir-se, na certeza de que não havia ninguém que fosse ao fundo do mar, nem tampouco capaz de achar onde estava o caixão, nem mesmo de o abrir, e tudo o mais que se sabe.

— Agora tens de casar comigo, porque já te descobri o meu segredo.

A menina pediu ainda uma demora de tres dias, e o velho foi-se embora muito contente. O irmão disse para ela que tivesse esperança, que dentro em tres dias estaria livre. Calçou as botas e achou-se a borda do mar; pegou na escama que lhe dera o cunhado e disse:

— Valha-me aqui o Rei dos Peixes!

Apareceu logo o cunhado, muito satisfeito; e assim que ouviu o acontecido mandou vir a sua presença todos os peixes; o último que chegou foi uma sardinhinha, que se desculpou por se ter demorado porque embicou num caixão de ferro que está no fundo do mar. O rei dos peixes deu ordem aos maiores que fossem buscar o caixão ao fundo do mar. Trouxeram-no. O rapaz assim que o viu, disse a chave:

— Chave! abre-me este caixão.

O caixão abriu-se; mas apesar de todas as cautelas, fugiu-lhe de dentro uma pomba branca.

Disse então o rapaz, para a pena:

— Valha-me aqui o Rei dos Pássaros.

Apareceu-lhe pronto o cunhado, para saber o que ele queria; assim que o soube mandou vir a sua presença todas as aves. Vieram todas e só faltava uma pomba, que veio por último desculpando-se, que lhe tinha chegado ao seu agulheiro uma antiga amiga que estava há muitos anos presa, e que lhe tinha estado a arranjar alguma cousa de comer. O Rei dos Pássaros disse que ensinasse ao rapaz

onde é que era o ninho em que a pomba estava; lá foram, e o rapaz apanhou o ovo que ela já tinha posto, e disse as botas que o levassem a caverna aonde estava a irmã mais moça. Era já o terceiro dia, e o velho vinha pedir o cumprimento da palavra da menina; ela, que já estava aconselhada pelo irmão, disse que se reclinasse no seu regaço; mal o apanhou deitado, com toda a certeza de mão quebrou-lhe o ovo na testa, e o monstro, dando um forte berro, morreu. Os outros dois cunhados quebraram ao mesmo tempo o encantamento; vieram ali ter, e foram com as suas mulheres, que ficaram princesas, visitar a sogra, que viu o seu choro tornado em alegria, na companhia da filha mais nova, que lhe trouxe todos os tesouros que o monstro tinha ajuntado na caverna.

(Algarve)

NOTA: Aparecem outras versões deste conto, nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XVI; e nos *Contos Populares do Brasil*, com o título *O Bicho Manjaléu*. (*Rev. Brasileira*, tomo VI, p. 120). Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, pp. 81 e 119. Nos *Old Deccan Days*, de Miss Frere, o conto do *Punchkin* versa sobre este mesmo assunto de um Mago que encanta todos, e cuja vida estava resguardada sendo impossível descobrir esse talismã: e uma criança que livra sua mãe e sete tios, príncipes.

O MÁGICO

Havia em certa terra um homem entendido em artes mágicas, que nunca queria tomar criado que soubesse ler para lhe não apanhar o segredo dos seus cartapácios. Foi um moço oferecer-se, dizendo que não sabia ler, e assim ficou-o servindo; leu todos os livros da livraria do mágico, e quando já podia competir com ele, fugiu com todos os livros. Um dia o discípulo achou-se mestre e quis viver das suas artimanhas; disse a um criado que fosse a feira vender um lindo cavalo que devia de estar na estrebaria, marcou-lhe o preço, e ordenou que assim que o vendesse lhe tirasse logo o freio. À hora da feira o criado foi a estrebaria e lá achou o lindo cavalo e partiu com ele para o mercado. Estava na feira o Mágico que tinha sido roubado, e conheceu logo debaixo da forma de cavalo o seu antigo discípulo; foi ajustar o preço, pagou a quantia tão depressa, que o criado se esqueceu de tirar o freio ao cavalo. Quando o quis fazer já não foi possível, por que o Mágico disse, que o contrato estava fechado desde que lhe entregara o dinheiro. O mágico levou o cavalo para casa, muito contente por se poder vingar a vontade do seu inimigo que lhe havia roubado toda a sua sabedoria. De uma vez disse ao criado que fosse a ribeira levar o cavalo a beber, mas que não lhe tirasse o freio. O cavalo andava muito triste, cheirava a água mas não bebia; o criado lembrou-se de lhe tirar o freio, pensando que ele assim beberia. De repente o cavalo transforma-se numa rã, e some-se pela água. O Mágico que estava a janela de sua casa viu aquilo, e transformou-se em um sapo, para ir apanhar a rã. O discípulo, que sabia a sorte que o esperava se tornasse a cair em poder do mestre, transformou-se em uma pomba, e voou por esses ares; o mágico transformou-se em um milhafre, e correu atrás da pomba para tragá-

la. Já ia muito cansada a pomba, e quase que estava para ser agarrada, quando viu uma princesa que estava em um terraço, e foi-lhe cair no colo, transformando-se em um anel de grande preço. A princesa pasmada com o que viu, e com a lindeza da joia, meteu-a no dedo; o Mágico, viu que nada podia fazer e como ainda estava na forma de milhafre entra pelo quarto do rei dentro e bota-lhe um cabelo no copo do leite que ele estava para beber. O rei, já se sabe, teve uma grave doença, foram chamados todos os médicos, mas nenhum era capaz de o curar; o Mágico apareceu sob a figura de médico e prometeu dar saúde ao rei, mas só se lhe desse o anel que a princesa trazia no dedo. O rei disse que sim; então o anel transformando-se em um lindo rapaz pediu a princesa que quando o rei lhe mandasse entregar o anel ao Mágico, que lho não desse na mão, mas que o atirasse ao chão, para ele o levantar. O rei passados dias ficou bom, e assim que o Médico veio a corte, pediu o anel. A princesa mostrou-se triste mas obedeceu; tirou o anel e deitou-o ao chão, como se estivesse zangada. O anel transformou-se em uma romã que toda se esbagoou pela sala; mas o Mágico mudou-se em galinha, e num instante foi engolindo todos os grãos. Ficou um único grãozinho detrás de uma porta, e esse transformou-se numa raposa, que se atirou a galinha e a comeu num instante. A princesa ficou muito pasmada com aquilo, e pediu a raposa que se tornasse em príncipe que casaria com ele. E ele assim fez e foram muito felizes.

(Algarve)

O MESTRE DAS ARTES

Havia um pai, que tinha tres filhos, e enquanto dois deles andavam a trabalhar nos campos, o mais moço começou a aprender todas as artes de indústrias.

Disseram os irmãos do pai:

— Nós trabalhámos até aqui para meu pai poder viver, e o nosso irmão mais novo sem fazer nada; agora daqui em diante ele deve puxar pelo que aprendeu.

O filho mais novo pediu ao pai que lhe desse um açaimo de cão de caça, e disse-lhe:

— Vou-me tornar em cão de caça; meu pai há de trazer uma correia e um pau para virem cheios de coelhos, e há de passar pela porta do mercador, que se dá por grande chibante de caça.

O pai pos o açaimo ao rapaz que se tinha tornado em cão, e foi com ele para a caça. Apanhou muitos coelhos, trazia-os dependurados no pau e o cão atrás dele.

O mercador quando o viu passar pela porta perguntou:

— Ó homem! só com esse cão apanhaste tanta caça?

— Sim, senhor.

— Hás de me vender o cão.

— Só se o senhor me der cem mil réis.

— Pois sim; está vendido o cão.

Contou o dinheiro; lá ficou o cão e o homem foi-se embora. Vai o mercador caçar com o cão por uns cerrados; correndo atrás de um coelho, o cão meteu-se por um valado de silvas, e foi sair por outra banda; tirou com as unhas o açaimo,

e ficou outra vez gente. O mercador fartou-se de chamar e de esperar pelo cão. O rapaz veio passar pelo pé dele, que lhe perguntou:

— Viu voce por aí um cão de caça?

— Não vi, mas senti mexer no valado que é muito fundo; talvez seja o animal, que não pode de lá sair.

O certo foi que o mercador perdeu o cão e o seu dinheiro, e foi-se embora sem nada. O rapaz disse ao pai:

— Agora há de me comprar um freio para eu me tornar em cavalo.

O pai assim fez; correu com o cavalo todas as ruas. O Mestre das Artes de Paris, que o tinha tido em casa, logo conheceu o cavalo e fez com que o homem lho vendesse por todo o preço. Não olhou a dinheiro, e tomou conta do cavalo, e meteu-o na cavalaria sem lhe tirar o freio, a ponto de ele não poder comer nada.

O Mestre das Artes tinha tres filhas e recomendou-lhes que não fossem a cavalaria. Logo que o pai saiu, disseram umas para as outras:

— Vamos ver o que tem a cavalaria.

Foram e viram um cavalo lindo, muito bem feito, e notaram que ele não podia comer nada.

— Coitadinho! tira-se-lhe o freio a ver se come.

Tiraram-lhe o freio, e assim que ele disse: — Ai de mim, pássaro! — voa logo pela janela fora. Encontrou o Mestre das Artes no caminho, que o conheceu e disse: — Ai de mim, milhafre! — que era para matar o pássaro.

Ficou ele muito alcançado de ver o milhafre atrás de si e disse:

— Ai de mim, anel! — E caiu nas ondas do mar e uma garoupa engoliu-o. A garoupa foi ter a outro país; um pescador pescou-a e foi vende-la ao palácio. A princesa foi ver amanha o peixe; viu-lhe no bucho um anel. A criada lavou o

anel e deu-o a princesa; ela estimava o anel mais que todas as outras joias que tinha. A princesa ao deitar-se tirava o anel e punha-o sobre uma banca. O anel de noite tornava-se em homem e punha-se a conversar com a princesa, que cheia de medo chamava o rei seu pai. Neste ponto o homem tornava-se formiga, e o rei vinha e nada via. Sucedeu isto tres noites; na última, ele disse a princesa:

— Eu sou a prenda que trazeis no dedo; tenho de dizer a Sua Alteza que o rei seu pai está muito doente; os médicos não lhe dão cura. Só o Mestre das Artes de Paris é que lhe dará cura; mas ele não há de querer dinheiro, nem prenda, nem joia alguma. Só há de pedir ao rei o anel que traz a princesa; não lho de Vossa Alteza na mão, mas deixe-o cair ao chão.

Ela fez como o rapaz lhe tinha pedido. Soube-se da doença do rei, até que foi chamado o Mestre das Artes, que teimava em querer o anel. A princesa zangada da teima, atirou com o anel ao chão. O anel disse: — Ai de mim, painço!

E derramou-se em painço pelo chão. O Mestre das Artes tornou-se galinha para apanhá-lo, e o rapaz tomou-se em comadrinha (doninha), pegou as dentadas na galinha e matou-a.

Mal acabou, tornou-se em homem e tudo explicou ao rei; e como ele é que tinha ensinado a cura do rei, casou-o com a princesa e foram muito felizes.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

O APRENDIZ DO MAGO

Um homem de grandes artes tinha na sua companhia um sobrinho, que lhe guardava a casa quando precisava sair. De uma vez deu-lhe duas chaves, e disse:

— Estas chaves são daquelas duas portas; não mas abras por cousa nenhuma do mundo, senão morres.

O rapaz assim que se viu só, não se lembrou mais da ameaça e abriu uma das portas. Apenas viu um campo escuro e um lobo que vinha correndo para arremeter contra ele. Fechou a porta a toda a pressa passado de medo. Daí a pouco chegou o Mago:

— Desgraçado! para que me abriste aquela porta, tendo-te avisado que perderias a vida?

O rapaz tais choros fez que o Mago lhe perdoou. De outra vez saiu o tio, e fez-lhe a mesma recomendação. Não ia muito longe, quando o sobrinho deu volta a chave da outra porta, e apenas viu uma campina com um cavalo branco a pastar. Nisto lembrou-se da ameaça do tio, e já o sentindo subir pela escada, começou a gritar:

— Ai, que agora é que estou perdido!

O cavalo branco falou-lhe:

— Apanha desse chão um ramo, uma pedra e um punhado de areia, e monta já quanto antes em mim.

Palavras não eram ditas, o Mago abriu a porta da casa; o rapaz salta para cima do cavalo branco e grita:

— Foge! que aí chega o meu tio para me matar.

O cavalo branco correu pelos ares fora; mas indo já muito longe, o rapaz torna a gritar:

— Corre! que meu tio já me apanha para me matar.

O cavalo branco correu mais, e quando o Mago estava quase a apanhá-los, disse para o rapaz:

— Deita fora o ramo.

Fez-se logo ali uma floresta muito fechada, e enquanto o Mago abria caminho por ela, puseram-se muito longe. Ainda o rapaz tornou outra vez a gritar:

— Corre! que já aí está meu tio, que me vai matar. Disse o cavalo branco:

— Bota fora a pedra.

Logo ali se levantou uma grande serra cheia de penedias, que o Mago teve de subir, enquanto eles avançavam caminho. Mais adiante grita mais o rapaz:

— Corre! que meu tio agarra-nos.

— Pois atira ao vento o punhado de areia, disse-lhe o cavalo branco.

Apareceu logo ali um mar sem fim, que o Mago não pode atravessar. Foram dar a uma terra onde se estavam fazendo muitos prantos. O cavalo branco ali largou o rapaz e disse-lhe que quando se visse em grandes trabalhos por ele chamasse, mas que nunca dissesse como viera ter ali. O rapaz foi andando e perguntou por quem eram aqueles grandes prantos.

— É porque a filha do rei foi roubada por um gigante que vive em uma ilha aonde ninguém pode chegar.

— Pois eu sou capaz de ir lá.

Foram dizer-lhe ao rei; o rei obrigou-o com pena de morte a cumprir o que dissera. O rapaz valeu-se do cavalo branco, e conseguiu ir a ilha trazendo de lá a princesa, porque apanhara o gigante dormindo.

A princesa assim que chegou ao palácio não parava de chorar. Perguntou-lhe o

rei:

— Por que choras tanto, minha filha?

— Choro, porque perdi o meu anel que me tinha dado a fada minha madrinha, e enquanto o não tornar a achar, estou sujeita a ser roubada outra vez ou ficar para sempre encantada.

O rei mandou lançar o pregão em como dava a mão da princesa a quem achasse o anel que ela tinha perdido. O rapaz chamou o cavalo branco, que lhe trouxe do fundo do mar o anel, mas o rei não lhe queria já dar a mão da princesa; porém ela é que declarou que casaria com o jovem para que dissessem sempre: Palavra de rei não torna atrás.

(Eixo — Distrito de Aveiro)

NOTA: *O Mágico. O Mestre das Artes. O Aprendiz do Mago.* Versões nos *Contos Populares da Rússia*, de Afanasieff, livro VI, n.º 46; em Gubernatis, *Novelline di Santo Stefano*, n.º 22 e 26. (Ap. *Myth. zool.*, I, 365). Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 289. — Nas *Notte piacevoli*, de Straparola, not. viu, fábula 5.^a, vem este mesmo conto. O freio mágico e um episódio comum a muitos outros contos míticos, como o prova Brueyre, *op. cit.*, p. 253; Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I p. 77.

Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XV, o *Criado do Estrujeitante*, versão de Ourilhe, pertence a esta mesma tradição. Nos *Contos Populares do Brasil*, há uma variante pernambucana sob o n.º VIII, com o título *O Pássaro Preto*, de pp. 25 a 28, ed. de Lisboa.

A BICHA DE SETE CABEÇAS

Era uma vez o filho de um rei que era muito amigo do filho de um sapateiro; brincavam sempre juntos, e o príncipe não se vergonhava de acompanhar com o filho do sapateiro por toda a parte. O rei não andava contente com aquela confiança, e disse ao sapateiro para mandar o filho para muito longe, dando-lhe muito dinheiro. O rapaz foi-se embora, mas o príncipe assim que soube disto fugiu do palácio e caminhou por esse mundo além a procura do amigo. Encontrou-o passado algum tempo; abraçaram-se e foram ambos de jornada. Indo mais para diante encontraram uma formosa menina amarrada a uma árvore. O príncipe assim que a viu ficou logo muito apaixonado, e perguntou-lhe quem é que a tinha deixado ali. Ela respondeu que nada podia dizer, mas só pedia que a salvassem. O príncipe conheceu que era de sangue real, e pensou em casar com ela. Po-la na garupa do seu cavalo e foram caminhando todos tres. Pernoitaram naquela noite em um bosque onde estavam tres cruces; o príncipe e a donzela adormeceram, mas o filho do sapateiro deixou-se ficar acordado para o que desse e viesse. Lá por essa noite adiante viu vir tres pombas e pousarem cada uma na sua cruz.

A primeira pomba disse: — O príncipe cuida que há de casar com a donzela, mas em ela passando ao pé dum laranjal há de pedir uma laranja e em a comendo há de arrebentar:

E quem isto ouvir e não se calar

Em pedra mármore há de se tornar.

A segunda pomba disse: — Ainda não é só isso; ela há de passar por pé de uma fonte e há de querer beber água, e logo que a beba há de arrebentar:

E quem isto ouvir e não se calar
Em pedra mármore há de se tornar.

A terceira pomba disse: — Ainda não é só isso; se ela escapar de tudo, assim que chegar a casa, na noite de noivado há de vir uma bicha de sete cabeças, que há de matá-la:

E quem isto ouvir e não se calar
Em pedra mármore há de se tornar.

Ouviu o filho do sapateiro isto tudo, e quando amanheceu disse ao príncipe, que era melhor voltarem para o reino, porque o rei devia de estar muito amargurado, e que lhe daria o perdão e licença para casar com a donzela, que era de sangue real. O príncipe deu pelo que lembrou o filho do sapateiro e meteram-se a caminho. Passaram por um laranjal, e aconteceu o que a pomba tinha dito; mas o filho do sapateiro disse que aquelas laranjas não se vendiam, e foram andando. Passaram por uma fonte, a menina quis beber, como a outra pomba tinha dito; mas o filho do sapateiro disse que não havia com que tirar a água. Até que chegaram ao palácio; o rei ficou muito alegre quando viu o filho, perdoou-lhe, e sabendo que o conselho do filho do sapateiro é que o fizera voltar para casa, deu-lhe licença para viver no palácio em companhia do seu amigo. O príncipe pediu ao pai para casar com a menina que tinha salvado, porque ela era de sangue real; o pai disse que só daria licença ao fim de seis meses depois de a conhecer melhor e ver as suas qualidades. O certo é que o príncipe casou com ela, e perguntou ao filho do sapateiro o que é que queria de dom no dia do casamento. Ele disse que só uma coisa queria, e era dormir na noite do noivado no mesmo quarto. Lá lhe custou isto, mas o príncipe sempre consentiu. O amigo deitou-se a porta do quarto, com uma espada escondida, e quando os noivos estavam dormindo sentiu entrar pelo quarto dentro uma grande bicha de sete cabeças. Como ele já esperava isto, descarregou um golpe certo e matou o monstro, mas sempre uma gota de sangue espirrou e foi bater na cara da

princesa que estava adormecida. O filho do sapateiro tratou de limpar o sangue que estava pelo chão, e como visse a gota de sangue na cara da princesa foi-lha limpar com a ponta de uma toalha molhada. A princesa acordou com aquela friagem, e gritou sobressaltada para o marido:

— Vinga-me do teu melhor amigo, que me deu um beijo.

O príncipe levanta-se furioso para matar o amigo que ele julgava traidor; ele porém pede-lhe que demore o seu rigor, para contar a toda a corte o caso acontecido. Ajuntou-se toda a gente do palácio; o rapaz começou a relatar tudo e ia-se tornando pouco a pouco em pedra mármore. Ficaram todos com muita pena de ser tão mal paga aquela fidelidade, e o príncipe resolveu colocar a estátua de mármore, que fora o seu maior amigo, no jardim do palácio. O príncipe costumava levar os filhos a brincarem no jardim, e sentava-se ao pé da estátua chorando com pesar, e dizia:

— Quem me dera o meu amigo outra vez vivo.

— Pois se queres o teu amigo outra vez vivo (disse-lhe uma voz) mata esses teus filhos, e unta esta pedra com sangue inocente.

O príncipe hesitou, mas cheio de confiança no poder da amizade, degolou os meninos, e a estátua mexeu-se logo e apareceu ali o amigo outra vez vivo. Abraçaram-se muito, e quando o príncipe se voltou para o lugar onde estavam os filhos, achou-os alegres a brincarem tendo apenas uma fitinha vermelha em volta do pescoço. Nunca mais se separaram, e dali em diante viveram todos muito felizes.

(Algarve)

NOTA: Uma versão de Coimbra vem publicada sob o título de *Pedro e*

Pedrito, nos *Contos Populares Portugueses*, n.º II, com o estribilho: *Quem isto ouvir e contar / Em pedra se há de tornar*.

Nos *Portuguese Folk-Tales*, coligidos por Consiglieri Pedroso e traduzidos pelo eminente mitógrafo Ralston, vem sob o n.º VI com o título *Pedro and the Prince* com algum desenvolvimento. Nos contos dos irmãos Grimm, n.º 22, *O Fiel João*, e trad. de Fred. Baudry, p. 27, pertence a este ciclo do criado ou do amigo que se sacrifica. Ralston, na introdução aos contos portugueses, cita este paradigma, bem como o n.º 5 da coleção de Miss Frere, *Old Deccan Days*, intitulado *Rama and Luxaran*, e a situação geral em um conto indiano na tradução do *Kathá Sarit Ságara* por Tawney, vol. I, p. 253. Muitos contos tem evidentemente uma origem indiana, mas não é esta a única fonte.

O CONDE SOLDADINHO

Junto do palácio do rei morava um pobre soldado; no dia e hora em que nasceu um filho ao rei, também a mulher do soldado teve um filho. Aconteceu serem muito amigos um do outro, e o rei como era justiceiro e de bom coração deixou que o soldado e a mulher viessem viver para o palácio, para as duas crianças brincarem juntas. Chamavam todos no palácio ao rapaz o Conde Soldadinho; ele acompanhava o príncipe a todas as festas e caçadas.

Uma vez andava o príncipe a caça e achou-se ardendo em sede. O Conde Soldadinho foi-lhe arranjar água; daí a pedaço veio com um lindo jarro cheio de água fresca.

— Quem te deu um jarro tão bonito?

— Foi numa pobre cabana; que faria se o príncipe visse a mãozinha que mo deu! Foram ambos levar o jarro a cabana, e o príncipe ficou logo apaixonado por uma rapariga muito linda que ali morava. Tomou amores com ela, ia ve-la em segredo, até que prometeu casamento para obter tudo o que queria. Temendo que o rei soubesse daqueles amores, nunca mais voltou a cabaninha, mas andava muito triste com saudades. A rapariga, que não sabia que o namorado era o príncipe, veio a corte deitar-se a seus pés para lhe valer:

Supondo, serva de Deus,
Na terra fazeis de rei
E que sempre sem suspeita
Fazeis justiça direita;
Pois mui alto rei, sabeis

Que a mim um cavaleiro
Com um amor verdadeiro
Protestou ser meu marido,
E entrou no meu aposento,
Conseguiu o seu intento;
E eu como humilde criada
Abatida e infamada
Neste campo de mudança
Peço aos vossos pés vingança.

O rei disse:

Levantai-vos nobre dama,
Cobrarás crédito e fama,
Que será bem castigado
O que vos tem desonrado.

E mandou chamar o príncipe, que estava passeando no jardim, para vir a sua presença; o príncipe veio suspirando:

A ela trago em pensamento,
Por ela estou num tormento.

O Conde Soldadinho, que o acompanhava disse:

— Pois por uma pobre pastora suspirais!

— Calai-vos, meu amigo; que também eras soldado, e meu pai vos fez conde sem o teres merecido.

Quando chegou a presença do rei contou-lhe tudo, e o rei deu-lhe ordem para casar com a pastora.

(Algarve)

NOTA: Pertence ao ciclo do amigo que se sacrifica; não há aqui a morte, mas a sua importancia provém da parte metrificada, que revela a dissolução de uma obra dramática.

A SARDINHINHA

Uma mulher tinha tres filhas; foi com duas para o trabalho, e ficou em casa a mais nova para tratar da comida. Comprou dez réis de sardinhas, e foi assá-las na grelha. Quando estavam nas brasas, saltou uma das sardinhas para o chão; a rapariga pegou nela e tornou a po-la na grelha. Daí a pouco tornou a dar um salto, e também um gemido. A rapariga meio-assustada foi levantar a sardinha do chão; ela disse-lhe:

— Não me mates! Pega em mim e leva-me a borda do mar, segue pelo caminho que se te depare.

A rapariga foi, e assim que deitou a sardinhinha ao mar, formou-se logo uma estrada muito larga; ela seguiu por esse caminho adentro e foi dar a um grande palácio, onde estavam muitas mesas postas. Percorreu todas as salas, viu muitas joias, muitas riquezas, mas o mar tinha-se tornado a fechar, e já não pode tornar para trás. Deixou-se ficar ali, e dormiu em uma cama muito rica e muito fofa que achou. Para se entreter despia-se e vestia-se com vestidos riquíssimos que lá se guardavam.

Todos os dias lhe aparecia um homem em figura de preto, que lhe perguntava se ela estava contente.

— Eu contente? O que me faz pena é lembrar-me que minha mãe e minhas irmãs estão trabalhando todo o dia para poderem comer qualquer cousa, e eu aqui.

— Pois bem — disse-lhe o preto —, leva o dinheiro que quiseres, vai ver tua mãe e tuas irmãs, mas não te demores lá mais do que tres dias.

E tornou-se a abrir a estrada no mar. A rapariga chegou a casa, contou tudo, a mãe ficou muito contente com o dinheiro, e as irmãs fizeram-lhe mil perguntas do que havia no palácio, e se não tinha medo de ficar de noite sozinha. Ela disse que tinha o sono muito pesado. As irmãs replicaram:

— É porque te botam coisa no vinho, que te faz dormir, finge que bebes, mas deita o vinho fora, para sentires o que se passa de noite no palácio.

Acabado os tres dias ela voltou pela estrada aberta no mar, entrou no palácio; comeu, ceou e fingiu que bebia. Quando se deitou já não teve o sono tão pesado, e sentiu que alguém se deitava ao pé dela. Ficou bastante assustada, e deixou-se ficar muito quieta; quando estava tudo muito sossegado, acendeu uma vela para ver o que era. Era um príncipe muito formoso; inclinou-se para ve-lo melhor, e caiu-lhe um pingo de cera no rosto. Ele então acordou:

— Ah cruel; que só faltavam oito dias para quebrar o meu encantamento. Agora para me poder desencantar é preciso que tu sofras grandes trabalhos por mim, sem nunca te queixares. Toma lá esta carapinha; quando te vires em alguma aflição de que te não puderes livrar, dize:

— Valha-me aqui quem me deu esta carapinha.

E neste instante desapareceu o príncipe e o palácio, e a rapariga achou-se sozinha no meio de um descampado. Ia passando um rancho de pretas, que lhe disseram muitas chufas, e lhe arrepelaram os cabelos. A rapariga sofreu tudo sem nada dizer. Passou um jornaleiro e ela propos-lhe trocar os seus vestidos cravejados de brilhantes pelas roupas do pobre homem, e assim já com outro traje foi-se oferecer para hortelão da casa do rei. A rainha começou a gostar do hortelão, porque tinha uma cara bonita, mas como ele não lhe correspondia foi fazer queixa ao rei, que era preciso mandá-lo matar porque tinha cometido um atrevimento muito feio. O rei mandou meter a tormentos o hortelão para confessar o que fizera, mas ele sofreu tudo negando sempre. A rainha teimava

que queria que se enforcasse; ia ele já para a forca, e lembrou-se de dizer:

— Valha-me aqui quem me deu esta caparina.

A execução interrompeu-se ao grande barulho de uma carruagem que trazia um alto figurão, que deu ordem para parar tudo. Levou o hortelão consigo para o paço e disse ao rei que era impossível ter ele cometido o atrevimento de que a rainha o acusava, senão que mandasse as camareiras examinar. Assim aconteceu e a rainha é que foi deitada a uma fogueira. O encantamento quebrou-se pela constancia com que a rapariga tinha sofrido todos os tratos e o príncipe casou com ela por agradecido.

(Algarve)

NOTA: Gubernatis cita diferentes contos russos das coleções de Afanasieff e de Erle-wein, de Ferraro, etc., do Peixe que dá fortuna. (*Myth. zoolog.*, II, 357.) Nas *Notte piacevoli*, III, fábula 1.^a, vem este conto, que também figura no *Pentamerone* de Basile, Jornada III, fáb. 1.^a. No *Catapatha Brahmana*, e no *Maabarata*, Manu socorre um peixe, de quem recebe depois a salvação do dilúvio. Vixnu também se transforma em peixe. Husson cita um fragmento de um conto coligido por Luzel (*Chame traditionnelle*, p. 66.) A menina-pajem acusada pela rainha é o tema de um conto citado por Gubernatis (*Myth. zoolog.* t. II, p. 405), coligido em Antignano. Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XIX, vem sob o título *A Afilhada de Santo António*, versão de Coimbra; repete-se na ilha de São Jorge com o nome *A Afilhada de São João*. Consiglieri Pedroso cita o conto russo da coleção de Afanasieff, n.º 162, *O Sapatinho de Ouro* (*Zolotoii bachmatchola*) que pertence ao ciclo do Peixe Encantado.

MARIA DA SILVA

Era uma vez um rei, que andava a caça, e perdeu-se no monte, quando se fechou a noite. Foi com o seu pajem pedir agasalho a uma cabaninha do carvoeiro que vivia na serra. O carvoeiro deu logo a sua cama ao rei, e a mulher, como estava doente, ficou deitada em uma enxerga no aido. De noite ouviu o rei um grande alarido, e choros, e uma voz que dizia:

— Esta, que agora acaba de nascer
Ainda há de ser tua mulher;
E por mais que a sorte lhe seja mesquinha
Sempre contigo virá a ser rainha.

O rei ficou bastante atrapalhado, e tratou de saber que horas eram. Era meia-noite em ponto. Ao outro dia quando falou com o carvoeiro, perguntou-lhe que barulho tinha sido aquele.

— Foi uma filhinha que me nasceu; havia de ser pela meia-noite em ponto, senhor.

O rei disse que queria fazer a fortuna daquela criança e que lhe daria muito dinheiro se a deixasse ir com ele. O carvoeiro deixou, e o rei partiu. Pelo caminho disse ao pajem que fosse matar aquela criança, porque era preciso fugir a um agouro com que ela tinha nascido. O pajem não teve alma para matar a inocente e deixou a criança no fundo de um barroco, entre uns silvados, embrulhada no cinto vermelho que ele tirou de si. Tornou para onde estava o rei, e disse:

— Real senhor, não tive animo de matar a criança, mas deixei-a num sítio donde

se não ve nem monte nem fonte e ela lá morrerá com certeza.

Aconteceu que um rachador de lenha veio trabalhar para aquele sítio, ouviu chorar uma criança, desceu ao barroco e tirou-a condoído, e levou-a para casa. A mulher, que não tinha filhos, acolheu-a com satisfação e tratou-a como se fosse seu sangue, e chamavam-lhe Maria da Silva, em lembrança do acontecido.

Passados anos o pajem ia com o rei de jornada e viu uma rapariguinha de cinco anos vestida com uma capotinha vermelha, que conheceu ser o seu cinto. Foram ter com os camponeses, souberam a história da rapariga, o rei deu-lhes muito dinheiro, para o deixarem levá-la para o palácio; assim que o rei partiu, mandou fazer um caixão onde meteu a Maria da Silva, e foi ele mesmo deitá-la ao mar. Um navio encontrou no alto mar o caixão, quiseram ver o que continha, e ficaram pasmados por acharem ainda viva uma criança muito linda. Foram contar tudo a terra a que chegaram, e o rei dali quis ver a rapariguinha, a rainha tomou-lhe amor, e quis que ela se criasse no palácio para servir de aia a princesa. Quando se fizeram as festas do casamento da princesa, já Maria da Silva era grande; vieram as festas do casamento muitos reis e príncipes e veio também aquele que queria matar a Maria da Silva.

O pajem que o acompanhava conheceu logo Maria da Silva, e disse-o ao rei seu amo. O rei, quando foi ao serão, quis dançar com ela, que estava muito aseada, e deu-lhe um anel dizendo:

Dançando to dou, dançando mo há de dar;
E se mo não deres, a vida te há de custar.

E ela lhe respondeu:

Dançando o recebi, dançando o hei de dar;
Também hei de ser rainha e no seu reino reinar.

Acabado o serão Maria da Silva foi para o seu quarto, e uma criada comprada pelo tal rei, roubou-lhe o anel, e deitou-o ao mar. Maria da Silva ficou muito

triste, quando viu que tinha perdido o anel, e que não podia mais dar conta dele; estava a janela quando viu em um quintal uma criada a amanhoar peixe. Correu lá, e viu luzir no bucho do peixe o anel; tirou-o, voltou para o palácio. À noite ao serão o rei tornou a dançar com ela e a repetir as mesmas palavras. Maria da Silva mostrou-lhe o anel e repetiu as palavras que dissera na véspera. Então o rei ficou muito admirado, e disse:

— Já que ninguém pode fugir a sua sorte e tens de ser minha mulher e rainha, já gosto de ti, e hoje mesmo se façam as bodas.

(Algarve)

NOTA: Há outras versões portuguesas orais. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, de G. Pitré, vem a versão italiana sob o n.º 100. Na ilha de São Jorge e repetido com o nome de *Maria das Silvinhas*, como vemos pelas notas do eminente coletor Dr. João Teixeira Soares. Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º LVIII, vem uma versão de Coimbra, com o mesmo título da do Algarve, e também com estribilhos poéticos: *Procura, procura, / Que a que chora / Ainda há de ser tua. / Numa silva fui achada, / Por uma cabra fui criada; / Um pastor me educou, / E agora aqui estou.*

A ROSA BRANCA NA BOCA

Um homem muito abastado veio a cair em pobreza pelos seus desvarios; como tinha dado uma boa educação ao filho, este sabia tocar muitos instrumentos e para ganhar a sua vida foi por esse mundo além. Chegou a uma terra e parou diante de um palácio onde estavam tocando peças de música muito lindas. Deixou-se ali ficar sem comer nem beber. O dono do palácio vendo aquele homem parado na rua, perguntou-lhe o que queria. Ele disse que também gostava de música; o homem mandou-o entrar para ver se ele também sabia tocar. Assim foi, tocou e desbancou todos os outros músicos. O homem admirado, despediu todos os músicos, e disse ao rapaz que ficasse com ele, para o ouvir tocar sempre. Os outros músicos desesperados só queriam apanhar o rapaz para o matarem; mas o velho assim que soube disto protegia o rapaz, acompanhava-o sempre, e queria deixar-lhe tudo como se fosse seu filho. Na corte correu a fama do tocador, e o rei pediu ao fidalgo para lhe levar o rapaz e deixá-lo no paço alguns dias. Lá lhe custou isso, mas não podia dizer que não ao rei. O rapaz espantou todos nas festas do palácio, porque tocava muito bem.

Uma noite que estava recolhido, sentiu entrarem-lhe na camara e meter-se na cama com ele uma dama; quis saber quem era, acendeu uma luz, mas ela trazia uma máscara. Enquanto se demorou no paço, todas as noites ia a dama ter com ele.

O rapaz insistiu para que lhe dissesse quem era. Ela respondeu:

— Não te posso dizer quem sou! Amanhã ao entrar para a missa, hás de me ver com uma rosa branca na boca.

O rapaz foi dizer tudo ao fidalgo que já o tratava como filho; mas o fidalgo lembrando-se do ódio dos músicos, quis acompanhá-lo, não fosse alguma traição. Pos-se ele a porta da igreja, entraram todas as damas, e só quando veio a rainha é que ao lado dela viu a condessa que a acompanhava, e que todos tinham na corte por muito virtuosa, com a rosa branca na boca.

Assim que viu o rapaz em companhia do fidalgo botou a rosa ao chão e amachucou-a com os pés. O rapaz chegou-se próximo da condessa para saber o motivo daquela zanga. Ela disse-lhe que a tinha atraído, contando tudo ao fidalgo. Perguntou-lhe ele o que era preciso que fizesse para tornar a alcançar o seu amor. Disse a condessa que só matando o fidalgo que lhe servira de pai. Ele, na sua cegueira assim o fez. O rei quando soube deste crime, achou-o tão atroz que deu ordem logo para que o enforcassem. Então a condessa foi contar tudo ao rei, e confessou-se culpada, dizendo que o rapaz estava inocente, e que o que fizera era pela paixão do amor. Então o rei perdoou-lhe:

— Já que a condessa fez a sua desgraça, case agora com ele para o fazer feliz.

(Algarve)

NOTA: Um povo que recebeu as tradições semitas, fenícias, hebraicas e árabes, repete sob um novo aspeto o conto de José que resiste a sedução da mulher de Putifar.

O CAVALINHO DAS SETE CORES

Um conde tinha ficado cativo na guerra dos Mouros. Levaram-no ao rei para que fizesse dele o que quisesse. Tinha o rei tres filhas, todas tres muito formosas, que pediram ao pai que o deixasse ficar prisioneiro no castelo até que o viessem resgatar. A menina mais velha foi ter com o conde, e disse-lhe que casaria com ele se lhe ensinasse qualquer coisa que ela não soubesse. O cativo disse:

— Pois ensino-te a minha religião, e vens comigo para o meu reino, e casaremos.

Ela não quis. Deu-se o mesmo com a segunda.

Veio por sua vez a menina mais moça; quis aprender a religião e combinaram fugir do castelo, sem que o rei soubesse de nada. Disse então ela:

— Vai a cavalaria, e hás de lá encontrar um rico cavaliño de sete cores, que corre como o pensamento. Espera por mim no pátio, a noite, e partiremos ambos.

Assim fez. A princesa apareceu com os seus vestidos de moura, com muitas joias, e a primeira palavra que disse, logo o cavaliño das sete cores se pos nas vizinhanças da cidade donde era natural o cativo conde.

Antes de chegar a cidade havia um grande areal; o conde apeou-se, e disse a princesa moura que esperasse ali por ele, enquanto ia ao seu palácio buscar fatos próprios para aparecer na corte, porque estava com roupas de cativo e ela de mourisca.

Assim que a princesa ouviu isto, rompeu em um grande choro:

— Por tudo quanto há, não me deixes aqui, porque hás de te esquecer de mim.

— Como é que isso pode ser?

— Porque assim que te separem de mim e alguém te abraçar logo me esqueces completamente.

O conde prometeu que se não deixaria abraçar por ninguém, e partiu; mas assim que chegou ao palácio a sua ama de leite conheceu-o, e com a alegria foi para ele e abraçou-o pelas costas. Não foi preciso mais; nunca mais ele se pode lembrar da princesa. Ela tinha ficado no areal, e foi dar a uma cabana onde vivia uma pobre mulher, que a recolheu e tratou bem; ali foi ter a notícia que o conde estava para casar com uma formosa princesa, e na véspera do casamento a mourinha pediu ao filho da velha que levasse o cavalinho das sete cores a passear no adro da igreja em que se haviam de casar.

Assim foi; quando chegou o noivo com o acompanhamento, ficou pasmado de ver um tão belo cavalinho, e quis mirá-lo de mais perto. O moço que o passeava andava a dizer:

Anda, cavalinho! anda,
Não esqueças o andar,
Como o conde esqueceu
A moura no areal.

O noivo lembrou-se logo da sorte que lhe tinha caído, desfez o casamento com a princesa e foi buscar a mourinha com quem casou, e viveram muito felizes.

(Algarve — Lagoa)

NOTA: Vide contos pp. 83 e 94 e notas respetivas. Nos *Contos Populares Portugueses* da tradução de Ralston, *A Filha da Feiticeira* traz a circunstancia do esquecimento da namorada; é o n.º IV. As nossas versões não apresentam sincretismos. Vide o conto [O Coelho Branco](#), agrupado também na versão citada.

Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* de Pitré, o n.º XV *Lu Re di Spagna* e idêntico ao conto português a *Filha da Bruxa* coligido por Pedroso. Na *Revista de Literatura Popular*, p. 84, publicou Gubernatis este conto com o título *II Reconescimento*.

A MUDA MUDELA

Era uma vez um homem que tinha duas filhas; a mais nova era muito linda e a mais velha muito feia, e por isso embirrava com a irmã, que a não podia ver. A feia intrigava-a com o pai, que se fiava em tudo quando lhe dizia; um dia armou uma traição a irmã para a perder. Morava por ali um rapaz muito valdevinos, que tentava todas as raparigas, e a irmã feia disse a mais nova que fosse aquela casa, porque ali existia uma família envergonhada e em grande miséria, a quem ela podia socorrer, porque tinha bom coração. Assim que a irmã saiu a socorrer a tal família, a irmã mais velha avisou o pai que lhe foi sair ao encontro, e ficou suspeitando o que não era. Desesperado com a sua afronta, o pai resolveu mandar matá-la, e deu ordem a um criado que a levasse para a floresta, para acabar com a pobre menina. Mas o criado teve dó dela e deixou-a perdida no meio da floresta só com a companhia de uma cadelinha, que ela estimava muito e que nunca a deixava. A menina viveu por algum tempo dentro de uma furna, comendo ervas. Andando um dia o rei a caça viu uma cadelinha, e mandou dar-lhe pão; a cadelinha pegou no pão e fugiu para o ir levar a sua dona. Passado tempo a cadelinha foi aparecer ao rei em outro sítio, tornaram a dar-lhe pão, e fugiu outra vez; o rei mandou acompanhar a cadelinha para ver para onde ela ia, e qual não foi o espanto ao encontrar uma donzela tão formosa e que parecia tão desgraçada. Ora esquecia dizer que a menina tinha prometido que se escapasse da morte e fosse salva daqueles trabalhos, estaria sete anos sem falar. Quando o rei a encontrou e lhe fez perguntas, ela lembrou-se da sua promessa, e não disse uma palavra. O rei levou-a para o palácio, porque gostava muito dela, e tanto se apaixonou que queria, desse por onde desse, casar com a menina. A mãe do rei

aconselhava-o a que não casasse senão quando ela tornasse a achar a fala.

Ao fim de muito tempo, pouco antes dos sete anos, o rei já sem esperança pediu uma princesa para casamento, e foi com toda a sua corte buscá-la. A menina mandou então fazer um vestido com uma das mangas muito larga, e no dia em que o rei voltou foi receber os noivos a escadaria. A princesa assim que a viu deu uma grande gargalhada, dizendo:

Olha a muda de mudela,
Que dentro da manga traz uma panela!

A menina respondeu logo:

Olha a princesa destemperada,
Que logo que entra mal fala.
E eu há sete anos que aqui estou
É a primeira fala que dou.

O príncipe ficou pasmado com o que viu, desfez logo ali o casamento com a princesa, e casou com a menina, como tanto tinha desejado.

(Algarve — Portimão)

NOTA: Há uma versão de Coimbra, intitulada *O Senhor das Janelas Verdes*, nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XLVIII. Traz o seguinte estribilho poético: — *Olha a muda, mudona! / Que traje! que dona! / Olha a condessa, que inveja! / Que eu fale não deseja.*

O SAPATINHO DE CETIM

Era uma vez um homem viúvo e tinha uma filha; mandava-a a escola de uma mestra que a tratava muito bem e lhe dava sopinhas de mel. Quando a pequenita vinha para casa, pedia ao pai que casasse com a mestra, porque ela era muito sua amiga. O pai respondia:

— Pois queres que case com a tua mestra? Mas olha que ela hoje te dá sopinhas de mel, e algum dia tas darás de fel.

Tanto teimou, que o pai casou com a mestra; ao fim de um ano teve ela uma menina, e tomou desde então grande birra contra a enteada, porque era mais bonita do que a filha. Quando o pai morreu é que os tormentos da madrasta passaram as marcas. A pobre da criança tinha uma vaquinha que era toda a sua estimação; quando ia para o monte, a madrasta dava-lhe uma bilha de água e um pão, ameaçando-a com pancadas se ela não trouxesse outra vez tudo como tinha levado. A vaquinha com os pauzinhos tirava o miolo do pão para a menina comer, e quando bebia água tomava a encher-lhe a bilha com a sua baba. Deste feitio enganavam a ruindade da madrasta.

Vai um dia adoeceu a ruim mulher, e quis que se matasse a vaquinha para lhe fazer caldos. A menina chorou, chorou antes de matar a sua querida vaquinha, e depois foi lavar as tripas ao ribeiro; vai senão quando, escapou-lhe uma tripinha da mão, e correu atrás dela para a apanhar. Tanto andou que foi dar a uma casa de fadas, que estava em grande desarranjo, e tinha lá uma cadelinha a ladrar, a ladrar.

A menina arranjou a casa muito bem, pos a panela ao lume, e deu um pedaço de

pão a cadelinha. Quando as fadas vieram, ela escondeu-se detrás da porta, e a cadelinha pos-se a gritar:

Ão, ão, ão,
Por detrás da porta
Está quem me deu pão.

As fadas deram com a menina, e fadaram-na para que fosse a cara mais linda do mundo, e que quando falasse deitasse pérolas pela boca, e também lhe deram uma varinha de condão.

A madrasta assim que viu a menina com tantas prendas, perguntou-lhe a causa daquilo tudo, para ver se também as arranjava para a filha. A menina contou o sucedido, mas trocando tudo, que tinha desarrumado a casa, quebrado a louça, e espancado a cadelinha. A madrasta mandou logo a filha, que fez tudo a risca como a mãe lhe dissera tintim por tintim. Quando as fadas voltaram, perguntaram a cadelinha o que tinha sucedido; ela respondeu:

Ão, ão, ão,
Por detrás da porta está
Quem me deu com um bordão

As fadas deram com a rapariga, e logo a fadaram, que fosse a cara mais feia que houvesse no mundo; que quando falasse gaguejasse muito, e que ficasse corcovada. A mãe ficou desesperada quando isto viu, e dali em diante tratou ainda mais mal a enteada.

Houve por aquele tempo uma grande festa dos anos do príncipe; no primeiro dia foi a madrasta ao arraial com a filha, e não quis levar consigo a enteada que ficou a fazer o jantar. A menina pediu a varinha de condão que lhe desse um vestido da cor do céu e todo recamado com estrelas de ouro, e foi para a festa; todos estavam pasmados e o príncipe não tirava os olhos dela. Quando acabou a festa, a madrasta veio já achá-la em casa a fazer o jantar, e não se cansava de gabar o

vestido que vira. No segundo dia foi a menina a festa, com o poder da varinha de condão, e com um vestido de campo verde semeado de flores. No terceiro dia, quando a menina viu que a madrasta já tinha ido para casa, partiu a toda a pressa, e caiu-lhe do pé um sapatinho de cetim. O príncipe assim que viu aquilo correu a apanhar o sapatinho, e ficou pasmado com a sua pequenez. Mandou deitar um pregão: que a mulher a quem pertencesse o sapatinho de cetim seria sua desposada. Correram todas as casas e a ninguém servia o sapatinho. Foi por fim a casa da mulher ruim, que apresentou a filha ao príncipe, mas o pé era uma patola e não cabia no sapatinho de cetim; perguntou-lhe se não tinha mais alguém em casa. Quando a madrasta ia responder que não, abriu-se a porta da cozinha, e apareceu a enteada com o vestido do primeiro dia das festas e com um pezinho descalço, que serviu no sapatinho de cetim. O príncipe levou-a logo consigo, e a madrasta deu-lhe tal raiva, que se botou da janela abaixo e morreu arreventada.

(Algarve)

NOTA: Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XXXI e XXXVI, há duas versões, *Pele de Cavalo*, e a *Enjeitada*. Nesta última, vem o estribilho poético: *Pérola fina fica na cuba, / E o saramago vai na burra*.

A versão de Ourilhe parece-se na situação final com o conto brasileiro *D. Labismina*, versão de Sergipe (*Contos Populares do Brasil*, p. 29, ed. Lisboa.)

No *Romanceiro do Arquipélago da Madeira* do Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo, sob o título *A Gata Borracheira*, vem este conto em verso de redondilha, de p. 364 a 391. Acha-se no *Pentamerone* de Basile, *Gaita Cenerentola*; nas *Recreations* de Bonaventure des Periers; no conto de Perrault, *Peau d'Ane*; em Rollenhagen, *Fresch Mausler* (ap. Grimm); em Brueyre, *Contes*

populaires de la Grande Bretagne, p. 37, e notas eruditas a p. 46. Em Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. V, p. 110 há mais paradigmas. No *Asinarius vel Diadema*, de Gotfried de Tirlemont, acha-se este tema popular. Consiglieri Pedroso alude a uma variante por ele coligida sob o nome *A Menina e o Peixe*, de que apresenta o resumo: «Um dia um homem trouxe para casa um peixe que apanhou, e deu-o a mais nova das filhas, que era quem tratava da cozinha, para ela o arranjar. A menina em vez de o matar deitou-o num poço, e o peixe reconhecido, quando daí a algum tempo ela tem de ficar em casa, enquanto as irmãs mais velhas vão a uma festa no palácio do rei, dá-lhe tudo quanto ela precisa, para se apresentar no baile, conseguindo a menina pela riqueza do seu traje atrair a atenção de toda a corte, vindo por fim a casar com o peixe, que era um príncipe encantado.» (*O Positivismo*, t. II, p. 446.).

A *Gata Borralheira* forma um vasto ciclo novelesco, estudado pelo eruditíssimo Reinhold Kohler, nas notas a uma versão escocesa, na *Revue celtique*, t. III, pp. 370 e 371. Estudou também este ciclo Henry Charles Coste. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas* t. I, p. 114, vem uma versão do Chile com o título de *Maria la Cenicienta*, curiosa pelo sincretismo com outros contos. O episódio das tripas repete-se também na tradição portuguesa: *Fadas, fadinhas, / Vistes por aqui as minhas tripinhas?*

Gubernatis, na *Storie delle Novelline popolari*, pp. 9 a 34, traz um valioso estudo comparativo do conto da *Cenerentola*, deduzindo a sua origem mítica das imagens poéticas da Aurora. No *Florilegio* em que colige os contos populares em ciclos, o da *Cenerentola* ocupa de p. 5 a 68, com as versões universais que o relacionam com o mito primitivo.

Maspous y Labrós, *La Filastra*, o *Las germanastras* (Rondellayere, pp. 97 e 101.) Nos contos dos irmãos Grimm, *Frau Holle*; Bechstein, *Zitterinchen*; Leprince de Beaumont, *Blanche et Vermeille*; Ahn, *Contos Gregos e Albaneses*, t. I, n.º 28; Callaway, o conto zulu *Ukcombekantsini*; Stanislao Prato, coligiu

variantes livornesas, úmbrias, espoletinas; e Gubematis no *Florilegio delle Novelline popolari* pp. 5 a 6, apresenta nova versão alemã; a *Cendrouse*, da Alta Bretanha; a lição de Perrault; versão de Sene, de Parma, da Sicília; e da Roménia *Il Cenerentola*. Nos *Contos Populares da Ilha de Córsega*, coligiu Frederico Ortolí uma versão *I tre pomi di Marinesle*, que Prato considera análoga a *Gata Borralheira* do *Romanceiro do Arquipélago da Madeira* (em verso octonário). Nos *Contos Populares do Algarve*, vol. II, p. 39, acha-se uma versão. No século XVI já citava Jorge Ferreira de Vasconcelos a *Gata Borralheira* em uma frase proverbial.

MADRASTA

Uma mulher tinha uma filha muito feia e uma enteada bonita como o Sol; com inveja tratava-a muito mal, e quando as duas pequenas iam com uma vaquinha para o monte, a filha dava-lhe um cestinho com ovos cozidos, biscoitos e figos, e a enteada dava-lhe codeas de broa bolorentas, e não passava dia algum sem lhe dar muita pancada. Estavam uma vez no monte e passou uma velha que era fada, e chegou-se a elas e disse:

— Se as meninas me dessem um bocadinho da sua merenda? Estou mesmo a cair com fome.

A pequena que era bonita e enteada da mulher ruim deu-lhe logo da sua todinha de broa; a pequena feia, que tinha o cestinho cheio de coisas boas, começou a comer e não lhe quis dar nada. A fada quis-lhe dar um castigo, e fez com que ela feia ficasse com a formosura da bonita; e que a bonita ficasse em seu lugar, com a cara feia. Mas as duas pequenas não o souberam; veio a noite e foram para casa. A mulher ruim, que tratava muito mal a enteada que era bonita, veio-lhes sair ao caminho, porque já era muito tarde, e começou as pancadas com uma vergasta na própria filha, que estava agora com a cara da bonita cuidando que estava a bater na enteada. Foram para casa, e deu de comer sopinhas de leite e coisas boas a que era feia, pensando que era a sua filha, e a outra mandou-a deitar para a palha de uma loja cheia de teias de aranha, e sem ceia. Duraram as coisas assim muito tempo, até que um dia passou um príncipe e viu a menina da cara bonita a janela, muito triste e ficou logo a gostar muito dela, e disse-lhe que queria vir falar com ela de noite ao quintal. A mulher ruim ouviu tudo, e disse a que estava agora feia e que cuidava que era a sua filha, que se preparasse e que fosse falar a

noite com o príncipe, mas que não descobrisse a cara. Assim fez, e a primeira coisa que disse ao príncipe foi que estava enganado, que ela era muito feia. O príncipe dizia-lhe que não, e a pequena descobriu então a cara; mas a fada deu-lhe naquele mesmo instante a sua formosura. O príncipe ficou mais apaixonado e declarou que queria casar com ela; a pequena foi-o dizer a que pensava que ela era sua filha. Fez-se o arranjo da boda, e chegou o dia em que vieram buscá-la para se ir casar; ela foi com a cara coberta com um véu e a irmã, que estava agora bonita, ficou fechada na loja as escuras. Assim que a menina deu a mão ao príncipe e ficaram casados, a fada deu-lhe a sua formosura; foi então que a madrasta conheceu que aquela era a sua enteada e não sua filha. Corre a pressa a casa, vai a loja da palha ver a pequena que lá fechara, e dá com a sua própria filha, que desde a hora do casamento da irmã tornara a ficar com a cara feia. Ficaram ambas desesperadas e não sei como não arrebutaram de inveja. É bem certo o ditado: «Madrasta nem de pasta.»

(Porto)

NOTA: Pertence ao ciclo do antecedente. A troca das crianças pelas fadas, achase nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 223, trad. Brueyre.

O OVO E O BRILHANTE

Havia uma mulher, que tinha uma filha e uma enteada; estavam sozinhas em casa, uma sempre na cozinha, muito maltratada, e a outra sempre perra e soberba de janela. Passou uma velhinha, e pediu se lhe davam alguma coisa. Disse a soberba:

— Vá-se embora, tia, que não há pão cozido.

A outra disse:

— Não tenho que lhe dar; só se for este ovo fresco que pos agora a galinha.

E deu o ovo a velhinha. A velhinha quebrou-o, e dentro do ovo estava uma grande pedra preciosa, que era um brilhante; pegou nele e deu-o a menina:

— Trazei sempre essa pedra ao pescoço, que enquanto andardes com ela haveis de ter todas as felicidades.

A pequena pos a pedra ao pescoço. A irmã, com inveja, foi também buscar um ovo, e deu-o a velhinha. Ela disse que o partisse pela sua mão; assim fez, e rebentou o ovo choco, que tresandava de mau cheiro e a cobriu de porcarias pela cara e pelas mãos. A velhinha foi-se embora. Aconteceu passar por ali o rei, e viu aquela menina com a pedra ao pescoço, e achou-a tão linda, e ficou logo tão apaixonado, que a mandou buscar e casou com ela. Ficou rainha; e como era boa, a madrasta e a irmã pediram-lhe para que as deixasse viver no palácio; deixou. Um dia o rei foi para uma guerra, onde tinha de se demorar; a rainha ficou no palácio. Ora a madrasta, que já sabia do poder da pedra preciosa, andava mais a filha a mira de ver se lha furtavam; até que um dia que ela estava no banho, e que a irmã lhe tinha ido botar o lençol, furtou-lhe a pedra sem ela dar tino.

Imediatamente ficou muito aflita, e a irmã mais a madrasta fugiram para irem ter com o rei, que estava na campanha, porque tinha a certeza que ele a tomaria por mulher. Pelo caminho puseram-se a descansar e adormeceram. Passou uma águia e viu luzir a pedra, e de repente desceu e arrancou-a, e engoliu-a. Quando as mulheres continuaram o seu caminho, chegaram a barraca do rei, sem terem ainda dado pela falta da pedra. Pediram licença para entrar, dizendo que era a mulher do rei que vinha visitá-lo, porque tinha muitas saudades. O rei conheceu, quem eram, e mandou dar-lhes muita pancada e po-las fora; foi então que a rapariga deu pela falta da pedra, e botou a fugir, e a mãe atrás dela.

Quando o rei chegou ao seu reino, veio a rainha ao seu encontro; mas como não tinha a pedra o rei não a conheceu, e disse: — É uma tola como as outras. E escorraçaram-na. Ela tornou para o palácio e lá só a aceitaram para ajudar na cozinha. De uma vez estava-se a arranjar um grande jantar para o casamento do rei, e ela ao amanhar uma águia, achou-lhe no papo uma grande pedra preciosa. Guardou-a, e pediu ao dono para ir servir a mesa. Assim foi; pos a pedra ao pescoço, e assim que entrou na sala, o rei conheceu-a e lembrou-se dela, e perguntou-lhe como é que aquilo tinha sido. Ela contou-lhe tudo, e o rei sentou-a logo a sua direita, e a outra princesa foi-se embora.

(Porto)

CABELOS DE OURO

Um homem e a sua mulher tinham dois filhos mas não havia que lhes dar a comer; uma noite estando já deitados ouviu o pequeno estarem dizendo:

— É necessário matar um destes filhos, porque não podemos com tanta família.

O pequeno acordou a irmãzinha, contou-lhe tudo e botaram a fugir de casa. Foram andando noite e dia, e já muito longe o rapazinho cansado deitou-se no chão e adormeceu com a cabeça no regaço da irmã. Passaram por ali tres fadas, e vendo a criança, deram-lhe tres dons:

Que fosse a cara mais linda do mundo.

Que quando se penteasse deitasse ouro dos cabelos.

Que tivesse as mais raras prendas de mãos.

Assim que o pequeno acordou, puseram-se outra vez a caminho, e foram dar a casa de uma velha muito feia, que os recolheu. Passaram-se anos, e um dia que o rapaz quis dinheiro, a irmã penteou-se, e ele levou o ouro para vender na cidade. O ourives que lho comprou ficou desconfiado, perguntou ao rapaz como é que arranjava aquele ouro, mas não quis acreditar tudo quanto ele disse. Foi dar parte ao rei, que o mandou prender até vir a irmã a corte para se apurar a verdade.

A velha, que tinha ficado com a menina dos cabelos de ouro resolveu matá-la a fome; já estava havia dois dias sem comer, e quando lhe pediu alguma coisinha a velha disse-lhe que só se ela lhe deixasse tirar um olho. Ela deixou para não morrer. Depois de outros dois dias, estava já a menina a cair com sede, e pediu a velha uma pinga de água, e ela disse — que só se lhe deixasse tirar o outro olho.

Até que ficou ceguinha. Foi então que veio ordem do rei para que a levassem a corte; a velha pensou que era melhor deitar a menina ao mar, e levar uma filha que tinha em lugar dela. O rapaz que estava preso numa torre que tinha uma fresta para o mar, viu andarem boiando na água umas roupinhas, que a maré trouxe para terra; botou-lhe uns lençóis torcidos para que ela subisse.

A velha tinha chegado a corte com a filha, e se ela não botasse ouro dos cabelos, o rapaz iria a morrer. Quando a menina soube isto disse ao irmão que lhe arranjasse do carcereiro um papel fino para fazer flores. O carcereiro trouxe o papel, e a menina assim mesmo cega fez um ramo muito lindo cheio de pérolas e ouro que lhe caíam dos cabelos. O irmão pediu ao carcereiro para lhe mandar vender aquele ramo, não por dinheiro, mas sim por um par de olhos. Apregooou-se o ramo, todos o queriam, mas ninguém se atrevia a dar os olhos da cara por ele; só a velha quando ouviu o pregão é que o comprou pelos olhos da menina, que tinha guardado. O carcereiro trouxe o par de olhos, e a menina tornou a pô-los outra vez na cara.

Veio o dia em que a velha teve de apresentar a filha diante do rei, mas não deitava ouro dos cabelos. O rapaz ia já a morrer, quando mandou pedir ao rei que se lhe dessem um fato de mulher iria buscar sua irmã, que a velha tinha querido matar. Deram-lhe o fato, e trouxe então da torre a menina, que se penteou diante do rei, e todos ficaram pasmados daquele dom e da sua grande formosura. A menina contou tudo ao rei, que lhe perguntou o que queria que se fizesse da velha.

— Quero que da pele se faça um tambor, e dos ossos uma cadeirinha para eu me assentar.

(Algarve)

NOTA: A versão portuguesa está bastante confusa; a redação mais completa

que conhecemos é a do Chile, intitulada *El Culebroncito*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, t. I, p. 137. Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XIX, versão do Rio de Janeiro: *A Rainha Que Saiu do Mar*.

A CARPINTEIRAZINHA

Tres irmãs viviam do seu trabalho. Estando elas um dia questionando qual era a mais habilidosa, diz a mais velha:

— Eu tenho habilidade de fazer uma camisa da pele de casca de ovo para o rei.

— E eu atrevia-me a fazer-lhe umas calças de uma casca de amendoa verde.

Disse a terceira:

— E eu atrevia-me a ter tres filhos do rei sem ele o saber.

Deu-se o caso de o rei ter passado por ali na ocasião desta conversa, e logo pediu licença para entrar. Disse que tinha ouvido isto assim e assim, e que ordenava que elas lhe mostrassem as suas habilidades.

A mais nova respondeu-lhe que isso dependia de tempo enquanto a sua parte, e o rei partiu dizendo-lhe que não deixasse perder a ocasião. As duas irmãs ficaram penalizadas com a aposta da mais nova mas trataram de desempenhar-se da sua promessa. Soube a mais nova que o rei saía da corte e ia estar um ano em Bule; pediu então dinheiro emprestado as irmãs, comprou ricos vestidos, e apresentou-se em Bule sem que o rei a conhecesse. Ao fim de nove meses teve ela um menino. Ao fim de um ano o rei disse que ia até Toledo, e que quando voltasse casaria com ela, e deu-lhe muitas joias e dinheiro a despedida. Foi o rei para Toledo e quando lá chegou, já lá estava a rapariga com outros trajos, e com outra fisionomia, e o rei tornou-se a apaixonar por ela, dizendo que ela era superior a todas quantas tinha visto. Ao fim de nove meses outra criança. Acabado o ano, foi o rei para Sevilha, e lá lhe tornou a aparecer a rapariga tão bem arranjada que lhe pareceu a melhor mulher que havia naquela terra. Teve

então um terceiro menino. Não quis o rei ao voltar para a corte passar por Bule, nem por Toledo, porque prometera casamento as outras duas; quando entrou na corte já lá estava a Carpinteirazinha e as irmãs, pasmadas com as riquezas que trazia. Ela fartou-se de esperar a visita do rei, que não se fiara na aposta; passado tempo o rei estava para casar com a princesa, e no dia da boda a Carpinteirazinha mandou a corte os seus tres filhos vestidinhos com todas as joias que o rei lhe tinha dado. Disse-lhes que beijassem a mão do rei e ficassem calados, e só quando o rei lhes perguntasse o que queriam, dissessem:

Bule, Toledo, Sevilha, andai;

Vimos ao casamento d'el-rei nosso pai.

Assim fizeram os meninos; o rei compreendeu logo tudo, lembrou-se da aposta e mandou vir a Carpinteirazita, com quem casou da melhor vontade.

(Algarve)

NOTA: Este título não tem sentido, ignorando-se a significação primitiva de *carpinteiro*; carpenta é o carro gaules, usado pelas antigas mulheres da Ausónia, como descreve Ovídio. (Fastos, I-IV, 819.) Florus cita um *carpentum* de prata do rei Brituitus. A locução portuguesa *bichos-carpinteiros* designa a pessoa que não está quieta em um lugar. Evidentemente o nome de Carpinteirazinha deriva-se da sua mobilidade com que figura no conto. A forma seguinte é uma variante.

A FILHA DO LAVRADOR

Era uma vez um príncipe; todas as vezes que vinha lavar-se a varanda do seu quarto, via defronte a filha de um lavrador, que era muito linda. Ora naquele tempo a verdadeira nobreza era a dos lavradores, e por isso o príncipe falava para ela, e dizia:

— Deus vos salve, filha de lavrador.

E ela respondia:

— E a vós príncipe e real senhor.

Ele conversava para ela, e perguntou-lhe se não queria encontrar-se na grande feira do ano, que se fazia. Ela disse que não; mas pediu licença ao pai, foi adiante e meteu-se no quarto da estalagem onde havia de pernoitar o príncipe. Quando disseram ao príncipe que estava ali uma mulher, ele respondeu:

É o mesmo.

Entrou para o quarto; viu uma moça muito linda, mas não a conheceu. Apagou a luz e ficaram toda a noite juntos. Pela manhã muito cedo ela arranjou-se para partir, e o príncipe perguntou-lhe o que é que ela queria em lembrança daquela noite; ela pediu-lhe a espada. O príncipe não teve remédio senão dar-lha. Passados dias, o príncipe fez os mesmos cumprimentos:

— Deus vos salve, filha de lavrador.

— E a vós também, real senhor.

— Então a menina não vai amanhã a romaria, para se encontrar lá comigo?

Ela disse que não; mas foi adiante e com tal jeito que ficou no lugar onde o

príncipe tinha de dormir aquela noite. Ora já se tinha passado muito tempo, e a filha do lavrador tinha tido as escondidas um menino, que estava a criar e era o retrato do príncipe. Desta vez as coisas passaram-se como da outra, e quando foi pela manhã cedo, o príncipe disse-lhe que pedisse o que queria, e respondeu que só queria o cinto que ele usava.

Já se sabe, veio a ter outro menino. Foi ainda uma terceira vez convidada para um grande arraial, e ela lá se encontrou com o príncipe sem ele saber que era a filha do lavrador. Desta vez também lhe perguntou o que é que ela queria, e a moça pediu-lhe o relógio. Passado o tempo também teve uma menina, que pos a criar com os outros dois filhos do príncipe.

Um dia, disse ele:

— Filha de lavrador, vou-me casar. Não queres vir a minha boda?

Ela disse que não; mas no dia do casamento entrou pelo palácio dentro com os tres meninos, um com a espada, outro com o cinto e a menina com o relógio. Deixaram-na entrar, e ela foi para a mesa. O príncipe conheceu aquelas tres prendas que dera, sem saber a quem, e viu que os meninos eram o seu retrato. No fim do jantar disse que cada um havia de contar a sua história, e que ele é que começaria.

Disse então:

— Um dia um homem perdeu uma chave de ouro, e arranjou uma de prata para servir-se; mas aconteceu achar outra vez a chave que tinha perdido, e agora quero que os senhores me digam de qual delas se deve servir daqui em diante, da de ouro ou da de prata?

Disseram todos:

— Da chave de ouro! Da primeira.

O príncipe levantou-se, e foi buscar a filha do lavrador, que estava a um canto da mesa, e disse:

— A esta é que eu tomo por mulher; e estes infantes são os meus filhos, que eu tinha perdido.

A festa continuou muito alegre, e dali se foram a receber com grandes alegrias.

(Santa Maria — Famalicão)

NOTA: Pertence ao ciclo da *Maria Sabida*.

A FEIA QUE FICA BONITA

Era uma vez uma velha, que tinha uma neta, que era feia como um bicho. A velha morava defronte do palácio do rei, e meteu-se-lhe em cabeça de vir a casar a neta com o rei. Lembrou-se de uma gíria. Todas as vezes que o rei saía a passeio, ao passar por diante da porta da velha, ela despejava para a rua uma bacia de água de cheiro, e dizia:

— A água em que a minha neta se lava cheira que rescende.

Sucedeu isto assim tantas vezes, que o rei reparou para o caso, e pediu a velha que lhe deixasse ver a neta, que se lavava em água tão cheirosa. A velha escusou-se dizendo que não, porque a neta era muito vergonhosa, mas que tudo se arranjará, porque assim que fosse noite iria com ela fazer uma visita, e por este engano a levaria ao palácio. Disse também ao rei que era a cara mais linda do mundo; o rei esperou que anoitecesse, até que ouviu o sinal combinado, e veio buscar a rapariga. A velha foi-se embora, pensando que o rei ficaria com a neta; quando o rei chegou ao seu quarto e acendeu a luz, deu com uma mulher feiíssima e desengraçada; ficou zangado com o logro, e na sua raiva despiu-a toda e fechou-a numa varanda ao relento da noite. A pobre rapariga não podia perceber a sua desgraça, e com o frio e com o medo da escuridão estava bem perto de morrer.

Lá por essa meia-noite passou um grupo de fadas que andavam a distrair um príncipe que tinha perdido o riso; o príncipe assim que viu a rapariga nua desatou logo as gargalhadas. As fadas ficaram muito contentes, e quando viram que a causa fora aquela rapariga nua, negra e feia, disseram-lhe:

— Nós te fadamos, para que sejas a cara mais linda do mundo. Quando de madrugada o rei veio ver se a rapariga teria morrido, achou-a lindíssima, e ficou pasmado do seu engano. Pediu-lhe muito perdão, e rogou-lhe logo para casar com ela. Casaram e fizeram-se grandes festas. A velha avó, que morava defronte do palácio, soube que a nova rainha era a sua neta; foi ao palácio pedir para lhe dar uma fala. Chegou-se ao pé da neta e perguntou-lhe baixinho:

— Quem é que te fez tão bonita?

A neta respondeu na sua boa verdade:

— Fadaram-me.

Ora como a velha era algo surda, entendeu que lhe dizia: «Esfolaram-me.» O rei deu-lhe muito dinheiro assim que ela se despediu, e ela foi logo a casa de um barbeiro para que a esfolasse, porque queria ficar outra vez nova. O barbeiro não queria, ela deu-lhe todo o dinheiro que levava; por fim começou a esfolá-la, e a velha morreu no meio de grandes dores, pensando que ficaria bonita.

(Algarve)

NOTA: No *Pentamerone* de Basile, X conto, há uma velha que se esfolia para se fazer bonita. Vid. Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 6: «No décimo conto do *Pentamerone*, o rei de Roccaforte casa-se com a velha, julgando que é uma nova. Deita-a pela janela, mas ela na queda fica dependurada de uma árvore; vem as fadas, fazem-na nova, dão-lhe formosura e riqueza, e cingem-lhe o cabelo com uma fita de ouro. A irmã, também velha, com inveja da que ficou bonita (a Noite) foi a casa de um barbeiro, esperando obter a mesma transformação pedindo que a esfolasse, mas ficou sem pele. No que respeita o mito das duas irmãs, a Noite e a Aurora, a donzela negra e a que se disfarça ou tingem de negro, ou cinzento, vide também o *Pentamerone*, II, 2.» O conto baseia-se sobre um equívoco de linguagem, que vem reforçar a elaboração do mito.

Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º LXV, há uma versão de Coimbra com o título *A Velha Fadada*.

O PEIXINHO ENCANTADO

Era uma pobre mulher, que tinha um único filho, e demais parvo, e não queria trabalhar. Coitadinha, não lhe servia senão para comer. Um dia que ia para o mato buscar lenha um rapazinho da vizinhança, ela pediu-lhe para que levasse consigo o tolinho, e lhe ensinasse a fazer um feixinho. Quando chegaram ao monte, o rapaz foi cortar dois molhos de lenha, e o parvo pos-se a brincar ao pé de uma ribeira. Ali esteve sem pensar em nada, a ver os peixinhos na água; eis senão quando salta um peixinho mesmo as abas do parvo, que lhe botou logo as unhas. O peixinho assim que se viu nas mãos do parvo, disse-lhe

— Não me mates, que em paga, quando quiseres alguma coisa, basta dizeres: «Peço a Deus e ao meu peixinho que me de tal e tal, que tudo há de sair como pedires.»

O parvo, assustado, deixou o peixinho cair-lhe da mão, e logo desapareceu na ribeira. O outro rapaz bem chamava por ele para vir erguer o seu molho; ele foi, e quando viu que o molho era pesado disse:

— Peço a Deus e ao meu peixinho que me ponha a cavalo neste feixe de lenha.

Saltou para cima do molho, que o levou a galope pelo mato fora e por toda a cidade até chegar a casa da mãe. O rei estava a janela do palácio, e ficou admirado; chamou a filha:

— Vem ver o parvo a cavalo num feixe de lenha.

A princesa desatou a rir, quando o viu; mas o parvo disse baixinho:

— Peço a Deus e ao meu peixinho, que a princesa tenha um menino meu.

Tempo depois começou a princesa a padecer; todos os médicos foram de

opinião, que a princesa andava ocupada. O rei ficou desesperado e pedindo por todos os santos a filha que lhe dissesse quem tinha sido o causador de uma tal vergonha. A princesa jurava por tudo que não sabia explicar aquilo; o rei mandou botar um pregão, de que quem viesse confessar que era pai do menino casaria com a princesa.

Depois de tempo, veio o parvo ao palácio para falar ao rei:

— Venho dizer a Vossa Real Majestade que eu é que sou o pai do menino da princesa.

O rei ficou espantado, a princesa não compreendia o que estava ouvindo. O parvo contou então o acontecido. O rei para se confirmar, disse-lhe:

— Pois pede ao teu peixinho que te faça aparecer agora aqui muito dinheiro.

O dinheiro caiu-lhe de todos os lados.

— Pede agora ao teu peixinho que te faça um moço muito perfeito e esperto.

O parvo ficou desde logo mais formoso que todos os príncipes; casou com a filha do rei, e pela sua grande esperteza ficou governando.

(Algarve)

NOTA: Há uma outra versão da Foz do Douro intitulada João Mandrião, nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XXX. Vide nota a p. 36. Nos *Portuguese Folk-Tales*, de Consiglieri Pedroso, aparece com o n.º XVII sob o título *O Preguiçoso Filho da Padeira*, diversificando no episódio da laranja. Ralston, na sua Introdução (p. VII) considera-o comum a todo o Oriente da Europa, e cita os n.º 55 do vol. VI, e 61 do vol. VII; depois da vasta coleção russa, cita o conto n.º 19 dos Contos de Grimm, *O Pescador e Sua Mulher*; uma variante nos *Griechische Marchen*, n.º 8, de Ahn, e termina dizendo que na Ásia esta tradição conserva uma forma mais razoável. Sobre os *Peixes-Salvadores*, vid. [A Sardinbinha](#).

O FIGUINHO DA FIGUEIRA

Era uma vez um homem que tornou a casar, e tinha uma filha do primeiro casamento que era tratada pela madrasta mal a mais não poder. Tinham uma figueira lampa no quintal, para onde a madrasta mandava a enteada guardar os figos por causa da passarada. Quando a pequena ia para o campo, a madrasta seguia-a também para contar os figos, dizendo-lhe que a mataria se algum lhe faltasse. Um dia veio o milhano e comeu tres figos, por mais que a pequena o enxotasse. Quando estava a anoitecer a madrasta veio revistar a figueira, e a enterrou debaixo da figueira, e veio para casa dizendo que a rapariga tinha fugido. O pai pensou que ela teria ido servir para alguma casa longe. Um dia que o pai passava por debaixo da figueira, ficou pasmado de ver sob ela muitas flores, e entre elas um lindo botão de rosa. Foi para as colher mas sentiu uma voz a dizer-lhe:

Não me arranquem os meus cabelos
Que minha mãe os criou
Minha madrasta mos enterrou
Pelo figo da figueira
Que o milhano levou.

Ao princípio o homem ficou sem saber o que havia de fazer; mas por fim resolveu-se a abrir uma cova naquele lugar para ver que coisa era. Depois de estar já bem funda a cova, descobriu uma laje levantou-a, e deu com uma escadaria por onde desceu. Quando chegou lá abaixo encarou com a filha, que estava muito linda e muito bem vestida:

— Filha como é que vieste ter aqui?

— Quando a minha madrasta me enterrou, apareceu-me aqui esta casa e todos os dias vem aqui uma senhora dar-me de comer.

O pai ficou vivendo com a filha, e não quis mais saber da mulher.

(Algarve)

NOTA: Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XLI, vem uma versão de Coimbra sob o título *A Menina e o Figo*. Acha-se nos *Contos Populares do Brasil* n.º XVI, com o título *A Madrasta*. Celso de Magalhães coligiu-o na tradição oral do Maranhão.

A DA VARANDA

Era uma vez um mercador que tinha uma filha linda como as estrelas e ladina como os diabretes. Pegado a varanda dela era o quintal do rei. Todas as tardes ela ia regar as suas flores e tinha um grande manjeriço. O rei começou a gostar muito dela e já a esperava a hora certa para a ver e perguntava-lhe sempre:

Ó menina, visto ser
De tamanha discricção,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjeriço?

Ela dava-lhe o troco dizendo:

Vossa Majestade sabe
Ler, escrever e contar,
Há de saber quantos bagos
De areia tem o mar?

O rei começou então a ver se podia pregar uma peça a rapariga, e aproveitou uma ocasião em que o mercador tinha saído para fora da terra. Arranjou uma tenda com quinquilharias, e foi vestido de tendeira a casa dela. A filha do mercador mandou-a entrar sem suspeitar mal; o rei levava um anel muito rico, que deixou a rapariga encantada. Gabou-o muito com pena de o não poder comprar; mas a tendeira disse-lhe:

— Eu, minha menina, dou-lhe o anel se me der um beijinho; estou perdida por si; mesmo que seja por cima deste véu que trago pela cara.

Quem mal não pensa mal não ve, a rapariga deu o beijo e ficou com o anel.

De tarde quando foi regar as flores, apareceu o rei como de costume:

Ó menina, visto ser
De tamanha discrição,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjeriço?

E ela retrucou logo:

Vossa Majestade sabe
Ler, escrever e contar,
Há de saber quantos bagos
De areia tem o mar?

O rei, que ficou calado, continuou:

E aquele beijo que deu
Mesmo por cima do véu?...

A rapariga ficou capaz de morrer; fez-se muito vermelha e jurou de si para si que se havia de vingar. Vai um dia, veste-se de preta, e foi a casa do rei oferecer-se para criada; primeiro combinou com o seu criado, que de noite botasse na varanda do rei a cabra que tinham no quintal. O rei tomou logo a pretinha para si, porque era muito engraçada, e com medo que ela lhe fugisse deitou-a num quarto ao pé do seu, com uma fita amarrada ao braço dela. De noite o rei puxou pela fita e ainda a pretinha respondeu; mas assim que o rei pegou no primeiro sono, a rapariga desamarrou-se foi buscar a cabra muito devagarinho, po-la em seu lugar, e foi-se embora. Quando o rei acordou, lembrou-se da pretinha, que era de encantar, puxou-a pela fita para a sua cama, mas a cabra começou a berrar, e o rei espantado a gritar que tinha o Diabo em casa; acudiu muita gente e todos viram a cabra em vez da preta no quarto do rei. No outro dia a tarde, o rei foi ver a filha do mercador, que andava a regar, e perguntou-lhe:

Ó menina, visto ser

De tamanha discrição,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjericão?

E ela, em despique:

Vossa Majestade, sabe
Ler, escrever e contar,
Há de saber quantos bagos
De areia tem o mar?

Diz o rei:

E o beijinho por cima do véu?...

E ela:

E a cabra que fez méu, méu?...

O rei conheceu que ela o tinha desfrutado, mas achou-lhe graça. A rapariga não quis ficar por aqui. Soube que o rei ia para uma caçada, vestiu-se de homem, montou numa mula, e levou consigo uma máscara, e foi seguindo a comitiva de longe. Depois de muito andar, o rei disse para parar um pouco, e que o deixassem sozinho. Assim que os cavaleiros se afastaram para longe, a rapariga tira a máscara da algibeira, saca de um punhal e vai para o rei, como quem quer matá-lo, e grita-lhe:

— Beije já o rabo da minha mula, senão mato-o aqui já.

Naqueles apertos, o rei como estava ali sozinho beijou o rabo da mula. A rapariga voltou para casa; ao outro dia estava regando as flores, e o rei apareceu, e fez as perguntas do costume:

Ó menina, visto ser
De tamanha discrição,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjericão?

E ela:

Vossa Majestade sabe
Ler, escrever e contar,
Há de saber quantos bagos
De areia tem o mar?

E o rei:

E aquele beijo que deu
Mesmo por cima do véu?...

Ela:

E a cabra que fez méu méu?...

O rei:

Não se finja assim tão fula.

Ela:

E o beijo no rabo da mula?

O rei lembrou-se do acontecido, achou-lhe muita graça, e quando o mercador voltou a terra foi pedir-lhe a filha em casamento, porque com uma mulher tão esperta havia de ser por força muito feliz.

(Algarve)

NOTA: Pertence ao ciclo da *Maria Sabida*. Em uma variante que ouvimos no Porto há o estribilho: *E a cabra na cama / A fazer de madama?*

Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XII, *Dona Pinta*, versão de Sergipe.

A NOIVA FORMOSA

Era uma vez um rei que tinha tres filhos; um dia chamou-os e disse que já estava velho, e que desejava entregar o reino a qualquer dos seus filhos, e por isso fossem procurar mulher, na certeza de que aquele que trouxesse a mais formosa esse é que ficaria com o reino. Partiram todos tres; os dois mais velhos voltaram passado pouco tempo casados, com duas bonitas raparigas, que não eram princesas. O mais novo correu muitas terras, sem achar mulher que lhe agradasse; um dia chegou a um lindo palácio no meio de um escampado, e resolveu-se a pernoitar ali. Apareceu-lhe então um velho que o recebeu, e lhe deu um quarto muito rico, e o hospedou muito bem. Ao outro dia o príncipe contou o motivo da sua jornada.

— Pois pode dar graças a sua ventura, porque não podia ir bater a melhor porta do que a minha — disse o velho. Tenho uma filha que é uma formosura, com um bom génio, e rica.

O príncipe ficou logo contente, e pediu para ver a noiva. O velho respondeu-lhe que não; se confiava na sua palavra só a poderia ver no dia do casamento. O rapaz disse que sim, e daí a pouco chegou o dia do noivado. Vieram muitas carruagens, vistoso acompanhamento, mas o príncipe não conhecia ninguém. Por fim chegou a carruagem da noiva, e foram todos a recebe-la. Vinha coberta de pedrarias. O rapaz ficou pasmado por ve-la tão feia como uma macaca; como enfim tinha dado a sua palavra, curtiu consigo o cru engano. Casou, e levou a mulher para a corte de seu pai; não se falava noutra coisa senão na macaca. O rei desgostado com o filho, deu-lhe um palácio velho que tinha para ele ir para lá viver. O príncipe andava descontente, mas tratava muito bem a mulher. Um dia

o rei mandou avisar os filhos de que iria a visitar as suas noras; todos assearam as suas casas, só a macaca pulando de contente, pos a casa numa felga, escangalhou camas, quebrou vidraças e mais tropelias. Quando estava o rei para chegar, e o príncipe viu que tinha a casa como um chiqueiro, disse-lhe a macaca:

— Vai a casa de meu pai, que me mande a laranja que eu deixei em cima da minha cómoda.

O príncipe foi, deu o recado ao sogro, voltou e entregou a laranja a mulher. A macaca armou com umas mesas e cadeiras um trono, sentou-se no alto, e o marido a sofrer-lhe tudo. Quando o rei chegou a porta, e já vinha subindo a escada, a macaca dá a laranja ao marido dizendo:

— Atira-a com força ao teto da casa.

De repente a casa transformou-se no mais rico palácio do mundo, a mesa e cadeiras em um trono de ouro, e ela em uma cara lindíssima como o Sol.

O rei ficou espantado do que via, e a princesa disse-lhe:

— Obrigada pela sua visita; pode oferecer o seu reino a quem quiser, porque eu sou a rainha dos impérios, que estava encantada, até encontrar quem fosse capaz de me fazer o que o príncipe meu marido me fez.

(Algarve)

NOTA: Vide o conto [A Cara de Boi](#) e a nota correspondente. Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XXI, vem uma versão de Sergipe, *A Sapa Casada*. Gubernatis, no *Florilegio delle Novelle popolari*, traz uma versão italiana *La Ranocchiella*, filiando-a no vasto ciclo novelístico de Psique. Pitré *Tre Figlio obediienti* (Palermo) Knust, Imbrianni, Gonzenbek e Comparetti, coligiram versões.

A NOIVA DO CORVO

Havia numa terra uma mulher, que tinha em sua companhia um corvo. Defronte dela moravam tres raparigas muito lindas. Como o corvo queria casar, mandou falar a mais velha; respondeu-lhe que não, e o corvo raivoso arrancou-lhe os olhos. Sucedeu o mesmo com a segunda, até que a terceira sempre se sujeitou a casar com o corvo.

Tempo depois de já viverem na sua casa, a rapariga falou a uma vizinha no seu desgosto de estar casada com um corvo; a vizinha aconselhou-lhe que lhe chamuscasse as penas, porque podia ser obra de encantamento, e assim se quebraria. Quando a noite se foram os dois deitar, a rapariga chegou a candeia as pernas do corvo; ele acordou logo, dando um grande berro:

— Ai, que me dobraste o meu encantamento! Se me queres salvar, vai por-te aquela janela, e todos os pássaros que vires, chama-os e pede-lhes assim: «Venham passarinhos, venham despir-vos para vestir el-rei que está nu.» De facto os passarinhos começaram a vir poisar na janela, e cada um deixava cair uma pena com que o corvo se foi cobrindo. Depois que ficou outra vez emplumado, o corvo bateu as asas, e desapareceu, dizendo para a mulher:

Agora se me quiseres tornar a ver,
Sapatos de ferro hás de romper.

A pobre rapariga ficou sozinha toda aquela noite, e logo que amanheceu foi comprar uns sapatos de ferro e meteu-se a correr o mundo. Tinha os sapatos quase estragados de andar, quando encontrou um velho e lhe perguntou se não tinha visto um pássaro. O velho respondeu:

— Eu venho da fonte da Madrepérola, onde estavam bastantes.

Ela continuou o seu caminho, e antes de chegar a fonte ali encontrou um corvo, que lhe disse:

— Olha, se quiseres salvar o rei, vai a fonte, onde estará uma lavadeira a lavar um vestido de penas, tira-lho e lava-o tu. Ao pé da fonte está uma casa, e um velho que a guarda; entra aí, mata o velho para poderes quebrar todas as gaiolas e dar a liberdade aos pássaros que ele tem lá presos.

A rapariga chegou a fonte, e fez como o corvo lhe tinha dito; lavou o vestido de penas e depois entrou na casa onde estava o velho, fingiu que via vir pelo mar uma linda embarcação; o velho chegou a janela e a rapariga pegou-lhe pelas pernas e deitou-o ao mar. Depois quebrou todas as gaiolas e os pássaros em liberdade tornaram-se príncipes que estavam encantados, e entre eles estava o seu marido, que era rei e lhes pos a obrigação de a servirem toda a vida.

(Algarve)

NOTA: Nos *Kalmükische Marchen*, de Jülg, vem um conto do pássaro desposado, que se prende a este ciclo do amante tornado em porco ou em cavalo, em serpente ou em pássaro. Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XXV e XXXIV, vem com os títulos *O Carneirinho Branco*, e o *Príncipe Sapo*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, cita um conto da coleção de Campbell, em que o esposo é um corvo, e não um príncipe-sapo ou príncipe-serpente como no ciclo em geral. Na Rússia, Alemanha, Itália e França. (Vid. Nota a [*A Feia Que Fica Bonita*](#)) Estudamo-lo mais adiante ao anotar a redação literária de Trancoso. No sétimo conto mongol do Siddhi-Kur, resumido por Gubernatis (*Myth. zoologique*, t. I, 140), é a gaiola que a desposada queima por conselho de uma bruxa. Nos mitos indianos o Sol é um

pássaro, e a Aurora a gaiola que arde. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, de Pitré, há o conto deste ciclo, n.º CCLXXXI, *Re Cristallu*; e St. Prato, sob o título *O Rei Serpente*. Consiglieri Pedroso coligiu duas versões portuguesas *O Príncipe Encantado*, e o *Talo de Couve*. Liebrecht e Volmer estudaram este ciclo da *Bela e da Fera*.

1740 — M.me Villeneuve, *Contes marins: La belle et la bete*.

1757 — M.me de Beamont, no *Magazin des enfants* resume a novela anterior.

Sobre este assunto a ópera *Zémire et Azor*, letra de Marmontel, música de Grétry.

Sobre a variedade de versões populares deste conto, vid. Ralston, *Beauty and the Beast*, no jornal *The Nineteenth Century*, Dezemb. 1878, pp. 990 a 1012.

A PARABOINHA DE OURO

Era uma vez tres irmãs que viviam juntas; a mais nova punha a janela uma bacia com água e ali vinha espanear-se um passarinho, que era um príncipe encantado, que falava com ela. As irmãs tomaram-lhe grande inveja, e procuraram jeito de acabar com as conversas; espreitaram e viram o príncipe, e meteram na bacia de água muitas navalhas de barba. Quando ao outro dia veio o passarinho lavar-se cortou-se e foi-se embora; a menina veio a hora do costume, e o passarinho não aparecia; só quando olhou para a água e a achou cheia de sangue e com as navalhas de barba, é que compreendeu a traição das irmãs. Foi por esse mundo além, perguntando se alguém sabia onde estava o príncipe encantado; até que chegou a casa da Lua. A mãe da Lua disse-lhe:

— Ai menina, que vem aqui fazer? Se o meu filho a acha cá... Olhe que ele tem uma cara muito arrenegada.

A menina sempre lhe contou o que pretendia, e a velha escondeu-a e disse-lhe que havia de perguntar ao filho onde é que estava o príncipe. Por fim entra a Lua, muito arrenegada, bradando:

— Cheira-me aqui a folego vivo.

A velha lá sossegou a Lua, e perguntou o que a menina queria; respondeu a Lua:

— Eu sei lá dele! Todos os que estão doentes me fecham as janelas assim que anoitece! O Vento é que há de saber.

A mãe da Lua deu a menina uma paraboinha de ouro, e ela foi ter a casa do Vento. A mãe do Vento também perguntou ao filho, e ele volveu:

— O príncipe está muito longe e eu já lá cheguei, mas como está doente

fecharam-me todas as janelas. O Sol é que sabe onde é que o príncipe está.

A menina foi-se embora, e a mãe do Vento deu-lhe uma roca de ouro cravejada de diamantes. Até que chegou a casa do Sol; a mãe tratou-a muito bem, e nisto entrou o Sol muito radiante e alegre, declarou onde é que estava o príncipe, e ensinou-lhe o caminho. A mãe do Sol deu-lhe um fuso de ouro.

A menina chegou defronte do palácio e sentou-se, mas estava todo fechado. Puxou da sua paraboinha e pos-se a dobar. As criadas do palácio viram aquilo e foram-no contar a rainha, que lhe mandou dizer que queria comprar aquela paraboinha. Ela respondeu:

— Só se me deixarem entrar no quarto do príncipe.

Pos para a banda a paraboinha, e começou a fiar na roca de ouro cravejada de diamantes. Foram dize-lo a rainha, e ela tornou a mandar-lhe pedir que lhe vendesse a roca e a paraboinha; a menina respondeu, que só se a deixassem entrar no quarto do príncipe. A rainha consentiu, e a menina foi ter no quarto aonde estava o príncipe doente e cheio de feridas. A menina chegou-se ao pé da cama, falou-lhe, e ele conheceu-a; contou-lhe então a traição que as irmãs lhe fizeram com inveja. O príncipe ficou muito contente com a verdade e melhorou de repente, contou tudo a rainha e casou e viveram ambos muito felizes.

(Algarve)

NOTA: O episódio da bacia mágica é frequente em outros contos. (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 315.) Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XLIV, vem uma versão de Ourilhe, *O Príncipe das Palmas Verdes*, com o estribilho poético: *Príncipe das palmas verdes, / Não te lembras de mim? / Lembra-te do teu filho / Que o tens ao pé de ti.*

Na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, t. I, p. 126, vem uma versão do Chile, com o título *El principe Falma*.

O PRÍNCIPE QUE FOI CORRER SUA VENTURA

Havia numa terra um rei que tinha um filho, que não fazia senão pedir-lhe para ir correr o mundo; o rei por fim não pode mais ter mão, e deu-lhe um grande saco de dinheiro para a partida. Depois de ter andado muito, foi dar a uma estalagem onde encontrou um outro viajante. Conversaram, mas o viajante perguntou ao príncipe se não gostava de jogar; daí a instante já estavam aferrados ao jogo. O viajante ganhou-lhe o saco de dinheiro, e não tendo mais que lhe ganhar, propôs que jogassem ainda mais uma vez, e no caso de o príncipe ganhar tornava a dar-lhe o saco de dinheiro, e no caso de perder o príncipe ficaria preso por tres anos naquela casa, e o serviria como criado por mais outros tres. O príncipe aceitou a proposta, jogou e perdeu. O viajante tomou conta dele, prendeu-o em uma loja, e deu-lhe pão e água de um dia para tres anos.

O príncipe chorava a sua má cabeça; ao fim de tres anos vieram soltá-lo, e ele pos-se a caminho para ir para casa do viajante, que era rei, servi-lo como criado. Depois de ter andado muito, encontrou uma mulher com uma criancinha ao colo a chorar com fome. O príncipe ainda levava o resto de uma codinha de pão e um escorropicho de água e deu tudo a mulher. Ela em agradecimento disse-lhe: — Olhe, santinho, vá voce sempre andando, e quando lhe vier um cheiro muito grande, é porque está perto de um jardim que está no caminho; entre para dentro, e vá-se esconder ao pé do tanque. Então hão de vir tres pombas tomar banho, e a última que se despir tire-lhe o vestido de penas e não lho torne a dar

senão em troca de tres coisas que ela lhe der.

Aconteceu tudo como a mulher lhe tinha dito; apanhou o vestido de penas da pombinha, e ela para o tornar a ter deu-lhe um anel, um colar e uma pena, dizendo-lhe:

— Quando te vires em alguma aflição e disseres: — «Valha-me aqui a pomba», hei de te acudir; eu sou a filha do rei que vais servir, que tem uma grande raiva a teu pai, e que te ganhou tudo ao jogo para dar cabo de ti.

O príncipe apresentou-se em casa do rei, que lhe deu logo esta ordem:

— Toma este trigo, este milho e esta cevada para semeares, contanto que eu amanhã coma pão destas tres qualidades.

O príncipe ficou espantado, mas o rei não quis saber de explicações; foi ele para o seu quarto todo atrapalhado da sua vida, e pega na pena dizendo:

— Valha-me aqui a pomba!

A pomba apareceu, e ficou sabendo tudo; e ao outro dia trouxe-lhe as tres qualidades de pão para o príncipe ir entregar ao rei. Quando o rei viu cumpridas as suas ordens, disse-lhe:

— Pois bem; já que foste capaz disto, vai agora ao fundo do mar buscar o anel que a minha filha mais velha lá perdeu.

Voltou o príncipe para o quarto e tornou a chamar pela pombinha; ela acudiu:

— Olha, amanhã vai para a praia e leva uma bacia e uma faca, depois mete-te num barco.

Assim fez; a pomba meteu-se com ele no barco e foi por esses mares fora. Já tinham andado muito, quando ela disse que lhe cortasse a cabeça, de modo que não caísse uma gota de sangue no chão, e a atirasse para o mar. Seguiu tudo a risca. Passado pouco tempo saiu do mar uma pomba com um anel no bico, largou-o na mão do príncipe e foi lavar-se no sangue que estava na bacia;

tornou-se na cabeça de uma bela donzela e depois tornou a desaparecer. O príncipe foi entregar o anel ao rei, que ficou mais desesperado, e lembrou-se de lhe dar um maior trabalho:

— Hoje de tarde hás de sair no meu poldro, para o ensinares. O príncipe foi para o seu quarto e tornou a chamar pela pombinha, que lhe respondeu:

— Olha! Meu pai quer ver se te mata por algum feitio; porque o poldro é ele mesmo, o selim é minha mãe, minhas irmãs são os estribos, e eu sou o freio. Não te esqueças de levar um bom cacete porque podes consolar-te com uma carga de pau neles.

O príncipe montou no poldro, moeu-o com pancadas, e tais tratos fez que quando recolheu a casa e foi dar parte ao rei que o poldro estava manso, achou o rei de cama todo em panos de vinagre, a rainha numa salada, as filhas derreadas, menos a mais nova. Nessa noite foi ela ter com o príncipe e disse-lhe:

— Agora, que estão todos doentes é que temos boa ocasião de fugirmos; vai a cavaliça e apronta o cavalo mais magro que lá achares.

O príncipe caiu na asneira de aprontar o mais gordo. Quando se puseram a caminho, e ela viu o cavalo gordo ficou muito contrariada, porque este cavalo andava como o vento, e o magro andava como o pensamento. Mas sempre fugiram. De noite o rei precisou da filha para o virar, e chamou por ela; nada. A rainha, que era refinada bruxa, pescou logo que a filha tinha fugido com o príncipe, e disse ao marido que saltasse já fora da cama e que os fosse apanhar. O rei levantou-se a gemer com dores, foi a cavaliça e quando viu o cavalo magro ficou seguro de pilhá-los. Montou e partiu. A filha, que ia sempre desconfiada que dessem pela falta dela, avistou de longe o pai, e de repente transformou o cavalo em uma ermida, a si em uma santa e o príncipe em um ermitão.

Chegou o rei ao pé da capelinha, e perguntou se não tinha visto passar por ali uma menina com um cavaleiro. O ermitão levantou os olhos do chão e disse que

por ali não passara viva alma. O rei foi-se embora aborrecido, e foi dizer a mulher que só tinha encontrado uma ermida com uma santa e um ermitão.

— Pois eram eles! — disse a velha desesperada —; se me tivesses trazido um bocadinho do vestido da santa ou um pedacinho de caliça da parede, tinha-os agora aqui em meu poder.

E tornou a fazer partir o velho no cavalo mais ligeiro que o pensamento. O velho foi avistado ainda de longe pela filha, que fez do cavalo um terreno, de si uma roseira carregadinha de rosas, e do príncipe o hortelão. Repetiu-se a mesma coisa; o velho virou para trás, mas a velha bruxa azoinava-o:

— Se me tivesses trazido uma rosa dessa roseira, ou um punhadinho de terra, já cá os tinha em meu poder. Mas deixa estar, que desta vez vou eu também.

Quando a menina avistou a mãe sentiu um grande medo, porque sabia o poder que ela tinha; apenas teve tempo de fazer do cavalo um poço fundo, de si fez uma eiró, e do príncipe um cágado. A velha chegou a borda do poço e conheceu-os logo. Perguntou a filha se não estava arrependida, e se quisesse voltar para casa que lhe perdoava. A eiró dizia com o rabo que não. A velha disse ao marido que atirasse uma bota ao poço para trazer uma gota de água, o cágado saltou para dentro dela e entornou-a toda; com a outra bota deu-se o mesmo caso.

Então a rainha muito zangada rogou ao cágado a praga — que ele se esquecesse da princesa. Continuaram o seu caminho, mas a menina sempre muito triste. E quando o príncipe lhe perguntava o motivo da sua tristeza, ela respondia:

— É porque tenho a certeza de que tu me hás de esquecer.

Chegaram por fim a terra donde o príncipe era natural; deixou a menina em uma estalagem, e foi pedir ao pai licença para lhe apresentar a sua noiva. Com a alegria que teve de ver a família esqueceu-se da menina. O pai tratou de lhe fazer o casamento; quando a menina soube disto teve uma grande aflição e gritou:

— Valham-me aqui minhas irmãs.

Apareceram-lhe. A mais velha disse:

— Não te aflijas; tudo se há de arranjar. — E deu ordem a estalajadeira que quando passasse algum criado do rei a comprar aves, que fosse ao quarto da irmã e vendesse tres pombinhas que estariam lá. Assim foi: o criado do rei comprou as tres pombinhas, e como eram muito lindas foi mostrá-las ao príncipe.

O príncipe estava admirado, e quando ia para pegar nelas uma soltou para cima da janela, e disse:

— Quando nos ouvir falar, ainda mais admirado há de ficar.

Outra soltou para cima de uma mesa e disse:

— Vai falando, vai falando, que ele se irá recordando.

A pombinha que lhe tinha ficado na mão saltou-lhe para cima do ombro e perguntou-lhe:

— Veja, príncipe, se este anel lhe serve.

O príncipe viu que sim. Depois deu-lhe um colar, e também servia. Por fim deu-lhe a pena, e só quando leu o nome da pomba é que se tornou a lembrar, e então casou com ela.

NOTA: Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XIV, há uma variante de Coimbra com o título *Branca Flor*. Nos *Contos Populares Brasileiros*, n.º XXII, vem uma variante com o título *Cova da Linda Flor*. Este conto acha-se em quase todos os seus detalhes com o título *As Tres Pombas*, nos *Contos e Tradições do Tirol Italiano*, de Schneller, n.º 27. O mesmo na coleção dos *Contos Populares e Infantis*, de Prohle, n.º 8. Nos *Rondellaires ou quentos populars catalans*, de Maspons y Labrós, aparece com o nome de *Lo Castell del Sol*. Vide Stanislao Prato, *Una novelline popolare monferrina*, p. 56. Cosquin nos *Contos Populares*

Lorenos compara anotando os contos estonianos, nos 14 e 16, e os contos sicilianos, n.º 10, desenvolve largamente todos os paradigmas tradicionais. Guichot y Sierra coligiu uma outra versão em Sevilha, *El Marqués del Sol*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 187. Machado y Alvares, no *Folclore Andaluz*, p. 457, com o título *Las tres Marias*.

MARIA SUBTIL

Havia um mercador, que morava perto do palácio real, e tinha tres filhas. Maria era a mais moça e a mais formosa. O mercador era viúvo, e o rei encarregou-o de fazer uma viagem. Logo que o rei o mandou chamar foi, e voltou muito triste para casa, por deixar as filhas sós; mas deu-lhes tres vasos de manjericão, e disse:

— Minhas queridas filhas! eu parto por ordem do rei, e deixo um vaso a cada uma; os vasos hão de me dizer o que for sucedido.

— Nada há de suceder! — replicaram as filhas.

Partiu o pai, e o rei no dia seguinte foi com dois amigos visitar as meninas de sentimento pela partida do pai; estavam as tres irmãs ceando, quando sentiram bater a porta. A mais velha, não se importando com os reparos de Maria, abriu a porta ao rei. Maria ficou também zangada por a irmã do meio os mandar sentar a mesa, e disse:

— Vamos buscar uma gota de vinho a adega; eu levo a chave, minha mana mais velha a luz e a do meio o canjirão.

Disse o rei:

— Não vão, que nós não queremos vinho.

As duas irmãs mais velhas também lhe responderam:

— Nós não podemos ir.

— Não querem ir; pois irei eu.

E foi-se. Chegou ao saguão, apagou a luz, e pos a vela e o canjirão na escada, dali foi ter a casa de uma vizinha e bateu a porta. Ela veio e perguntou:

— Quem está aí a estas horas?

— Deixe-me entrar, que eu briguei com minha irmã mais velha, e para ela não ralar mais comigo, vim para cá dormir.

E lá dormiu aquela noite. Ficou o rei muito zangado da falsidade de Maria. Foi ela para casa no outro dia, e viu os vasos das irmãs murchos e ficou muito contente de ter o seu viçoso. Como o quarto da irmã mais velha dava para as quintas do rei, as duas irmãs desejaram de lá umas nesperas. Maria desceu por uma corda; apanhou-as e tornou a subir para casa. A mais velha desejou limas; Maria foi e encontrou-se com o vinhateiro, que lhe disse:

— Que faz voce aqui, Senhora Marota?

Ela empurrou-o e puxou-lhe pelas pernas, dizendo:

— Ainda me estás repreendendo? Espera aí.

E ele morreu afogado num espinho de limeira. Maria trepou pela corda, e chegou a casa muito aborrecida e disse:

— Olhem as meninas que esta é a última vez.

No dia seguinte a irmã do meio desejou bananas, e tanto pediu, que Maria foi lá, onde se encontrou com o rei, que lhe disse:

— Sempre cá vieste, Subtil? Tu agora o pagarás.

E começou a perguntar-lhe tudo; Maria nada negou, até que o rei lhe disse:

— Vem atrás de mim, que em casa tu as pagarás.

E cuidando que Maria vinha, foi andando; olhando de repente não viu nada, nem Maria, nem corda, nem por onde ela tinha saído. O rei ficou tão zangado, que adoeceu de paixão. As duas irmãs mais velhas casaram com dois amigos do rei e tiveram dois meninos. Maria pegou neles e meteu-os num açafate muito rico e enfeitou-o de flores muito finas de maneira que ninguém diria levar duas crianças. Maria vestiu-se de rapaz e pos o açafate a cabeça, e quando passou por

casa do rei, apregoou assim:

Quem quer levar estas flores
Ao rei, que tem mal de amores?

O rei que estava de cama, mandou comprar o açafate; ela levou o cestinho, e quando chegou lá disse:

— Ai que me esqueceu o outro!

E foi-se deixando o cesto ao rei; ele ouviu guinchos dentro do cestinho, vai ver, acha-se com duas crianças. Ficou muito raivoso, e prometeu vingar-se. Chegou o mercador, pai das meninas, e o rei mandou-lhe dizer por um pajem que lhe fizesse uma casaca de pedra. O mercador chegou a casa muito triste, porque não podia fazer uma casaca de pedra, e porque as duas filhas mais velhas estavam casadas e porque dois vasos estavam murchos. Quando elas lhe perguntavam o que tinha, Maria saiu detrás das irmãs e disse:

— Se o rei lhe manda fazer uma casaca de pedra não se apoquente, meu pai; leve lá este giz para lhe fazer as linhas.

Assim fez; o rei respondeu que era impossível, e o mercador respondeu também:

— Em vista de isso, é-me impossível fazer a casaca.

— Pois então hás de me entregar tua filha Maria.

O mercador voltou ainda mais triste para casa:

— Minha querida filha, o rei quer que te vá levar ao palácio. É a nossa desgraça.

— Não se aflija, meu pai; mande fazer uma boneca igual a mim com um cordão para se puxar pela cabeça para dizer sim e não; e a boneca terá muito mel pelo pescoço.

O rei disse aos pajens:

— Quando vier aqui um senhor com uma menina, em dizendo que querem falar comigo, metam a ela na minha camara, e deixem-no a ele ir embora.

Maria Subtil entrou e meteu-se debaixo da cama, com o cordão na mão e pos a boneca deitada. Quando entrou o rei, olhou para a boneca e disse:

— Senhora Maria Subtil, passe muito bem.

Maria puxou pelo cordão a boneca, e ela abaixou a cabeça. O rei então disse:

— Vamos ajustar contas.

E começou pelo princípio, desde quando foi a adega até chegar ao açafate de flores. E Maria Subtil sempre a puxar pelo cordão. O rei continuou:

— Quem me fez tanta falsidade merece a morte.

Pegou num espadim e degolou a boneca; o mel respingou, e foi-lhe tocar num beijo; e ele disse:

Ai Maria Subtil! Maria sabida,
Tão doce na morte e amarga na vida!

Quem tamanho crime fez merece já morrer.

E ia para se matar, quando Maria Subtil, a verdadeira, saiu debaixo da cama e se abraçou com ele. No dia seguinte casaram, e foram muito felizes.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: Na versão do Algarve encontrámos este conto com o título de *Dona Vintes*; e na versão de Ourilhe (Celorico de Basto) vem com o de *Esvintola*, (*Contos Populares Portugueses*, n.º XLII) trazendo o estribilho: *Ai Dona Esvintola, / Tão brava na vida / E tão doce na morte!*

Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XII, *Dona Pinta* é uma variante do nosso. Há uma versão sevilhana, intitulada *Mariquilla la ministra*, coligida por Guichot y Sierra.

A referencia mais antiga a este conto vem nas Cartas, de D. Francisco Manuel de Melo (centúria v, carta 7.^a): «Eu cuido que virei a ser aquela... *Dona atrevida, / Doce na morte / E agra na vida.* que nos contam quando pequenos.»

(Cartas, p. 671. Ed. 1649.) Na tradição popular corrente ainda tem o título de *Maria Sabida*. Charles Perrault, nos seus *Contos* (1697), redigiu literariamente este tema tradicional na *Adroite Princesse* ou *Aventures de Finette*, no qual o príncipe de Bel-a-Voir fura com a espada uma boneca de palha que tem uma bexiga cheia de sangue. João Batista Basile, no *Pentamerone*, deu redação literária a forma italiana no conto da *Sapia Licciardia*, que também mete na cama uma boneca cheia de mel e coisas doces, exatamente como na tradição portuguesa. Na Inglaterra este conto apresenta um aspeto exclusivamente maravilhoso no *The Made Pranks and Merry Jestes of Robin Good Fellow*, em que o amante é um génio doméstico, Robin, que deixa na cama uma figura de lã. (Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 235.)

O COELHO BRANCO

Havia um rei que tinha uma filha já crescida, que gostava muito de se lavar no balcão, e pedia a aia que levasse a bacia e outros preparos e uma bandeja para por os anéis. Vinha um coelhinho branco, furtava-lhe os anéis e fugia; a princesa gostava de ver aquilo, não dizia nada, ia ao cofre e metia outros nos dedos. Continuou o coelhinho a furtar, até que a princesa ficou sem nenhum anel. Antes tinha tão grande abundancia, que ela ficou muito triste e melancólica; o rei teve muita pena com isto, e até mandou por um edital para virem todas as pessoas antigas para contarem contos e histórias para alegrarem a princesa. Vieram muitas pessoas, mas a princesa estava no mesmo; até que vieram duas velhas sem saberem o que haviam de contar. Pelo caminho encontraram um burro sem pés nem mãos, carregado de lenha; as velhas foram em seguimento do burro, viram-no chegar a umas casas, descarregar a lenha, e acarretá-la para dentro. Elas então subiram e no patim em cima viram umas púcaras a ferver; uma das velhas meteu o dedo e provou, e neste tempo ouviu uma voz a dizer-lhe:

— Não proves, que não é para ti.

E a velha olhou pelo buraco da chave e viu um coelho, que tirou a pele, e tornou-se em um príncipe, e disse:

— Quem me dera ver a dona dos anéis que tenho aqui.

As velhas partiram para o palácio, e lá contaram o que tinham visto a princesa. Isto, já se sabe, alegrou logo a princesa, e disse ao rei que queria ir ver aquilo. Foram todos, velhas, princesa e rei. Viram o burro fazer o mesmo, e seguiram-

no a dita casa. A princesa meteu o dedo e provou; neste ponto ouviu dizer:

— Prova, que é para ti.

Ela foi vigiar (espreitar), e as portas abriram-se; o coelho disse:

— Quem me dera ver a dona dos anéis que tenho aqui! A princesa respondeu:

— A dona sou eu.

O coelho tornou-se príncipe, porque aquelas palavras lhe quebraram o encantamento, e casaram, foram muito felizes, e as velhas ficaram damas de honra do paço.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: Em uma versão do Algarve, inédita, vinha o estribilho: *Lenço, liga, cordão e cuidado, / Quem me dera ver aqui / A dama do meu agrado!*

Há uma versão espanhola no *Folclore Andaluz*, p. 355: *La rueda de conejos*.

CLARINHA

Havia numa terra uma rainha, com uma filha muito linda chamada Clarinha, a qual estava tratada para casar com um príncipe logo que chegasse a idade em que havia de receber o reino de sua mãe, que o estava governando. Clarinha costumava ir todos os dias ao jardim; um dia passou uma águia, e todas as vezes que passava lhe dizia:

— Clarinha, Clarinha! qual queres, passar trabalhos na mocidade ou na velhice?

A princesa foi dizer-lo a rainha, e ela lhe respondeu:

— Diga a menina: Antes na mocidade, que se pode com tudo, e na velhice não se pode com nada.

Clarinha foi para o jardim como o seu costume, e a águia tornou a dizer o mesmo. No ponto que a princesa disse: «Antes na mocidade», a águia levou-a pelo ar fora e foi deitá-la na terra onde vivia o príncipe com quem tinha tratado o casamento. Clarinha não conhecia ali ninguém a não ser a rainha e o príncipe, mas não se podia falar com eles sem requerimento, e ela não o tinha. Foi ter a uma padaria, e pediu para ser criada. A padeira tomou-a; indo um dia para fora, deixou para Clarinha cozer uma fornada de pão já amassado. A menina com medo fechou todas as portas e janelas para a águia não entrar, mas ela sempre entrou pela chaminé e esborralhou-lhe o forno sobre o pão, quebrou-lhe os alguidares e muita loiça, e fugiu. Chegando a padeira, deu muitas pancadas em Clarinha e po-la no andar da rua. Por mais que pedisse e chorasse, a padeira não acreditava. Foi a menina ter com um vendeiro, para o servir; saindo este um dia, deixou-a na tenda. Com medo ela fechou-se por dentro, mas a águia sempre

entrou e quebrou copos, medidas e garrafas, e destapou as pipas. Quando o vendeiro chegou achou tão grande destroço, e sem se importar com o que dizia Clarinha, deu-lhe muitas bofetadas e po-la logo na rua. Clarinha foi ter dali ao palácio, não se dando por conhecida, e ofereceu-se para criada do príncipe. A rainha disse que não precisava de mais criadas. O príncipe acudiu:

— Tome-a, minha mãe, ainda que seja para vigiar as patas.

— Pois sim; que entre.

Todos os dias morriam as patas que ela vigiava, e o príncipe vendo que ela chorava tanto, pediu a rainha que a tomasse por costureira. Passados tempos, o príncipe aprontou-se para ir ver a sua noiva, e chegando ao pé das aias disse:

— Que querem que eu lhes traga da terra aonde vou?

Todas elas lhe pediram alguma coisa, menos a Clarinha. O príncipe insistiu com ela para que dissesse o que queria de lá.

— Traga-me Vossa Alteza uma pedra do palácio.

O príncipe partiu, e ao chegar ao palácio da sua noiva ouviu que tudo estava de luto pela falta da princesa. Muito triste ficou, e no mesmo instante comprou tudo que as criadas lhe tinham pedido, e a pedra para Clarinha, e partiu. Chegou cá muito triste e alguma coisa desconfiado de quem seria Clarinha. Entregou-lhe a pedra, e para saber o que ela querería fazer disso, meteu-se debaixo da cama, quando a criada deu volta. Quando ela veio para o seu quarto, fechou-se por dentro e cuidando que não estava ninguém, começou a dizer a pedra isto:

— Pedra do palácio de meu pai, vou contar-te a minha vida.

E contou desde os passeios do jardim e da águia, até ali. E no fim de tudo a pedra deu um estoiro, e Clarinha disse:

— Abre-te, pedra, numa roda de navalhas, que me quero deitar nelas.

O príncipe então saiu debaixo da cama, e abraçou-a dizendo:

— Porque não me contaste teus males, querida Clarinha?

— Porque logo que a águia queria que eu passasse trabalhos, quis passá-los enquanto era nova, porque sempre tinha alguma esperança.

Dali a um momento os dois príncipes casaram-se, e foram ter com a rainha mãe da princesa, que ficou muito satisfeita e veio viver com eles.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: Pertence aos mitos da Aurora, o que concorda singularmente com o nome da menina.

BOLA-BOLA

Havia perto de uns matos uma casa onde viviam tres irmãs, que eram muito amigas. O rei costumava ir caçar aqueles matos, e passava sempre pela casa; ora defronte desta casa viviam duas feiticeiras, mãe e filha, que, invejosas da formosura da irmã mais nova e do modo como tratava as irmãs mais velhas, lhe levaram uns coentros e lhe disseram:

— Deite a menina estes coentros nas sopas de suas irmãs, mas não coma delas.

A pequena na sua simplicidade assim fez; mas logo que as irmãs comeram aquilo, logo se tornaram em bois. A irmãzinha muito pesarosa tratou-os como se fossem gente. Passando o rei da caça viu a pequena, e agradado da sua formosura casou com ela e levou os bois para o palácio, tratando-os muito bem. A feiticeira sabendo isto prometeu vingar-se. Passados tempos, a rainha teve um menino, estando o rei na caça. Ouvindo isto, a feiticeira com a sua filha foi ter a rainha e lhe disse:

— Coitadinha! está tão doentinha!

E chegando as mãos pelas fontes lhe meteu dois alfinetes enfeitiçados. A rainha tornou-se em pomba e fugiu. A feiticeira meteu a filha na cama e foi-se embora. Chegando o rei, disse:

— Que é isto, que estás agora tão feia?

— É a diferença da doença.

E a feiticeira mandou tratar os bois com folha e erva, e eles nada comiam. Havia no palácio uma cadelinha chamada Bola-Bola, e falava. A pombinha vinha e dizia:

— Bola-Bola!

Respondia a cadela:

— **Q**ue quer, minha senhora?

«Como vai o meu menino

Com a sua ama nova?

— De noite, cala-se,

E de dia chora.

Tantas vezes se repetiu isto, que o vieram a saber e foram dizer ao rei, o qual mandou enviscar as árvores e apanharam a pomba. Indo o rei fazer-lhe festas, achou dois alfinetes na cabeça e puxou; ela tornou-se na verdadeira rainha. O rei obrigou as duas feiticeiras a tornarem os bois nas duas irmãs, que eram suas cunhadas; assim fizeram, e depois mandou-as rolar as duas feiticeiras numas pipas de pregos. E o rei e a rainha foram muito felizes dali por diante.

(*Ilha de S. Miguel — Açores*)

NOTA: Liga-se com o conto [*As Tres Cidras do Amor*](#).

LINDA BRANCA

Havia um homem muito rico, que era viúvo e tinha uma filha bastante formosa chamada Linda Branca, tinha ela imensa pena de ser tão bonita, porque todos a queriam. Pediu ao pai que lhe desse um vestido azul e cinzento; o pai deu-lho. Depois pediu-lhe que lhe desse um vestido azul prateado. Teve logo o vestido. Tornou a pedir outro azul e doirado; o pai fez-lhe a vontade. Tinha Linda Branca uma vara de condão e ela pediu-lhe que a fizesse feia naquele mesmo instante. Ela vestiu uma peliça e uma máscara muito feia, e foi dali para fora servir de criada. Chegou a um palácio aonde naquele tempo morava um rei, que era solteiro, e ficou por criada. Os moradores da cidade juntaram-se para fazerem uma grande festa que durava tres dias. Linda Branca pediu a rainha licença para ir aquelas festas. A rainha disse:

— Pede ao rei meu filho, que só ele governa.

Ela foi pedir licença ao rei quando estava calçando as botas. Ele lhe disse:

— Olha que te atiro com esta bota.

Depois que o rei foi para a festa, Linda Branca disse:

— Minha vara do condão, põe-me pronto um carro e preparos para eu ir a festa.

Vestiu-se de azul e cinzento e foi. Acabou-se a festa e ela tratou de fugir. O rei e os outros senhores seguiram atrás dela, e só o rei lhe apertou a mão e perguntou:

— De que terra é?

— Sou da terra da bota.

E fugiu. Chegando o rei a casa, ela estava como de costume. No seguinte dia foi outra vez pedir licença ao rei que lhe disse:

— Olha que te dou com esta vergasta.

Linda Branca foi outra vez de azul e prateado. Chegando lá, todos gostaram muito mais de a ver. No fim da festa o rei chegou ao pé dela e disse:

— A senhora donde é?

— Sou da terra da vergasta.

Chegou-se ao último dia, ela foi pedir licença para ir a festa. O rei tinha a toalha na mão e respondeu:

— Olha que te dou com a toalha.

Linda Branca foi desta vez de azul e doirado. Ao sair, o rei lhe apertou a mão e lhe perguntou:

— De que terra é?

— Sou da terra da toalha.

Não compreendeu o rei isto, e ficou doente de pena de não saber donde era aquela formosura. Chegou a ponto que quis que os seus amigos viessem passear a roda do palácio. Linda Branca, que sabia da doença do rei, vestiu-se com o primeiro vestido com que tinha aparecido e chegou a uma janela. Um amigo do rei viu-a:

— Oh, que linda cara vi numa janela do palácio!

O rei olhou, mas não viu nada, e seguiu a toda a pressa para o palácio; chegou ao lado da rainha sua mãe, e disse:

— Quem está cá de fora?

— Ninguém, senão a gente do costume.

Segundo dia, esteve com os olhos a espreitar, mas descuidado, ela chegou com o segundo vestido e só os amigos do rei a viram. Correndo a maior pressa ao palácio, a rainha-mãe disse-lhe o mesmo que no dia antecedente.

Terceiro dia, o rei espreitou e então viu a mesma senhora da véspera, com o

vestido azul e enramado de oiro. Correndo com grande pressa apanhou Linda Branca com uma pequena borda do vestido dourado de fora e diz:

— Eu te ordeno que dispas este fato.

Ela obedeceu, e então o rei pode ver a senhora de que tanto gostara no dia da festa. Linda Branca contou o motivo de tudo aquilo, e tres dias duraram as festas do casamento.

Quem o disse está aqui,
Quem o quer saber vá lá,
Sapatinhos de manteiga
Escorregam mas não caem.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

O REI-ESCUITA

Havia um rei, que tinha por costume andar escutando pelas portas, pelo que lhe chamavam o Rei-Escuta. Uma noite ele foi escutar a uma porta e ouviu dizer:

— O que eu queria era casar com o padeiro do rei, para comer sempre pão fresco.

Outra voz dizia:

— Não sejas tola; eu o que queria era casar com o cozinheiro do rei, para comer guisados muito afamados.

E outra voz disse:

— Pois o que eu queria era casar com o Rei-Escuta.

O rei ouviu tudo aquilo e foi-se embora. No dia seguinte mandou chamar as raparigas daquela casa, e perguntou a mais velha:

— Então, queres casar com o meu padeiro?

Respondeu que sim. Chamou a segunda, e fez a mesma pergunta a respeito do cozinheiro. Ela disse que sim. Chamou por fim a mais moça,

— Então queres casar comigo?

— Sim senhor, disse isso!

O rei mandou casar as duas raparigas com o padeiro e o cozinheiro, e a mais moça casou com ele. As irmãs ficaram logo com muita inveja, e meteram enredos ao rei, que a ia mandar deitar ao mar; mas os criados descobriram-lhe tudo, e ele ficou vivendo muito feliz com a sua mulher e nunca mais quis saber das cunhadas, que foram para o meio da rua.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

AS CUNHADAS DO REI

O rei andava de noite pelas ruas acompanhado do seu cozinheiro e do seu copeiro disfarçado, escutando pelas portas; passou por um balcão onde estavam tres meninas, alegremente conversando, pos-se a escuta do que diziam:

— Ali vão tres tunantes; se um fosse o rei, já eu sabia quem eram os outros.

— Um era o cozinheiro. Quem me a mim dera casar com ele; sempre havia de comer bons fricassés.

— O outro era o copeiro; pois eu cá o que queria era casar com ele, porque havia de ter bons licores.

Disse a mais nova:

— Eu não sei quem eles são; mas ainda que fossem condes ou duques, antes queria casar com o rei porque lhe havia de dar tres meninos cada um com a sua estrela de ouro na testa.

O rancho foi-se embora, mas no outro dia, o rei mandou ir a sua presença as tres irmãs. Perguntou-lhes se era verdade o que elas tinham dito na véspera a noite. Respondeu a mais velha por si.

Disse o rei:

— Pois então casarás com o meu cozinheiro.

A do meio também disse que tinha falado por zombaria; o rei mandou que se arrecesse com o copeiro. Chegou-se por fim a mais moça, que era a mais bonita:

— Então, disseste que só querias casar comigo?

— É verdade, não posso mentir; mande-me Vossa Majestade castigar.

O que o rei fez foi casar com ela; as irmãs ficaram a arrebentar de inveja, mas viviam no palácio. Ao fim do tempo, a que estava rainha teve dois meninos com uma estrelinha na testa. As irmãs que estavam com ela, trocaram os meninos por dois cães. Os meninos foram botados ao rio dentro duma condessinha, e seguiram por água abaixo até ao moinho de um moleiro; como lhe parasse a água, ele saiu a ver o que era, e achando as duas criancinhas tomou-as para casa e criou-as. Ora o rei andava longe da terra, e quando veio soube do caso e ficou muito triste mas não fez mal a mulher.

Passado tempo a rainha teve uma menina, e as irmãs, vendo que ela também tinha uma estrela na testa trocaram-na por uma cadelinha e mandaram-na deitar ao rio; assim foi ter ao moinho onde já estavam os irmãos. O rei quando soube que a sua mulher tinha tido uma cadela, mandou-a enterrar até a cinta no pátio do palácio, para que todos que entrassem ou saíssem lhe cuspissem em cima.

Os tres meninos cresceram, e o moleiro pos-lhes umas carapucinhas para encobrir as estrelas de ouro que tinham na testa.

Um dia foi uma pobre pedir esmola a porta do moleiro; os meninos deram-lhe a esmolinha, e era Nossa Senhora, que lhes disse, — quando se vissem em alguma aflição dissessem: «Valha-me aquela pobrezinha.» Veio a peste, e o moleiro e toda a sua gente morreu, e os meninos foram todos tres por esse mundo. Apareceu-lhes a pobre que os guiou até ao pé do palácio do rei, e deu-lhes a cada um a sua pedrinha, para se tornarem em um grande palácio quando as atirassem ao chão.

As tias estavam a janela do paço, e reconheceram que eram os meninos das estrelinhas na testa; trataram logo de ver se os matavam. Mandaram ter com eles uma criada bruxa, que disse ao mais novinho, para entrar no jardim e apanhar

um papagaio. Ele disse-lhe que não; vai o mais velho como animoso, disse:

— Pois vou eu.

E assim que entrou perdeu-se lá dentro e ficou encantado em leão. O outro quando viu que o irmão não tornava chamou pela pobrezinha; ela veio e deu-lhe uma lança, e disse:

— Vai ao jardim, e fere com ela o leão encantado.

Ele assim fez; e apareceu-lhe logo outra vez o irmão, que já tinha apanhado o papagaio. Botaram a fugir logo, e os portões do jardim fecharam-se de repente e só apanharam uma pontinha da aba do casaco de um deles.

A criada bruxa tinha no entretanto ido ter com a menina, e falou-lhe em certas maravilhas da Árvore que bota sangue e da Água de mil fontes. A menina pediu aos irmãos estas coisas, que eram para enfeitar os jardins do seu palácio. Cada um foi lá por sua vez e lá ficaram ambos encantados. Quando a menina viu que não tornavam, disse muito triste:

— Valha-me aqui a nossa pobrezinha.

Apareceu-lhe logo Nossa Senhora, que lhe ensinou como havia de ir ao jardim, e desencantar os irmãos, e enfrascar a Água de mil fontes e cortar o ramo da Árvore que deitava sangue. Ela fez tudo, mas era preciso, que por mais barulho que ouvisse nunca olhasse para trás, senão ficava também encantada. Quando vinha com os irmãos e com as coisas que eles tinham ido buscar, era muito o barulho de vozes e só ao sair da porta é que deu um jeitinho a cabeça para ver para trás, mas foi o bastante para lhe ficarem presos os cabelos. Os irmãos foram buscar umas tesouras, e voltaram depois todos para o seu palácio defronte do rei. Quando o rei aparecia a janela o papagaio não fazia senão rir. O rei convidou os meninos para um banquete e pediu que levassem o papagaio.

Os meninos foram, mas ao passarem pela mulher que estava enterrada até a cinta não quiseram cuspir nela. O rei teimou, mas não conseguiu nada. Foram

para a mesa; uma das irmãs da rainha é que trinchava, e tinha botado resalgar na sopa dos meninos. O papagaio avisou-os:

— Meninos, não comam, que tem veneno.

O rei ficou desconfiado, e perguntou aos meninos porque não comiam; disseram eles:

— Falta aqui uma pessoa; é aquela mulher que está enterrada até a cinta no pátio do palácio.

Disse o papagaio:

— Mande-a o rei vir, porque ela é a mãe destes meninos.

O rei mandou vir a mulher; e disse-lhe o papagaio:

— Sente-a agora ao seu lado; olhe que ela é sua mulher.

E contou como é que as cunhadas do rei tinham mandado botar ao rio em canastrinhas os tres meninos, e tinham posto em seu lugar os cães; e se se quisesse confirmar, que visse se os meninos tinham na testa as estrelinhas. Os meninos tiraram as carapuchinhas, e o rei conheceu-os, e abraçou a sua mulher; e mandou que as cunhadas comessem a comida envenenada, e logo ali arrebetaram.

(Airão — Minho)

NOTA: *Rei-Escuta. As Cunhadas do Rei*. Deste conto duas versões do Porto, na Vanguarda, n.º 40 e 41; no *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, a pág. 391 um largo conto em verso com o título *Los Encantamentos da Grande Fada Maria*, de perto de quarenta páginas, um verdadeiro problema literário, cuja genuinidade só se admitirá pela espontanea improvisação que distingue os povos insulanos. Nos *Contos Populares do Brasil*, vem sob o n.º II, com o título *Os Tres Coroados*. Este mesmo tema tradicional recebeu forma literária nos *Contos e Histórias de*

Proveito e Exemplo, de Gonçalo Fernandes Trancoso, Parte n, n.º 7, que reproduzimos na secção competente. É extraordinária a soma de paradigmas que apresenta este conto na tradição espanhola, italiana, francesa, grega moderna, alemã, húngara, eslava, avárica, etc. O Dr. Reinhold Kohler, nas notas dos *Awarische Texte*, ao n.º 12, *A Bela Issensulchar*, traz uma enorme soma de paradigmas, e o Prof. Stanislao Prato, nas *Quattro novelline popolari livornese*, Spoleto, 1880, anotando o conto das *Le tre Ragazze*, págs. 92 a 136, desenvolve extraordinariamente a área das comparações de modo que como o processo erudito está feito, e fácil embair os ingénuos. Aproveitaremos com franqueza as investigações desses mestres, com algumas resumidas ampliações.

No *Folclore Andaluz*, n.º 8, p. 305, vem este conto com o título *El agua amarila*, coligido por J. L. Ramirez. Nos *Rondallayre, de Maspons y Labrós*, n.º 14 e 25; e nos *Cuentos y Oraciones divinas*, de Fernan Caballero, n.º 6, p. 31, com o título *El pajaro de la verdad*. Há também uma versão basca, colhida por Webster.

As versões italianas são, abundantíssimas; Stanislao Prato, nas *Quattro Novella popolari*, traz sete versões importantes para a critica comparativa (págs. 16 e 20 a 39). Há uma versão livornesa nos *Italianische Marchen*, n.º 1, de H. Knust; outra em Gubernatis, *Novelline di Santo Stefano de Calcinaja*, n.º 15; Pitré, *Fiabe, Novella e Racconti* n.º 36, e a 3.^a variante; em Imbrianni, *Novellaja fiorentina*, no ap. ao n.º 6, e n.º^{os} 7 e 8; e nos *Contos de Pomigliano*, sob o título de *Viola*; Comparetti, *Novelline popolari italiana*, n.º 6, versão de Basilicata; outra de Pisa, n.º 30; em Laura Gonzenbach, *Sicilianische Marchen*, n.º 5; em Schneller, *Meirchen und Sagen aus Vãlschtirol*, n.º^{os} 23, 25, 26. As tradições populares deste ciclo penetraram na literatura italiana, como se ve no Pecorone, de Giovanni Fiorentino, jornada X, novel. I; em J. Batista Basile, *Pentamerone*, jorn. III, trat. 2; Straparole, *Piaccevoli Notte*, fáb. V, n.º 4; Molza, *Novella*, Poggi Bracciolini, Gozzi deram redação literária a este conto, que também apresenta o caráter de lenda religiosa, na *Representazione di Santa Uliva*, e no *Libro dei Miracoli della*

Madona, cap. X. Acha-se em novas coleções: Carolina Coronedi-Berti, *Novelle popolari bolognese*, n.º 5; Arietti, *Novelle popolari piemontese*, tres versões; e Vicentini, *Fiabe mantovane*, n.º 46; Bernoni, *Fábulas Populares Venezianas*, n.ºs 2 e 15, e Reppone, *La Posilecheata*, n.º 3.

Gubernatis, na *Mythologie des plantes*, t. II, p. 224, traz este mesmo conto em uma versão popular toscana das fontes do Tibre. A versão das duas irmãs mais velhas é comparada com o facto análogo das que figuram no conto de *Lear*, e da *Bela e a Fera*.

As versões francesas acham-se na literatura e na tradição oral simultaneamente; em M.me d'Aulnoy, é *La Princesse Belle-Etoile et le Prince Cheri*; em Millin, *Conteur breton*, intitula-se *L'Oiseau de verité*; em Cosquin, *Contes populaires lorrains*, n.º 17, com importantes notas; Revista *Melusine*, t. I, p. 206 a 213; *Les trois filles du Boulanger*, etc. Foram também vulgarizadas na tradução das *Mil e Uma Noites*, As Duas Irmãs Invejosas, e na continuação de J. Scott, na *História do Sultão do lémen e das Suas Tres Filhas*; Bladé, *Trois Contes*, p. 33.

O grupo ocidental completa-se com as versões gregas, em Hahn, *Griechische und albanische Marchen*, n.º 5, e n.º 69 (variante 1 e 2) e n.º 112; e nos *Neohellenica Analecta*, I, I, n.º 4, e n.º 8; outra K. Ewlampios.

Variante irlandesa, em Powel and Magnusson, *Irelandie Legendes*, t. II, p. 427.

As versões alemãs são numerosíssimas: Grimm, *Kinder und Hausmarchen*, n.º 96; Prohle, *Kinder und Volksmarchen*, p. 168; Wernaleken, *Osterreichische Kinder und Hausmarchen*, n.º 34; Peter, *Legendas, Novelas, Usos e Superstições da Silésia Austríaca*, t. II, p. 199; Meier, *Deutsche Marchen und Sagen*, n.º 72; Fromman, *Die deutsche Mundarten*, p. 250; Haltrich, *Contos Populares Tedescos de Saxe, de Transilvania*, n.º I; Curtze, *Tradições Populares do Principado de Waldeck*, n.º 15; Zingerle, *Kinder und Hausmarchen*, t. II, p. 112 e p. 157; Liebrecht, versão do Tirol alemão no *Anuário de Literatura* de Heidelberg, n.º 42, p. 187.

As versões eslavas alargam o domínio da ficção: Natalia Nemçova, *Novelas e Contos Populares Eslavos*, vol. V, p. 52; Wenzig, *Tesouro de Novelas dos Eslavos Ocidentais*, p. 148; Glinski, *Bajarz Polski*, t. II, p. 46; Gaal e Stier, *Contos Populares Húngaros*, p. 390; Stefanovic, *Contos Sérvios*, n.º 25 e 26; Kohler, no *Iagic Archiv für slavische Philologie*, fasc. II, pp. 626 e 627; Afanasieff, *Novelas Populares Prussianas*, liv. VI, n.º 96; Miklosich, *Contos dos Ciganos de Bucóvina*, n.º 1; Urbovec, *Contos Populares Croatas*, n.º 25; M.me Mijatovics, *Popular Tales*, p. 238; Schiefner, *Arvarische Texte*, n.º 12; e uma versão siamesa no *Asiatic Researches*, t. XX, p. 348 (1836). Depois destas largas indicações apresentadas pelo Dr. Kohler ao n.º 12 da coleção de Schiefner, ao n.º 5 da coleção de Laura Gonzenbach, e aos n.ºs 25 e 26 da coleção de Stefanovic, acrescentou mais estas fontes utilizadas por St. Prato: Jecklin, *Tradições Populares do Cantão dos Grisões*, p. 105; W. Webster, *Basque Legends*, p. 176; Bladé, *Trois contes populaires*, p. 33; Luiz Leger, *Cantos Heroicos, e Canções Populares dos Eslavos da Boémia: O Soldado*; Asbjornsen, e Moe, *Contos Noruegueses*, o que se intitula: *O Rico Mercador*. Com as notas de Kohler, de Cosquin, Ive, Teza e Prato sobre este conto ficou esgotada a área das investigações, sendo possível organizar o seu encadeamento genealógico, e por ele remontar ao seu primitivo sentido mítico.

A Idade Média simpatizou com esta lenda da substituição das crianças por animais, como se ve na *História do Cavaleiro do Cisne*, *Storia della Regina Stella*, no *Dolopathos*, no velho teatro frances, *Du Roi Thierry*, e nas tradições dos Lohengrin (Grimm, *Veillés allemandes*, t. II, pp. 342 a 378). Evidentemente, quando mais vasta é a universalidade de um conto, tão mais profunda é a sua origem tradicional e pela investigação das formas mais simples se chegará ao seu valor mítico.

OS SETE ENCANTADOS

Havia uma rapariga, que morava com sua avó, e esta a mandou vender tres vinténs de linhas. A netinha foi e entrou num palácio e viu em cima de uma mesa tres vinténs; deixou lá ficar as linhas, e quando ia para sair achou todas as portas fechadas. Ela lá ficou, e como era cuidadosa, fez as camas, arranjou os quartos, pos tudo em ordem. À noite entraram sete encantados; ela, com medo, escondeu-se. Disseram eles:

— Quem tanto bem nos fez, se for homem será nosso irmão, e se for mulher havemos de estimá-la como irmã.

Disseram isto muitas noites a fio, até que por fim um deles disse:

— O que eu queria era quem me lavasse a cabeça.

A menina nessa noite lavou a cabeça a seis Encantados. O a quem ela não lavou a cabeça não quis dormir, mas fingiu que dormia e estava acordado. Vai ela lavar-lhe a cabeça, e o Encantado pegou-lhe por um pulso. A menina começa a gritar com susto, e os outros Encantados acordaram, viram-na, e prometeram-lhe que nunca lhe fariam mal e que só queriam o seu bem. Dali por diante nunca mais ela se escondeu dos Encantados, que lhe apareciam sempre.

Ao fim de certo tempo, um rei que morava defronte e era solteiro, e ainda tinha a mãe viva, que governava, falou-lhe em casamento; ela lhe respondeu que havia de primeiro dizer-lo aos Encantados. Assim fez; eles lhe disseram que casasse com o rei, mas que o não deixasse tocar-lhe sem que dissesse primeiro: «Pelos sete príncipes encantados.» Ela assim o prometeu.

Casou; quando o príncipe ia para abraçá-la, ela começou a dar gritos, e a fugir.

O príncipe muito zangado mandou-a meter num quarto com uma criada para a servir, e nada lhe faltava, mas foi casando com outra princesa com quem o príncipe casara segunda vez:

— Vossa Alteza não sabe? Aquela senhora que está fechada, corta a cabeça e penteia-se no regaço, e depois torna-a a por no seu lugar.

A princesa, para não ficar atrás da outra quis fazer o mesmo, cortou a cabeça, mas morreu logo. O príncipe ficou muito triste, e pos a criada na rua. Casou com outra princesa; passados dias vem outra criada e diz-lhe:

— Vossa Alteza não sabe? Aquela senhora que está fechada lá em cima, quando está fiando e lhe cai o fuso, corta a mão que o vai apanhar ao chão, e torna a ficar no seu lugar.

A terceira esposa quis fazer o mesmo, mas a mão gangrenou-se-lhe e passados dias morreu. O príncipe pos a criada na rua, e foi ter com a menina que tinha fechada, e assim que ia tocá-la, ela começava aos gritos, que tremia o palácio.

Foi o príncipe muito aflito ter com a rainha, que lhe disse:

— Filho, pede pelos sete príncipes encantados, a ver o que ela te diz.

Ele assim fez, e nunca mais achou dificuldades; dizendo-lhe a esposa:

— Aqui me tens, porque já soubeste falar. E os sete príncipes desencantaram-se.

(Ilha de S. Miguel)

AS SONSAS

Havia um rei, e na sua corte andavam dois cavaleiros; um falava nas suas tres filhas, que eram muito devotas e que não se importavam com as vaidades do mundo; o outro tinha uma filha só, que era muito alegre e divertida. Juntaram-se um dia muitas senhoras e falaram nas suas filhas, aonde estava também o príncipe, que, ouvindo as conversas, foi ter com a rainha e pediu-lhe as suas joias. Vestiu-se em adela e foi a casa do fidalgo que tinha as tres filhas beatas. Bateu a porta; os criados foram chamar a dona da casa, mãe das meninas e ela lhe disse:

— As minhas filhas não hão de querer agora joias, pois elas não fazem outra coisa senão rezar.

Mas a adela pediu que ao menos a recolhessem do ar da noite, e queria que a deixassem ficar no quarto das meninas, porque assim estaria mais segura com as joias que trazia, que eram de muito valor. A mãe falou nisto as filhas; e elas:

— Nós não queremos cá velhas; temos muito que rezar.

A mãe disse:

— Ela fica aí para um canto do quarto, porque não quero que em minha casa aconteça a desgraça de a roubarem.

A adela entrou para o quarto das meninas; deitou-se e fingiu que dormia. Lá por alta noite entraram tres mancebos, que eram os namorados das tres meninas, e cada um deixou uma coisa. A adela, assim que viu esses objetos, agarrou neles e abalou.

No dia seguinte, o príncipe que era a dita adela, esperou que anoitcesse, e foi a

casa da filha do outro fidalgo, bateu a porta, veio a mãe da menina; disse que trazia ali umas joias, para ver se a menina queria comprar.

Veio ela muito contente, esteve a ver as joias, e, como isto levou tempo, disse:

— Minha rica velhinha, eu não quero nada; mas como é tarde há de cá dormir, e fica no meu quarto.

Depois deram a ceia a velha, e ela foi deitar-se para o quarto da menina, que lhe deu também a sua cama. A velha fingia que dormia; a menina veio deitar-se. Penteou-se, rezou, despiu-se e deitou-se sem camisa na cama. A adela, assim que a apanhou dormindo, pegou na camisa e foi-se embora.

No fim de dias o príncipe mandou avisar, para todos os fidalgos irem ao palácio com as suas famílias; quando estavam presentes, chamou um cavaleiro e mostrou-lhe uma prenda e perguntou se conhecia.

O cavaleiro disse que sim, e que a tinha deixado no quarto de uma menina. Fez mais perguntas iguais aos outros mancebos, e as tres beatas estavam muito envergonhadas. Chegou por fim a vez da menina da camisa; chamou-a, e ela desatou a rir.

A mãe disse-lhe:

— Sustei-vos, filha, não vos rides.

— Ai, senhora! agora é que eu vejo que o príncipe era a velha adela que me furtou a camisa.

O príncipe perguntou-lhe:

— Será esta a camisa?

— É sim senhor.

— Pois bem, aqui tem a sua camisa, e saiba que deste instante por diante fica minha verdadeira esposa, e a estas meninas dou-lhes a sentença que, como são muito beatas, se faça um convento para as meter para sempre.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: Há uma versão da Beira Baixa nos *Contos Populares Portugueses*, n.º LXI, com o título *As Filhas dos Dois Validos*, do grupo coligido por Consiglieri Pedroso. Traz os seguintes estribilhos: — *Ah, estrangeirinha, estrangeirinha / Que esta caixa era minha. / «Pois se a caixa era vossa / Pela virtude sereis rainha.»*

A MÃO DO FINADO

Havia um mercador, que tinha tres filhas, e por costume ia cobrar fora da cidade uma renda todos os anos. Aconteceu falecer a sua mulher, e tendo de ir receber a renda custava-lhe deixar as filhas sozinhas. Disse então o mercador:

— Minhas filhas! eu preciso de ir receber a renda do costume, mas está-me custando ir, para as não deixar sós.

As filhas responderam:

— Vá, meu pai, que não nos há de acontecer nada; nós havemo-nos de fechar por dentro, e não se consentirá que ninguém entre cá.

O mercador foi-se, fiado na palavra das filhas. Havia fora da cidade uma quadrilha de ladrões, e o capitão deles andava a espera da ocasião da partida do mercador. Assim que soube do dia em que o mercador saiu da cidade, vestiu-se em trajos de velho pedinte, e quando anoiteceu estava e toda a sua quadrilha a esquina da rua onde moravam as tres meninas. Veio o capitão bater-lhes a porta, e como estivesse chovendo, pediu pousada do ar da noite. As meninas mais velhas compadeceram-se dele e queriam-no agasalhar; a mais moça disse:

— Não! lembrem-se da palavra que deram ao pai; de-se-lhe uma esmola, e ele que vá com Deus.

Respondeu a mais velha:

— A menina como mais criança não determina nada aqui!

E o velhinho sempre entrou para dentro; deram-lhe na cozinha uma enxerga e cordas para ele estender a roupa, e puseram-lhe a ceia diante. As meninas, depois de terem arranjado o velho, foram também cear; eis senão quando o velho abriu

a porta da cozinha e veio ter com as meninas a mesa e deu-lhes tres maçãs dormideiras, uma para cada uma comer a sobremesa.

Ficou vendo se as meninas as comiam; as mais velhas comeram as suas, mas a mais moça não comeu e escondeu-a para o velho a não ver e não desconfiar. Foram-se as meninas deitar e as mais velhas pegaram no sono muito depressa; porém a mais nova não dormiu com medo, mas fingia também que dormia. Quando o ladrão viu que estavam já dormindo, levantou-se e foi ao quarto das meninas puxou um alfinete real, chegou ao pé da menina mais velha e deu-lhe uma picada a ver se estremecia. Ela não sentiu a picada. Fez o mesmo a segunda; não sentiu. A mais nova com medo de o ladrão a matar, fez-se dormindo; ele fez-lhe o mesmo e ela não sentiu.

O ladrão trazia consigo uma espada, uma pistola e uma mão de finado e pos numa banca estas coisas todas. A menina mais nova abriu os olhos para ver a determinação do ladrão, e tornou-os a fechar. O ladrão acendeu o lume a mão do finado para as meninas ficarem mais pesadas no sono, e correu as casas para arrumar o que tinha que roubar. Abriu o alçapão que dava para a loja das fazendas, entrouxou o que quis, e abriu a porta da loja, e saiu a chamar a sua quadrilha. A menina mais moça levantou-se ao mesmo tempo que o ladrão saíra, viu as trouxas das fazendas prontas, e a toda a pressa trancou a porta da loja. O ladrão que já vinha com a quadrilha, ainda se pos aos empurrões a porta, e dizia:

— Foi a mais mocinha que me enganou, e que não comeu a maçã dormideira.

E começou a dizer que ela lhe havia de pagar tudo. Teve ainda a confiança de tornar a bater a porta, pedindo a menina que lhe desse a sua mão de finado. Ela respondeu de dentro, que a mão estava em labareda, e que não sabia como a apagar. Disse o ladrão, que a deitasse numa tigela de vinagre, que ela se apagava. A menina veio cá acima buscar a espada que o ladrão tinha deixado, e disse-lhe:

— Aqui está a mão do finado.

Ora na porta havia um buraco em cima em que cabia uma mão; e disse-lhe o ladrão:

— Meta a menina a mão pelo buraco.

— Se quer, meta a sua, que eu lhe darei a mão do finado.

Vai o ladrão cai em meter a mão e a menina traçou-a com a espada. Os ladrões foram-se embora, e o capitão com a mão quebrada. A menina foi para o quarto onde as irmãs estavam dormindo, apagou no vinagre a mão do finado, e ao mesmo tempo as irmãs começaram a estremecer, e acordaram. A boa da menina fe-las levantar, contou-lhes tudo, e levou-as a ver os sinais da desgraça em que estavam. Elas ficaram muito assustadas, e choraram muito lembrando-se do que o pai diria quando chegasse e soubesse que lhe tinham desobedecido.

Chegou o mercador da cobrança, e viu as filhas aparecerem muito tristes. Pediu a menina mais nova a seu pai que a escutasse; contou o que era passado e como se tinha livrado dos ladrões. O mercador chamou então as filhas e disse:

— Daqui por diante daremos obediencia a sua irmã mais moça; eu com ser seu pai farei o que ela determinar, porque venho a conhecer que vos livrou da morte e de ficarmos desgraçados.

Quando, por fim de muitos anos, o capitão dos ladrões, que tinha mandado fazer uma mão de ferro com engonços e andava de luvas, vestido como qualquer senhor, estabeleceu um armazém defronte da casa do mercador. Ora um dia o mercador, por lhe parecer boa pessoa convidou-o para com ele jantar. Ele aceitou de boa vontade, e as meninas ficaram satisfeitas de o pai convidar tão bom vizinho. A mais nova é que ficou muito triste, e o pai lhe perguntou o que era. A menina respondeu que não gostava que o pai convidasse o tal senhor para vir a sua casa. Chegou a hora do jantar e foram para a mesa; as duas outras irmãs, já se sabe, muito contentes. Houve uma conversa, e neste mesmo tempo o vizinho pediu em casamento a menina mais nova ao pai. O mercador ficou

muito satisfeito e disse que sim; mas a menina respondeu:

— Aqui o desengano, pai, que com ele não quero casar.

O vizinho ficou aborrecido, e pediu a mais velha, que ficou muito contente, e ele começou a enumerar os bens que tinha, e que morava em uns palácios longe da cidade.

Chegou o dia do casamento, despediu-se a menina mais velha, e montou no carro mais o marido para fora da cidade. Lá no meio da estrada ele apeou-se, mais a mulher, pagou ao boleiro para se não saber onde ele morava. Foram andando até que chegaram a umas casas metidas nuns matos. Assim que a sua companhia o avistou, vieram com seus oiros e joias oferecer a senhora, dizendo ele que era a sua mulher. Entrou com ela para um quarto, e lhe deu um papel para escrever uma carta a seu pai, que ele notou, dizendo que estava muito satisfeita com ver tanta riqueza e que mandava buscar uma de suas irmãs para estar uns dias em sua companhia. Acabada a carta, que ele arrumou, tirou então a luva e a mão de ferro e mostrou-lhe o braço maneta, dizendo:

— Conheces quem me fez isto?

Ela respondeu-lhe que não.

— Bem sei que não tens culpa, mas o pagarás e tuas irmãs também.

Acabado isto pegou na espada e degolou-a. No fim de uns dias levou a carta ao sogro, que a sua mulher lhe mandava, e o pai leu-a, e disse a do meio que fosse.

O ladrão levou-a consigo, fez com que ela escrevesse uma carta para vir a mais moça, e depois de a degolar, veio com a carta. O pai mandou a última filha que tinha em casa; ela não queria ir, mas para não desobedecer sempre se resolveu. Foi com o cunhado, que no meio da estrada a fez apelar, e depois de irem a pé por muito tempo, descalçou a luva e mostrou-lhe a mão, dizendo:

— Tuas manas já pagaram; agora é a tua vez.

Chegaram a casa; os ladrões apareceram-lhe todos, e ele disse:

— Façam de conta que é minha irmã.

Pos ao pescoço da menina uma pera de ouro, e disse:

— Podes ir a todos os quartos deste palácio, menos a este.

Partiu com a quadrilha, mas assim que voltou costas, a menina tirou a pera do pescoço e foi ao quarto dos mortos. Viu lá um menino príncipe todo esfaqueado, que lhe disse:

— Esta casa é um covil de ladrões; o que faz a menina por aqui? Olhe que eles estão aí a chegar.

A menina fechou outra vez tudo; botou a pera ao pescoço, e nisto chega o cunhado.

— Fez o que lhe mandei?

Fiz.

Ele olhou para a pera sem malha, ficou muito contente; destinou-lhe serviços para ela fazer, e foi-se outra vez embora para uma viagem de oito dias.

A menina tirou a pera, e foi ao quarto dos mortos levar um caldo ao menino príncipe, que ficou são. Sentiram uns carros do rei que levavam esterco e eles fugiram e foram ter com os carreiros para os levarem para o palácio. Chegaram aos carreiros e perguntaram:

— Que novidade há nessa cidade?

— Ofícios dobrados pela falta do príncipe.

— O príncipe sou eu; e esta menina deu-me a vida, na casa onde estava esfaqueado pelos ladrões. Agora, carreiro, deita esterco fora do carro de trás, põe meia sebe e deita em cima o esterco, que nós nos escondemos aí.

O carreiro assim fez; eram tres carros e puseram-se a andar. Os ladrões tinham encontrado um feiticeiro, e ele ofereceu-se para ir para a sua companhia. Chegaram a casa, o capitão não encontrou a menina, mas o feiticeiro logo lhe

disse que ia fugida no carro de trás.

Partiu um dos ladrões para a ir buscar; chegou ao carreiro, mandou-o parar, e cavar no carro de trás até meio, e vendo que não achava nada, foi-se. Os meninos passaram para o carro segundo. Chegando a casa, disse o ladrão:

— É mentira; não achei ninguém, pois despejei o carro até meio.

Disse o feiticeiro:

— Despeja o carro todo, que eles lá estão.

Parte o ladrão a toda a pressa, apanhou o carreiro, mandou despejar o carro todo, e como os meninos já tinham passado para o carro do meio, não achou nada. Foi-se embora furioso contra o feiticeiro. Diz o sábio:

— Vão agora no carro do meio.

Partiu o ladrão, e mandou despejar o carro do meio; mas não achou ninguém. Diz outra vez o feiticeiro:

— Torna lá, que eles passaram-se para o carro da frente. Mas os carros chegavam já ao palácio e escaparam os meninos. O rei ficou muito contente por ter tornado a encontrar o seu filho, e soube da menina tudo desde a mão do finado até dar a vida ao príncipe, que quis logo casar com ela. O rei deu o sim, e no dia das festas do casamento veio um dos ladrões com obras de oiro, entrou para a igreja que estava preparada, e abriu uma saca, e dizia com ar de tolo:

— Tão bonito! tão bonito!

Apareceu ali um vassalo e disse:

— Quando voce se admira disto, que seria se visse a camara real. Disse o que se fingia tolo:

— Eu dava todas estas obras de oiro a quem me levasse lá.

O vassalo ofereceu-se, e o ladrão no meio de tanta gente sumiu-se e meteu-se debaixo da cama sem o vassalo ver. Casaram-se os príncipes, e foram para a

camara real; a princesa com uma grande agonia não podia dormir, e não se quis deitar.

Diz o príncipe:

— Deita-te, que os ladrões não podem vir aqui matar-nos.

— O meu coração me diz que mesmo aqui me hão de vir matar.

O príncipe levantou-se, chamou um sentinela para fora da porta e um leão para a borda da cama. O leão mal entrou começou a farejar para debaixo da cama; a menina levantou-se e foi ver aonde o leão estava dando sinal. Chamou o príncipe para ver um dos ladrões que os tinham querido matar. Acudiu o sentinela, que fez sair o ladrão que ainda fingia de tolo, dizendo:

— Tão bonito! tão bonito!

Mas levaram-no dali para a prisão, até confessar quem o tinha ali metido, sendo enforcado com o vassalo. O rei mandou tropa a rodear a casa dos ladrões, foram todos mortos e encontraram-se muitas riquezas, que o rei deu aos noivos, que foram muito felizes.

NOTA: É uma versão popular do *Barba-Azul*. Gubernatis, na *Mit. Zoológica*, t. I, p. 182, resume o XIV conto estoniano, de Fred. Kreuzenwald, pertencente a este mesmo ciclo. Na mesma obra, t. II, p. 36, traz outra versão italiana deste conto com o título *O Rei dos Assassinos*, não colecionada. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem uma versão de Yorkshire, coligida por Gould nos *Curious Myths*, com uma nota interessante a pág. 407. Segundo Brueyre, a parte mítica do conto é a *mão de glória*, que se liga ao mito do fogo. No *Folclore Andaluz*, p. 308, há uma versão do marido que mata as mulheres, ate que a última vinga as irmãs. Este mesmo tema subsiste nos contos populares portugueses no romance do *Rico Franco*. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, t. I, p. 149, vem uma versão de Sevilha,

intitulada *Mariquilla la ministra*, em que se confunde também o conto da *Maria Sabida*.

O REI DE NÁPOLES

Um rei tinha um filho, e como era o único, queria que ele se casasse; mas o príncipe respondia-lhe sempre que não se casaria senão com uma filha do rei de Nápoles se ele tivesse alguma.

O príncipe tratou logo de indagar bem se o rei de Nápoles tinha alguma filha; mas não achava pessoa que lhe desse a certeza. Depois de muitas indagações partiu para Nápoles, e armou-se a deitar um pregão, dizendo que dava esmolas a todos os velhos que quisessem lá ir. Era para ver se algum lhe dava notícias se o rei tinha alguma filha. Todos com quem ele falava lhe diziam que tinham sido nados e criados e que tal coisa nunca tinham ouvido. Indo um dia a esmola a casa do príncipe uma velha, perguntou-lhe se ela sabia de o rei ter alguma filha?

Respondeu a velha:

— Oh senhor, eu aqui nasci e daqui sou, mas nunca ouvi de ele ter nenhuma filha. Agora, passando eu o outro dia por uma esquina do palácio, vi de dentro de uma fresta uma cara tão linda, que me pareceu ser de princesa. Mas não posso dar maior certeza.

O príncipe prometeu a velha de lhe pagar bem, se ela descobrisse que era a princesa. Um dia indo a velha pela esquina, viu a fresta a tal cara linda e chamou-a para lhe vir falar. Ela veio; perguntou-lhe a velha se queria comprar joias, que sabia quem as tinha bem boas.

A princesa disse que sim, e combinou a hora em que iriam ter a fresta. A velha foi muito contente dizer tudo ao príncipe. Como tinha visto a princesa, que tinha falado com ela, e combinado a hora de ele ir com as joias. O príncipe

vestiu-se em traje de adelo, e chegou a esquina a apregoar joias.

Neste tempo ouve uma voz, que vinha da fresta, chamar:

— Ó homem das joias!

O príncipe voltou para trás muito contente, e a princesa disse-lhe que entrasse por aquela escadinha. Assim fez; mostrou-lhe as joias, ela estava satisfeita, e disse depois de escolher:

— Vamos agora ao preço.

— Se a senhora está contente com essas, em casa tenho outras ainda melhores, e trago-as cá amanhã.

Quando chegou a casa a velha aconselhou-o a que vestisse por baixo os seus fatos de príncipe, e por cima com o traje de vendilhão das joias, para quando chegasse as escadinhas despir-se e falar a princesa como quem era. Assim fez; a princesa quando o viu feito príncipe assustou-se; mas ele expos-lhe a sua prática e a diligencia que tinha feito para chegar aquele lugar, e que o seu sentido era casar com ela.

A princesa aceitou o pedido, e assentou a hora da noite muito em segredo em que ele a iria buscar, porque o rei seu pai não queria que ela se casasse. O príncipe, pelo muito desejo que tinha de a ir buscar, foi logo de serão para o lugar da escadinha; mas cansado de esperar, encostou o cotovelo sobre a sela do cavalo e pegou a dormir.

Neste tempo passou um homem de meia-tigela pelo pé do príncipe, e quis ver se o conhecia; nisto ouviu uma voz que dizia:

— Vamos, vamos! que já está o escaler na água a nossa espera.

O tal homem viu descer uma donzela muito linda, e pegou nela com toda a riqueza que trazia; meteram-se no escaler e partiram.

O pobre do príncipe ficou ali até amanhecer. Quando acordou julgou que a

princesa o tinha enganado, e foi para outra terra, e quando lá chegou começou outra vez a dar esmolas aos pobres para descobrir por algum se o rei de Nápoles tinha alguma filha.

A princesa, quando amanheceu, que se viu com aquele homem, disse consigo:

— A primeira vista não é vista; mas isto não é o príncipe meu senhor.

O ladrão do homem, como a via desgostosa, perguntou-lhe:

— Sabe a menina com quem vai?

— Com o príncipe meu senhor.

— Pois saiba que vai com um ladrão.

A princesa começou a chorar, e foram andando, andando e chegaram lá a uma terra chamada das Junqueiras.

Ele varou a lancha, deixou ficar ali a princesa e foi-se embora; havia ali só uma mulher viúva com a sua filha.

A princesa ficou a chorar muito naquele escampado, por se ver sozinha, e tudo isto era de noite. Disse a filha a mãe:

— Estou ouvindo chorar; e parece-me ser mulher.

— Não, filha; isso podem ser os ladrões, para nos enganarem e virem roubar-nos.

Tornou a dizer a filha:

Será tudo o que Deus quiser;

Mas aquele chorar é de mulher.

Foram ambas, e deram com a princesa, que elas não conheciam, e tomaram-na para a sua companhia.

O príncipe continuava a dar esmolas aos pobres, e perguntava a todos se o rei de Nápoles tinha alguma filha. Todos diziam que não, que nunca tal tinham ouvido.

Afinal foi lá um velho e fez-lhe esmola, e repetiu a pergunta do costume; o velho respondeu:

— Se o senhor soubesse o que eu passei com ela! sempre se havia de rir um bocado.

O príncipe puxa uma cadeira e senta o velho ao pé de si. O velho contou:

— Eu vinha um dia do jogo das távolas; e passei pelo palácio do rei; estava lá numa esquina um cavaleiro dormindo, por sinal com o cotovelo na sela do cavalo; fui ao pé dele para ver se o conhecia, e a este tempo ouvi dizer: «Vamos! que já está o escaler na água a nossa espera.»

E foi contando tintim por tintim o caso do roubo da princesa até a ir deitar na terra das Junqueiras.

Assim que chegou a este ponto, o príncipe não se teve em si, puxa de um punhal e crava-o na cabeça do velho e matou-o. Os outros velhos que estavam ali, gritaram logo:

— Aqui d'el-rei, que mataram o nosso irmão.

Acudiu logo a Justiça para levarem o príncipe para o Limoeiro; chegou o dia em que ia a enforcar, e ele pediu mais uma hora de vida. Chamou um dos homens que ali estava, que fosse ao palácio pedir ao rei um livro de pastas vermelhas, que estava a cabeceira do príncipe. O rei assim que ouviu isto deu-lhe um baque o coração, e conheceu que só o príncipe é que podia fazer aquele pedido. E como já havia muitos anos andava ausente do reino, foi ver se seria ele; meteu-se na carruagem e foi ter com ele, trouxe logo para o palácio o filho, que lhe contou todos os seus trabalhos:

— Agora, meu pai, de-me licença para ir a terra das Junqueiras buscar a princesa.

O pai mandou aprontar uma das melhores naus, e o príncipe assim que chegou a terra das Junqueiras e viu uma casinha, bateu e quem lhe veio falar foi a dona. Às

perguntas do príncipe, disse que morava com duas filhas. O príncipe disse se ela dava licença, que as queria ver. E ela disse, que não tinham roupinha capaz de aparecerem a Sua Alteza. Tanto teimou que elas apareceram, e o príncipe logo a reconheceu, e disse que ia por causa dela, para a levar para o palácio. A princesa disse que estava bem, e que para enganar só bastava uma vez. Ele disse que levaria também para o palácio as suas companheiras, que seriam tratadas como pessoas reais. Foram-se embora e casaram, e ficaram vivendo todos como Deus com os anjos.

(*Ilha de S. Miguel — Açores*)

NOTA: Nas *Nuits facecieuses*, de Straparola (ed. elz), IX, fáb. 1.^a, vem este conto com a mesma situação das joias e da donzela escondida pelo pai.

O MATADOR DOS BICHOS

Houve em certo tempo um rei, que era sozinho mais a rainha, e não tinha filho nenhum para bem de herdar a coroa. Desejaram muito um filho, e nasceu-lhes uma menina. O rei tratou logo de ir ver ao livro do Sino qual seria a sorte da menina, e viu o seguinte:

— Que ao cabo de doze anos ela seria metida numa torre sem porta, senão uma gateira por onde só aceitasse o comer, e em roda de sete anos a carne que lhe dessem para comer não havia de levar osso nenhum.

Ao cabo de sete anos o rei seu pai foi convidado para ir jantar fora, e deixou recomendado as suas aias que quando mandassem o comer a princesa, que lhe não levassem carne com osso. Aconteceu por desgraça o contrário. Andava por ali um duque, vestido em trajo de mulher falando com ela pela gateira. Naquele dia em que lhe foi o jantar com osso ela tratou logo de fazer com isso um martelo, e esborralhou um lado da gateira par onde pudesse caber, e quando veio o duque conversar, disse por estas palavras:

— Minha sorte está acabada antes do tempo por via do osso do jantar, e o meu intento é sair já daqui.

Aí vão os dois fugidos; o duque passou um rio que mais ninguém sabia passar, e estiveram por espaço de dois anos em uma brenha de pedra muito seguros. Ali teve a princesa um menino, e como já tivesse tres anos, e como estivesse por batizar, foi preciso tornar a passar o rio, para irem a uma ermida longe. Passou o duque o menino para a outra margem, e quando vinha para buscar a mãe, prendeu-se num passo e desapareceu, ficando a mãe de um lado e o filho de

outro.

A princesa ficou chorando muito a sua desgraça, porque não sabia o caminho.

Respondeu-lhe o menino:

— Não tome a mãe moléstia, que sou eu quem a vou passar.

— Filho, vais pelo rio abaixo!

E dobrou ainda mais o choro. Mas o menino passou o rio bem, e guiou a mãe, e lá foi a uma igreja onde pediu para ser batizado, e quis o nome de José, Matador dos Bichos. Depois foram andando pela freguesia abaixo, e chegando a uma casa com um postigo meio aberto, ele meteu o braço, abriu a porta como se fosse sua, e entrou com a mãe. Não acharam ninguém; como não achassem que comer, ele foi pedir, e aconteceu ser ao palácio do rei, onde lhe deram muito. A mãe ficou admirada, e temendo que lá o conhecessem, pediu-lhe para não tornar ali mais. Ele das esmolas arranjou com que comprar uma espingarda, e começou a apanhar caça real que ia levar de presente ao palácio. Indo um dia para a caça lá para uns matos feios, avistou umas fortes casas e essas medonhas. Com o muito animo que tinha entrou e viu sete homens deitados a dormir. Não teve ele mais que fazer senão pegar numa machadinha que ali viu, e com ela foi picando os pescoços dos sete homens, cada um por sua vez. Agora, cuidando que estava sozinho, corre todos os quartos, mas chegou a um em que estava o quadrilheiro-mor, que era um gigante, que lhe perguntou:

— Que fazes por aqui, franguinho de vintém?

— Com eu ser franguinho de vintém talvez me não tema de ti.

O gigante atira-lhe um pescoção, e o menino agarrou-se-lhe as gadelhas e traçou-lhe o pescoço. Viu então muitas riquezas, e correu a dar parte a mãe, para irem para lá viver; a mãe disse-lhe que fosse dar parte ao rei. Ora o rei, pasmado da valentia do pequeno, perguntou:

— De quem és tu?

— Eu, senhor, sou filho de uma princesa, que fugiu com um duque, de uma torre em que estava fechada.

E como ia contando o acontecido, o rei interrompeu-o dizendo:

— Pelo que percebo, então és tu meu neto. Onde está tua mãe?

— Senhor, está numa pobre cabana de palha.

E mandou-a buscar, para ela vir para o palácio, onde houve muitas festas. Ora o menino pediu ao avo para ir com uma força as tais casas dos ladrões buscar aqueles grandes massames que lá vira. Assim foi; e correndo todos os quartos ajuntou todos os empregos que ali havia de ouros e prata tudo num monte, pegaram a carregar quanto puderam, e mandou escangalhar as casas para não servirem mais de covil dos ladrões.

Por morte do avo foi o menino rei, e lá está vivendo muito bem.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: É uma das lendas mais queridas da Idade Média, do pai ou avo que conhece o filho ou neto abandonado, pela sua valentia extraordinária. As gestas desenvolveram este tema épico. Trogo Pompeu cita um fragmento de um poema dos Turdetanos, que é o conto do rei Abidis, neto do rei Gargoris, nascido de uma fragilidade de sua filha; tendo-o exposto a todos os perigos para que a criança morresse, sobrevive a tudo e é nomeado pelo avo sucessor do seu reino.

AS NOZES

Havia um príncipe, que foi passear e no meio de uma estrada encontrou uma velhinha, e o príncipe pediu a velha a sua benção. Ela deu-lhe tres nozes e lhe disse:

— Meu príncipe, não partas estas nozes senão perto de água.

Ele foi para diante, e partiu uma das nozes. Saiu uma menina muito linda, que lhe pediu água. Como ele não tinha ali água, ela morreu. Mais para diante, partiu outra noz; sucedeu o mesmo, não haver água e a menina morreu. O príncipe prometeu a si mesmo de não tornar a partir a última senão ao pé da água. Chegando a uma fonte, partiu a derradeira noz; saiu uma menina, que lhe pediu água, ele deu-lha e a menina viveu. O príncipe muito contente levou-a consigo até ao jardim do palácio do rei seu pai, e aí a meteu entre a ramada de uma árvore, que tinha uma fonte por baixo, e foi-lhe buscar vestidos para a trazer para a corte. Uma preta vinha a fonte com um potinho de barro e viu na água a cara da menina; pensando ser a sua cara, quebrou o pote dizendo:

— Uma cara tão linda não vem a fonte!

A mãe batia-lhe, e ela repetia sempre o mesmo; a mãe chamava-lhe tola, até que lhe deu um odre para ir a fonte, porque assim não o quebrava. A preta foi, e lavou a cara, e olhando para cima viu a menina, e foi a casa chamar a mãe. A mãe veio e perguntou a menina como é que ela tinha ido para ali. Ela contou; e a mãe chamou a menina e começou a dar-lhe matadelas na cabeça, e vai senão quando mete-lhe dois alfinetes reais nas fontes, donde a menina se tornou em pombinha branca e voou por esses ares fora. A preta pos a filha no lugar da menina; veio o

príncipe e ficou espantado de a ver tão negra. Ela respondeu-lhe:

— Os ardores do sol, o vento e a chuva me enegreceram.

O príncipe ficou pelo que ela dizia, levou-a para o palácio, e estava já para recebe-la, quando lhe veio uma grande doença, que nada lhe sabia com o fastio.

O jardineiro viu uma pombinha, que falava e dizia:

Eu ando de galho em galho,
De flor em flor,
Ai que dor!

E a pombinha voava e tornava a dizer:

Eu ando da hortelã para o loureiro,
À roda da minha horta,
Como irá o príncipe
Com a sua esposa preta Carlota?

O jardineiro foi contar tudo ao príncipe, que mandou untar todas as árvores de visgo, para apanhar a pombinha. Apanhou-se a pombinha, e a preta logo desejou os fígados dela. O príncipe não quis que ela se matasse; indo-lhe a fazer festa, ao passar a mão pela cabeça da pombinha achou os dois alfinetes e puxou-os; ela tomou-se outra vez na menina, e o príncipe muito contente casou com ela, e mandou matar a preta e a mãe da preta.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: É o conto das *Tres Cidras do Amor*, modificado segundo os frutos prediletos de cada terra, cidras, laranjas ou nozes. Sobre os paradigmas deste conto universal, vid. p. 190 Don Agustin Duran, no *Romancero general*, t. I, p. 2, nota ao romance n.º 4, resume este conto, bastante vulgar em Espanha. Na versão italiana de Perugia, tem também o título *Le tre noci fatale*. (Ap. Prato,

Quattro novelline, p. 28).

AS TRÊS CIDRAS DO AMOR

Era uma vez um príncipe, que andava a caça; tinha muita sede, e encontrou tres cidras; abriu uma, e logo ali lhe apareceu uma formosa menina, que disse:

— Dá-me água, senão morro.

O príncipe não tinha água, e a menina expirou. O príncipe foi andando mais para diante, e como a sede o apertava partiu outra cidra. Desta vez apareceu-lhe outra menina ainda mais linda do que a primeira, e também disse:

— Dá-me água, senão morro.

Não tinha ali água, e a menina morreu; o príncipe foi andando muito triste, e prometeu não abrir a outra cidra senão ao pé de uma fonte. Assim fez; partiu a última cidra, e desta vez tinha água e a menina viveu. Tinha-se-lhe quebrado o encanto, e como era muito linda, o príncipe prometeu casar com ela, e partiu dali para o palácio para ir buscar roupas e levá-la para a corte, como sua desposada. Enquanto o príncipe se demorou, a menina olhou dentre os ramos onde estava escondida, e viu vir uma preta para encher uma cantarinha na água; mas a preta vendo figurada na água uma cara muito linda, julgou que era a sua própria pessoa, e quebrou a cantarinha dizendo:

— Cara tão linda a acarretar água! Não deve ser.

A menina não pode conter o riso; a preta olhou, deu com ela, e enraivecida fingiu palavras meigas e chamou a menina para ao pé de si, e começou a catar-lhe na cabeça. Quando a apanhou descuidada, meteu-lhe um alfinete num ouvido, e a menina tornou-se logo em pomba. Quando o príncipe chegou, em vez da menina achou uma preta feia e suja, e perguntou muito admirado:

— Que é da menina que eu aqui deixei?

— Sou eu — disse a preta. — O sol crestou-me enquanto o príncipe me deixou aqui.

O príncipe deu-lhe os vestidos e levou-a para o palácio, onde todos ficaram pasmados da sua escolha. Ele não queria faltar a sua palavra, mas ria calado a sua vergonha. O hortelão, quando andava a regar as flores, viu passar pelo jardim uma pomba branca, que lhe perguntou:

— Hortelão da hortelaria,
Como passou o rei
E a sua preta Maria?

Ele, admirado, respondeu:

— Comem e bebem,
E levam boa vida.
— E a pobre pombinha
Por aqui perdida!

O hortelão foi dar parte ao príncipe, que ficou muito maravilhado, e disse-lhe:

— Arma-lhe um laço de fita.

Ao outro dia passou a pomba pelo jardim e fez a mesma pergunta; o hortelão respondeu-lhe, e a pombinha voou sempre, dizendo:

— Pombinha real não cai em laço de fita.

O hortelão foi dar conta de tudo ao príncipe; disse-lhe ele:

— Pois arma-lhe um laço de prata.

Assim fez, mas a pombinha foi-se embora repetindo:

— Pombinha real não cai em laço de prata.

Quando o hortelão lhe foi contar o sucedido, disse o príncipe:

— Arma-lhe agora um laço de ouro.

A pombinha deixou-se cair no laço; e quando o príncipe veio passear muito

triste para o jardim, encontrou-a e começou a afagá-la; ao passar-lhe a mão pela cabeça, achou-lhe cravado num ouvido um alfinete. Começou a puxá-lo, e assim que lho tirou, no mesmo instante reapareceu a menina, que ele tinha deixado ao pé da fonte. Perguntou-lhe porque lhe tinha acontecido aquela desgraça, e a menina contou-lhe como a preta Maria se vira na fonte, como quebrou a cantarinha, e lhe catou na cabeça, até que lhe enterrou o alfinete no ouvido. O príncipe levou-a para o palácio, como sua mulher, e diante de toda a corte perguntou-lhe o que queria que se fizesse a preta Maria.

— Quero que se faça da sua pele um tambor, para tocar quando eu for a rua, e dos seus olhos uma escada para quando eu descer ao jardim.

Se ela assim o disse, o rei melhor o fez, e foram muito felizes toda a sua vida.

(Porto)

NOTA: Aparece pela primeira vez citado na tradição portuguesa, por Soropita, *Prosas e Versos*, p. 103. Este escritor pertence ao fim do século XVI. Cita-se nas obras de Nicolau Tolentino, p. 93. (Ed. J. Torres). Publicámos uma versão popular nos *Estudos da Idade Média* em 1869, p. 65, quando iniciámos estas investigações. Há outra versão nos *Contos Populares Portugueses*, e nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XIV, vem com o título *A Moura Torta*, e variantes. Stanislao Prato, no seu opúsculo *Quattro Novelline popolare livornesi*, p. 11 e seguintes, traz bastantes versões italianas deste conto: *La bella dei sette Cedri*, *I tre cocomeri*, *Le tre melangele d'amore*, *Bianca como la neve e rosa como il sangue*, *Le tre noci fatale*, *Il giardino del orso*, *La dea Venere*. Sobre esta novela apresenta em seguida um largo estudo comparativo (pp. 46 a 91, in-4.º) sobre as versões coligidas por Pitré, Basile, Imbrianni, Berti, Comparetti, Corazzini, Gubernatis, Gradi, Gozzi, Laura Gonzenbach, Schneller, Lippi, Busck, Ive, Visentini, Deulin, Afanasieff, Makban, Buemosci, Schott, Grimm, Kennedy,

Brueyre, Asbjomsen (Dasent), Kohler, Maspons y Labrós, Schmidt, Eredelgi Stier, Hahn, Benfey, Stefanovic, Jawis Schiefner, Zingerle, Cavallius, nas *Legendas da Romania*, de 1874; e nos contos da Córsega, *I tre aranci*, etc. Todos estes nomes representam coleções de novelas populares italianas, gregas modernas, alemãs, húngaras, russas, inglesas, escocesas, espanholas, suecas, aváricas, suíças, por onde se ve que este conto a verdadeiramente universal. Stanislao Prato interpreta este conto como sendo o mito de Hércules roubando os pomos de ouro do jardim das Hespérides. Gubernatis, na *Mythologie des plantes*, t. II, p. 81, também apresenta uma interpretação mítica.

Na coleção de Maive Stokes, *Indian Fairy-Tales*, n.º XXI, *The Bel-princess*, há uma versão oriental deste conto. — Na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, t. I, p. 100, vem uma versão, *La Negra y la Tórtola*, coligida no Chile, na povoação de Santa Joana; traz os estribilhos: — *Hortelanito del rey, / Que hace el rey con su negra mora? / A veces canta y a veces llora. / — Hui, hui, hui! triste de mi, / Por el campo sola.*

A BENGALA DE DEZASSEIS QUINTAIS

Era uma vez um ferreiro, que tratava muito mal a mulher com pancadas, e de uma vez tantas lhe deu, que sem se importar que ela andava ocupada de meses a pos fora de casa. A mulher foi para os montes, e coitadinha, lá se agasalhou numa lapa e comia ervinhas do campo. Passado tempo teve um menino, e quando chegou a idade dava-lhe também a comer ervas; mas ele tornou-se muito forte, e subia as árvores mais altas e agarrava coelhos, lebres, raposas e lobos tudo a mão. Vai de uma vez, pelas conversas que tinha tido com a mãe, pediu-lhe para ir por aí abaixo ver esses territórios e casarias da cidade; e foi.

Chegante lá, estava um ferreiro a trabalhar a açafra, e ele disse:

— Ó mestre! quero que me faça uma bengala de ferro de doze arrobas!

— O fregues sabe o que diz? Olhe que doze arrobas não é lá qualquer coisa.

O rapaz conheceu pela cara e modos do ferreiro que ele era o seu pai, mas calou-se consigo; depois disse:

— Então se doze arrobas ainda é pouco, faça-me a bengala de dezasseis arrobas.

— Ó fregues! olhe cá para mim direito.

— Olho, sim senhor; que eu não estou a mangar; e já que voce acha pouco, faça-me a bengala de dezasseis quintais.

O ferreiro disse que sim, e não ajustou preço; o rapaz foi-se embora e contou tudo a mãe. Chegou o dia em que a obra devia ficar pronta, ele foi a porta do ferreiro e viu muitos homens e uma junta de bois a puxarem a bengala de

dezasseis quintais para a porem na rua. O rapaz bota logo a mão a bengala e começa ensarilhar com ela no ar, como se fosse um junco. O ferreiro e os outros homens com medo de ficarem esborrachados, começaram-se a esconder por todos os cantos; diz ele:

— Ó mestre, quanto custa a bengala?

— Não é nada; não é nada; pode-se ir embora.

O que o ferreiro queria era ve-lo pelas costas; disse o rapaz:

— Pois amanhã cá torno para ajustarmos as contas.

Assim foi; no outro dia trouxe a mãe a casa do ferreiro:

— Ó mestre! então voce não conhece esta mulher?

— Não senhor.

— Pois voce atreve-se a dizer que a não conhece, tendo-a recebido, dormido com ela e sendo eu seu filho? Pois agora aqui a tem, e veja como a trata.

O ferreiro conheceu a mulher, levou-a para casa, quis abraçar o filho, e pediu para viverem todos juntos; diz agora o rapaz:

— Eu vou por esse mundo adiante, que não me falta que fazer.

Foi-se embora; passando lá por umas matas, viu um homem a arrancar pinheiros a mão, como se fossem tremoceiros; ficou pasmado da valentia, e disse:

— Ó homenzinho! Voce como se chama?

— Eu chamo-me o Arranca Pinheiros; mas dizem-me que há outro homem mais valente do que eu, que é o da Bengala de Dezasseis Quintais.

— Quer voce vir comigo por esse mundo além?

— Iria, mas só com homem da minha igualha.

Ele então puxou da bengala e ensarilhou-a no ar. O outro ficou pasmado, e foram-se ambos por aí fora muito amigos. Andaram, andaram, até que foram dar a um sítio onde estava um homem que fincava as mãos no chão, e com os pés

descoroava os montes e punha-os rasos como uma cachada.

Disse o da bengala:

— Ó homem! voce como se chama?

— Eu sou o Arrasa Montanhas; mas olhe que há um homem mais valente do que eu, chamado o Bengala de Dezasseis Quintais, que eu ainda dava alguma coisa para ve-lo.

O rapaz ensarilhou no ar a bengala, e ficaram todos tres conhecidos. Combinaram ir por esse mundo e do que arranjassem repartirem-no entre si. Foram dar a uma praia muito linda, onde estavam duas raparigas a banharem-se; ora o Bengala de Dezasseis Quintais viu que elas atiravam uma para a outra duas bolas de vidro, que se atravessavam no ar. E enquanto estavam neste jogo, ele foi-se chegando sorrateiro, estendeu a mão e apanhou de uma só vez as duas bolas de vidro. Meteu-as na algibeira, e as duas raparigas desapareceram.

Foram-se os tres amigos andando, e chegaram lá a um escampado, onde estavam umas casarias; entraram. Havia muita mobília, camas, cozinha, mas não aparecia ninguém. Disse o da Bengala de Dezasseis Quintais:

— Fiquemos aqui a descansar. Mas o melhor era irem voces ambos apanhar alguma caça, enquanto eu vou cozinhar esta que trago aqui.

Os outros assim fizeram. Bengala de Dezasseis Quintais amanhou os coelhos e lebres que trazia, pos tudo ao lume, e enquanto foi buscar uma pedra de sal, saiu debaixo de uma mesa, por um alçapão, um molequinho de bota vermelha, vai a panela, furta-lhe tudo e mija-lhe dentro. Bengala de Dezasseis Quintais ainda agarrou numa acha para o arranjar, mas o molequinho safou-se, que foi um alho. Quando os companheiros vieram, ele contou-lhes tudo, mas os outros não quiseram acreditar, dizendo que ele se tinha regalado com a comida. Disse ele:

— Pois fique agora o Arranca Pinheiros cozinhando esta caça, que nós vamos apanhar mais.

Ficou Arranca Pinheiros; veio o molequinho das botas vermelhas, furtou tudo e mijou-lhe na panela. Ele ainda correu atrás dele, mas viste-lo. Vieram os outros, mas só o Arrasa Montanhas é que não queria acreditar. Ficou ele desta vez para o cozinhado; mas como campava de esperto, aconteceu-lhe o mesmo. Disse agora o Bengala de Dezasseis Quintais:

— Deixa-te estar, meu molequinho, que quem te vai agarrar sou eu.

E tiraram a mesa que estava em cima do alçapão, e viram um poço muito fundo e escuro lá para dentro. Ele mandou o Arranca Pinheiros, que fosse buscar troncos de árvores e ramalhoças, que as torcesse e fizesse um calibre para um deles descer lá abaixo. Assim fez; quando estava tudo pronto, e o calibre chegava ao fundo do poço, disse o Bengala de Dezasseis Quintais:

— Quem vai lá abaixo sou eu.

Desceu, desceu, e chegou ao fundo, enquanto os outros ficaram segurando na corda; lá em baixo era um grande alpendre com muitas portarias. Bateu a uma com a bengala, mas ninguém lhe respondeu; tornou a bater, e disse:

— Se não respondem, meto a porta dentro.

Falaram de lá:

— Quem é que está aí?

— É o Bengala de Dezasseis Quintais; abra.

Abriram; era uma mulher que fazia de porteira:

— Ó homem, vai-te embora, que aqui mora a Bicha de Sete Cabeças, que te encanta e nunca mais sais daqui.

— Deixe estar; com ela é que eu me quero.

Chega a Bicha bufando toda assanhada:

— Aqui cheira-me a carne de gente.

Vai o Bengala de Dezasseis Quintais, ferra-lhe tamanha estourada de meio a

meio, que a deixou logo ali esborrachada. A primeira gota de sangue que derramou desencantou-se a menina, e ele conheceu que era uma daquelas que vira no banho na praia do mar. Para se desenganar perguntou-lhe:

— De quem é esta bola de vidro?

— É minha; e ainda há de ter na algibeira outra que é de minha irmã, que está ali naquela outra porta encantada.

— Deixa estar, que eu é que vou livrá-la; mas antes de tudo vou-te por lá em cima.

Deu sinal, e os dois companheiros puxaram a corda. Enquanto eles iam subindo a menina tirou um anel do dedo, e disse:

— Toma lá a minha memória; enquanto estiver ao pé de ti é que poderei falar; sem tu estares ficarei muda.

O Bengala de Dezasseis Quintais tornou a descer ao poço e chegou a outra porta; bateu, e só depois de muito bater, é que lhe abriram; era outra mulher, que lhe disse:

— Fuja daqui, homem, quando não vem o molequinho que o mata.

— Ai o molequinho das botas vermelhas! Com esse é que me eu quero.

— Olhe que ele não tarda, que foi buscar de comer; ainda que se lhe bata, não lhe faz mal; só se for com aquela espada preta que está ali pendurada.

Nisto chega o molequinho:

— Aqui cheira-me a carne de gente.

Bengala de Dezasseis Quintais tinha-se escondido detrás da porta, e assim que o apanhou a jeito deu-lhe tamanha estourada, que o açapou no chão. Mas o molequinho levantou-se como se nada fosse, e disse:

— Ah, se isso vai assim, então vamos fazer aqui rusga. Pega nesta espada branca, que eu pego na preta.

O rapaz que já estava avisado pela mulher, disse:

— Nessa é que eu não caio; ou há de ser com a minha bengala, ou senão com a espada preta.

O molequinho, que não queria os ossos amassados, antes quis ceder a espada preta; vai o rapaz ao primeiro golpe, corta-lhe uma orelha, e meteu-a na algibeira. Assim que derramou sangue a menina desencantou-se, e ele mostrou-lhe a outra bola de vidro. Então ela contou-lhe que estava com sua irmã encantada, e que eram filhas de um rei, e deu-lhe também o anel da sua memória, para não poder ter fala para outra pessoa senão a ele. Bengala de Dezasseis Quintais meteu-se com a princesa no cesto, e deu sinal para o içarem. Os companheiros ficaram muito contentes; e vai ele viu que se tinha esquecido da bengala no poço, e disse que esperassem um bocadinho enquanto a ia buscar. Assim que os outros o apanharam a meio do poço largaram cordas e tudo e ele caiu lá em baixo; safaram-se ambos com as duas princesas. O rapaz viu-se perdido, porque não podia sair do poço; mas lembra-se da orelha do molequinho, e ferra-lhe uma dentada. Apareceu-lhe logo o das botas vermelhas:

— O que é que tu queres?

— Quero que me leves daqui para fora.

O molequinho transformou-se logo num bode e subiu pelo poço até meio caminho; depois tornou a cair:

— Só te boto lá em cima, se me deres a minha orelha.

— Pois sim.

Foi num pronto. Assim que Bengala de Dezasseis Quintais se achou cá fora, molequinho a dizer:

— Dá-me a minha orelha.

— Só ta dou, se me levares para onde foram os meus companheiros.

O molequinho transformou-se logo num begueiro, e foi por aí fora dar ao palácio do rei. Havia lá festa, porque o rei estava muito contente por se terem desencantado as filhas, e já se tratava das festas do casamento delas com os dois valentões. Mas o rei tinha muita pena de as filhas serem mudas. Disse o molequinho ao da Bengala:

— Dá-me agora a minha orelha!

— Só se me levares aonde estão as princesas.

O begueiro subiu pelas escadarias, e foi por corredores dar ao quarto das princesas. Elas assim que o viram começaram logo a falar e contaram-lhe tudo. Foram dizer ao rei que estava um homem no quarto das princesas, e que elas falavam. Veio o rei, e a princípio queria mandar matar o homem, mas as princesas, contaram que ele é que as tinha desencantado, e que só ele é que tinha os anéis da memória, e por isso só com ele é que podiam falar.

Disse o molequinho ao rapaz:

— Dá-me agora a minha orelha.

— Dou-ta, mas só depois de ter casado com a princesa herdeira do reino.

O rei consentiu no casamento, e aconteceu que a primeira que ele tinha desencantado é que era a princesa herdeira, e por isso a outra não teve de que ter ciúmes. Os dois valentões que tinha fugido com elas, tiveram medo dos poderes do Bengala de Dezasseis Quintais, e não estavam para flostrias, deram a perna. Torna o molequinho a aparecer ao rapaz:

— Dá-me agora a minha orelha.

— Só ta dou, quando arranjares as coisas de jeito que eu entre a reinar.

O caso é que ao rei deu-lhe uma doença, e foi indo a ficar chupadinho, que morreu. Bengala de Dezasseis Quintais foi aclamado rei, e só depois de subir ao trono é que deu a orelha a seu dono.

(Santa Maria — Famalicão)

NOTA: Acha-se este conto na Foz do Douro, com o título *O Homem da Espada de Vinte Quintais* (*Contos Populares Portugueses*, n.º XXI). Na *Revista Occidental*, vol. II, p. 329, vem uma outra redação, de Ourilhe (Celorico de Basto) a que a narradora deu o título de *O Homem da Bengala de Cem Quintais*, ou da *Bengala de Ferro*, não reunido na coleção citada, por não ter diferenças essenciais. Há uma versão andaluza, coligida por Fernan Caballero (*Cuentos populares*, p. 51, ed. Leipzig.) Este conto acha-se coligido por Schiefner, nos seus *Awarische Texte*, n.º II. (Nas *Mem. de l'Academie imperiale des sc. de Saint Petersburg*, VII série, t. XIX.) O conto chama-se *Orelhas de Urso* e é de uma grande importancia para a determinação da origem de uma grande parte das novelas populares europeias, pelas relações entre os ávaros caucásicos com os ávaros mongólicos. A tradução deste conto acha-se na *Revista Occidental*, vol. II, de p. 337 a 343. Há versões deste mesmo conto na Rússia, como se ve pelas coleções de Erlenwein e de Afanasieff, traduzido para ingles no *Russian Folk-Tales by Ralston*, pp. 73-80; e para frances com o título de *O Monstro Norka*, por Brueyre. (*Contes populaires de la Russie*, p. 77). Há elementos episódicos no *Koschei o Imortal*. (Ibidem, p. 105). Nos *Contos Populares da Sérvia*, de Vuk Stefanovic, vem este conto com uma forma deturpada, e uma variante coligida pela Sociedade da Jovem Bósnia, ambos traduzidos para ingles pela dama Mijatovics (pp. 32 e 36, e p. 123). Na coleção de Hahn, *Contos Gregos e Albaneses*, n.º 70 do I vol., e p. 294, do vol. II. Na Itália aparece nas coleções de Pitré, n.º 80 e 83 das *Ott Fiabe*, e p. 208 do vol. II das *Fiabe, Novelle e Raconti popolari siciliani*; e nos *Contos Sicilianos* de Laura Gonzenbach, aparece sob os n.ºs 58, 59, 61, 63 e 64; nos *Contos Populares Venezianos*, de Wiedter e Wolf, n.º 4, e nas *Novelline popolari italiane*, de Domenico Comparetti, n.º 19. As notas de Reinhold Köhler alargam imensamente a área das comparações na tradição europeia; acham-se nas coleções de Schiefner, Gonzenbach, Wiedter, Hahn, Vuk Stefanovic e Bladé,

donde se aproveitam todos os críticos com leves ampliações; pertencem a este ciclo novelesco, contos magiar, eslavónico e polaco, das coleções de Gaal, Vogel e Woyciki; contos alemães das coleções de Grimm*, Wolf, Sommer, Colshorn, Curtze e Vemalecken; Mullenhoff, Birlinger, Haltrich; conto boémio, na coleção de Waldau, lituanico na de Schleicher, tiroles na de Zingerle e Schneller, dinamarques na de Grundtvig, e eslavo na de Schmalzer, e em suíço, de Suttermeister, finlandes em Bertram, e gaélico em Campbell. O estudo comparado deste conto português com os elementos tradicionais europeus coligidos pelo erudito Kohler, acham-se na citada *Revista Ocidental*, Lisboa, 1875, vol. II, pp. 239 e 245.

Gubernatis, na sua *Mitologia Zoológica*, t. I, p. 207, traz o resumo de um conto russo coligido por Erlenwein, e no t. II, p. 197, traz o episódio da descida ao poço e da salvação das princesas filhas do rei de Portugal, coligido da tradição oral da Toscana. Portugal, nos contos populares europeus, é o país das maravilhas, e as laranjas, como pomos dourados das Hespérides são chamadas Portugalotes; uma grande parte dos assuntos novelescos narram-se como tendo acontecido em Portugal. Por último citaremos ainda uma versão catalã, coligida por Maspons y Labrós, nos *Rondellaires*, com o título *Jean de l'Ours*, e a versão francesa colhida recentemente por Emmanuel Cosquin, nos *Contes populaires lorrains*, t. II, p. 135, com o título *La Canne de cinq cents livres*. É evidente a universalidade deste conto, e com certeza desenvolveu-se pela obliteração do seu sentido mítico primitivo. Gubernatis determina essa interpretação pelo conto IV da coleção de Erlenwein, *Narodnija skarski sabrannija selskimi uciteliami*: «os tres irmãos aparecem sob nomes míticos interessantes; uma mulher dá a luz tres filhos; um nasceu-lhe a noite, e por essa razão lhe chamam Vecernik, ou da noite; o segundo, a meia-noite, e por isso o seu nome é Polunocnik; e o terceiro ao alvorecer, pelo que o chamam Svetazor, ou o ladino.» Segundo a universalidade da tradição este é o mais esperto, e gira com uma clava de ferro de

doze *puds*, e vai com os irmãos libertar tres princesas encantadas, que são a princesa do castelo de cobre (Aurora da Tarde), a princesa do castelo de prata (a Lua Argentea), e a princesa do castelo de ouro (a Aurora da Manhã) que casa com Svetazor (o Sol.)» *Op. cit*, p. 209.

Nos *Contos Populares do Brasil*, há uma variante, n.º XIX, intitulada *Manuel da Bengala*.

* Na tradução francesa de Fr. Baudry, vem *Os Seis Companheiros* (p. 172) e o *Gigantinho* (p. 274) com analogias.

A TORRE DE BABILÓNIA

Era uma vez um pescador, que indo certo dia ao mar encontrou o rei dos Peixes; vendo-se apanhado, pediu-lhe que o não levasse. O pescador consentiu, mas a mulher tanto fez com ele, dizendo que lhe levasse o rei dos Peixes, que o pescador não teve remédio senão levá-lo. A pescada mandou então ao homem que a partisse em cinco postas: uma para a mulher, outra para a égua, outra para a cadela, e duas para serem enterradas no quintal.

Assim aconteceu.

Da mulher nasceram dois rapazes; da égua dois cavalos; da cadela dois leões, e do quintal duas lanças. Os rapazes cresceram; quando estavam já grandes, pediram ao pai que os deixasse ir viajar. Partiram cada um com sua lança, e seu leão e seu cavalo.

Ao chegarem a um sítio onde havia dois caminhos. Um tomou por um, e outro por outro, prometendo auxiliarem-se se algum deles precisasse de socorro. Um deles foi ter a um monte onde viu uma donzela quase a ser vítima de uma bicha de sete cabeças. O rapaz matou a bicha e casou com a donzela. Um dia, estavam ambos a janelar, e o rapaz ao avistar ao longe uma torre, disse a esposa:

Era a Torre de Babilónia,
Quem lá vai nunca mais torna.

— Pois hei de ir lá eu, e hei de tornar.

Fez-se acompanhar do leão, pegou na lança, montou a cavalo e seguiu. Na torre havia uma velha, que, ao ver cavaleiro, cortou um cabelo da cabeça, e disse:

— Cavaleiro, prende o teu leão a este cabelo.

O cavaleiro assim fez; mas vendo que avelha se dirigia contra ele, disse:

— Avança meu leão.

— Engrossa, meu cabelão.

Nisto o cabelo da velha transformou-se em grossas correntes de ferro e o cavaleiro caiu num alçapão da torre.

Algum tempo depois o outro rapaz chegou a casa do irmão mas como ambos eram muito parecidos (só este tinha na face um sinal) a cunhada facilmente o tomou pelo marido e deu-lhe pousada nesta noite.

Ao outro dia estavam ambos a janela e o cunhado ao avistar a torre velha, perguntou:

— Que torre é aquela?

— Já te disse, homem, que

Era a Torre de Babilónia,
Quem lá vai nunca mais torna.

— Pois hei de eu lá ir e hei de voltar.

Aprontou-se exatamente como o irmão, e marchou em direção a torre. Assim que a velha o viu, disse-lhe para prender o leão ao cabelo. O rapaz fingiu que o prendia, mas deixou cair o cabelo. Então a velha correu para ele. O rapaz disse:

— Avança, meu leão!

E a velha:

— Engrossa, meu cabelão.

O cabelo engrossou mas o leão avançou. A velha:

— Não me mates, e aqui tens um vidrinho que desencanta todas as pessoas encantadas na torre.

O cavaleiro recebeu o vidro, mandou avançar o leão, e matou a velha. Depois desencantou todos que estavam na torre. O irmão, porém, apenas soube que a

mulher por engano havia quebrado os laços conjugais, assassinou o seu salvador.

(Porto)

NOTA: Segundo uma nota de Consiglieri Pedroso, também tem o título da *Torre da Sonolencia*, o que nos explica o sentido do título com que o ouvimos em uma versão de Abrantes, *A Torre da Madorna*. Acha-se nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XIV; seguimos o texto da Vanguarda, n.º 39. Há uma outra versão nos *Portuguese Folk-Tales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XI. Nos *Contos Populares do Brasil*, e denominado *O Bicho Manjaléu*. Este mesmo conto é comum a tradição espanhola com o título *El Castillo de irás y no volverás* em Maspons y Labrós *Rondellaires y quentos populars catalans*, Serie I n.º 5; acha-se também na coleção de Fernan Caballero, com o título *Los caballeros del pez*. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, as versões francesas tem os títulos *Le fils du Pecheur* e *Les dons des trois animaux*. Aparece uma versão italiana na *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* n.º 16, de G. Pitré. Aparece uma versão sérvia, intitulada *Bash Chalek*, na trad. inglesa de Mmc Mijatovies, *Serbian Folklore*. Reinhold Kohler, nas suas notas aos *Arwarische Texte*, de Schiefner, n.º IV, onde compara o conto dos *Cunhados Animais*.

— Stanislao Prato, na revista *II Preludio*, de 1881, n.º 6.

— Chodzko, *Contes des paysans et patres slaves*, p. 51, Koveland. Em Souvestre, *Les derniers Bretons*, p. 70: *La Mary Morgan de l'Etang au Duc*.

DESANDA CACHEIRA

Um pai tinha tres filhos, que foram pelo mundo correr sua ventura; tomou cada um para a sua banda. O mais velho encontrou-se com um viandante, e foi conversando com ele; chegados lá muito longe o viandante disse:

— Paremos aqui para comer.

O desenrolou uma toalha que levava a cinta, dizendo: «Põe-te mesa!»

Logo ali apareceram muitos manjares e vinhos e coisas boas, e comeram ambos. Como era já lusco com fusco, a toalha fez-se em uma barraca, e ali passaram também a noite abrigados. Ao outro dia cortou cada um para o seu lado e não se tornaram a ver. Ora o rapaz perdeu-se no caminho, e foi dar a um grande barroco, e aconteceu ir encontrar o companheiro, dono da toalha, cercado de lobos, que trabalhavam para lhe chegar. Pos os lobos em debandada com um pandeiro, e o viandante em paga de o ter salvado deu-lhe a toalha do encanto.

O rapaz voltou para casa, sem ter mais necessidade de trabalhar para comer.

O filho segundo não foi menos feliz; encontrou um velhinho, que ia tangendo uma burra e foi conversando com ele; chegando lá a uma encruzilhada separaram-se, e foi cada um para a sua banda. Mas ouvindo lá pela noite adiante uns gritos de aflição foi-se chegando, e acertou de ir dar a um sítio onde estavam uns salteadores a maltratarem o velho para lhes dizer onde é que levava o dinheiro. O rapaz, que era valente, caiu em cima dos ladrões, que fugiram, e assim livrou o velho. Este, agradecido, deu-lhe em paga a burra, dizendo:

— Quando tu lhe disseres: «Mija dinheiro», essa burra dá-te o dinheiro que quiseres.

Assim, voltou para casa tanto ou mais rico do que o irmão.

O filho mais moço também era esperto; encontrou no seu caminho um homem que levava as costas uma cacheira. Nisto vieram uns ladrões sair-lhe a estrada, e ele disse.

— Desanda, cacheira!

O pau começou logo no ar a despedir pancada para a direita e para a esquerda, e os ladrões ficaram estendidos com pernas, cabeças, braços quebrados, que era um louvar a Deus. Os dois companheiros foram andando; vai o rapaz, e diz-lhe:

— Quer voce vender-me a sua cacheira?

— Só se me deres todo o dinheiro que levas.

O rapaz deu-lhe tudo quanto o pai lhe tinha dado para arranjar a sua felicidade.

Voltou para casa muito contente com a cacheira as costas. O pai assim que o viu, perguntou-lhe:

— Então o que é que trazes, que sejas tão feliz como teus irmãos?

— Comprei esta cacheira com o dinheiro que levei.

E contou o poder que tinha a cacheira. O pai pos-se a rir, e disse que não admirava que ele se deixasse enganar porque era muito criança; e que a cacheira não servia para nada. O rapaz andava triste.

Havia uma grande festa na igreja da terra, e o irmão mais velho foi lá; como andava sempre com a toalha, temendo que ela perdesse o encanto, deixou-a a porta a uma velha que lha guardasse, recomendando-lhe que não dissesse: «Põe-te, mesa!»

Se bem o disse, pior o fez a velha; e vendo logo aparecer uma rica mesa posta, foi a toda a pressa esconder a toalha. Veio também a festa o irmão do meio, e trazia consigo a burra, e deu-a a guardar a velha, recomendando-lhe que tivesse mão nela, e que não dissesse: «Mija dinheiro!» Mal virou as costas, a velha disse as

palavras, e começou a correr da burra dinheiro a rodo. A velha safou-se com a burra.

Quando os dois irmãos saíram da igreja não acharam a velha, e vieram para casa muito tristes com o roubo de toda a sua fortuna. Disse o mais novo.

— É tempo de saber para que serve esta cacheira.

Foi ter a porta da igreja, e fingiu que queria dar a guardar a cacheira; vem a velha ter com ele. Deu-lhe a cacheira:

— Guarda-ma até já, e não digas: «Desanda, cacheira!»

A velha, pelo vezo, faltou a promessa, e assim que disse: «Desanda cacheira!» como não estava ali em quem batesse, a cacheira começou a bater na própria velha, que foi a gritar procurar o rapaz para fazer parar aquele castigo. O rapaz veio de dentro da igreja, e deixou a cacheira malhar, até a velha confessar onde é que tinha escondido a toalha e a burra. Só quando ela entregou tudo, é que a cacheira, de que o pai fez escárnio, parou de bater, salvando os outros tesouros que ficariam perdidos para sempre.

(Porto)

NOTA: Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XXIV, vem uma versão de Coimbra. Nos *Estudos da Idade Média*, p. 70, publicámos pela primeira vez este conto com uma redação literária. Acha-se na tradição alemã: *A Mesa, o Burro e o Bastão Maravilhoso*. (*Contes choisis*, de Grimm, trad. Baudry, p. 155.) Gubernatis traz uma variante italiana nas *Novelline di Santo Stefano*. (*Rev. des deux mondes*, p. 145, Nov. de 1877.) No conto XI da coleção estoniana, resumida por Gubernatis, a cacheira que desanda por si é interpretada como a expressão mítica do raio. (*Myth. zoologique*, t. I, p. 174.) Sobre estes talismãs da toalha que dá de comer, há nos *Contos dos Pastores Eslavos*, de Chodzko, *O Anão e o Tapete*

Volante. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, fala nos episódios fundamentais deste conto: A bolsa sempre cheia de dinheiro é uma forma do *Asno Mija-Dinheiro*, da *Pata dos Ovos de Ouro*, dos *Cinco Reis Eternos do Judeu Errante*. A toalha cheia de iguarias e figurada na mitologia antiga pelo corno de *Amalteia*, ou a vaca da fertilidade dos Vedas, ou a taça de *Graal* da Távola Redonda, ou o corno de Oberon no poema de *Huon de Bordeaux* (p. 139). A *toalha do Põe-te Mesa* aparece nas coleções bretã, eslava e norueguesa; em Luzel, no *Corpo sem Alma*; em Chodzko, na *Toalha Que Alimenta*; em Asbjornsen, *O Homem Que Vai ao Vento do Norte*, *Mestre Tabaco*, *o Rei Valemond* e *o Urso Branco*. — Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XLI, edição de Lisboa, acha-se com o título *O Preguiçoso*. Este tema acha-se largamente desenvolvido pelo Prof. Stanislaio Prato, no opúsculo *Una Novellina popolare monferrina*, Como, 1882. Aproveitamos as suas indicações. Acha-se este tema no II conto calmuco, da tradução de Bernhard Jülg; no conto indiano do *Rei Patraka*, no *Kathá Sarit Ságara*, de Somadeva Bhattra. Cita uma outra história na coleção indiana do *Babar Danusch*, e uma tradução do indostanico de Garcin de Tassy. Nos *Avadanas chineses*, traduzidos por Stanislaio Julien, t. II, p. 8, vem sob o título *A Disputa dos Dois Demónios*. Na coleção do *Touti Nameh* (vol. II, p. 28, da trad. alemã de Iken), há outra variante; na coleção polaca de Glinski, traduzida por Chodzko, e por Prato (*op. cit.*, p. 21), e em outro conto (Glinski, t. III, p. 81) aparece a toalha mágica. Nos contos XI e XXIII da coleção estoniana figura a cacheira, ou o pau que bate por si mesmo. O tema do Asno Faz-Dinheiro acha-se nos *Old Deccan Days*, de Miss Frere, p. 166. O sentido mítico é evidente na toalha, que figura a nuvem, e na cacheira que é o raio. Vide Brueyre, p. 48, notas, p. 58, dos *Contos da Grã-Bretanha*. Nas *Fiabe, Novelle e Raconti popolari siciliani*, n.º XXIX, vem este conto do qual Consiglieri Pedroso coligiu outra variante portuguesa com o título *A Velhinha e São Pedro*.

O SAL E A ÁGUA

Um rei tinha tres filhas; perguntou a cada uma delas por sua vez, qual era a mais sua amiga? A mais velha respondeu:

— Quero mais a meu pai, do que a luz do Sol.

Respondeu a do meio:

— Gosto mais de meu pai do que de mim mesma.

A mais moça respondeu:

— Quero-lhe tanto, como a comida quer o sal.

O rei entendeu por isto que a filha mais nova o não amava tanto como as outras, e po-la fora do palácio. Ela foi muito triste por esse mundo, e chegou ao palácio de um rei, e aí se ofereceu para ser cozinheira. Um dia veio a mesa um pastel muito bem feito, e o rei ao parti-lo achou dentro um anel muito pequeno e de grande preço. Perguntou a todas as damas da corte de quem seria aquele anel. Todas quiseram ver se o anel lhes servia; foi passando, até que foi chamada a cozinheira, e só a ela é que o anel servia. O príncipe viu isto e ficou logo apaixonado por ela, pensando que era de família de nobreza.

Começou então a espreitá-la, porque ela só cozinhava as escondidas, e viu-a vestida com trajos de princesa. Foi chamar o rei seu pai e ambos viram o caso. O rei deu licença ao filho para casar com ela, mas a menina tirou por condição que queria cozinhar pela sua mão o jantar do dia da boda. Para as festas do noivado convidou-se o rei que tinha tres filhas, e que pusera fora de casa a mais nova. A princesa cozinhou o jantar, mas nos manjares que haviam de ser postos ao rei seu pai não botou sal de propósito. Todos comiam com vontade, mas só o rei

convidado é que nada comia. Por fim perguntou-lhe o dono da casa, porque é que o rei não comia? Respondeu ele, não sabendo que assistia ao casamento da filha:

— É porque a comida não tem sal.

O pai do noivo fingiu-se raivoso, e mandou que a cozinheira viesse ali dizer porque é que não tinha botado sal na comida. Veio então a menina vestida de princesa, mas assim que o pai a viu, conheceu-a logo, e confessou ali a sua culpa, por não ter percebido quanto era amado por sua filha, que lhe tinha dito, que lhe queria tanto como a comida quer o sal, e que depois de sofrer tanto nunca se queixara da injustiça de seu pai.

(Porto)

NOTA: É uma forma popular da lenda do *Rei Lear*. Nos contos de Grimm (p. 209 da versão de Fr. Baudry) vem como episódio na *Guarda Patas*. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, de Pitré, n.º 10, vem este mesmo tema tradicional. No *Pantchatantra* (trad. Lancereau, p. 244) há uma princesa casada com um príncipe-serpente, a qual é expulsa de casa pelo pai. Adiante reproduziremos a forma literária desta lenda como se le no *Nobiliário do Conde D. Pedro*, do século XIV. Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º III, vem com o título de *Rei Andrada*. (Vide supra págs. 117 e 119). Há uma versão portuguesa, coligida por Pedroso, *Pedro Cortiçolo*. Na coleção de Maive Stokes, *Indian Fairy-Tales*, n.º XXIII, vem com o título *The princess who loved her father like salt*.

AS CRIANÇAS ABANDONADAS

Um pobre homem casado tinha muitos filhos, sem ter que lhes dar a comer; de uma vez, quando os pequenos já estavam deitados, disse ele para a mulher:

— O melhor é levá-los comigo para o monte quando for a lenha, e deixá-los lá.

O filho mais novo apanhou a conversa e levantou-se sorrateiro, e foi a ribeira e trouxe para casa muitos seixinhos. Ao outro dia pela madrugada o homem saiu com os filhos para o monte, e o mais novo foi espalhando os seixos pelo caminho. Ao cair da tarde o homem carregou a lenha e disse aos filhos que ficassem guardando o resto, que já vinha por eles. Mas, voltou o pai? Assim que anoiteceu, os pequenos começaram a chorar; ora o mais novo, disse:

— Eu sei o caminho.

E foi procurando os seixinhos brancos que tinha deixado cair pelo caminho; o que é certo é que deu com o caminho de casa, mais os irmãos. Estava porta fechada e estava-se a ceia. Dizia a mulher:

— Está este caldinho tão bom. Quem me dera aqui agora os nossos filhos! Onde estarão a estas horas?

— Estamos aqui, mãezinha.

A mãe foi abrir-lhes a porta. Passaram tempos, a pobreza aumentou, e o pai combinou outra vez em deixá-los no monte; assim fez. O pequeno apanhou a conversa, e desta vez, como não pode ir buscar os seixos, encheu uma algibeira de tremoços, e foi-os espalhando. À noite quando o pai se veio embora, o pequeno começou a procurar os tremoços, e os pássaros tinham-nos comido, e não pode achar o caminho. Ele mais os irmãozinhos perderam-se no

descampado, até que foram dar a uma casa onde morava um homem ruim; a mulher assim que os viu, disse:

— Ai meninos, que vindes aqui fazer, que o meu homem come gente!

— O que nós queríamos era comer alguma coisinha, disse o mais esperto.

Entraram; a mulher deitou os seus filhos em uma cama, e pos-lhes umas carapucinhas e levou os pequenos perdidos, para outra cama. O pequeno mais esperto não pregava olho, e lá pela noite adiante, viu entrar o homem ruim, de dentes arreganhados:

— Cheira-me aqui a gente nova!

A mulher confessou-lhe tudo; ora o pequeno tinha ido tirar as carapucinhas aos outros e tinha-as metido nas cabeças dos irmãos e da sua. O homem mal passou pela cama das crianças, e pensando que eram os seus filhos foi ter a outra cama, e como os não viu com as carapucinhas, degolou-os logo a todos, e começou a comer neles. Os pequenos pelo aviso do irmão escapuliram-se, e quando já iam muito longe é que o homem ruim deu pelo engano; calçou umas botas de sete léguas, e tal passada deu que os pequenos lhe ficaram atrás; andou, andou e de cansado voltou a adormecer no caminho. O pequeno roubou-lhe as botas de sete léguas, e assim pos-se a salvamento mais os irmãos, e como o rei tinha guerras muito longe, ele levava as ordens, e trazia as notícias, e assim ganhou muito dinheiro com que tirou toda a sua família da pobreza.

(Airão)

NOTA: Há outras versões de Guimarães e Vila Real (ap. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*; pp. 264 e 266); outra nos *Contos Populares Portugueses*, e nos *Portuguese Folk-Tales*, de Consiglieri Pedroso, tradução de Ralston, n.º XIV, aparecem duas versões com o título *As Duas Crianças* e a

Feiticeira. Sobre este conto Ralston cita um paradigma noruegues, *Boots and the Troll* (*op. cit.*, p. vivi). As botas de sete léguas são interpretadas como uma forma mítica do vento; acha-se nos contos estonianos de Frederico Kreuzenwald, n.º XI. (Ap. Gubernatis, *Myth, zool.*, t. I, 174). No XVI conto estoniano também se marca o caminho deixando cair cascas. (Ib., p. 178).

O AFILHADO DE SANTO ANTÓNIO

Um homem tinha muitos filhos, e já não achava a quem convidar para compadre; nasceu-lhe mais um, e ele disse: — Seja teu padrinho Santo António. O pequeno cresceu, e andava com os outros irmãos no monte, quando se perderam e foram dar a uma cabana, onde morava uma velha, que lhes fez muita festa:

— Entrai para aqui, meus meninos, que eu dou-vos biscoitos.

Os pequenos entraram; a velha assim que os apanhou de dentro meteu-os em uma arca, segura para os engordar e comer depois. De vez em quando dizia:

— Botai de fora o dedinho.

O afilhado de Santo António metia pelo buraco o rabo de um ratinho que tinha apanhado e a velha deixava-os ficar mais tempo; por fim o rato fugiu, e a velha vendo que estavam gordos, abriu a caixa e disse:

— Ide-me, meus meninos, buscar uma manadilha de lenha.

Quando eles andavam a lenha, veio Santo António, e avisou-os, que a velha o que queria era assá-los no forno porque ela não tinha amassadura; e que a tudo quanto ela lhes mandasse fazer, dissessem sempre que não sabiam, e que ela os ensinasse. Foram para casa; a velha atarricou o forno de lenha, e aqueceu-o; depois foi buscar a pá, e disse para os pequenos:

— Saltai aqui um bocadinho.

— Saltai vós, tia, primeiro, para sabermos como é.

A velha põe-se a saltar na pá, e os pequenos a uma pregam com ela dentro do forno, dizendo:

Pela graça de Santo António,
Carregue-se para o Inferno este demónio.

Assim que a velha começou a arder, saíram-lhe dos olhos dois cães lobados, que ficaram a obediência dos meninos e caçavam toda a caça para eles. Soube-se que havia um dragão numa terra, que comia uma pessoa por dia, e tocava a vez a filha do rei. Ora o rei dava a filha em casamento fosse a quem fosse que a salvasse. O afilhado de Santo António foi com os seus cães lobados e matou o dragão; cortou as pontas das sete línguas, e soltou a princesa. Quando o rei viu a filha, clamou:

— Quem foi que te deu a vida?

— Foi um pobre rapaz, com dois cãezinhos que trazia.

O rei deu ordem que viesse a sua presença o rapaz; mas um embusteiro que tinha cortado as cabeças do dragão é que se apresentou; o rei queria que a filha casasse com ele. Ela não quis, e pos-se a janela a chorar, quando passou o rapaz:

— É aquele, meu pai. É aquele.

O rei chamou-o; veio todo envergonhado, e ainda trazia as pontas das línguas do dragão. Não havia que duvidar; fez-se o casamento com a princesa, e foi o afilhado de Santo António que fez feliz toda a sua família.

(Airão)

NOTA: Há versões de Guimarães e Cabeceiras de Basto, ap. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, pp. 271 e 274. Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XXIII, *João e mais Maria*.

A FILHA DO DIABO

Era uma vez um rei; tratava mal a rainha porque não tinha filhos, e como esta andava com uma grande aflição, numa hora de desespero, reclamou:

— Quem me dera um filho, ainda que fosse por obra do Diabo.

Passado tempo, a rainha teve uma menina muito linda, e o rei andava tão contente que não cabia em si. A criança medrava a olhos vistos, mesmo sem comer nem beber. Em pouco tempo ficou uma senhora com um tino que maravilhava; sabia ler, escrever, bordar, cantar, tinha todas as prendas do mundo sem ter aprendido nada.

O rei todo orgulhoso da sua filha mandou deitar um pregão: Que se houvesse alguém que fizesse uma pergunta a sua filha não sendo ela capaz de responder, se fosse homem havia de casar com ela, e se fosse mulher dar-lhe-ia uma tença. Veio muita gente de toda a banda, mas a tudo ela dava troco e deixava de boca aberta.

Um campones quis campar de esperto e também se lembrou de ir ao chamado do pregão; meteu-se a caminho, andou, andou, e depois de muito cansado viu uma casa na encosta de um monte e foi ali descansar das calmas. O campones encontrou aí um moço, e perguntou-lhe se ele vivia ali sozinho?

— Não senhor; vivo com meu pai, que foi dar uma jeira a quem não pode dar outra, e com dois irmãos, que foram ver a seara dos arrependidos.

O campones não percebeu nada destas palavras e pediu-lhe a explicação.

— A explicação é clara; meu pai foi dar uma jeira a quem não pode dar outra, quer dizer que foi acompanhar um morto a sepultura; os meus irmãos foram ver

a seara dos arrependidos, porque se ela estiver boa, ficam arrependidos por a não terem semeado toda, e se estiver ruim também ficam arrependidos por terem semeado essa mesma.

O campones seguiu o seu caminho muito satisfeito, até que chegou ao palácio. Pediu para o levarem a princesa, e contou-lhe o seu caso. A princesa deu-lhe logo a explicação de tudo. Depois virou-se de novo para o campónio, e disse-lhe: — Já que és tão sábio, diz-me lá a razão, por que é que eu vivo sem comer, sem beber, nem dormir.

— Perdoe-me Vossa Alteza, mas eu não me fio nisso.

— Pois então hás de ficar tres dias no meu quarto para veres com os teus olhos.

O rapaz susteve-se o primeiro dia sem dormir para espreitar tudo o que se passava; custou-lhe muito a aguentar-se, e quando veio o terceiro dia disse:

Princesa, minha senhora,
Cá pr'a mim mulher que não come,
Nem bebe, nem dorme,
É a filha do Diabo, que não d'outro home.

Assim que a princesa ouviu isto foi ter com a mãe para que lhe explicasse o seu nascimento. A rainha contou-lhe tudo o que dissera quando o marido a tratava mal por não ter filhos; e assim que acabou de falar sentiu-se no palácio um barulho como de um furacão que passasse. O palácio ficou livre daquele encantamento, e todos ficaram obrigados ao campónio, a quem o rei deu a princesa em casamento em paga de a ter livrado daquela coisa ruim.

(Algarve)

NOTA: Liga-se a lenda medieval do *Roberto do Diabo*, que anda na literatura de cordel em Portugal. Vide, o nosso estudo sobre *Os Livros*

Populares Portugueses. (Era Nova, n.º 1 e 2).

AS TRÊS MAÇÃZINHAS DE OURO

Havia tres irmãos; o mais novo tinha tres maçãzinhas de ouro, e os outros para ver se lhas tiravam mataram-no e enterram-no num monte. Depois nasceu na sepultura uma cana. Certo dia passou por lá um pastor, que cortou um pedaço da cana para fazer uma flauta. O pastor começou a tocar, mas a gaita em vez de tocar, dizia:

Toca, toca, ó pastor,
Os meus irmãos me mataram,
Por tres maçãzinhas de ouro,
E ao cabo não as levaram.

O pastor quando ouviu isto, chamou um carvoeiro, e deu-lhe a flauta. O carvoeiro começou também a tocar, mas a flauta dizia:

Toca, toca, ó carvoeiro,
Os meus irmãos me mataram...

Assim foi a flauta andando de indivíduo para indivíduo, até que chegou as mãos do pai e mãe do morto. A flauta dizia ainda:

Toca, toca, ó meu pai...
Toca, toca, ó minha mãe,
Os meus irmãos me mataram
Por tres maçãzinhas de ouro
E ao cabo não nas levaram.

Chamaram o pastor, que disse onde tinha cortado a cana. Foram lá e encontraram o cadáver com as tres maçãzinhas de ouro.

NOTA: Gubernatis (*Mit. zoolog.*, t. II, p. 342) cita o conto n.º XXII do seu *Novelline di Santo Stefano de Calcinaia*, no qual: «dois irmãos mais velhos roubam uma pena de pavão ao seu irmão mais moço e o matam (isto é o pavão, da mesma forma que num conto russo, a irmã mata o irmão mais moço para lhe tirar as botinas vermelhas). No lugar em que o irmão da pena de pavão é morto e enterrado, cresce uma árvore, de que se faz um cajado, depois um assobio, que, quando toca, conta o caso fúnebre da morte do irmãozinho por causa da pluma de pavão.»

Eis como o ilustre mitógrafo explica o conto: «Quando o céu luminoso ou quando o Sol está oculto pelas nuvens, quando as penas brilhantes são arrancadas, quando o pavão está enterrado, a árvore que está plantada sobre a sua sepultura (a nuvem) fez ouvir a sua voz na volta da primavera... a árvore torna-se uma cana, uma flauta mágica, um coquila melodioso.»

Acha-se este conto na vasta coleção russa de Afanasieff, liv. V, n.º 17; e liv. VI, n.º 25. Além da forma italiana citada, Vittorio Imbrianni coligiu uma outra sob o título de *Passo Grifo*, nos seus contos de Pomigliano. (*Rev. des deux mondes*, Nov. de 1877, p. 145). Este mesmo conto foi coligido por Blade, em gascão, com o título *Lu Flauto*, nos *Contes et proverbes populaires rec. en Armagnac*; já aparece neste a laranja, ou o pomo de ouro. Por ele se ve quanto o conto portuguez já se acha deturpado.

Há uma outra versão alemã, *O Osso Que Canta*, citado por Bladé, na *Hausmarchen*; X. Marmier, nos *Chants populaires du Nord*, p. 76, traz uma balada parecida com este conto, na revelação do fratricídio por uma canção. Husson, na sua obra *La chaine traditionnelle*, interpreta o sentido mítico por esta forma: «como uma transformação de um antigo mito relativo aos fenómenos

da luz. Estes dois irmãos, correspondem aos Dióscuros e aos Açvins, isto a, aos génios da luz no seu nascimento e ocaso» (p. 59). Gubernatis, na *Mythologie des plantes*, t. II, p. 129, traz um conto húngaro, em que uma irmã mais nova é morta pelas duas mais velhas, e uma flauta é que revela o crime. Segundo a sua interpretação mítica as duas irmãs são as duas metades da noite. O poder da flauta aparece no conto da Çakuntala, no de Polidoro, e em um conto toscano; no Rig Veda (X, 135) Yama toca uma flauta, a sombra da árvore que canta, com que acorda todos os antepassados mortos. (Gubernatis, ib., t. I, p. 94).

A nossa versão publicada na *Vanguarda*, n.º 39, em 1881; há outra versão nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XII. Vide Stanislao Prato, *Quattro novelline livornesi*, p. 37, onde discute este tema nos mitos helénicos, na *Eneida* e *Divina Comédia*.

Há uma versão de Revilha, intitulada La Flor de *Lililá* publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, t. I, p. 196.

Nos Contos Populares de Lorena, *Le sifflet enchasté*, t. I, p. 263; Emm. Cosquin fez um estudo comparativo deste tema de charamela acusadora: *Siffle, siffle, berger, / C'est mon fie qui m'a tué / Dans la firet des Ardennes*.

«Nos contos alemães da coleção Grimm e na de Mullenhoff, e da Transilvania figura o instrumento assobio, flauta, que denuncia o assassino. Mas é a no conto da Lorena unicamente que o assobio foi dado a vítima para conseguir a sua empresa.

«Sobre este ponto, os contos desta família dividem-se em dois grupos. No primeiro (conto frances de Loire, o picardo, o alemão, o de Tirol, o napolitano, o siciliano e o espanhol), o assobio ou qualquer outro instrumento que fala, foi feito por um pastor, com um osso do irmão ou a irmã assassinada. No segundo grupo (conto do país saxão da Transilvania, o polaco, o mores, o tercans, o catalão, o valenciano, o portugues da coleção Braga) o pastor faz a sua flauta de

uma cana (de sabugueiro no conto alemão) nascida no lugar onde a vítima está enterrada.» (Ib., p. 206).

O SARGENTO QUE FOI AO INFERNO

Havia numa terra um sargento que era muito bom rapaz; um rico mercador tomou-lhe amizade, arranjou-lhe a baixa e tomou-o para seu empregado. Como o mercador tinha filhas, o sargento apaixonou-se por uma delas; ora o mercador era muito desconfiado e nunca deixava sair as filhas de casa, mas pela grande conta em que tinha o rapaz ele mesmo lhe falou para se fazer o casamento. Tudo corria muito bem; vai, acontece ir uma peça muito linda no teatro, e como as filhas desejassem ver, pediram ao sargento, que só ele é que era capaz de apanhar licença do pai para as deixar ir ver. O mercador ficou carrancudo, mas deu licença, dizendo:

— Deixo ir as minhas filhas com o senhor, e é com a condição que quando der a última badalada da meia-noite hão de estar aqui a porta.

Disseram todos que sim, e partiram.

Quase perto da meia-noite, o rapaz disse para a sua noiva que era bom retirarem-se para casa. Mais um bocadinho, mais um bocadinho; pede daqui, pede dali, o certo é que já tinha dado a meia-noite, eles ainda longe de casa.

Assim que o rapaz bateu a porta, abriu-se logo de repente, e o mercador começou a bradar:

— Foi assim que o senhor cumpriu as ordens que eu lhe dei? Pois trate já de arranjar as suas coisas que nem já esta noite me fica em casa.

— Oh senhor, então só por isto! E quando estava já para casar com sua filha!

O velho respondeu-lhe:

— Só tem um meio de poder casar com minha filha, e voltar para casa.

— Qual?

— Vá ao Inferno, e traga-me tres anéis que o Diabo tem no corpo, dois debaixo dos braços, e outro num olho.

O rapaz achou aquilo impossível; mas que remédio teve senão por-se a caminho. Na primeira terra a que chegou, pregou um edital em que dizia: «Quem quiser alguma coisa para o Inferno, amanhã parte um mensageiro.» Isto causou grande curiosidade, até que chegou aos ouvidos do rei, que mandou chamar o rapaz. Perguntou-lhe o rei:

— Como é que voce vai ao Inferno?

— Real senhor, por ora ainda não sei; ando em procura dele, e irei lá, de por onde der.

— Pois bem — disse o rei —, quando encontrares o Diabo, pergunta-lhe se ele sabe de um anel de muito valor que eu perdi, do que ainda tenho grande desgosto.

Chegou o rapaz a outra terra e botou o mesmo anúncio. O rei também o mandou chamar:

— Tenho uma filha que padece uma doença muito grande, e ninguém lhe acerta com o mal. Já que vais ao Inferno quero que saibas por lá onde é que estará a cura.

O rapaz partiu sempre a procura do Inferno, e foi dar a uma encruzilhada em que estavam dois caminhos, um com pegadas de gente, e o outro com pegadas de ovelhas. Pensou, e por fim seguiu pelo caminho das pegadas de gente; ao meio dele encontrou um ermitão, de barbas brancas, que rezava em umas camandulas muito grandes, e lhe disse:

— Ainda bem que tomaste por este caminho, porque esse outro é o que vai para o Inferno.

— Oh, senhor! E eu há tanto tempo que ando a procura dele!

O rapaz contou-lhe todo o acontecido; o ermitão teve compaixão dele, e disse:

— Já que tens de ir ao Inferno, vai, mas sempre leva contigo estas contas, porque antes de lá chegar tens de passar um rio escuro, e há de ser um pássaro que te há de levar para o outro lado; e quando ele te quiser afundar no rio, joga-lhe as contas ao pescoço. Daqui em diante não sei mais o que te sucederá.

Assim aconteceu. Chegado ao Inferno o rapaz teve um grande medo, e viu para ali um forno vazio e escondeu-se dentro dele. Quando estava todo agachado, passou uma velha muito velha e viu-o.

— O menino aqui! Ora coitadinho, que é tão lindo; se o meu filho o visse matava-o, com certeza. O que veio cá fazer?

O rapaz contou tudo a mãe do Diabo; a velha teve pena dele, e disse-lhe:

— Olhe; pois deixe-se ficar aqui escondido, porque eu não sei quando o meu filho virá; ele está assistindo a morte do Padre Santo, que está nas agonias, e quer-lhe apanhar a alma.

O rapaz pediu a velha se sabia do Diabo as perguntas de que trazia encomenda. Quando estavam nestas conversas chegou o Diabo bufando; a velha escondeu-o logo, e disse:

— Anda cá, filho, para descansares; deita-te aqui no meu colo.

O Diabo deitou-se e ficou logo a dormir. A velha foi muito devagarinho com as unhas e arrancou-lhe um anel que tinha debaixo do braço. O Diabo mexeu-se desesperado, gritando:

— Isto o que é?

— Ai, filho, fui eu que me deixei dormir, e dei uma pendedela em cima de ti. Estava a sonhar com aquele rei que perdeu o anel, e que nunca mais o tornou a achar.

— Pois é verdade esse sonho — respondeu o Diabo —; está debaixo de uma laje

ao pé do repuxo do jardim.

O Diabo tornou a ficar a dormir; a velha sorrateira arrancou-lhe o segundo anel.

O Diabo tornou a acordar desesperado:

— Tem paciência, filho; tornei-me a deixar dormir e a sonhar com a filha daquele rei que nenhum médico sabe curar.

— Também é verdade; a doença dela é o sapo-sapão, que está metido no enxergão.

Tornou o Diabo a dormir. Para arrancar o anel do olho é que foram os trabalhos.

A velha tirou-o com um espéculo, e o Diabo com a dor e zangado com as pendedelas, saiu pela porta fora. O rapaz recebeu tudo da velha; voltou para o mundo, quando ela chamou o pássaro: «Menino, menino, menino.» Foi dali entregar as contas ao ermitão. Depois passou pela terra do rei que tinha perdido o anel, que lhe deu muito dinheiro quando o tornou a achar debaixo da laje. Depois passou pela corte do rei que tinha a filha doente, disse onde estava o sapo-sapão. A princesa melhorou logo, e o rei pediu-lhe para que dissesse a paga que queria.

— Quero que Vossa Majestade me de o seu poder por oito dias.

O rei mandou deitar um pregão para ele governar oito dias; o rapaz partiu logo para a terra do sogro, e deu ordem logo que lá chegou para o mercador dentro em meia hora lhe vir falar a sua presença. O mercador foi, mas quando chegou era já mais de uma hora. O rapaz disse:

— Podia-o mandar matar, por me ter desobedecido, em vir depois da meia hora.

— Oh senhor, não me demorei por minha vontade.

— Pois sim. Mas porque não soube em tempo desculpar aquele pobre sargento que pos fora de sua casa?

O mercador conheceu então o antigo noivo de sua filha, que tinha sempre chorado, confessou o seu erro, e pediu-lhe de joelhos muitos perdões. O rapaz entregou-lhe os anéis do Diabo, e nesse mesmo dia casou com a sua namorada, por quem tinha metido um pé no Inferno.

(Algarve)

NOTA: Aparece este conto na versão alemã de Grimm, *Os Tres Cabelos de Ouro do Diabo*. (Vid. *Contes choisis*, trad. Baudry, p. 133).

A PRINCESA QUE ADIVINHA

Havia uma princesa que adivinhava tudo, e o rei tinha prometido que se houvesse alguém capaz de lhe apresentar um caso que ela não explicasse, se fosse mulher dava-lhe uma grande tença, e se fosse homem casaria com ela; mas também quando a princesa adivinhava, mandava matar as pessoas que tinham vindo a corte apresentar-lhe o caso. Já não havia quem quisesse ir a corte apresentar adivinhas a princesa; vai senão quando uma mulher tinha um filho que passava por tolo, e diz-lhe o filho:

— Minha mãe, eu quero ir a corte dizer uma adivinha a princesa.

— Não sejas tolo, filho; o que é que tu lhe vais dizer que ela não adivinhe?

O tolo tanto teimou, que se meteu a caminho, e como era longe agarrou de uma espingarda velha, e ei-lo se vai por aí fora. Andou, andou, e lá no meio do caminho viu estar um coelho num fraguado e zás, ferra-lhe um tiro. Com tanta felicidade que matou caça; pegou nela, e com uma navalhinha esfolou-o, e nisto conheceu que era uma coelha, que trazia uma barrigada de coelhinhos. Não se importou com isso, e foi mais para diante e viu a beira da capelinha de um ermitão um breviário esquecido, e pegou nele, petiscou fogo e assou com as folhas do livro a coelha, comeu e foi andando sempre. Até que chegou a corte; não o queriam deixar entrar, porque parecia tolo, porém ele tanto teimou dizendo que queria apresentar uma adivinha a princesa, que o deixaram entrar, na certeza de que ele iria a morrer como os outros que tinham vindo campar por espertos. Chegou a hora da audiência, e veio a princesa; o toleirão disse-lhe esta adivinha:

— Atirei ao que vi,
Matei o que não vi.
Entre palavras de Deus
Assei e tudo comi.

A princesa ouviu, tornou a ouvir, e pediu tres dias para dar a explicação. O tolo ficou no palácio a espera da resposta, comendo e bebendo, de perna estendida, sem se lembrar que o podiam mandar matar. A princesa por mais voltas que deu ao miolo não atinava com a adivinha, e temendo de ter de casar com o tolo, mandou uma sua aia, muito em segredo, que lhe fosse pedir que dissesse como coisa particular o sentido da adivinhação. Foi a aia, mas o tolo disse que só se ela dormisse aquela noite no quarto com ele; a aia não queria, mas como a princesa lhe prometeu muitas riquezas, sempre se sujeitou e foi. O tolo teimava em não dizer, enquanto ela não tirasse a camisa, porque a queria em leitão; depois disse umas coisas que não eram a verdadeira explicação, e quando a aia adormeceu, escondeu-lhe a camisa, de modo que de madrugada, quando ela se foi, não teve tempo de a procurar. A princesa não se contentou com a explicação e mandou outra dama; aconteceu também o mesmo. Por fim foi a própria princesa, fiada em que a não conhecia; mas ele logo viu pela marca da camisa quem era, e escondeu-lha também, mas desta vez disse a verdadeira explicação da adivinha. Acabados os tres dias ajuntou-se a corte, e a princesa veio e disse:

— A explicação da adivinha do aldeão é: *Atirei ao que vi e matei o que não vi*, é porque atirou a uma coelha que achou no caminho, a qual estava prenhe, morrendo por isso os coelhinhos. *Entre palavras de Deus assei e comi*, é porque assou tudo nas folhas de um Breviário com que fez uma fogueira.

O rei ficou muito admirado do talento da sua filha, e disse que como ele aldeão tinha perdido, já não podia pretender a mão da princesa, e que se preparasse que ia a morrer. Vai ele, que se fazia mais tolo do que era, diz:

— A princesa ainda não adivinhou tudo, porque ainda tenho a dizer outra

adivinhação que juro que ela não é capaz de dar com o sentido.

A princesa mandou que ele falasse; e então disse:

Quando no paço fiquei,
Tres pombinhas apanhei,
E tres penas lhe tirei;
Se for preciso as mostrarei.

A princesa ainda se pos a considerar, mas ele tirou do seio a primeira camisa, e todos viram de que dama era; tirou a segunda, e ia para tirar a última quando a princesa, temendo a vergonha de se ver delatada diante da corte toda, virou-se para ele:

— Não mostres, não mostres, porque já vejo que és o homem mais ladino que tem vindo a esta corte, e caso contigo.

(S. João de Airão — Minho)

NOTA: É vulgar em Espanha (Carmona e Arahall); acha-se com o título *Las tres adivinanzas*, em Demofilo, *Collección de Enigmas*, p. 310. Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XXXVIII, intitula-se *As Tres Lebres*, e traz os seguintes estribilhos em verso: *Comi carne sem ser caçada; / Em palavras de Deus assada; / Bebi água não do céu caída, / Nem também na terra nascida. / Quando neste palácio entrei / Tres lebres encontrei; / Todas tres esfolei, / E as peles delas mostrarei.*

No *Folclore Andaluz*, p. 470, cita-se uma redação castelhana. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, acha-se esta mesma tradição com o título *La princesse et les trois freres*. Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XXXV, há uma variante com o título *O Matuto João*. Leite de Vasconcelos (*Rev. Científica*, p. 510) cita uma versão do Porto, com o seguinte estribilho: *Sai de casa / Com Pita e massa; / Massa matou Pita, / Pita matou sete; / De sete escolhi a melhor; / Atirei ao*

que vi, / Matei o que não vi; / Com palavras santas / Assei e comi. / Bebi água que não estava / No céu nem na terra; / Se bom era o fruto / Melhor a raiz era; / Já vi um burro / com sessenta burros em cima.

Em outra versão de Viseu, cita também o estribilho: *Atirei ao que vi / Matei o que não vi.*

Nas *Novelle popolari toscane*, de G. Pitré (*Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, p. 64), no conto de *Soldatino*, vem o estribilho: *Tirai ai chi viddi, / Chiappai chi non viddi. / Mangiai carne creata, e non nata, / Cotta a il fumo di parole. / Striccia ammazzo Paola, / Il morvido consuma il sodo. / Enne e ne, / S'indovina cosa gli e.*

No *Florilegio delle Novelline popolari*, p. 313, Gubernatis traz este conto com o título *L'Indovinelli e gli Animali reconscenti*.

A ADIVINHA DO REI

Tinha um rei um ministro em quem depositava toda a confiança; mas uma vez tal teiró lhe ganhou que resolveu dar cabo dele e disse:

— Não tenho outro remédio senão mandar-te matar; mas como em tempo te estimei muito, ainda te deixo uma esperança, e é que me mandarás cá a tua filha, para ver se ela é capaz de adivinhar o meu pensamento, o qual vem a ser: Que não há de vir nem de noite, nem de dia; nem nua, nem vestida; nem a pé nem a cavalo.

Foi o ministro para casa, muito aflito, como era de esperar, e contou as suas tristezas a filha. Ela como esperta, disse:

— Deixe estar, meu pai, que eu já sei qual é o pensamento do rei, e desta lhe juro que o hei de salvar.

Preparou-se, no dia seguinte arranjou as suas coisas, de modo que entrou no palácio ao lusco com fusco; ia com uma camisa fina de cambraia em cima do corpo, e levada as cavaleiras de um criado velho que tinha. O rei assim que a viu, conheceu que o lusco com fusco não era nem noite nem dia; que vindo em camisa não vinha vestida, mas também não estava despida; e que as costas do criado não estava a cavalo, mas também não estava a pé. Louvou muito a esperteza da menina, e disse-lhe que fosse dali dar parte ao pai que estava perdoado, e que tornava a entrar na sua confiança, porque quem tinha filhas assim espertas era homem de capacidade.

(Porto)

NOTA: O editor dos *Awarische Texte*, Schiefner, traz uma versão fínica deste conto: «Um rei ordena ao filho de um aldeão de vir ter com ele a sua presença, nem de noite nem de dia, nem pelo caminho nem por atalho, nem a pé nem a cavalo, nem vestido nem nu, nem dentro nem fora. O inteligente moço veste-se com uma pele de cabra, faz-se levar a cidade, no crepúsculo da manhã, deitado no fundo de um cofre, com um crivo num pé e uma escova no outro; depois parou no limiar da porta do rei, tendo uma perna fora e outra dentro.» (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 154). O ilustre filólogo considera como pertencendo a classe dos enigmas astronómicos. Nos *Contos* de Grimm intitula-se *A Bávara Astuta*; Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 169, nota 1, citando o enigma de Diarmaid, transcreve também uma pequena lenda irlandesa de Kennedy análoga a portuguesa.

SECÇÃO II

CASOS E FACÉCIAS DA
TRADIÇÃO POPULAR

O BOI CARDIL

Um rei tinha um criado, em quem depositava a maior confiança, porque era homem que nunca em sua vida tinha dito uma mentira. Recebeu o rei um presente de um boi muito formoso, a que chamavam o boi Cardil; o rei tinha-o em tanta estimação que o mandou para uma das suas tapadas, acompanhado do criado fiel para tratar dele. Teve uma ocasião uma conversa com um fidalgo, e falou da grande confiança que tinha na fidelidade do seu criado. O fidalgo riu-se:

— Porque te ris? — perguntou o rei.

— É porque ele é como os outros todos, que enganam os amos.

— Este não!

— Pois eu aposto a minha cabeça como ele é capaz de mentir até ao rei.

Ficou apostado. Foi o fidalgo para casa, mas não sabia como fazer cair o criado na esparrela, e andava muito triste. Uma filha nova e muito formosa, quando soube a causa da aflição do pai, disse:

— Descanse, meu pai, que eu hei de fazer com que ele há de mentir por força ao rei.

O pai deu licença. Ela vestiu-se de veludo carmesim, mangas e saia curta, toda decotada, e cabelos pelos ombros e foi passear para a tapada; até que se encontrou com o rapaz que guardava o boi Cardil. O rapaz era rapaz, e ela começou logo:

— Há muito tempo que trago uma paixão, e nunca te pude dizer nada.

O rapaz ficou atrapalhado, e não queria acreditar naquilo, mas ela tais coisas

disse e jeitinhos deu que ele ficou pelo beijo. Quando o rapaz já estava rendido, ela exigiu-lhe que em paga do seu amor matasse o boi Cardil. Ele assim fez e deu-se por bem pago todo o santíssimo dia.

A filha do fidalgo foi-se embora, e contou ao pai como o rapaz tinha matado o boi Cardil; o fidalgo foi contá-lo ao rei, fiado em que o rapaz havia de explicar a morte do boi com alguma mentira. O rei ficou furioso quando soube que o criado lhe tinha matado o boi Cardil, em que punha tanta estimação. Mandou chamar o criado.

Veio o criado, e o rei fingiu que nada sabia; perguntou-lhe

— Então como vai o boi?

O criado julgou ver ali o fim da sua vida, e disse:

Senhor! pernas alvas
E corpo gentil,
Matar me fizeram
Nosso boi Cardil.

O rei mandou que se explicasse melhor; o moço contou tudo. O rei ficou satisfeito por ganhar a aposta, e disse para o fidalgo:

— Não te mando cortar a cabeça, como tinhas apostado, porque te basta a desonra de tua filha. E a ele não o castigo, porque a sua fidelidade é maior do que o meu desgosto.

(Algarve)

NOTA: Este conto acha-se na tradição oral da ilha da Madeira ainda em forma métrica, com o título de Boi Bragado (*Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, p. 273). Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º LVI, traz o nome de O

Rabil, versão de Coimbra, com o estribilho poético: — *Senhor meu amo! / Pernas altas e cara gentil / Me fizeram matar o boi Rabil.*

Esta facécia tem raízes tradicionais muito profundas; Schmidt determinou um paradigma nas *Gesta Romanorum*, cap. III, no qual se veem ainda os elementos míticos de Io mudada em vaca, e Argus, o pastor, fazendo um discurso ao seu barrete espetado na agulhada, da mesma forma que Travaillin faz em um conto semelhante *das Piaccevole Notte de Straparola*, Noite III, Fábula vV. (*Les Facetieuses nuits*, t. I, p. 223. Ed. Janet). Na versão francesa das *Gesta*, *Le Violier des histoires romaines*, cap. XCVIII, p. 265, não traz a sedução amorosa. Nesta edição indicam-se novas fontes; acha-se também nos *Contos Turcos*, que Loiseleur des Longchamps juntou a sua edição das *Mil e Uma Noites*, p. 315. Vide a *Histoire du grand ecuyer Saddyk*. Nos *Quarenta Vizires*, vem este conto com o título *Scheikk Chehabeddin*, donde passou para outras coleções europeias. O Dr. Schmidt, nas notas a sua versão de *Straparola*, cita este mesmo conto em alemão do século XVI, que se acha nos *Volkssagen* de Otmar (Nachtigall) Breme 1800. O abade Blanchet nos *Contes et apologues orientaux* trá-lo também sob o título de *Doyen de Badajoz*. (Vide Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les fables indiennes* p. 173). No conto VIII dos *Contos Sicilianos* de Laura Gonzenbach e uma cabra que serve para por a prova a fidelidade do aldeão. (Vide Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. I, p. 442, nota). Nos *Contos de Pomigliano* coligidos por Vittorio Imbrianni acha-se esta anedota em que o herói se chama José Verdade. (*Rev. des deux mondes*, Nov. 1877, p. 145)

O CAMAREIRO DO REI

Era uma vez um rei que era muito amigo dos seus camaristas, e prometeu a cada um um dote para se casarem. Um deles quis ir viajar para escolher mulher que fosse linda, esperta e honrada. Chegou a uma grande quinta, e logo nos primeiros degraus que davam para a casa encontrou uma menina linda a mais não ser. Pediu pousada, e veio um velho lavrador que o recebeu com boas maneiras e foi-lhe mostrar a casa:

— Que tal lhe parece?

— Acho-a excelente; mas só o frontispício é que está muito baixo.

Foi o velho lavrador mostrar-lhe os campos e sementeiras.

— Então que tal as acha?

— Muito boas, se não estiverem já comidas.

O lavrador nada percebia do que ouvia; porque a fachada da casa era alta, e tinha ainda as tulhas cheias de grão. À noite apareceu a mesa uma magnífica galinha, que a filha do lavrador trinchou, dando a cabeça ao pai, as asas a mãe, os pés para o hóspede e ficou com o peito para si. O lavrador não quis perguntar a filha porque é que fazia aquilo; mas de noite, no seu quarto, contou a mulher a conversa com o camareiro, e notou como a filha tinha trinchado a galinha.

A filha que ouviu tudo do seu quarto, disse de lá:

— Eu sei o que queria dizer o nosso hóspede; o frontispício da casa que era muito baixo dizia-o por mim, porque me encontrou no patamar da escada; a seara já comida referia-se ao caso de meu pai ter dívidas, porque o que colhesse era tudo para as pagar.

— Muito bem —, disse o pai —; e agora me dirás, porque me deste a ceia a cabeça da galinha para mim, as asas a tua mãe, e os pés ao nosso hóspede?

— Dei a meu pai a cabeça, porque a si lhe compete o governo da casa; a minha mãe, as asas, para agasalhar a família; ao hóspede as pernas, porque ele anda em viagem; para mim o peito, para ser forte contra as desgraças que por amor dele me vierem.

O camarista ouviu tudo, e já gostava da menina porque era formosa, e ainda ficou mais encantado com a sua esperteza. No outro dia resolveu pedi-la ao pai, que lhe deu consentimento. Veio com ela viver para a corte, mas não quis apresentar a mulher ao rei. O rei andava desconfiado que não seria bonita, e jurou de a ver, desse por onde desse. Rondava-lhe a rua, mas as janelas estavam sempre com as cortinas corridas; por fim sempre comprou uma criada, que o deixou entrar no quarto da senhora quando ela estava dormindo e tinha o marido fora da terra. O rei jurou-lhe que não lhe poria a mão, e que era só para ve-la. Entrou no quarto de dormir pé ante pé, e viu uma bela camilha com cortinas de damasco verde, cerradas; abriu-as, e viu a cara mais linda do mundo. Nisto vem a criada de repente dizer para que fugisse, porque chegava o amo. O rei com a pressa deixou cair uma luva. O camareiro veio para o seu quarto e a primeira coisa que viu foi a luva; ficou desconfiado, e nunca mais tratou bem a mulher. Era um inferno em casa. A criada com remorsos de ter feito aquilo aqueles bem-casados, foi contá-lo ao rei. O rei lembrou-se de que tinha perdido a luva, e mandou chamar o camareiro, e disse-lhe:

— Tendes-me feito uma grande desfeita em nunca me terdes apresentado a vossa mulher para a conhecer.

— Senhor, é que ela é muito doente.

— Pois sim, amanhã vou jantar a vossa casa.

No dia seguinte foi. A mulher do camareiro foi a última a sentar-se a mesa, e

assim que se sentou, como havia mais de um ano que não comia com o marido desatou a chorar. O rei perguntou-lhe porque é que ela chorava tanto? Ela respondeu:

Eu era amada bem do coração.
Hoje não o sou, nem sei porque não.

Replicou o camareiro:

Quando em minha vinha entrei,
Rasto de ladrão achei.

Declarou o rei:

Eu fui esse tal ladrão
Que na tua vinha entrei;
Verdes parras arredei,
Lindos cachos de uvas vi;
Mas juro-te a fé de Rei
Que eu nas uvas não buli.

O rei explicou como as verdes parras eram os cortinados de damasco; como vira os braços descobertos; como se fora embora, tendo-lhe caído uma luva com a pressa. O camareiro ficou muito contente, percebeu os perigos da grande curiosidade, e nunca mais fechou a mulher, que na corte era conhecida por todos como a mais linda, esperta e honrada.

(Algarve)

NOTA: Na versão de Loulé *A Mulher do Mercador*, quando o príncipe janta em casa do mercador, diz a mesa a esposa:

Eu já fui querida, amada, / Agora sou desprezada, / Sem contudo fazer nada.

Responde o marido:

Eu a minha vinha fui, / Rastos de ladrão achei; / Se comeu uvas ou não / Isso não vi nem cá sei.

Então observou o príncipe:

Eu a tua vinha fui, / Parras verdes eu abri; / Como príncipe te juro / Que das uvas não comi.

Congraçaram-se os esposos dadas as mútuas explicações.

Sobre este conto escreveu o Dr. Stanislao Prato uma monografia excelente, *L'Orma del Leone nella tradizione orientale*, Parigi, 1883. (*Romania*, t. XII, pp. 515 a 565). Aparece como episódio do *Syntipas* redação grega do *Livro de Sindibad*, que com o título de *O Anel do Rei* publicou Loiseleur des Longchamps no *Essai sur les fables indiennes* pp. 96 e 97. Aparece como II exemplo no *Libro de los Engames et per Asayamientos de las Mujeres*; também na versão turca de Sindibad, *Os Sete Vizires*, no conto *A Mulher do Vizir* (Ed. Panthéon littéraire, p. 289); no *Pantufô do Sultão* (*Mélanges de littérature orientale*), outro de Cardonc, vol. I, pp. 8-16. Matheus de Vendome, o conto de *Milo* (Ed. Haupt, de 1834); dessa fonte medieval, passou para o *Chronicon Imaginis Mundi* de Fr. Jacopo de d'Acqui, narrado como anedota: *De Petro de Vineis notario Imperatoris*. Carducci observa que Jacopo d'Acqui viveu nos fins do século mi menos de um século depois de Petro delle Vigna, é que a imagem poética da vinha se personificou na tradição popular; e não existiam os nomes históricos.

Este conto tem uma referencia histórica, sendo os personagens Frederico II e Pedro de Vignes. Esta anedota teve larga vulgarização, porque acha-se não só nas *Dames galantes* de Brantome, *De la veuë en amour*, pp. 172-4. Ed. 1848. Aqui a esposa é que se compara a *Vinha*, e alude a frieza do marido: *Vigna era, vigna son, / Era pedata, ora hia non son; / E non so per qual cogion / Non mi poda il*

mio patron.

Nas tradições populares italianas também está vigoroso, e acha-se em duas versões nos *Contos de Pomigliano* de Vittorio Imbrianni, em Viterbo sob o título *La trampa del Leone*, nos Abruzzes, *Lu princej e la cambrejere*, e em Livorno, *La granfia del Leone*. Cesar Cantu, *História dos Italianos*, e Fauriel ignoraram a origem oriental. Por esta versão, em que há alguns estribilhos poéticos, se ve o sentido das referencias a vinha, da versão do Algarve. Também se repete na Sicília e em Veneza. (Vid. *Rev. des deux mondes*, Nov. 1877, p. 144). Eis a adivinha do conto italiano, tal como vem no texto latino da crónica:

Petrus de Vineis loquitur stilo materno: *Una vigna no pianta. / Per travers e intra / Chi la vigna O 'ha goasta. / An fait gran pecca / Di ains che tant mal.*

Diz a esposa: (Domina loquitur concordia verborum): *Vigna sum, vigna sarai, / La mia vigna non fali mal.*

Responde Pedro: (Consolatus Petrus respondit concordita): *Se tossi e como e narra / Plu amo la vigna che fis mai.*

«Et sic facta est pax inter dominam et Petrum...»

No conto, veneziano vem as seguintes estrofes, que condizem com o diálogo rimado de Pedro de Vignes:

A esposa: Vinha era, e vinha sou, / Fui amada, e já o não sou. / E não sei por que razão / A vinha perdeu a estimação.

O camareiro: Vinha eras, vinhas ficarás, / Amada eras, e já o não serás; / Pela pata do leão / A vinha perdeu a estimação.

O rei (compreendendo e explicando tudo): Naquela vinha eu entrei, / Em parra alguma toquei; / Pelo cetro que tenho aqui / Nenhum bago lá comi.

Há variantes numerosas; a veneziana, de Bernoni; a de Messina, de Blasiis; e a siciliana de Pitré.

O PALMEIRIZ DE OLIVA

Um lavrador e a sua mulher tinham mui grande desgosto por lhes morrer o único filho; quando o lavrador ia caminho da cidade, passando ao pé de uma palmeira que estava perto de uma oliveira, viu um caixote com uma chave pendurada, abriu e encontrou dentro um menino muito asseado, com uma bolsa de dinheiro, e duas cartas, uma sem sobrescrito e outra que dizia:

Para quem achar este menino. O lavrador leu a carta e soube que era para tomar conta da criança e dá-la a criar a sua mulher, e que quando ele fosse homem, lhe dessem a outra carta para só a abrir em ocasião que se visse em grande aflição. O lavrador e a mulher ficaram muito contentes por aquele achado, e puseram ao menino o nome de Palmeiriz de Oliva, por ter sido trazido do pé da palmeira da estrada perto da oliveira. Ao fim de um ano vieram tres cavaleiros a porta do lavrador, já fora de horas, e entregaram-lhe uma trouxa.

— Tome conta dessa menina, que já vem batizada; chama-se Rosa. E aí fica bastante dinheiro para a sua criação. — E partiram a pressa.

As duas crianças foram crescendo, e tinham muito amor um ao outro e julgavam que eram filhos dos lavradores. Um belo dia parou uma carruagem a porta do lavrador; eram os cavaleiros que vinham buscar a menina, que já estava senhora. O lavrador sentiu aquela separação, e Palmeiriz chorou a mais não poder; Rosa ainda lhe pode dizer que nunca o esqueceria, e já que agora sabia que não era irmã dele, que não casaria com mais ninguém a não ser com Palmeiriz.

O pobre rapaz andava triste e queria ir pelo mundo procurar aquela que tantos anos julgara sua irmã; o lavrador deu-lhe dinheiro mais a carta, e ele foi a

ventura, e passou muitos trabalhos até que chegou ao palácio do rei, que gostou tanto dele que o tomou para seu criado, e não saía da sua companhia. Palmeiriz andava sempre triste por não ter sabido mais de Rosa.

O rei resolveu a casar-se e mandou vir retratos de muitas princesas; escolheu um, e avisou para a corte donde essa princesa era. Quando mostrou o retrato a Palmeiriz, ele conheceu logo Rosa e desmaiou; o rei fe-lo voltar a si, e então ele contou como o retrato se parecia com uma irmã de criação que nunca mais tinha visto, e que ele muito amava. O rei mandou pedir a princesa, mas o pai escreveu-lhe, que ela não queria casar com ninguém e só se o rei fosse a sua corte pessoalmente, ou se lhe mandasse também o seu retrato.

O rei não pode ir, mas mandou o seu retrato por Palmeiriz de Oliva. Chegando a corte o pai de Rosa chamou-a para vir receber a mensagem e o retrato; mas a princesa assim que viu o seu irmão de criação deu um grande grito, e botou-se ao pescoço do pai, dizendo:

— Meu pai, este é que Deus destinou para meu marido.

E contou tudo ao pai, como tinha vivido com Palmeiriz até o dia em que a foram buscar.

O rei escreveu então uma carta ao seu amigo, contando-lhe o caso, e como Rosa só queria casar com Palmeiriz.

— Eu podia mandar-te matar —, disse o amo de Palmeiriz, mas como sempre tive por ti muita estima é que o não faço. Quero ter contigo um duelo, sem que ninguém o saiba, mas em que um de nós há de morrer.

Palmeiriz opos-se aquela prova, porque não podia levantar mão para o seu benfeitor, e quando estava no seu quarto muito aflito, encontrou a carta destinada a ser aberta quando se visse em alguma grande aflição. Abriu a carta, e por ela soube que estava em casa de seu próprio pai; correu a contar ao rei tudo, e este abraçou-o, dizendo que ele mesmo é que tinha escrito aquela carta para o

tornar a achar, quando como seu filho natural o deu a criar em segredo, para o salvar do ódio da rainha, que não tinha filhos. O próprio rei partiu com Palmeiriz para a corte do pai de Rosa e lá se fez o casamento, que ia sendo causa de tanta desgraça e que se tornou de felicidade.

(Algarve)

O BOLO REFOLHADO

Era uma mulher casada com um homem muito ruim, que lhe batia todos os dias por qualquer coisa. Uma vez, ao levantar-se para o trabalho, de madrugada, disse ele para a mulher:

— A noite quando vier, quero para a ceia bolo refochado. Olha lá, toma cuidado no que digo.

A mulher não sabia o que era bolo refochado, e foi ter com uma vizinha, para ver se ela lhe ensinava. A vizinha, que tinha muita pena da vida que ela levava, disse:

— Deixe estar, que eu cá lhe arranjo isso; com certeza que o seu homem se enganou; há de ser bolo folhado. E levou-lhe a tardinha o bolo.

Quando veio o homem do trabalho, pediu a ceia, e como não achou o bolo refochado, berrou, ralhóu, deu muitas pancadas na mulher; ao outro dia a mesma coisa. A mulher, coitada, foi ter com a vizinha, e ela disse-lhe:

— Arranje-lhe vossemece uma galinha guisada, que pode ser isso o que ele talvez queira.

Volta o homem a noite, e mais pancadaria na mulher, por não lhe ter feito para a ceia o bolo refochado, como mandara. Ao ir para o trabalho, outra vez a mesma recomendação. A desgraçada da mulher não sabia como acabar aquele fadário, e foi ter com a vizinha a chorar.

— Deixe estar, vizinha, tudo se arranja! Venha cá ter comigo a tardinha, vestida com as calças e o jaquetão do seu homem. A pobre mulher foi. Assim que chegou a casa da vizinha, também a achou vestida com as calças e casaco do marido dela; e partiram ambas com os seus varapaus para o sítio por onde o homem ruim

havia de vir do trabalho. Puseram-se cada uma de um e outro lado do caminho. Quando o homem vinha a passar, diz uma:

— Bate-lhe, São Pedro!

Porque, São Paulo?

— Porque pede a mulher

O bolo refochado.

Moeram ao som desta cantiga o homem com pancadas e depois de bem moído fugiram. O homem lá se arrastou para casa como pode e assim que viu a mulher, pediu-lhe perdão de te-la maltratado tanto tempo, e contou como lhe tinha aparecido no caminho S. Pedro e S. Paulo, que o desancaram em castigo de pedir o bolo refochado, que era uma coisa que ele não sabia o que era.

(Algarve — Lagos)

A MIRRA (Múmia)

Um rapaz muito folgazão quis dar uma grande festa no dia dos seus anos; foi por casa de todos os amigos convidá-los para virem jantar e cear com ele. Quando recolhia para casa, encontrou ainda um amigo em frente do cemitério e depois de convidá-lo ficou a conversar muito satisfeito. Estando nisto deu com os olhos em uma mirra, ou esqueleto ainda revestido de carne, que estava junto de uma parede, e disse-lhe mofando:

— Se quiseres vir também ao banquete dos meus anos...

— Lá irei —, respondeu-lhe a mirra.

O rapaz ficou espantado, e perguntou ao amigo se tinha ouvido alguma voz. Como este lhe dissesse que nada tinha ouvido, ele também não se atreveu a revelar-lhe o caso. Dali se foi cheio de susto, e ao passar por casa do prior, fez confissão do que lhe acontecera:

— O que foste fazer, homem! Não sabes que não se brinca com os mortos?

— E agora?

— Agora não tens remédio senão sujeitares-te ao que acontecer. Manda por na mesa mais um talher, ainda que não seja senão como satisfação.

A noite correu no meio de danças, até que os convidados foram para a mesa; ao soar a primeira badalada da meia-noite, bateu-se a porta; o rapaz tremendo foi ver quem era e recuou, abrindo. A mirra entrou vagorosamente, e dirigiu-se para a mesa, e sentou-se no lugar que estava desocupado. Comeu, comeu, comeu, e depois levantou-se e disse para o mancebo:

— Pois bem, já que fizeste o favor de me convidares para o banquete dos teus

anos, também te peço que amanhã a mesma hora vás cear comigo.

Ditas estas palavras partiu.

O rapaz ficou ainda mais aterrado do que de antes; não pode dormir, até que ao outro dia foi ter com o confessor para lhe contar o sucedido.

— Não tens outro remédio senão ires; sai-te mais mal se faltares. O que te posso fazer é emprestar-te a capa com que digo missa para te defenderes.

Lá por alta noite o rapaz foi para o adro da igreja, a tremer como varas verdes; e ao dar da meia-noite em ponto, o rapaz bateu a porta, e a mirra apareceu e levou-o consigo para dentro.

— Ves estas duas covas aqui?

— Vejo.

— Pois uma é a minha e a outra seria para ti; mas o que te vale é vires vestido como Cristo. Mas sempre te digo que nunca mais brinques com os mortos.

O rapaz, sem saber como, achou-se fora da igreja, como se acordasse de um pesadelo, teve uma grande doença, e em toda a sua vida nunca mais brincou com os mortos.

(Algarve)

A MULHER CURIOSA

Havia numa terra uma mulher muito curiosa; não se passava coisa na rua de que não desse fé. A qualquer hora da noite estava sempre por detrás da gelosia a espreitar e a escutar o que ia. Uma noite estava ela já deitada, quando ouviu passos pela rua; a curiosidade fe-la saltar fora da cama, e mesmo em camisa foi por-se ao postigo. Era uma procissão que passava, e de que ela nunca ouvira falar. A procissão era muito comprida, e o que mais a fazia pasmar é que ninguém fazia barulho, nem se ouviam as passadas daquele tropel de gente. A mulher estava pasmada; eis senão quando passa um homem que ela conhecia. Era o seu compadre, que havia já tempo que morrera. Para certificar-se da sua curiosidade usou de uma artimanha:

— Ó meu compadre! — disse ela, quando o vulto passou rente ao postigo —; voce empresta-me a sua tocha para acender a candeia que se me apagou?

O vulto deu-lhe a tocha e foi andando; acabada a procissão, a mulher foi para a cama, e não podia dormir; quando alvoreceu, e se levantou, é que notou que o quarto estava alumiado com uma luz acesa. Vai para certificar-se, era o braço de um defunto. A mulher ficou trespassada de medo, e foi confessar o caso a um padre.

— É castigo da curiosidade; agora é esperar que a procissão torne a passar daqui a oito dias, para entregar ao seu compadre o braço de defunto.

Chegado o dia, a mulher curiosa pos-se ao postigo, e das duas para as tres horas da madrugada passou a procissão dos defuntos do mesmo feitio, sem fazer barulho. Quando ela viu aproximar-se o vulto do compadre, estendeu o braço e

entregou-lho. A procissão desapareceu ao cabo da rua, e quando amanheceu foram dar com a mulher morta debruçada ao postigo. Todos os que a conheciam disseram pela mesma boca: — Foi castigo, foi castigo.

(Algarve)

NOTA: Acha-se nos *Contos Populares da Grã-Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 273.

AS FAVAS

Era uma vez um rei que tinha por costume andar de noite escutando pelas portas para saber o que se passava. Viu luzir por um buraco da fechadura, chegou o ouvido a escuta, e estavam uns sujeitos conversando. Dizia um:

— Eu antes queria uma noite dormir com a rainha, do que ter muitos contos de réis.

O rei ouviu aquilo e tomou-o de olho. No dia seguinte mandou-o vir ao palácio. O rapaz ia muito atrapalhado da sua vida. O rei tinha dado ordem ao seu cozinheiro de fazer um jantar com favas cozidas em água e sal, favas com presunto, enfim, favas de todos os feitios. Assim que o rapaz apareceu na presença do rei, este levou-o para a mesa, e disse-lhe que era para lhe oferecer de jantar.

O rapaz obedeceu; vieram as favas cozidas, comeu. Vieram as favas guisadas, comeu; vieram as favas ensopadas, comeu. Por fim já não podia mais, e o cozinheiro sempre a trazer-lhe favas de todos os feitios. O rapaz já estava tão enjoado de favas, que pediu aos criados que lhe não trouxessem mais.

Veio o rei a sala de jantar, e perguntou-lhe:

— Então, porque é que não comes mais?

— Oh, senhor! Isto tudo são favas; comi bastante no princípio, mas agora estou já farto de favas.

— Sim, tudo são favas, quer sejam cozidas ou ensopadas. Pois vá-se voce embora, e não torne a dizer que dava toda a riqueza do mundo para dormir uma noite com a rainha; e lembre-se do que lhe aconteceu, porque:

«Favas, todas são favas; e mulheres todas são mulheres.»

Assim ficou curado de tolo.

(*Algarve*)

NOTA: O sentido fálico primitivo ligado a fava aparece em todo o vigor aqui; o sentido funerário explica-se pela ameaça de morte que pesa sobre o rapaz que faltou ao respeito a rainha. (Vid. Gubernatis, *Mythologie des plantes*, t. II, p. 132.) Nos costumes populares da Itália, a fava branca que aparece no bolo e a rainha é a femea.

A VELHA DAS GALINHAS

Havia uma velha, que estava sempre ao postigo até que horas. As filhas perguntavam-lhe:

— O que é que a mãe faz aí ao postigo por essa noite adiante?

— Deixem-se lá, filhas, que é do postigo que vos hei de casar.

Passado tempo foi a velha ao palácio falar a rainha:

— Venho aqui saber se Vossa Majestade quer mandar ensinar algumas galinhas a falar?

— Há de ter graça! — disse a rainha. — Quero, quero.

E mandou-lhe entregar uma dúzia de galinhas. A velha foi para casa, e uns poucos de dias viveram a tripa-forra ela e mais as filhas, comendo galinha cozida e assada, frita e fritangada. Quando se acabaram, tornou a velha ao palácio, e disse a rainha:

— Ai, minha rica rainha, tenho uma paixão de estalar; as galinhas já estavam falando tão claro, que hoje tencionava vir entregá-las. Quando as estava ajuntando, elas que começam numa cantarolada:

Cocorocó, cacaracá,

A nossa Rainha com o Cabra está.

— Eu ainda as quis calar, mas as galinhas disseram-me que do poleiro bem viram o conde Cabra entrar para o palácio; eu desesperada fechei-as, e venho saber o que quer Vossa Majestade que se faça.

(Algarve)

NOTA: O tema deste conto acha-se no *Violier des histoires romaines*, cap. 56, p. 168. São tres galos que revelam, segundo a interpretação da camareira, a infidelidade da senhora. Este conto acha-se, segundo Gustave Brunet, no *Dialogus creaturarum moralisatus* e porventura generalizou-se na Europa a título de Exemplo de pregadores.

A RIQUEZA E A FORTUNA

Um pobre homem estava a trabalhar no mato, a cortar lenha para ir vender pela vila e assim sustentar mulher e filhos. De repente viu ao pé de si dois sujeitos, bem vestidos, que lhe disseram:

— Nós somos a Fortuna e a Riqueza. Vimos-te ajudar.

Cada um queria acudir de preferencia ao pobre homem, e altercavam entre si. Dizia a Riqueza:

— Eu só por mim o faço feliz; sendo ele rico tem tudo.

— Pois mesmo sem ser rico, eu dando-lhe fortuna, faço-lhe maior benefício. Senão experimentemos.

A Riqueza virou-se para o pobre do homem e disse:

— Toma lá este cruzado novo; amanhã compra carne, pão e vinho e não trabalhes nesse dia.

O homem foi-se embora contentíssimo para casa; no outro dia foi ao açougue. Deu ao magarefe o dinheiro adiantado, mas como estava um grande barulho de gente no açougue, o carnicheiro negou que lhe tivesse dado o dinheiro, e o pobre homem resignou-se e foi outra vez trabalhar para o mato.

A Riqueza tornou a chegar ao pé dele e quando soube de que lhe servira o cruzado novo, ficou zangada e deu-lhe uma bolsa cheia de dobrões. O homem voltou para casa; mas como a bolsa era de marroquim vermelho, uma ave de rapina caiu de repente sobre ele e arrebatou nas garras o saco, e voou. O homem contou a sua tristeza a mulher, e no outro dia foi trabalhar para o mato. Tornou-lhe a aparecer a Riqueza; ficou mais desesperada quando soube do

acontecido a bolsa dos dobrões.

— Pois desta vez dou-te um saco de peças tão grande que não podes com ele; mas aqui tens um cavalo, que to vai levar a casa.

O homem agradeceu aquele favor da Riqueza e pos-se a caminho para casa. Quando ia por um atalho, estava num campo uma égua, e o cavalo botou a fugir atrás dela de tal forma que o homem não foi capaz de o agarrar, e por mais que andou não pode achar o cavalo.

Quando a Riqueza não esperava tornar mais a encontrar o homem no mato, foi ao sítio costumado com a Fortuna, e qual não foi o seu pasmo quando viu o pobre do homem a trabalhar como dantes. Disse então a Fortuna:

— Agora é a minha vez de o fazer feliz; vou-lhe dar apenas um vintém. Olhe lá, ó homem, tome esse vintém, e assim que chegar a vila compre a primeira coisa que lhe aparecer.

O homem em caminho para casa encontrou quem lhe ofereceu uma vara de andar a azeitona pelo preço de um vintém, e comprou-a. No outro dia, foi para a apanha, e quando ia varejar uma oliveira, caiu-lhe de um galho uma bolsa de marroquim cheia de dobrões. Agarrou nela e levou-a para casa, contou a mulher donde suspeitava que lhe vinha aquele tesouro. A mulher combinou ir fazer uma romaria, e puseram-se a caminho. Quando chegaram a um escampado acharam pegadas de cavalo, foram andando por elas e chegaram a um sítio onde estava um cavalo deitado ainda com um saco cheio de peças. Voltaram logo para casa muito contentes, e mudaram de vida, que até aquele tempo tinha sido amargurada pelos poucos ganhos e muitos filhos.

A Riqueza e a Fortuna foram ao sítio onde o homem costumava cortar lenha e esperaram por ele bastante tempo. Por fim a Fortuna declarou-se vencedora, dizendo:

— Que te dizia eu? Não é com muito dinheiro que se é feliz.

(Algarve)

MARÇO MARÇAGÃO

Era um homem, que casou com uma mulher desmazelada, e depois dizia o homem:

Ó mulher, ó mulher,
Eu mercara-te uma roca...

A mulher:

— Isso não, marido, não,
Que me fá-la cara torta;
C'o dinheiro e co'a roca
Compraremos um burrinho,
O burrinho leva os odres
E os odres levam o vinho.

O marido:

— Ó mulher, ó mulher,
Eu mercara-te umas meias...

A mulher:

— Isso não, marido, não,
Que me fá-las pernas cheias.
Antes com esse dinheiro
Compraremos um burrinho,
O burrinho leva os odres
E os odres levam o vinho.

OUTRA VERSÃO

Di-lo o homem:

— Ó mulher, tu não fias? tu não trabalhas?

— É um dia santo muito grande; não se pode hoje trabalhar.

Ao outro dia ele perguntou o mesmo, e ela o mesmo respondeu, e ele disse assim:

— Deixa, que aí vem o Março Marçagão que ele to dirá.

— E eu pego numas poucas de esteiras, e boto-as no primeiro de março a corar.

— Ele não quer esteiras, quer antes meadas.

O marido na véspera do primeiro de março pegou num capote muito velho, cobriu-se para fingir um velho muito corcovado, e a mulher pela manhã cedo levantou-se e foi por muitas esteiras a corar; então ele apareceu-lhe ali em velho e disse assim:

— Essas são as meadas que tu tens para corar? — São.

— Pois teu marido bem te dizia: Espera, que eu te falo?

Pega num pau, bateu, bateu até não poder mais e deixou-a por morta. Assim que ela se pode erguer foi para casa. A primeira coisa foi comprar roca e fiar. Depois já dizia o homem:

— Então era o que te eu dizia ou não?

Março, Marçagão,

Cura meadas,

Esteiras não.

NOTA: Publicado na *Vanguarda*, n.º 75 e 76. O março a mitificado nos anexins populares portugueses. Em uma versão que coligimos o estribilho era: *Eu sou o Março Março, / Que curo meadas e esteiras não.*

ALEGRIA DA VIÚVA

Era uma vez um homem casado; a mulher dizia que morria por ele, e que Deus nunca dera a ninguém um marido assim. O homem fiava-se naquelas palavras, e quando andava no campo a trabalhar dizia para o criado:

— Não há ninguém que tenha uma mulher como a minha.

O criado disse que não era bom experimentar, porque podia ficar enganado. Disse o patrão:

— Agora é que desafio todo o mundo para me mostrarem uma mulher melhor do que a minha.

— Pois eu estou pronto para uma experiencia. À noite, quando formos para casa, vai o patrão atravessado na palha fingindo que morreu, e o resto fica por minha conta.

Assim aconteceu, o criado chegou mais tarde do que o costume, bateu a porta, e com grande pranto contou como o patrão tinha morrido de repente. Quando a mulher ia começar a fazer grandes choros, disse-lhe o criado:

— Ó minha patroa; é melhor não dar a saber isto a vizinhança, porque se enche logo a casa de gente, e tudo quanto lhe vier fazer companhia quer de comer e grandes esmolas, e assim nós dois podemos passar a noite ao pé do corpo.

— Dizes bem, Valentim; pela manhã logo, se dirá que morreu.

Pegaram ambos no corpo e foram deitá-lo em cima de uma cama; passado algum tempo, diz o criado:

— Ó minha ama, a gente não ceia nada? Isto morto como morto, e vivo como vivo.

— Pois dizes bem; vou fazer foliar e tu vai lá abaixo buscar uma infusa de vinho.

Passado mais algum tempo, diz outra vez o criado:

— Ó minha ama, deixe-me deitar um bocadinho no seu colo, ando tão moído do trabalho.

— Pois sim, Valentim.

Tornou, depois o criado:

— O meu amo quando era vivo
Dizia-me, que casasse contigo.

Respondeu a mulher:

— Também ele me dizia a mim
Que casasse contigo, meu Valentim.

O marido não quis esperar por mais para certificar-se, e nunca mais fez caso dela em toda a sua vida.

(Algarve)

NOTA: É uma forma popular da antiga tradição da *Matrona de Éfeso*, tão frequentemente citada nos escritores clássicos. Nas *Horas de Recreio*, do padre João Batista de Castro, vem uma redação portuguesa da *Matrona de Éfeso* formada sobre elementos eruditos. Esta história acha-se na coleção dos *Sete Sábios*; Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les fables indiennes*, p. 161, indica as fontes deste conto mais conhecido pelo *Satiricon* de Petrónio. Há um estudo especial por M. Dacier, nas *Mem. de l'Academie des inscriptions*, t. XLI; no *Policraticus sive de Nugis Curialium*, de João de Salisbúria, de 1183, vem esta lenda donde se vulgarizou na Idade Media, e para a coleção das *Cento Novelle*

antiche. As imitações literárias são numerosíssimas. No *Novellino* traz o n.º LIX. Na II parte: Contos com forma literária, vem uma versão portuguesa do século XV.

CARPIDEIRA E A VIÚVA

Como diz o outro: A viúva rica, por um olho chora e pelo outro repenica. Uma viúva chamou uma mulher para vir fazer o pranto do costume pela morte do marido. A carpideira começou a dar ais, e a arrepelar-se, e dizia na sua caramunha:

Ai, ai, ai,
Quem lá vai, lá vai.

Passou uma mulher e perguntou-lhe o que é que ela estava a fazer; respondeu a carpideira:

Estou a chorar
O marido alheio,
Por um alqueire
De centeio;
Não sei se mo dão
Meado ou cheio.

A anojada, que já não podia encobrir a satisfação de se achar livre do que a tocava, começou aos saltos e a responder-lhe:

Há de ser calcado
E acuculado,
E ainda por cima
Mais um punhado;
Contanto que fique
Bem depenado.

(Airão, Terra da Feira, Coimbra e Loulé)

A viúva depois ia para a igreja, e ajoelhava-se em cima da sepultura do marido, e rezava, rezava; de uma vez puseram-se a escuta do que ela dizia, e ouviram esta encomendação:

Aqui jazes e hás de jazer;

Padre-Nosso meu, nunca tu hás de ter.

E a água benta que te eu botar

Hei de ta mijar.

(Foz do Douro)

NOTA: Pertence ao ciclo do conto antecedente, um dos mais abundantes do nosso Decameron popular.

FREI JOÃO SEM CUIDADOS

O rei ouvia sempre falar em Frei João Sem Cuidados como um homem que não se afligia com coisa nenhuma deste mundo:

— Deixa-te estar, que eu é que te hei de meter em trabalhos.

Mandou-o chamar a sua presença, e disse-lhe:

— Vou dar-te uma adivinha, e se dentro em tres dias me não souberes responder, mando-te matar. Quero que me digas:

Quanto pesa a Lua?

Quanta água tem o mar?

O que é que eu penso?

Frei João Sem Cuidados saiu do palácio bastante atrapalhado, pensando na resposta que havia de dar aquelas perguntas. O seu moleiro encontrou-o no caminho, e lá estranhou de ver Frei João Sem Cuidados, de cabeça baixa e macambúzio.

— Olá, Senhor Frei João Sem Cuidados, então o que é isso, que o vejo tão triste?

— É que o rei disse-me que me mandava matar, se dentro em tres dias eu lhe não respondesse a estas perguntas: Quanto pesa a Lua? Quanta água tem o mar? E o que é que ele pensa?

O moleiro pos-se a rir, e disse-lhe que não tivesse cuidado, que lhe emprestasse o hábito de frade, que ele iria disfarçado e havia de dar boas respostas ao rei.

Passados os tres dias, o moleiro vestido de frade, foi pedir audiencia ao rei. O rei

perguntou-lhe:

— Então, quanto pesa a Lua?

— Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que ela tem quatro quartos.

— E verdade. E agora: Quanta água tem o mar? Respondeu o moleiro:

— Isso é muito fácil de saber; mas como Vossa Majestade só quis saber da água do mar, é preciso que primeiro mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.

O rei achou bem respondido; mas zangado por ver que Frei João se escapava das dificuldades, tornou:

— Agora, se não souberes o que é que eu penso, mando-te matar!

O moleiro respondeu:

— Ora, Vossa Majestade pensa que está falando com Frei João Sem Cuidados, e está mas é falando com o seu moleiro.

Deixou cair o hábito de frade, e o rei ficou pasmado com a esperteza do ladino.

(Coimbra)

NOTA: Merece comparar-se a versão oral com a redação literária de Gonçalo Fernandes Trancoso, do século XVI, em que figura um fidalgo Dom Simão. Há uma forma espanhola também do século XVI, no *Patranuelo de Timoneda*, n.º XV. (*Col. de Autores espanoles*, de Ribadaneyra, p. 154). A forma mais antiga que conhecemos é a italiana de Franco Sacchetti, contemporaneo de Dante, nas *Novellas*, t. I, n.º IV. A primeira versão oral portuguesa foi publicada o *Almanaque de Lembranças*, para 1861, p. 323.

Referindo-se ao *Conto de Dom Simão Sem Cuidados*:

«Quando me ponho a cuidar nas vossas cousas, cuido que vos chamais D. Simão: que fazia cair o fuso a outra que cuidava nele, segundo afirma o Auto de António Prestes, meu amigo.» (*Cartas Familiares* de D. Franc. Manuel, p. 532). Este conto pertence ao ciclo *do Doutor Sabe Tudo*. (*Contos dos Irmãos Grimm*, n.º 98) e das *Tres Perguntas* (Benfey, *Orient und Occident*, II, 687.)

JOÃO RATÃO (ou GRILO)

Havia um homem que era carvoeiro, e não gostando daquela vida, meteu-se a ser adivinhão. Foi ter a corte do rei, e disse que tinha ofício de adivinhar. Ora na corte tinha-se feito por aqueles dias um grande roubo, e o rei queria descobrir os criminosos: mandou vir João Ratão a sua presença, e perguntou-lhe quanto queria para adivinhar quem eram os ladrões. Respondeu o João Ratão que queria que o rei lhe desse tres jantares primeiramente. O rei mandou por uma mesa com bastantes iguarias, e os criados do palácio começaram a servir o adivinhão. Assim que João Ratão acabou de comer o primeiro jantar, pos-se a tocar rufo com o garfo e a faca no prato, dizendo muito contente:

— O primeiro já cá está! O primeiro já cá está!

Um dos criados que o servira, ouvindo o que João Ratão dizia, entendeu que era consigo, e que ele tinha adivinhado que estava ali um dos ladrões. Ao outro dia João Ratão comeu um segundo jantar, e tornou a bater com o garfo e faca, cantando:

— O segundo já cá está! O segundo já cá está!

O criado teria pedido a um companheiro que fosse servir o adivinhão em lugar dele, e este outro percebendo que estava tudo descoberto botou-se de joelhos aos pés de João Ratão confessando tudo, e dizendo-lhe quem eram os outros companheiros, mas que só ele é que podia fazer com que o rei lhes perdoasse. João Ratão descobriu ao rei quem eram os ladrões, e ficou muito acreditado na corte. O rei não o quis mais deixar ir embora, e disse que lhe ia propor uma adivinha; se ele a soubesse explicar, lhe daria a mão da princesa, e se não aceitasse

o mandaria matar.

João Ratão ficou triste como quem via já o fim da sua vida; comeu a mesa com o rei. No fim do jantar trouxeram-lhe um copo cheio de mijo de porca, e ele bebeu. Perguntou-lhe então o rei:

— Adivinha o que é que agora bebeste!

João Ratão ficou todo atrapalhado, porque sabia que desta não escapava, e disse:

— Aqui é que a porca torce o rabo.

O rei ficou muito admirado de ele ter adivinhado, e cumpriu a palavra dando-lhe a princesa em casamento. Foi o que ganhou o João Ratão, deixando-se de carvoeiro para ser adivinhão.

(Coimbra)

NOTA: Publicado pela primeira vez na *Era Nova*, p. 243. Em uma versão popular de Vila Real, o objeto da adivinha é um grilo, e por isso o adivinho acerta na resposta, dizendo: *Ai, grilo, grilo! / Em que mão tu estás metido.*

No livrinho dos *Contos Nacionais para Crianças*, p. 47, n.º XVII, vem uma outra redação sob o título *O Doutor Grilo*, formando um ciclo de aventuras. Diz Gubernatis: «Na Itália, quando se propõe um enigma para ser adivinhado, ajunta-se ordinariamente como conclusão as palavras — *Indovinala, grillo!* (adivinha grilo!) Esta expressão liga-se ao idiota fingido dos contos populares, que acaba sempre por dar prova de tino. O Sol envolvido na nuvem e na obscuridade da noite é em geral o idiota, mas o idiota que ve tudo, etc.» (*Mit. Zoológ.*, t. II, p. 50).

OS TRÊS IRMÃOS

Um homem tinha tres filhos, um seu e dois que a mulher lhe metera em casa. O pai puxava para o seu filho, e a mulher puxava para os outros dois, e cada um prometera que havia de deixar os bens aquele a quem mais amava. É certo que morreram sem testamento, e os tres irmãos não sabendo para quem ficariam os bens da casa, resolveram ir a cidade consultar um letrado. Quando iam pelo caminho, encontraram um homem muito azafamado, que lhes perguntou:

— Ó patrõesinhos, viram passar por aqui a minha burra?

Os tres irmãos disseram que não tinham visto, e puseram-se a rir entre si, dizendo:

— Ele não era burra, era uma mula, e por sinal que tinha o rabo torto; e ainda para mais era cega de um olho.

O homem pescou o que eles diziam, e como era possante, gritou:

— Ah, grandes birbantes, que me hão de dar já para aqui conta da minha mula. Era essa mesma, que voces dizem que não viram.

Travaram-se de razões e lá foram todos para a cidade a presença do juiz. O homem fez a sua queixa, e o juiz certo de que os homens sabiam onde estava a mula, disse-lhes que o declarassem.

— Saberá, Senhor Juiz, que não vimos mula nenhuma; este homem perguntou-nos se tínhamos visto passar por ali uma burra, e dissemos que não, porque o que tinha passado era uma mula.

Disse o juiz:

— Então como sabeis isso, se a não vistes?

— É porque no chão estavam umas pegadas, em que os pés se botavam adiante das mãos, e assim é que andam as mulas, e isso era sinal de ter por ali passado uma.

— E como sabeis que tinha o rabo torto, se é que a não vistes?

— Saberá o Senhor Juiz que era por um campo de cevada, que ainda estava orvalhado, e para a banda para onde a mula tinha o rabo torto já o orvalho estava sacudido.

— Está bem; mas como sabeis que a mula era cega de um olho?

— É porque pelo trilho que ela levava estava a cevada comida só de um lado; sinal de que ela via só por um olho.

O juiz mandou os tres irmãos embora, e condenou nas custas o dono da mula.

Nisto os tres irmãos requereram ao juiz sobre o caso que os trazia a cidade para a partilha da herança. O juiz vendo que eram tão espertos e que não se entendiam, disse-lhes:

— Vinde amanhã a minha casa, que vos quero dar uma lebre guisada para o almoço, e então darei a sentença.

Os tres irmãos foram ao outro dia muito contentes; o juiz mandou-os sentar a mesa, e veio a lebre guisada; eles comeram e lamberam o beijo.

— Então que tal é a lebre?

Diz-lhe dali um dos irmãos:

— Ela não é lebre, é cão.

— Então como sabeis isso?

— É porque botei um osso ao cão cá da casa, e ele não o quis roer, porque é certo que os cães não se comem uns aos outros.

O juiz confessou que era verdade, e disse:

— Pois dou por sentença que há de ficar com a herança o que for capaz de ir a

sepultura do pai cravar-lhe uma faca nos peitos.

Disseram os dois mais novos:

— Vou eu, vou eu!

O mais velho, espantado, exclamou:

— Já não quero os bens: eu sou lá capaz disso?

Então o juiz disse que aquele é que era o verdadeiro filho, e escreveu a sentença a favor dele.

(Airão)

AS BARRAS DE OURO

Tres irmãos estavam num monte fazendo carvão, e cada um guardava a borralheira, para que se não apagasse enquanto os outros dormiam. Coube a vez ao mais moço; mas não sei lá porque, ele descuidou-se e apagou-se a borralheira. Ficou muito apoquentado, e antes que os irmãos acordassem procurou modo de tornar a acender o fogo; viu lá longe uma luzinha, e lembrou-se de ir lá pedir lume. Foi; andou, andou, até que chegou ao pé de uma grande borralheira em que estavam uns homens muito negros a fazer carvão. Pediu se lhe davam algumas brasas, que era para acender a sua borralheira, que se lhe tinha apagado, e logo eles disseram com má cara:

— Tire daí um tição e leve-o.

O rapaz tirou o tição e botou a correr; ia para acender a sua borralheira, mas o tição apagou-se, e deitou-o para a banda. Tornou outra vez lá a pedir outro tição; disseram-lhe com a mesma catadura:

— Tire daí um tição e leve-o.

Aconteceu o mesmo, apagou-se; teve coragem de tornar outra vez a ir pedir aos carvoeiros, e eles sempre lhe deram um tição, que se apagou como os outros dois. Nisto ia amanhecendo, os irmãos acordaram, e o rapaz contou-lhes tudo, e quando os irmãos olharam para os tições apagados, viram tres grossas barras de ouro. Pularam de contentes, e disseram:

— Deixa estar, que esta noite um de nós há de ir lá pedir mais tições.

Assim fizeram, e o irmão do meio trouxe de lá tres tições que eram, como já se sabe, tres barras de ouro. À terceira noite foi lá o irmão mais velho, e também

pediu os tições, e quando foi dia viram que eram das mesmas barras de ouro. Ficaram muito ricos e foram viver para a cidade; disse o mais velho:

— Havemos de mandar fazer um palácio para morarmos juntos.

Fez-se o palácio, que era muito rico, e depois de pronto meteram-se dentro. Passou um dia pela porta um mendigo e pediu-lhes esmola; mandaram-no entrar e deram-lhe de comer. Vai o velho assim que acaba de comer benzeu-se e começou a dar graças a Deus, e de repente todo o palácio se desfez como num sonho, e os tres irmãos e todos os que estavam com eles a mesa acharam-se no meio da rua, como se naquele lugar nunca tivesse sido senão um monte de entulho.

(Arredores do Porto)

PEDRO DE MALAS-ARTES

Uma pobre mulher tinha um filho, que era assim atolado, e porque nunca fazia nem dizia nada acertado, chamavam-lhe o Pedro de Malas-Artes. A mulher não tinha senão aquele filho, e por isso estimava-o. Um dia trouxe a mulher para casa uma teia de linho, que tinha deitado, e disse:

— Este pano é para nós taparmos os nossos buraquinhos.

Assim que a mulher saiu, e se demorou na missa, o filho foi a teia de linho, cortou-a em bocadinhos e começou a mete-los pelos buracos das paredes do casebre. Quando a mãe chegou, ele disse-lhe muito contente:

— Mãe, olhe como estão tapados os nossos buraquinhos.

A mãe conheceu a tolice, lamentou os seus pecados, e fe-lo prometer que nunca mais tornaria. No dia seguinte disse ao filho que fosse a feira comprar um bácoro e o trouxesse para casa. Esperou, esperou, e como o filho não acabava de vir, foi a ver se o encontrava; achou-o caído no chão com o porco em cima de si, porque tinha entendido que o havia de trazer as costas, e ele era bastante pesado. A mulher chorou, afligiu-se, e explicou:

— Isto traz-se para casa com um cordelzinho amarrado pelo pé, e toca-se para diante com uma varinha.

Pedro de Malas-Artes ouviu aquilo para seu governo; passados dias a mãe mandou-o que fosse a feira comprar um cantaro. Quando ele chegou a casa, trazia só a asa.

— Que é isto, Pedro? Onde está o cantaro que te mandei buscar. Disse ele a mãe.

— Amarrei-lhe um cordelzinho pela asa, e toquei-o para diante com uma varinha; fiz como minha mãe me disse no outro dia.

A mãe tornou a lamentar-se, e disse-lhe:

— Se tu tivesses juízo trazias o cantaro na mão, ou então entre palha, nalgum carro que viesse para as nossas bandas.

Vai nisto mandou-o a uma loja comprar um vintém de agulhas; Pedro de Malas-Artes trouxe as agulhas, e como ia passando um carro de palha aproveitou a ocasião e despejou as agulhas entre a palha. Chega a casa, e pergunta-lhe a mãe pelas agulhas:

— Vem aí no carro da palha do nosso vizinho; botei-as lá, como minha mãe me disse no outro dia.

A mãe já estava cansada de tanta tolice, e já tinha medo de o mandar a algum recado. Um dia comprou tripas para guisar para o jantar e disse a Pedro de Malas-Artes:

— Vai ali a beira do rio lavar essas tripas, e não mas tragas cá sem que estejam bem limpas.

— Mas eu como é que hei de saber que as tripas estão bem limpas?

— Pergunta a alguém, que te diga.

Foi Pedro de Malas-Artes lavar as tripas; lavou, tornou a lavar, e como não passava ninguém, lavava que lavava. Até que lá ao longe viu vir um barco a vela e a remos, porque havia calmaria, e pos-se a acenar e a chamar. A gente do barco pensando que era algum passageiro abicou a praia, lutando contra a corrente; quando Pedro de Malas-Artes perguntou:

— Olhem lá; os senhores dizem-me se estas tripas já estão bem lavadas?

A gente do barco ficou desesperada, saltaram em terra, deram-lhe muita pancada e disseram por fim:

— O que tu deves dizer é que sopra muito vento.

Foram-se embora. Pedro de Malas-Artes ia para casa, e aconteceu passar por um campo onde se andava ceifando trigo e armando as paveias, e começou a dizer:

— O que é preciso é que sopra muito vento; que sopra muito vento. A gente que andava ceifando ficou desesperada, e vieram bater-lhe, dizendo:

— Ó estuporado, não sabes que o muito vento nos espalhava o trigo todo? O que é preciso é que não caia nenhum.

E deixaram-no ir embora. Foi-se Pedro e passou por um campo onde estavam uns homens armando uma rede para apanhar pássaros, e começou a dizer:

— O que é preciso é que não caia nenhum; que não caia nenhum.

Vem os homens da rede, bateram-lhe muitas, e clamaram:

— O que tu deves dizer é que assim haja muito sangue.

Passa Pedro por um caminho onde estavam dois homens engalfinhados brigando, e outros também querendo apartá-los, e entra a dizer em altos gritos:

— Assim haja muito sangue, assim haja muito sangue.

Já se sabe, vieram ter com ele e deram-lhe muitas pancadas, e disseram-lhe:

— O que tu deves dizer é que Deus os desaparte, Deus os desaparte.

Vai-se Pedro de Malas-Artes por ali adiante, quando vinha um grande acompanhamento com um noivo e noiva que acabavam de se casar. Começa ele:

— Assim Deus os desaparte, assim Deus os desaparte.

Os convidados deram-lhe muita pancada e disseram:

— Ó homem, o que tu deves dizer é que destes cada dia um.

Indo mais para diante encontra um enterro de um homem muito estimado na terra, e entra a bradar:

— Destes cada dia um, cada dia um.

A gente que seguia o enterro não teve mão que lhe não batesse muita pancada, e disseram-lhe:

— O que voce deve dizer é que Nosso Senhor o leve direitinho para o Céu.

Vai mais para diante, e vinha passando um batizado, e começa Pedro de Malas-Artes:

— Nosso Senhor o leve direitinho para o Céu.

Os padrinhos da criança tomaram aquilo por mau agoiro, e desancaram Pedro de Malas-Artes, que botou a fugir e se não chegasse a casa ainda andava a levar pancadas por esse mundo.

(Porto)

NOTA: Na coleção dos *Contos Sicilianos*, de Pitré, há este mesmo tema. (*Rev. des deux mondes*, 1875. Agosto, 15, p. 883. Consiglieri Pedroso encontrou-o com o título de *Manel Tolo*, correspondente ao *Giufa* dos contos sicilianos (*Fiabe*, vol. III, p. 353 da coleção de Pitré), e as *Molbohistorie* da Dinamarca. (Ap. *Romania*, t. IX, p. 138 a 140). O *Positivismo*, t. II, p. 450. — Nos *Relógios Falantes*, D. Francisco Manuel de Melo alude a esta tradição corrente em Portugal no século XVII: «Que me puderam levantar estátuas como a Pedro de Malas-Artes...» (*Apólogos Dialogais*, p. 23). Nesta mesma obra vem o conto da mulher que nas dores do parto mandou acender uma vela benta, tendo em seguida o bom cuidado de a mandar apagar para outra vez. (*Ibid.*, p. 196).

Creemos que é a esta mesma tradição que se refere o tipo de *Pedro de Urde-Malas*, citado na *Lozana Andaluza*, da literatura espanhola do século XVI. No Cancioneiro da Vaticana vem uma alusão a este tipo: «Chegou Paio de *más Artes*.» (Canc. 1132.)

No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende (t. III, 650) alude-se a este tipo:

Pareceis Pero de Espanha, / homenzinho da patranha, / de má feição e má peles.

Na comédia de António José *Os Encantos de Merlin*, há uma referência ao tipo tradicional: «me fez a mim *Pedro de Malas-Artes* ensinando-me em paga de o ouvir em Paris de mágica branca, ou negra mágica.» Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º V, versão de Sergipe, *Uma das de Pedro de Malas-Artes*, terminando com este estribilho: *Entrei por uma porta / Saí por outra, / Manda el-rei / Que me contem outra.*

Na fábula XV, da mesma coleção, *O Macaco e o Moleque de Cera*, análoga a um conto de Cabeceiras de Basto sobre *Pedro de Malas-Artes* (*Tradições Populares de Portugal*, p. 294).

SANTA HELENA

Havia um rei que era casado com uma senhora chamada D. Helena, que era muito boa de coração. Tinha o rei por costume ir passar o verão para uma vila, que se ia para lá por mar, mas era na mesma terra. Vai um fidalgo e apostou com o rei que, quando viesse da viagem, lhe havia de dizer os sinais da rainha, e se não os dissesse que perdia todos os seus bens.

Estava o rei quase a chegar, mas o fidalgo não tinha ainda podido ver os sinais que a rainha tinha no corpo, e andava muito aflito porque perdia a aposta. Chegou-se uma velha a pedir-lhe esmola, e ele muito arrenegado disse que o deixasse. A velha insistiu mais:

— Conte-me o senhor o que tem, que eu arranjarei remédio para o seu mal.

O fidalgo contou-lhe tudo, e ela ofereceu-se para ir ao palácio e ver os sinais da rainha. Foi e levou um cartucho cheio de pulgas; chegou-se perto da rainha a pedir-lhe uma esmola; a rainha mandou-a entrar e como era muito caridosa, disse que dormisse ali aquela noite. A velha, quando todos estavam dormindo, foi a cama da rainha e despejou o canudo das pulgas, e foi para o quarto que lhe deram. Cheia de comichão a rainha tocou uma sineta e logo vieram todas as damas e aias do palácio, e no meio do barulho veio também a velha, e viu, enquanto catavam a rainha, que ela tinha um sinal no peito. Pela manhã cedo foi ter com o fidalgo e contou-lhe tudo, e recebeu uma grande esmola. O fidalgo foi ao encontro do rei e lhe declarou o sinal de D. Helena; o rei ficou muito furioso, e quando chegou ao palácio, veio a rainha abraçá-lo, mas ele afastou-a, dizendo:

— Traidora, que me foste infiel!

Ela caiu logo com um flato para nunca mais falar; e o rei mandou fazer uma redoma de vidro, meteu-a dentro e foram-na deitar ao mar. A redoma foi ter a terra onde o rei costumava passar o verão, e os pescadores de lá a encontraram e trouxeram-na para a terra. Na palma da mão tinha escrito: Santa Helena. Fizeram-lhe uma ermida, onde guardaram a redoma. Vindo o rei aquele lugar, pediu para lhe contarem de quem era aquela redoma, e quando se chegou mais perto, conheceu logo que era sua esposa, e muito arrependido ali morreu deixando em lembrança que ninguém fizesse apostas.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: A peripécia deste conto, o sinal no peito da rainha, acha-se na Cimbelina de Shakespeare, em um conto de Boccaccio, e no poema da Idade Média *Gerart de Nevers*.

O GUARDADOR DOS PORCOS

Era um homem casado, que tinha um rapaz que lhe guardava os porcos. Indo o rapaz uma vez para o pasto, chegou-se um homem a ele dizendo:

— Vendes-me esses sete porcos?

— Não vendo senãos seis; mas o tio há de dar-me já os rabos e orelhas deles.

Ficou o contrato feito; o rapaz recebeu o dinheiro, e logo ali cortou as orelhas e os rabos dos seis porcos. Chegando a um charco, espetou no lodo as orelhas e os rabos dos seis porcos, e enterrou o sétimo porco até meio do corpo. E foi logo a gritar ter com o amo, para o vir ajudar a tirar os porcos, que tinham caído no charco. Veio o amo, e assim que puxou vieram-lhe os rabos na mão; com medo de perder os porcos todos, disse ao criado:

— Vai a casa e diz a minha mulher que te de duas pás, para puxarmos os porcos cá para fora.

O criado que sabia que o amo tinha duas sacas de dinheiro, chegou a casa e disse a mulher:

— O patrão manda dizer que me entregue as duas sacas de dinheiro.

A mulher desconfiou; mas o criado disse que ela chegasse ao balcão, e perguntasse se eram ou não as duas. Pergunta a mulher de cá:

— Ambas de duas?

— Sim, dá-lhe ambas de duas.

A mulher não sabia que eram as duas pás, e entregou-lhe as sacas de dinheiro.

O rapaz agarrou-as e foi-se por outro caminho, e encontrando um veado,

matou-o e tirou-lhe as tripas, que meteu por dentro da camisa. Chegando perto de um homem que conhecia o patrão dele, começou a dizer:

— Deixa-me retalhar as tripas.

E pos-se a cortar as que tinha do veado: o patrão quando chegou a casa e soube da ladroeira do criado, correu atrás dele, e encontrou no caminho o seu conhecido, a quem perguntou se tinha visto passar por ali o moço.

Ele respondeu:

— Vi, e ele fez uma coisa; tirou as tripas e cortou-as para correr mais depressa.

— Também eu vou fazer o mesmo para o apanhar.

E cortando as tripas caiu morto. O moço quando soube isto voltou para trás e foi ter com a patroa, que estava viúva, e casou com ela.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

NOTA: Aparece nos *Contos Populares da Rússia*, na Coleção de Afanasieff, liv. V, n.º 8. Além da tradução de alguns contos russos por G. Ralston, Gubernatis vulgarizou mais uns cem, para elemento dos estudos comparativos. Na tradição italiana do Piemonte também se repete esta facécia: «Um rapaz que guardava porcos, corta-lhes os rabos, que lançou num lameiro, e foge com eles. O patrão, vendo os rabos, cuida que os porcos se enterraram na lama. Puxa-os, mas só lhe vem na mão os rabos sem os corpos a que andavam pegados.» (*Mythologie zoologique*, t. I, p. 252.) O ilustre filólogo liga este conto a outros elementos tradicionais para a reconstrução popular do mito de Hércules e Caco.

NASCER PARA SER RICO

Havia um sapateiro que trabalhava noite e dia, mas nunca passava da cepa torta; um vizinho muito rico ouvia-o cantar sempre esta cantiga:

Sou um pobre sapateiro,
Que estou sempre a dar, a dar;
Quem nasceu para ser pobre
Que lhe serve o trabalhar?

Ao som desta cantiga batia sola; o vizinho lembrou-se de lhe fazer uma surpresa, e mandou-lhe uma grande rosca cheia de dinheiro por dentro, que era para ele comer com sua mulher e filhos, e quando a partisse já não ter que se queixar da sorte. O sapateiro assim que recebeu a rosca deu muitos agradecimentos ao vizinho, mas como tinha tido uma doença em casa lembrou-se de ir levar de presente a rosca ao médico a quem estava em dívida. A mulher ficou muito contente com a lembrança e foi ela mesmo levá-la a casa do médico. Passados dias passou o vizinho rico pela porta do sapateiro, e ouviu-lhe a mesma cantiga, e perguntou-lhe:

— Ó homem! pois voce não comeu a rosca com a sua família?

O sapateiro contou o motivo por que se tinha visto obrigado a levá-la de presente ao médico. O rico foi-se embora, e passados dias mandou-lhe uns toros de pinheiro, também cheios de dinheiro por dentro, dizendo que era para fazer o seu lume. Ora o sapateiro era vizinho de um padeiro, de quem comia fiado, e para lhe ser agradecido levou-lhe os toros de presente para queimar no forno. De outra vez passou o vizinho rico pela porta do sapateiro e perguntou-lhe se já

tinha rachado a lenha que lhe mandara; o homenzinho contou como se vira obrigado a levar os toros de presente ao seu vizinho padeiro, que lhe dava pão fiado. Vai o rico e disse-lhe:

— Voce parece que tem razão em se queixar de que nasceu para ser pobre, porque a rosca de pão e os toros de pinheiro vinham por dentro retheadinhos de dinheiro. Agora ainda que lhe queira fazer bem já não posso, nem trago nada comigo. O mais que lhe posso dar é esse pedaço de chumbo que achei ali no caminho.

O sapateiro pegou no bocadinho de chumbo, e como de nada lhe servia deitou-o ali para um canto, e continuou a trabalhar ao som da mesma cantiga. De noite quando estava na cama, sentiu bater a porta: truz-truz! Falaram:

— Ó Senhora Vizinha!

A mulher do sapateiro levantou-se e foi ao postigo; era a mulher de um pescador que morava paredes meias e disse:

— O meu homem vai agora para o mar, para deitar as redes; é uma ocasião boa, mas falta-lhe chumbo para elas. Não terá por aí qualquer bocadinho que me de?

O sapateiro lembrou-se do chumbo que lhe tinha dado o homem rico e disse a mulher onde estava, e que o levasse a do pescador. Lá o que se passou não sei, mas o pescador tirou uma rede cheia de peixe, e a mulher veio a casa do sapateiro trazer-lhe em paga uma boa garoupa para amanharem para o jantar. Quando a mulher do sapateiro a estava arranjando, abriu-lhe as ventrechas e achou-lhe dentro uma pedra a modo de um vidro esquinado e deu aos pequenos para brincarem, sem fazer a isso mais reparo. Os pequenos brincaram com a pedra, e deixaram-na para aí quando se foram deitar. De noite estava o sapateiro na cama, e depois que apagou a candeia viu luzir uma coisa como que se fosse os olhos de gato.

— Homem, essa! parece-me que vejo luzir ali uma coisa.

A mulher reparou, e viu o mesmo; levantou-se o sapateiro e foi ver o que seria; deu com uma pedra muito polida, e foi então que a mulher se lembrou que a tinha encontrado na ventrecha da garoupa. O sapateiro quando amanheceu foi mostrá-la a casa de um ourives, que lhe disse que aquilo era uma pedra preciosa que valia tanto que nem ele mesmo tinha dinheiro para a comprar; mas que se ele quisesse iria mostrá-la ao rei, que só ele é que podia ter joias de tanto valor. Assim fez, e o sapateiro veio a receber muito dinheiro pela pedra; mudou de vida, comprou casas e quintas, e quando já se tratava como um senhor, passou-lhe pela porta o antigo vizinho rico que tinha estado muito tempo fora da terra, e ficou pasmado de o ver tão acrescentado. Ele dizia lá consigo:

— O velhaco do sapateiro enganou-me; guardou o dinheiro que lhe mandei dentro da rosca e dos toros de pinheiro, e só depois da coisa esquecida é que se saiu com ele.

Mas o sapateiro era homem liso, e contou-lhe como a fortuna lhe viera pelo bocadinho de chumbo que lhe deu, agradeceu-lhe muito, e concluiu que apesar das suas queixas ele tinha nascido para ser rico, pois dera por duas vezes pontapés na fortuna.

(Porto)

NOTA: Nos *Contos Proveitosos*, de Trancoso, Parte I, n.º XIII, *O Real bem Ganhado*, versa sobre esta peripécia da pedra preciosa.

DOM CAIO

Era um alfaiate muito poltrão, que estava trabalhando a porta da rua; como ele tinha medo de tudo, o seu gosto era fingir de valente. Vai de uma vez viu muitas moscas juntas e de uma pancada matou sete. Daqui em diante não fazia senão gabar-se:

— Eu cá mato sete de uma vez!

Ora o rei andava muito aparvalhado, porque lhe tinha morrido na guerra o seu general Dom Caio, que era o maior valente que havia, e as tropas do inimigo já vinham contra ele, porque sabiam que não tinha quem mandasse a combater-las. Os que ouviram o alfaiate andar a dizer por toda a parte: «Eu cá mato sete de uma vez!» foram logo mete-lo no bico ao rei, que se lembrou de que quem era assim tão valente seria capaz e ocupar o posto de Dom Caio. Veio o alfaiate a presença do rei, que lhe perguntou:

— É verdade que matas sete de uma vez?

— Saberá Vossa Majestade que sim.

— Então nesse caso vais comandar as minhas tropas, e atacar os inimigos que já me estão cercando.

Mandou vir o fardamento de Dom Caio e fe-lo vestir ao alfaiate, que era muito baixinho, e que ficou com o chapéu de bicos enterrado até as orelhas; depois disse que trouxessem o cavalo branco de Dom Caio para o alfaiate montar. Ajudaram-no a subir para o cavalo, e ele já estava a tremer como varas verdes; assim que o cavalo sentiu as esporas botou a desfilada, e o alfaiate a gritar:

— Eu caio, eu caio!

Todos os que o ouviam por onde ele passava, diziam:

— Ele agora diz que é o Dom Caio; já temos homem.

O cavalo que andava costumado as escaramuças, correu para o sítio em que andava a guerreira, e o alfaiate com medo de cair ia agarrado as clinas, a gritar como desesperado:

— Eu caio, eu caio!

O inimigo assim que viu vir o cavalo branco do general valente, e ouviu o grito: «Eu caio, eu caio!» conheceu o perigo em que estava, e disseram os soldados uns para os outros:

— Estamos perdidos, que lá vem o Dom Caio; lá vem o Dom Caio.

E botaram a fugir em debandada; os soldados do rei foram-lhe no encalço e mataram neles, e o alfaiate ganhou assim a batalha só em agarrar-se ao pescoço do cavalo e em gritar: «Eu caio.» O rei ficou muito contente com ele, e em paga da vitória deu-lhe a princesa em casamento, e ninguém fazia senão louvar o sucessor de Dom Caio pela sua coragem.

(Porto)

NOTA: Este conto versa sobre o equívoco da frase: Matar sete de um golpe. Tem analogias com o *Alfaiatinho Valoroso*, dos Contos de Grimm (*Contes choisis*, p. 253.) No *Pantchatantra*, a fábula do *Oleiro e o Rei* versa sobre este mesmo assunto. (trad. Lancereau, p. 289). Na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, t. I, p. 121, vem este conto com o título de *Dom Juan Bolondron mata siete de un trompon*, coligido no Chile, na povoação de Santa Juana. Nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XVIII, *João Gurumete*.

OS DEZ ANÕEZINHOS DA TIA VERDE-ÁGUA

Era uma mulher casada, mas que se dava muito mal com o marido, porque não trabalhava nem tinha ordem no governo da casa; começava uma coisa e logo passava para outra, tudo ficava em meio, de sorte que quando o marido vinha para casa nem tinha o jantar feito, e a noite nem água para os pés, nem a cama arranjada. As coisas foram assim, até que o homem lhe pos as mãos e ia-a tosando, e ela a passar muito má vida. A mulher andava triste por o homem lhe bater, e tinha uma vizinha a quem se foi queixar, a qual era velha e se dizia que as fadas a ajudavam. Chamavam-lhe a Tia Verde-Água:

— Ai, Tia! vossemece é que me podia valer nesta aflição.

— Pois sim, filha; eu tenho dez anõezinhos muito arranjadores, e mando-tos para tua casa para te ajudarem.

E a velha começou a explicar-lhe o que devia fazer para que os dez anõezinhos a ajudassem; que quando pela manhã se levantasse fizesse logo a cama, em seguida acendesse o lume, depois enchesse o cantaro da água, varresse a casa, aponteasse a roupa, e no intervalo em que cozinhasse o jantar fosse dobando as suas meadas, até o marido chegar. Foi-lhe assim indicando o que havia de fazer, que em tudo isto seria ajudada sem ela o sentir pelos dez anõezinhos. A mulher assim o fez, e se bem o fez melhor lhe saiu. Logo a boca da noite foi a casa da Tia Verde-Água agradecer-lhe o ter-lhe mandado os dez anõezinhos, que ela não viu nem sentiu, mas porque o trabalho correu-lhe como por encanto. Foram-se assim passando as coisas, e o marido estava pasmado por ver a mulher tornar-se tão

arranjadeira e limposa; o fim de oito dias ele não se teve que não lhe dissesse como ela estava outra mulher, e que assim viveriam como Deus com os anjos. A mulher contente por se ver agora feliz, e mesmo porque a fêria chegava para mais, vai a casa da Tia Verde-Água agradecer-lhe o favor que lhe fez:

— Ai, minha Tia, os seus dez anõezinhos fizeram-me um serviçãõ; trago agora tudo arranjado, e o meu homem anda muito meu amigo. O que lhe eu pedia agora é que mos deixasse lá ficar.

A velha respondeu-lhe:

— Deixo, deixo. Pois tu ainda não viste os dez anõezinhos?

— Ainda não; o que eu queria era ve-los.

— Não sejas tola; se tu queres ve-los olha para as tuas mãos, e os teus dedos é que são os dez anõezinhos.

A mulher compreendeu a causa, e foi para casa satisfeita consigo por saber como é que se faz luzir o trabalho.

NOTA: Nos contos de Grimm *Os Anões Mágicos* dão realidade ao que na tradição portuguesa aparece com sentido alegórico. (*Contes choisies*, p. 181).

«Os Dáctilos, sacerdotes, encantadores, da mesma ordem que os Telchines, acham igualmente o seu tipo nos personagens do mesmo ciclo mitológico. Os Dáctilos, isto é, em grego, os dedos, correspondem aos dez *Dakchas*, chamados os dez homens fortes, ou os meninos infatigáveis que ajudam Agni, o grande demiurgo. Ora estes *Dakchas* são os dez dedos do sacerdote que acende o fogo (Agni) e que personifica o cantor védico.» (Maury, *Hist des rel. de la Grece antique*, I, 203.) Como este mito védico, que passou para o Ocidente, aparece em um conto português tradicional!

OS DOIS COMPADRES

Eram dois compadres, extraordinariamente amigos. Tinham ambos o mesmo ofício, e procuravam sempre trabalhar juntos. O que um fazia, fazia o outro. Vestiam de modo igual, e passeavam ambos. Era a mais firme e completa amizade que se pode querer.

Um dia resolveram casar-se. Deviam juntar as bodas, receber-se no mesmo dia, na mesma igreja, e a mesma hora, e depois da festa nupcial, separar-se-iam então, e cada um seguiria para sua casa.

Assim planejaram, e assim fizeram.

Casados, faziam o mesmo.

Imitavam-se mutuamente, e continuaram trabalhando juntos, passeando ambos, vestindo igualmente.

Só numa coisa não podiam combinar-se. O compadre mais velho batia todos os dias uma sova na mulher.

— Tu não bates na tua? — interrogava ele ao mais novo.

— Eu não; pois ela é tão boa e tão minha amiga, hei de agora ir bater-lhe!

— Qual história? Bondades de mulheres! Meu amigo; as mulheres para serem boas e verdadeiramente amigas de um homem, precisam de ser zurzidas. E tu há de bater na tua. Olha, eu todos os dias toco a fogo no espinhaço da minha.

— Pois isso é que eu não faço.

— Ó compadre! olha, ou nós quebramos a nossa amizade, ou tu bates na tua mulher.

— Homem, isso não pode ser. Pois se ela me não dá motivo para fazer tal.

— Qual motivo nem meio motivo! Inventa-se.

E começou a ensinar ao compadre como havia de procurar pretexto para zurzir a companheira.

— Tu, vai para casa, começa a embirrar com tudo, ela há de responder-te azedamente, e tu zás, bordoada para cima. Olha que se lhe não bates ficamos de mal.

— Está dito.

À noite volveu o homem para casa, e começou realmente a embirrar com tudo. A mulher submetia-se humildemente, carinhosamente, serenando o animo do marido.

Este não teve coragem de lhe bater. No dia seguinte, mal apareceu no trabalho, logo o compadre lhe perguntou:

— Então! já a zurziste?

— Eu não, homem; faltou-me a coragem. Se tu a visses, tão meiga, tão carinhosa, fazendo tudo muito resignada!...

— Vai-te lá; és um bajojo. Até me envergonho de ser compadre de um homem, que nem tem coragem de bater na mulher. Amanhã hás de bater-lhe por força. Olha, tu vais para casa; dizes que não gostas da ceia, que a não querias cozinhada assim, e se ela for prepará-la de outra forma, dizes ainda que também não era assim que a querias, e continuas ralhando até que ela, agastada, há de começar de razões, e é o bastante para lhe dares uma sova. Desta vez conto que a coisa não falhará. A minha ainda ontem levou tanta bordoada, que gritava por Deus e Santa Maria.

À noite, de volta do trabalho, regressou-se o homenzinho a casa, com o firme propósito de tocar a fogo na mulher.

Tinha para a ceia pescada. Apareceu na mesa um prato de pescada com arroz.

— Eu não queria a pescada assim cozinhada! — exclamou ele muito colérico. — Quería-a cozida, de azeite e vinagre.

— Pois não te apoquentes, filho — retorquiu-lhe ela docemente —; também ali a tenho cozida, de azeite e vinagre.

E veio a pescada de azeite e vinagre.

— Mas se eu já lhe disse que a queria frita.

— Ora aí estás tu a impacientares-te. A pescada era muito grande, e eu frigi uma porção dela.

— Com mil diabos que a levem; eu queria a pescada suja, cheia de terra, de modo que ninguém a pudesse comer. É assim que eu gosto.

— Pois estás servido. O gato furtou-me uma posta, e levou-a pelo quintal, eu ainda lha pude tirar a tempo, e tenho-a ali suja, porque, só depois da ceia, tencionava lavá-la e prepará-la para o almoço.

O homenzinho sentiu-se desanimado. Não havia meio de bater na mulher. Foi no dia seguinte para o trabalho, sem a ter zurzido, contar ao compadre o que se passara.

Este exasperou-se muito.

— Hás de bater-lhe hoje por força, aliás ficamos de mal para sempre. Vai para casa a noite muito aborrecido, e diz a tua mulher que queres dormir no quintal; ela não há de querer dormir ali, e aqui tens um bom pretexto: obriga-a dando-lhe bordoadas.

Assim fez. À noite foi para casa, e disse a mulher que havia de dormir aquela noite no quintal.

— Pois sim, o que tu quiseres.

Sem mais objeções foi-se a fazer um camalho no quintal.

O homem começava a encolerizar-se.

— Pois eu não lhe hei de bater? — momeava ele. Realmente faço má figura aos olhos do compadre. Há de ser esta noite por força.

Feita a cama, foram deitar-se, e lá pela noite fora, começa o marido a olhar para o céu.

— Olha lá — diz ele para a mulher —, que estrelas são aquelas que parecem formar um caminho?

— É a Estrada de S. Tiago.

— E então tu vens colocar-me debaixo de uma estrada, com que me caiam em cima os passageiros! Espera, que eu já te digo.

E então desancou a pobrezita da mulher.

No dia seguinte foi para o trabalho, e contou ao compadre que já tinha zurzido a sua companheira, mas sentia-se incomodado por aquela ação.

— Bravo, és um homem! Agora é necessário continuar. Assim faço eu a minha, que todos os dias apanha a sua conta (dizia o outro, batendo as palmas).

A mulher que fora maltratada pela primeira vez estranhou, começou a pensar, e lembrou-se de que tudo aquilo era o resultado dos conselhos do compadre.

— Deixa estar, que mo hás de pagar.

Preparou-se com o seu fatinho de ver a Deus, e lá se foi até a casa da comadre. Muitos cumprimentos, muitas festas, muitas alegrias, muitas expansões, até que por fim a visitante perguntou:

— Então, como se dá com seu marido?

— Ora, comadre, mal, muito mal. Todos os dias me bate.

— Sim?

— É como lhe digo.

— Pois o meu não; nem uma só vez me tocou, e o que é mais, nem sequer sabe

zangar-se.

— Ah! que santo homem, comadre. Se assim fosse o meu!... Logo que chega do trabalho, a primeira coisa que faz é dar-me uma sova, e as vezes deixa-me quase morta.

— Pois olhe, comadre; eu hei de remediar esse mal. À noite, quando ele lhe bater, chame pelas Onze Virgens; mas tenha cuidado de deixar a porta aberta. Verá que o remédio é infalível.

E retirou-se, vindo por casa de dez das suas amigas, contando-lhes os maus-tratos que o compadre dava a mulher, e combinando com elas que nessa noite estariam todas, de cacetes em punho, pelas vizinhanças da casa, para que acudissem a desgraçada mulherzita, quando o marido lhe batesse.

Feita a combinação, vestiram-se de branco, e foram a hora de largar o trabalho para junto da casa da vítima das brutalidades do marido.

Quando este regressou do trabalho, começou a bater desapiedadamente na mulher, que, não podendo suportar tanta pancadaria, entrou a gritar:

— Valha-me Nossa Senhora! Acudam-me as Onze Virgens! Acudam-me as Onze Virgens!

Mal ela acabara de pronunciar as últimas palavras, entraram onze mulheraças, vestidas de branco, de cacetes na mão, todas cobertas de alvas branquíssimas, que desancaram desalmadamente o marido da desgraçada. Levou bordoadas que nem um tambor num arraial, e tudo capitaneado pela mulher do compadre, a quem ele aconselhara a bater na companheira.

Quando o viram quase morto, deixaram-no, e foram para as suas casas. Pouco depois o homem era sacramentado, fazia testamento e mandava chamar a toda a pressa o compadre.

Contou-lhe como tudo se tinha passado, e disse-lhe por fim:

— Mandei-te chamar para te pedir que não queiras nunca mais bater na tua

mulher. Cre que são santas. Eu hoje bati na minha como de costume; mas ela, porque já não podia sofrer mais, pediu as Onze Virgens que lhe valessem, e estas não se fizeram esperar. Deram-me tanta pancadaria, que me deixaram neste estado. E olha compadre — continuou o enfermo — foi uma providencia a minha mulher não se lembrar de chamar os Doze Apóstolos, porque então deixavam-me morto; sempre era força de homens.

O certo é que nunca mais bateu na mulher, nem aconselhou o compadre a que fizesse semelhante coisa.

(Alentejo)

O CARVOEIRO

Era uma vez um rei que gostava muito de ir a caça. Um dia, perdeu-se da sua gente, e encontrou-se num grande bosque onde viu um carvoeiro que andava trabalhando. O rei dirigiu-se para ele e perguntou-lhe:

— Com tanto trabalho que tens deves ganhar muito dinheiro.

— Eu, senhor, ganho doze vinténs por dia. Quatro empresto-os, quatro são para pagar uma dívida e os outros quatro para eu e minha mulher vivermos.

Ficou o rei muito admirado e quis saber como eram aquelas contas. O carvoeiro explicou:

— O empréstimo, é criar os filhos que depois trabalharão quando eu não puder. A dívida, é sustentar os meus pais, que já são velhinhos e nada podem fazer. Os outros quatro vinténs é para comermos nós os dois.

Ficou o rei contente com a explicação e, indo para o palácio, disse primeiro ao carvoeiro que não dissesse mais nada a ninguém sem ver a cara dele cem vezes. Prometeu o carvoeiro. Chamados os dignatários da corte, exigiu o rei que lhe explicassem como um homem com doze vinténs por dia podia pagar uma dívida, fazer um empréstimo e sustentar-se a si e a mulher.

Acrescentou ainda: Aquele que decifrasse o enigma ganharia a sua confiança; os outros desterrados ou mortos, porque na sua corte não queria ignorantes nem brutos.

Ficaram os sábios aflitos e os que não eram sábios estudavam de noite e de dia; mas, por mais que matutassem, não podiam sair daquela. O primeiro-ministro, velho muito esperto, andava triste como a morte por ver que perdia os seus belos

créditos. Descorçoado, foi passear para o bosque, onde se sentou a chorar. Daí a pouco veio o carvoeiro e perguntou o que tinha sua Ex.a para estar assim triste.

Contou o ministro o que o rei tinha dito e o carvoeiro consolou-o:

Que lhe desse cem peças de ouro com a cara do rei, que ele lhe ensinava o que era. O ministro, contentíssimo, foi buscar as peças.

No dia em que o rei tinha mandado reunir o conselho perguntou a todos a resposta a sua pergunta e ninguém a soube dar! Então o primeiro-ministro pediu licença e disse o que era, com grande admiração e inveja de toda a corte. O rei, zangado, foi dali ter com o carvoeiro para o mandar matar por ele ter desobedecido. O homenzinho não teve medo, foi buscar as cem peças e, mostrando-as ao rei, disse:

— Vossa Majestade ordenou-me que não desse a explicação sem ver a sua cara cem vezes, e como o seu ministro me deu estas cem peças que a tem cumpri as suas ordens.

O rei riu-se muito e ficou tão contente com o carvoeiro que por força lhe queria dar um prémio. Ele não desejava mais do que tinha; estava assim muito bem, não precisava nada. Mas o rei tanto teimou, que por fim disse-lhe:

— Pois eu só aceito de Vossa Majestade uma coisa. Só quero que Vossa Majestade me de o direito de receber 5 réis de cada marido que tenha medo da mulher.

— Isso é um disparate que não tem razão de ser. Pois é possível que haja um homem tão idiota que se deixe governar pela mulher?! Não, cá no meu reino não há de tu ganhar muito, e então pede outra coisa que eu quero dar-te uma fortuna.

— Se Vossa Majestade me não dá isto, outra coisa não aceito.

Tanto teimou que o rei concedeu-lhe o direito que ele pedia e foi-se embora.

Passou-se tempo, e, um dia que o rei estava na varanda do seu palácio, via uma

carruagem muito bem-posta, e dentro, feito um figurão, o nosso amigo carvoeiro. Mandou-o logo vir a sua presença e perguntou-lhe como tinha aquela fortuna. Respondeu ele.

— Com o direito que Vossa Majestade me deu. Eu já conto como o tenho exercido, mas primeiro vou descrever uma mulher que vi há pouco. Senhor, ela nas faces tem o colorido da rosa! Os seus cabelos são loiros como os trigais maduros! A sua boca é vermelha como os morangos perfumados! As suas mãos compridas são como lírios elegantes! A andar parece a imperatriz das fadas! Os seus olhos, senhor! Não há nada com que os comparar!...

Estava o rei muito entusiasmado a ouvir o carvoeiro feito fidalgo; quando este viu a rainha que chegava, continuou mais alto:

— Enfim, Senhor, ela é tão linda que só a acho digna de Vossa Majestade!...

O rei, muito aflito, atalhou logo:

— Fala baixo, que vem aí a rainha!

O carvoeiro desatou a rir e disse:

— Ah! também!?!... Passe para cá 5 réis.

O rei envergonhado, não teve remédio senão confessar que era muito fácil o fazer fortuna cobrando 5 réis de cada homem que tivesse medo da mulher.

(Ribatejo)

O COMPADRE DIABO

Um pobre jornaleiro tinha um compadre que era o Diabo, mas não o sabia; veio ele e disse-lhe:

— Tu és tão pobre! Sabes que mais? Lembra-me de te dar um grande campo para o trabalhares de meias comigo, com a condição que o que crescer para debaixo da terra há de ser para mim, e o que crescer para cima da terra há de ser para ti.

O jornaleiro aceitou o contrato, e foi trabalhar o campo e semeou-o de trigo. Nasceu muito trigo, que ele colheu no seu tempo, e disse ao compadre que fosse apanhar o que tinha crescido para debaixo da terra. O Diabo só achou raízes, e conheceu que tinha sido enganado pelo compadre. E disse:

— Já me não serve o nosso contrato, e se queres continuar há de ser as avessas: o que crescer para cima da terra há de ser para mim, e o que crescer para baixo é que há de ser para ti.

O lavrador aceitou a condição e semeou o campo todo de batatas; deu uma novidade que era um regalo. Disse ao compadre que fosse apanhar o que tinha crescido para cima da terra, que era a rama da batata, e ele tirou muitos e muitos cestos de batatas, com que fez muito dinheiro. O Diabo viu que perdia sempre no jogo, e quis-se vingar do compadre:

— Ah velhaco, que me enganaste; mas eu é que te não deixo ficar assim; havemos de bater-nos e há de ser as unhadas, que ao menos desta vez hei de ficar de melhor partido.

O lavrador bem sabia que o Diabo tinha umas garras temíveis, mas como não

podia escolher as armas já dava ao Diabo a cordada, e foi ter com a mulher, sem saber como se veria livre daquela alhada. Vai a mulher e diz-lhe:

— Deixa-o vir para cá, que eu o arranjo. No dia em que te vier procurar para brigar contigo, esconde-te, que eu é que vou falar com ele. Chegado o dia, vem o Diabo muito furioso e bate a porta do compadre:

— Aqui estou para irmos brigar.

Vem a mulher e diz:

— Entre para aqui compadre, e espere pelo meu homem, que foi amolar as unhas; olhe que ele sempre dá cada unhada! Aqui está a primeira que ele me deu...

O Diabo tal coisa viu, que botou a fugir com medo de ficar cheio daquelas arranhaduras, e nunca mais voltou lá.

(*Ilha de S. Miguel — Açores*)

NOTA: Sobre esta facécia, Gubernatis apresenta um conto russo em que o Diabo é representado pelo urso com um carácter demoníaco: «O aldeão logra duas vezes o seu companheiro urso; primeiro quando semeiam juntamente nabos, e que o aldeão reserva para si o que cresce debaixo da terra, deixando ao urso o que sai e se levanta acima do chão; depois, quando eles semeiam trigo, e que o urso, julgando-se agora mais esperto, toma para si o que cresce debaixo da terra e cede ao aldeão o que se produz para fora dela. O aldeão está a ponto de ser devorado pelo urso, quando a raposa o vem socorrer.» (*Myth. zoologique*, t. n, p. 119). Deste conto da coleção de Afanasieff, acha-se uma variante na Noruega, n.º 74, da coleção de Asbjornsen, e na Alemanha, na coleção de Grimm, n.º 189. Em um conto caucásico, publicado no *Magazin für die Litter. des Auslands*, n.º 134, de 1834, figura o Diabo, que também é enganado. Sobre este conto

Liebrecht escreveu um estudo comparativo na *Academy*, de 1873, n.º 74, resumido por Gubernatis, *loc. cit.* No *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, cap. 41: *De lo que contescio al Bien y al Mal*, vem este mesmo conto, em que também há os nabos da partilha. (Ed. 1642, fl. III.) Nos *West Highlander's Popular Tales*, de Campbell, acha-se este conto em que figuram a raposa e o lobo, e a cultura é de aveia e depois de batatas. Ap. *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 363, que traz mais estas fontes similares: Rabelais, *Pantagruel*, liv. IV, cap. 45 e 46. La Fontaine, conto de *Le Diable et le Papefigue*. Na tradição oral francesa o conflito dá-se entre S. Martinho e o Diabo. Nos *Contes populaires agenais*, de Blada, figura sob o título de *La Chevre et le Loup*. Gubernatis, na *Mythologie des plantes*, t. II, p. 31, cita este conto mostrando «como os mitos se deslocam e se multiplicam infinitamente, tendo muitas vezes o mesmo ponto de partida.»

OS CORCUNDAS

Havia numa terra dois corcundas que se conheciam e eram amigos; de uma vez um deles perdeu-se numa estrada e foi ter ao meio de uma floresta onde umas bruxas estavam fazendo as suas danças, e diziam:

— Entre quintas e sextas e sábados.

O corcunda foi-se aproximando, e viu ali muito de comer, e começou também a dizer:

— Entre quintas e sextas e sábados.

As feiticeiras vieram ter com o corcunda e deram-lhe muito de comer e fizeram-no dançar; como estava para dar meia-noite, disseram:

— O que se há de fazer a este homem, quando nos formos embora?

— De-se-lhe muito dinheiro.

Outras disseram:

— Tire-se-lhe a corcunda.

Ele apanhou as duas coisas, e foi-se embora; quando chegou a sua terra o outro corcunda perguntou-lhe quem é que o tinha endireitado. O amigo contou-lhe tudo e disse-lhe onde era a floresta; o outro corcunda avistou as mesmas luzes e viu a mesma dança das bruxas; e assim que ouviu elas estarem cantando:

«Entre quintas e sextas e sábados», começou a dizer as mesmas palavras, e acrescentou:

— E os domingos, se for necessário.

As bruxas desesperadas por lhe falarem no domingo, foram ter com ele, deram-

lhe muitos repelões e disseram:

— O que havemos de fazer a este homem?

— Ponha-se-lhe a corcunda que o outro aqui deixou.

E assim ele foi embora com uma giba atrás e outra adiante.

(Porto)

NOTA: Aparece também na tradição popular italiana, coligida pelo Prof. Gubernatis, na *Botanique zoologique*, t. II, p. 249, extraída do livro do médico Pedro Piperno, do séc. XVII, que se intitula *De Nuce maga beneventana*. A troca das corcundas explicada por Gubernatis «é evidentemente o jogo das sombras; a corcunda por detrás é a escuridão da noite, a corcunda por diante, é a sombra na alvorada.» Há uma outra versão portuguesa, de Coimbra, publicada na *Revista de Etnologia e Glotologia*, p. 200. — A tradição tem certa universalidade. Vide também Brueyre, *Contes de la Grande Bretagne*, p. 206, tradição da Irlanda, e Emile Souvestre, Foyer Breton, Les Korils de Plauden, ou Presente dos Gnomos.

Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, vem com o título *Les fées et les deux bossus*.

A MULHER GULOSA

Um homem tinha casado com uma mulher muito lambareira, mas que fingia que nunca tinha vontade de comer; desconfiado espreitava-a, e veio a conhecer que ela não fazia senão comer petiscos. Um dia ele saiu de casa, dizendo-lhe que não vinha senão a noite, e escondeu-se no forno. A mulher, como se achou só, cantou e foi arranjar um almoço de gulodices, que eram formigos de pão esfarelado com mel e ovos. Quando chegou a hora de jantar guisou uma grande pratada de migas, e comeu e lambeu-lhe o queixo. Ao fim da tarde, ainda não era bem lusco com fusco, tornou a acender o lume e ensopou dois franguinhos para a ceia. O marido viu-lhe comer tudo aquilo, e esteve sempre calado, até que quando lhe pareceu saiu do seu esconderijo, e fingiu que entrava em casa como quem vinha de muito longe. Ora o dia esteve sempre de chuva, e o homem vinha enxuto como as palhas; a mulher lá ficou admirada, e disse:

— Ó homem, com este dia de água como vens tão enxuto! Onde estiveste?

Ele respondeu:

Chovia miudinho
Como os formigos que almoçaste;
Se chovesse graudinho
Como as migas que jantaste,
Eu viria ensopadinho
como os frangos que ceaste.

A mulher conheceu que já não enganava o marido, que se serviu deste pé de cantiga para lhe repenicar o pandeiro.

(Porto)

NOTA: Esta facécia encontra-se nas tradições populares do Brasil, coligidas em Pernambuco, com o título *A Mulher Dengosa*, nos *Contos Populares do Brasil*, n.º XLII.

AS IRMÃS GAGÁS

Uma mãe tinha tres filhas, e todas eram tatás: para fazer com que elas não perdessem casamento, disse-lhes:

— Meninas, é preciso estarem sempre caladas quando vier aqui a casa algum rapaz; senão nada feito.

De uma vez trouxe-lhes um noivo para ver se gostava de alguma delas, e não se tinha esquecido de fazer a recomendação as filhas. Estavam elas na presença do noivo, que ainda não tinha dado sinal de sua simpatia, quando uma delas sentiu chiar no lume, e diz logo muito lampeira:

— Ó mãe, o *tutalinho fede*. (Isto é, o pucarinho ferve.) Diz dali a outra irmã:

— Tira-le o *teto e mete-le a tolé*. (Isto é: tira-lhe o testo e mete-lhe a colher.)

A última zangada por ver que as irmãs não obedeciam a recomendação da mãe, exclamou:

— A mãe não *di* que não falará tu? pois agora não *tasará tu*. (Isto é: a mãe não disse que não falaras tu? pois agora não casarás tu.)

O noivo assim que viu que todas elas eram tatebitate desatou a rir e fugiu pela porta fora.

(Porto)

O TINHOSO, O RANHOSO E O SARNOSO

Era uma vez tres irmãos, um era tihoso, o outro ranhoso e o último sarnoso, mas como todos se riam dos seus defeitos, eles bem procuravam encobri-los. Também nunca deixavam escapar ocasião de darem largas a sua vontade; o que era tihoso viu passar um barco no rio, e levantou a mão ao ar, dizendo:

— Deita cá a barca; deita cá a barca.

E nisto ia com a mão a cabeça e dava uma coçadela. O irmão, que era ranhoso, passava as costas da mão pelo nariz, e dizia:

— Atravessa; atravessa.

O que estava cheio de sarna, pos-se a pular e a saracotear-se, e dizia:

— Inda bem, inda bem,

Que a barca já lá vem.

(*Porto*)

VARIANTE

O que era tihoso, levava a mão a altura da cabeça, e coçando como quem não quer a coisa, dizia:

— Lá vem um navio.

Dizia o que era ranhoso, assoando-se as mangas:

— Tanto se me dá que venha por aqui, como por ali.

(Ilha de S. Miguel)

DÁ-ME O MEU MEIO-TOSTÃO

Um compadre perseguia outro por uma dívida; todas as vezes que lhe passava pela porta dizia:

— Dá-me o meu meio-tostão.

O devedor, vexado, disse para a mulher que se ia fingir morto, e que ela o carpisse muito, para ver se quando o compadre passasse lhe perdoava pela sua alma o meio-tostão. Assim fez; a mulher pranteou e depenou-se, mas o compadre veio ao acompanhamento do enterro, e quando o corpo se depositou na igreja deixou-se ficar escondido debaixo da eça. De noite os ladrões entraram na igreja, e como viram a luz das tochas alumando o morto, entenderam que ali era lugar seguro para repartirem o dinheiro e fizeram os quinhões do que tinham roubado. Quando estavam nisto, desavieram-se, porque todos queriam umas certas joias que o capitão dos ladrões reservava para si. Faziam muita bulha, mas o que se fingia morto na eça, e o compadre que estava escondido, passaram sustos medonhos e não se mexiam. Por fim disse o capitão dos ladrões:

— Eu cá não faço questão deste quinhão; mas quem o quiser há de ir espetar esta faca no morto que está ali naquela eça.

Dizia um: «Vou eu»! Outro também queria ir; mas o que se fingia defunto, sem saber como se havia de ver livre da situação desesperada, senta-se no caixão, e diz com terror:

Acudam-me aqui os defuntos,
E venham já todos juntos.

Os ladrões fugiram todos espavoridos e deixaram o dinheiro ao pé da eça; o

compadre que se fingia morto desceu da tumba, e começou a ajuntar o dinheiro espalhado pelo chão. Quando estava nisto sai-lhe debaixo da eça o credor, que nem a borda da cova o largava, e começa a repetir-lhe sem parar:

— Dá-me o meu meio-tostão! Dá-me o meu meio-tostão!

E não se tirava disto. Os ladrões por fim envergonharam-se da sua covardia, e mandaram um mais valente a igreja ver o que por lá havia, e se podiam ir buscar o seu dinheiro. O ladrão veio sorrateiro, escondeu-se detrás de uma porta a escutar, e ouvia só:

— Dá-me o meu meio-tostão!

Desatou a fugir, e foi dizer aos companheiros:

— Está tudo perdido; andam lá tantos defuntos, que não cabe meio-tostão a cada um. Os ladrões conformaram-se com esta desgraça, e o compadre assim é que pagou a sua dívida e ficou rico.

(*Porto*)

NOTA: Acha-se esta facécia nos contos sicilianos, coligidos por G. Pitré, sob o nome de *Giufa*. (*Rev. des deux mondes*, de 1875, 15 de agosto, p. 833.)

O SOLDADO QUE FOI PARA O CÉU

Ia uma vez um soldado para casa com a baixa; quando ao passar por uma ponte encontrou um pobre de pedir, que não tinha dinheiro para pagar a passagem e estava ali parado. Ora o soldado nunca tinha feito bem a ninguém; mas naquele instante teve pena do velhinho e carregou com ele as costas e passou a ponte. O soldado não pagou nada, porque os soldados não pagam, e o velho também não pagou nada porque ia as costas do soldado. Logo que chegou ao outro lado, pos o velho no chão, e ia despedir-se dele, quando o pobre lhe disse:

— Camarada, peça alguma coisa, que o que eu quero é agradecer-lhe.

— Ora o que lhe hei de eu pedir?

— Peça tudo o que quiser.

O soldado pediu: Que todas as vezes que disser: «Salta aqui a minha mochilinha!» nenhuma coisa deixe de obedecer a minha ordem. E que onde quer que me eu assente ninguém me possa mandar levantar.

O velho disse-lhe que estava concedido. Foi-se o soldado muito contente para casa e nunca mais trabalhou, e viveu bem, sem lhe faltar nada. Se queria pão, carne, vinho, dinheiro, dizia: «Salta aqui a minha mochilinha», e tinha logo tudo o que lhe era preciso. Veio o tempo e o soldado estava para morrer; os Diabos vieram logo para lhe levarem a alma, mas o soldado viu-os e gritou: «Saltem aqui já a minha mochilinha!» Os Diabos não tiveram remédio senão obedecer; ele assim que os apanhou dentro da mochila mandou-a a casa do ferreiro para que lhe malhasse em cima até os deixar em estilhas. Por fim o soldado morreu, e como tinha passado sempre na má vida, foi parar ao Inferno.

Os Diabos assim que o lá viram começaram a gritar:

Fecha portas e postigos,
Senão seremos aqui todos batidos.

E aferrolharam as portas, e o soldado não pode entrar para lá; foi então bater as portas do Céu. São Pedro assim que o viu, disse-lhe:

— Vens enganado! Não entras cá. Não te lembras da má vida que levaste?

Responde-lhe o soldado:

— Ó Senhor São Pedro! no Inferno não me quiseram. Eu agora para onde hei de ir?

— Arranja-te lá como puderes.

O soldado viu meia porta do Céu aberta, e pega no barrete e atira-o lá para dentro, e disse:

— Ó Senhor São Pedro, deixe-me ir apanhar o meu barrete.

São Pedro deixou; mas o soldado assim que se viu dentro do portal, sentou-se logo na cadeira dele. São Pedro quis mandá-lo sair mas não pode e foi dali a pressa queixar-se a Nosso Senhor, que lhe disse:

— Deixa-o entrar Pedro, não tens outro remédio, porque assim lhe estava prometido.

E o soldado sempre ficou no Céu.

(Porto)

NOTA: Acha-se na tradição da Bretanha francesa, sob o título de *Moustache*. (Em Souvestre, *Les derniers Bretons*, t. I, p. 83.) Acha-se coligido na tradição popular italiana por G. Pitré; na forma siciliana é um frade, o Grós-

Jean análogo ao Bonhomme Misere, da França, ao Prete Ulivo, da Toscana, Accacini, de Palermo, e Gingannuin, do Castellermini. (Vide *Rev. des deux mondes*, de 1875, 15 de agosto, p. 833.) O soldado que recebe os tres dons, vem também nos contos de Grimm, o *Judeu nas Silvas*, trad. Baudry, p. 243.

O TESOURO DO ENFORCADO

Um pai tinha um filho muito travesso e estroina, e sabia que a grande fortuna que lhe deixava ele a espatifaria toda, pela sua má cabeça. Quando morreu, deixou-lhe um falcão, dizendo que ainda que se visse muito necessitado nunca o vendesse; mas se acontecesse de o vender, que lhe deixava uma carta fechada e que a não abrisse senão depois de ter perdido todas as suas esperanças de melhorar de fortuna. O velho morreu, e o filho começou logo a gastar; vendeu quintas, casas, fez dívidas, ficou por fiador dos amigos, meteu-se em empresas, e quando menos se precatou achou-se sem nada. Restava-lhe ainda o falcão, que o pai recomendou que nunca o vendesse; como ele se achava em grandes apuros, não fez caso da vontade do pai e mandou oferecer o falcão ao rei, que lho comprou. Mas o dinheiro do falcão não chegou senão para alguns dias, acabando por gastá-lo no jogo, onde tinha ficado a melhor parte da sua fortuna. O rapaz, atrapalhado da sua vida, e não tendo mais a que se socorrer, começou a procurar todos os amigos com quem tinha gastado, e todos lhe viraram as costas. Foram tantas as ingratidões e o descaramento dos que lhe tinham ajudado a desbaratar a fortuna, que o rapaz perdeu o gosto da vida e entendeu que o único remédio que lhe restava era matar-se. Foi então que se lembrou que tinha uma carta do pai que ainda estava fechada, e antes de morrer lembrou-se de querer ver o que nela dizia. Abriu a carta, e dentro estava uma chave; e dizia-lhe a rua a que ele devia ir, e a casa em que aquela chave servia para abrir a porta, e que lá acharia pendurada numa trave uma corda, e já que estava sem esperanças nenhuma, que se enforcasse ali. Como o rapaz já pensava assim, aceitou o conselho do pai pela primeira vez, e foi logo a tal rua, deu com a casa, abriu a porta e fechou-se por

dento. Subiu a escada, e chegou a uma sala velha, onde encontrou a corda pendurada; não se pos com mais reflexões, e quando começou a puxar a corda para ver se estava segura, a corda abriu um falso, que estava no teto, e começaram a cair muitas peças de ouro. Ficou o rapaz admirado, ajuntou o dinheiro e já se não quis matar; mas também dali em diante nunca mais gastou a matroca, viveu com juízo, e desprezou os amigos que na sua desgraça lhe tinham virado as costas.

(Porto)

OS PEIXES DO GUARDIÃO

De uma vez estavam os frades comendo no refeitório, e coube a um deles um peixe mui pequenino; este então reparou e viu que no prato do guardião estava um muito grande, e que o comia a boca cheia. O frade era ladino, e para se vingar do jejum a que o obrigavam, abaixou a cabeça sobre o seu peixinho que tinha no prato, e começou a momear, como quem estava a conversar em segredo. O guardião reparou nisto, e pergunta de lá da cabeceira da mesa:

— Ó irmão, Frei fulano, então o que é isso que está fazendo?

— Reverendo Padre-Mestre, estava perguntando a este peixinho se de alguma vez teria encontrado meu pai que morreu afogado no mar; mas ele respondeu-me que, como é mui pequenino, não soube disso, e que quem o poderá saber é o peixe que está no prato de Vossa Reverencia, que é muito grande, e pode bem dar fé de tudo.

(Ilha de S. Miguel)

A COBRA E O CORDÃO DO FRADE

Uns frades comeram desalmadamente; um deles precisou de alargar o cordão que trazia a cinta, mas não queria dar parte de fraco. Lembrou-se de uma estrangeirinha, e disse:

— De uma vez andava ao peditório, e passei por um campo, onde vi deitada ao sol uma cobra, e que cobra! Era assim (e nisto começa a tirar o cordão) pouco mais ou menos deste tamanho (e estendeu o cordão).

Depois tornou a atar o cordão mais largo e continuou a comer, sem que os outros dessem pela esperteza.

(Porto)

O CALDO DE PEDRA

Um frade andava ao peditório; chegou a porta de um lavrador, mas não lhe quiseram dar nada. O frade estava a cair com fome, e disse:

— Vou ver se faço um caldinho de pedra.

E pegou numa pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pos-se a olhar para ela para ver se era boa para fazer um caldo. A gente da casa pos-se a rir do frade, e daquela lembrança. Diz o frade:

— Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.

Responderam-lhe:

— Sempre queremos ver isso.

Foi o que o frade quis ouvir. Depois de ter lavado a pedra, disse:

— Se me emprestassem um pucarinho?

Deram-lhe uma panela de barro. Ele encheu-a de água e deitou-lhe a pedra dentro.

— Agora se me deixassem estar a panelinha aí ao pé das brasas.

Deixaram. Assim que a panela começou a chiar, disse ele:

— Com um bocadinho de unto é que o caldo ficava de primor.

Foram-lhe buscar um pedaço de unto. Ferveu, ferveu, e a gente da casa pasmada para o que via. Diz o frade, provando o caldo:

— Está um bocadinho insonso; bem precisa de uma pedrinha de sal.

Também lhe deram o sal. Temperou, provou, e disse:

— Agora é que com uns olhinhos de couve ficava, que os anjos o comeriam.

A dona da casa foi a horta e trouxe-lhe duas couves. O frade limpou-as, e ripou-as com os dedos deitando as folhas na panela.

Quando os olhos já estavam aferventados, disse o frade:

— Ai, um naquinho de chouriço é que lhe dava uma graça...

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço; ele botou-o a panela, e enquanto se cozia, tirou do alforje pão, e arranjou-se para comer com vagar. O caldo cheirava que era um regalo. Comeu e lambeu o beijo; depois de despejada a panela ficou a pedra no fundo; a gente da casa, que estava com os olhos nele, perguntou-lhe:

— Ó Senhor Frade, então a pedra?

Respondeu o frade:

— A pedra, lavo-a e levo-a comigo para outra vez.

E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

(Porto)

A ENFIADA DE PETAS

Era uma vez um homem, que não pode pagar a renda ao fidalgo de quem era caseiro, e foi-lhe pedir perdoança; o fidalgo pensou que o que ele estava era a mentir, e disse-lhe:

— Só te perdoo as medidas da renda se me disseres uma mentira do tamanho de hoje e amanhã.

Foi-se o lavrador para casa e contou a coisa a mulher, sem saberem como se haviam de arranjar com o senhorio, que os podia por no olho da rua. Um filho tolo, que tinha, disse:

— Ó meu pai, deixe-me ir ter com o fidalgo, que eu hei de arranjar a coisa de modo que ele não tenha remédio senão dar a perdoança das medidas.

— Mas tu não atas coisa com coisa.

— Por isso mesmo.

Foi o tolo e pediu para falar ao fidalgo, dizendo que vinha ali pagar a renda. O fidalgo mandou-o entrar; ele então disse:

— Saberá Vossa Senhoria, que a anesa foi má, mas isso não faz ao caso; meu pai tinha tantos cortiços de abelhas que não lhe dava conta; pos-se a contar as abelhas e acertou de lhe faltar uma; botou o machado as costas e foi procurar a abelha; achou-a pousada na carucha de uma amieira; vai ele cortou a amieira para caçar a abelha, que por sinal vinha tão carregadinha de mel, que ele crestou-a, e não tendo em que guardar o mel meteu a mão no seio e tirou dois piolhos e fez da pele dois odres que encheu, mas quando vinha a entrar em casa, uma galinha comeu-lhe a abelha; atirou a galinha com o machado para a matar,

mas o machado perdeu-se entre as penas; chegou o fogo as penas, e depois que elas arderam é que achou o olho do machado; dali foi ao ferreiro para lho arranjar, e o ferreiro fez-lhe um anzol, com que foi ao rio apanhar peixes, e saiu-lhe uma albarda, tornou a deitar o anzol e apanhou um burro morto há tres dias que pestanejava; botou-se a cavalo nele e foi ao ferrador para lhe dar uma mezinha, e ele deu-lhe o remédio de sumo de fava seca, mas nisto caiu-lhe um bocado num ouvido, onde lhe nasceu tamanho faval, que tem dado favas, que ainda aí trago quinze carros delas para pagar a renda a Vossa Senhoria.

O fidalgo, já enfadado, com tanta patranha, disse:

— Ó rapaz, tu mentes com quantos dentes tens na boca.

— Pois, senhor, está a nossa renda paga.

(Airão)

NOTA: Há uma variante de Ourilhe, nos *Contos Populares Portugueses*, n.º LVII. (Na *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, vol. IV, p. 91.) No *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, p. 434, publicou Rodrigues de Azevedo uma versão metrificada: *Conto das Mentiras: Lindo conto de mentiras / Eu agora vou contar; / Quem quiser que venha ouvir / Novos casos de pasmar: // Era eu homem para tudo, / Eu ia a todo o lugar; / Eu fiz o que ninguém fez, / Vi o que não há sonhar. / Onde o mundo se acaba, / Fui uma vez eu parar; / O que lá me aconteceu, / Ninguém pode adivinhar: / Em terra, colhi sardinhas, / E rosas pesquei no mar; / Encontrei um pessegueiro / Grandes maçãs a criar, / E, quando voltei os olhos, / Tinha ameixas a vergar; / Assubi a riba d'ele, / Com marmelos vou topar; / Chega o dono da terra / Por figos a perguntar; / Respondi que eram pepinos / O que eu estava a apanhar; / Dando-lhe eu o salve-Deus, / Ele salta a praguejar, / A querer pague em dinheiro / O que eu não quero comprar; / Mas logo lhe dei o troco, / Antes do preço pagar / Ativei-lhe com*

*um assopro, / Uma pedra lhe foi dar; / Deu-lhe a pedra na canela, / Mas quebrou o
calcanhar; / Ele foi quem apanhou / Eu quem rompeu a gritar: / A justiça d'el-rei veio
/ Começou a devassar; / E agora lo mentir, / Testemunhas vão jurar: / Juraram que eu
fui roubado, / Que viram outrem furtar; / O queixoso ficou preso, / E eu fiquei a folgar.*

SEMPRE NÃO

Um cavaleiro, casado com uma dama nobre e formosa, teve de ir fazer uma longa jornada; receando que acontecesse algum caso desagradável enquanto estivesse ausente, fez com que a mulher lhe promettesse, que enquanto ele estivesse fora de casa diria a tudo: — Não. Assim pensava o cavaleiro que resguardaria o seu castelo do atrevimento dos pajens ou de qualquer aventureiro que por ali passasse. O cavaleiro já havia muito que se demorava na corte, e a mulher aborrecida na solidão do castelo não tinha outra distração senão passar as tardes a olhar para longe, da torre do miradouro. Um dia passou um cavaleiro, todo galante, e cumprimentou a dama; ela fez-lhe a sua mesura. O cavaleiro viu-a tão formosa, que sentiu logo ali uma grande paixão, e disse:

— Senhora de toda a formosura! Consentis que descanse esta noite no vosso solar? Ela respondeu:

— Não!

O cavaleiro ficou um pouco admirado da secura daquele não, e continuou:

— Pois quereis que seja comido dos lobos ao atravessar a serra? Ela respondeu:

— Não.

Mais pasmado ficou o cavaleiro com aquela mudança, e insistiu:

— E quereis que vá cair nas mãos dos salteadores ao passar pela floresta?

Ela respondeu:

— Não.

Começou o cavaleiro a compreender que aquele «Não» seria talvez sermão

encomendado, e virou as suas perguntas;

— Então, fechais-me o vosso castelo?

Ela respondeu:

— Não.

— Recusais que pernoite aqui?

— Não.

Diante destas respostas o cavaleiro entrou no castelo, e foi conversar com a dama, e a tudo o que lhe dizia ela foi sempre respondendo «Não». Quando no fim do serão se despediam para se recolherem a suas camaras, disse o cavaleiro:

— Consentis que eu fique longe de vós?

— Ela respondeu:

— Não.

— E que me retire do vosso quarto?

— Não.

O cavaleiro partiu, e chegou a corte, onde estavam muitos fidalgos conversando ao braseiro, e contando as suas aventuras. Coube a vez ao que tinha chegado, e contou a história do Não; mas quando ia já a contar o modo como se metera na cama da castelã, o marido, já sem ter mão em si, perguntou agoniado:

— Mas onde foi isso, cavaleiro?

O outro percebeu a aflição do marido e continuou sereno:

— Ora quando ia eu a entrar para o quarto da dama, tropeço no tapete, sinto um grande solavanco, e acordo! Fiquei desesperado em interromper-se um sonho tão lindo.

O marido respirou aliviado, mas de todas as histórias foi aquela a mais estimada.

(Açores)

MANUEL FEIJÃO

Dois casados viviam muito tristes por serem já velhos e não terem filhos. Vai a mulher disse uma vez:

— A coisa que eu mais queria neste mundo era ter um filho, ainda que ele fosse do tamanho de um feijão.

Passados tempos, quando menos o esperavam, a velha teve um filho, tão pequerruchinho, tão pequerruchinho, que era mesmo do tamanho de um feijão. Criou-se o menino, e puseram-lhe o nome de Manuel Feijão; a mãe nunca tirava o sentido dele, e ainda assim muitas vezes o perdia. De uma vez foi botar umas gavelas ao boi, e entre elas tinha-se perdido Manuel Feijão e o boi engoliu-o. A mãe muito apoquentada começou a gritar por toda a parte:

— Manuel Feijão! Manuel Feijão!

Ele respondia dentro da barriga do boi:

— Crós, crós!

— Manuel Feijão, onde estás?

— Crós, crós! na barriga do boi.

A mãe pos-se a aparar o que o boi fazia, e assim tornou a achar Manuel Feijão todo sujinho; lavou-o muito bem lavado, mas o pequeno era muito traquina, não tinha medo dos bois, e até os queria levar para o campo. Metia-se-lhe numa venta, e assim os guiava para pastar e para voltar para casa, e até para levar no carro o jantar ao pai. De uma vez teve necessidade, e acorrou-se debaixo de uns feitos; ora andava por ali uma cabra a pastar, e indo comer os olhinhos do feito, engoliu Manuel Feijão. A mãe ficou desta vez mais aflita porque o pequeno não

aparecia; a cabra com as dores de barriga, corria por combros e valados, mas sempre vinha dar a horta do pobre lavrador; mas por fim cansado de escorraçar a cabra, e temendo que fosse coisa ruim, o pai de Manuel Feijão deu uma estourada na cabra, e matou-a, e atirou com ela para o meio da estrada. Veio de noite um lobo e comeu as tripas da cabra, e lá se foi se foi Manuel Feijão aos tombos dentro da barriga do lobo. Começou a dar-lhe voltas nas tripas e o lobo com as dores subiu-se por um pinheiro acima. Nisto vem uns ladrões carregados com uns sacos de dinheiro, em cima de um macho; Manuel Feijão faz com que o lobo se atire lá de cima, arrebentou no meio do dão, e os ladrões fugiram espantados. Manuel Feijão assim que apanhou o lobo com as tripas de fora, saiu lá de dentro, e subiu para o macho, meteu-se dentro de uma orelha e começou a beliscá-lo. O macho botou a fugir, a fugir, e ele guiou-o para casa do pai, e chegou a porta ainda de noite, a fazer muito estrupido. Perguntaram de dentro:

— Quem é que está aí?

— É Manuel Feijão. Crós! Crós!

A mãe conheceu-o, veio abrir a pressa; abraçou-o, lavou-o, e o pai foi descarregar o macho e guardar os sacos de dinheiro, e foram todos muito felizes.

(*Porto e Açores*)

NOTA: É o célebre conto do *Petit Poucet*, de Perrault; Emm. Cosquin coligiu-o da tradição oral outra vez nos seus *Contes populaires lorrains*; Maspons y Labrós, trá-lo nos seus *Rondellaires*, com o título *En pere Patufet*. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem na forma de um poema *Tom Thumb*, e uma versão oral coligida por Campbell. Gaston Paris publicou em 1875 uma outra versão popular no começo da sua monografia intitulada

Petit Poucet em que procura provar que este conto deriva do mito da Grande Ursa. (O autor brindou-nos com um exemplar deste valioso opúsculo.) Hyacinthe Husson, na *Chaine traditionnelle*, p. 28, discute o sentido mítico, e apresenta a indicação de uma versão russa (p. 34). Nos *Contos* de Grimm é o *Tom Puce*, trad. de Baudry, *Contes choisis*, p. 145. Gubernatis, na *Mitologia Zoológica*, t. II, p. 159 e 160, cita o conto piemontes de *Piccolino*, e o conto russo de *Malciks palcik* (dedo mindinho). Nos *Contos Populares Portugueses*, n.º XXXIII, há uma versão de Bragança intitulada *O Grão de Milho*. Há outra versão italiana, de Pitré: *Una variante toscana della novella del Petit Poucet*. Nos *Contos Populares da Córsega*, traz Ortoili, sob o n.º XIV, *Ditu migliulella*, sobre o tema de *Poucet*; variante toscana de Sabatini (*Riv. lett. popolare*, vol. I, fasc. II); Gubernatis, *Pulce*, (*Novelle di Santo Stefano*, n.º 2); versão toscana de Pitré, Cecino; versão livornesa e úmbria, *Cecio*; Monaci e Gianandrea, variante, estudo do ciclo desta novela. Milá y Fontanals, Maspons y Labrós, trazem versões catalãs, *El hijo menor* e *Le noy petit Krauss*; *Cantos e Contos dos Eslavos do Sul*; variante, e *Damerling*, traduzida no Florilégio de Gubernatis, p. 235: *Pellicino*, elemento do vasto ciclo dos Dois ou dos Tres Irmãos. Na tradição popular do Minho tem o título significativo *O Dedo Polegar*. Nos contos populares de Lorraine, t. II, p. 147, *Petit Poucet* apresenta Emm. Cosquin numerosos paradigmas.

CAIU-ME NA MINHA CATULINHA

De uma vez andava uma galinha a esgravatar no chão, e caiu-lhe um bocado de caliça em cima da cabeça; a galinha espantada botou a fugir, e encontrou um galo, que lhe perguntou:

— Para onde vais a fugir, comadre galinha?

Ela respondeu:

— Caiu-me na minha catulinha! É o céu que está a cair aos pedaços.

O galo pos-se também a fugir com a galinha; encontraram um porco, que andava a landra, e assim que os viu, perguntou:

— Para onde ides a fugir? tão asinha?

— Caiu-me na minha catulinha. Está o céu a cair aos pedaços.

O porco também foi com ele; encontraram um gato, que lhe perguntou:

— Para onde ides a fugir tão asinha?

Respondeu a galinha:

— Caiu-me na minha catulinha! Está o céu a vir abaixo aos pedaços.

O gato foi também a fugir com eles todos; e assim foram encontrando um pato, uma raposa, uma cabra, uma ovelha que iam todos juntos por esse mundo fora. Até que encontraram um cão, que lhes perguntou:

— Para onde é que vai toda esta romaria?

Respondeu a galinha:

— E o céu que está caindo aos pedaços. Caiu-me na minha catulinha.

Todos os animais diziam que nada tinham visto, mas que era a galinha que lho

dizia. Disse então o cão:

— Não vão para diante, e fiquem aqui debaixo da cama com a minha velha, até ver em que as coisas param.

Lá ficaram. A velha, de noite, coçava-se com as pulgas, e a cama rangia. Os animais com medo de que caísse o céu aos pedaços, faziam muita bulha,

A galinha cacarejava,
e o galo cantarolava,
e o porco roncava,
e o gato miava,
e o pato grasnava,
a raposa regougava,
a cabra berrava,
a ovelha balava,
o cão ladrava,
e a velha dizia:
— Mal hajas, tu cão,
Que não agradeces
O bem que te fão.

(Porto)

NOTA: Acha-se também nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 377. Na *Biblioteca das Tradições Populares Espanholas*, vol. IV, p. 101.

CASAR E DESCASAR

Um lavrador rico tinha só uma filha, que era muito linda; uma noite falando com a sua mulher, quando já estava tudo sossegado em casa, disse-lhe:

— A nossa filha já está casadoira, e nós temos uns bens bons, que hão de ficar para ela, e faz minga de lhe dar um marido que seja capaz.

— Ora quem há de ser? — disse a mulher:

— Eu cá já tenho um de olho. É o filho daquele lavrador que mora ali ao cabo da vila.

— Lá esse também me parece bom rapaz, e não tenho que lhe dizer.

A rapariga que ainda estava acordada, ouviu tudo, e no outro dia quando o pai e a mãe estavam no campo a apanhar os feijões, pos-se a janela e quando viu passar o noivo, disse:

— Entra cá, Manuel. Sabes que mais? Meu pai quer-me casar contigo.

O rapaz entrou para dentro, e disse:

— Também eu quero; e então vamos a isso.

A rapariga era babana e esteve pelos atos. Quando ele se foi embora, a rapariga foi levar o jantar ao campo, e disse muito contente:

— Meu pai, eu já casei com o filho do lavrador do cabo da vila.

O pai ficou muito admirado, e assim que soube a verdade do acontecido, pos-se a berrar desesperado e quis-lhe bater. No dia seguinte, ela põe-se muito triste a janela, e assim que viu passar o rapaz chamou por ele:

— Entra cá, Manuel. Meu pai não gostou do nosso casamento, e então é preciso

que a gente se descase.

— Vamos a isso. As coisas desfazem-se do mesmo feitio que se fazem.

Tornou a rapariga ao campo a levar o jantar e contou tudo ao pai, que já se tinha descasado. Ele ficou ainda mais desesperado e desta vez bateu-lhe a valer. Quando foi falar com o lavrador a respeito do casamento da filha, já o rapaz estava embeijado com outra, e com o casamento ajustado. A moça não ficou triste nem alegre, e esperou o dia do casamento. Ora naquela terra era costume darem um jantar em casa do padrinho antes de os noivos se irem arreceber; quando estavam a mesa, apareceu a moça que se tinha descasado, muito asseada, com todo o ouro que tinha, e pegou num copo e fez uma saúde, dizendo:

Venho aqui brindar

O noivo que se casa

E torna a descasar.

E repetia isto a todo o propósito. A noiva que ouviu, perguntou ao rapaz o que é que queria aquilo dizer? Ele contou-lhe tudo; vai ela e diz:

— Sempre é muito tola, não é? Eu cá trago um filho do nosso abade, e nem meu pai nem minha mãe o sabem.

O rapaz caiu em si a tempo; e disse para os convidados:

— Meus senhores, quero-lhes fazer uma pergunta: Quem tinha uma chave de ouro e a perdeu, e se serve com uma de prata, se tornar a achar a de ouro deve deitá-la fora?

Responderam os convidados:

— Deve querer antes a chave de ouro.

— Pois é o que eu faço.

E o filho do lavrador saiu pela porta fora e foi tratar de se receber com a rapariga inocente de que a resabiada tinha feito chacota.

(Minho — Airão)

O CEGO E O MOÇO

Um cego andava pedindo esmola pela mão de um moço; a uma porta deram-lhe um naco de pão e um bocado de linguiça. O moço pegou no pão e deu-o ao cego para mete-lo na sacola, e ia comendo a linguiça muito a sorrelfa. O cego, desconfiado, pelo caminho começa a bradar com o moço:

— Ó grande tratante, cheira-me a linguiça! Acolá deram-me linguiça e tu só me entregaste o pão.

— Pela minha salvação, que não deram senão pão.

— Mas cheira-me a linguiça, refinado larápio!

E começou a bater com o bordão no moço pancadas de criar bicho. O moço era ladino e disse lá para si que o cego lhas havia de pagar. Quando iam por uns campos onde estavam uns sobreiros, o moço embicou o cego para um tronco, e grita-lhe:

— Salta, que é rego.

O cego vai para saltar e bate com os focinhos no sobreiro. Grita ele:

— Ó rapaz do diabo! Que te racho.

Diz-lhe ele:

— Pois cheira-lhe o pão a linguiça,
E não lhe cheira o sobreiro a cortiça?

(Porto)

NOTA: Esta facécia popular acha-se com variantes na *Hora de Recreio*, do padre João Batista de Castro, t. I, p. 123: *O Cego e o Moço Comendo Uvas*.

O CEGO E O MEALHEIRO

Era uma vez um cego que tinha ajuntado no peditório uma boa quantia de moedas. Para que ninguém lhas roubasse, tinha-as metido dentro de uma panela, que guardava enterrada no quintal, debaixo de uma figueira. Ele lá sabia o lugar, e quando ajuntava outra boa maquia, desenterrava a panela, contava tudo e tornava a esconder o seu tesouro. Um vizinho espreitou-o, viu onde é que ele enterrava a panela, e foi lá e roubou tudo. Quando o cego deu pela falta, ficou muito calado, mas começou a dar voltas ao miolo para ver se arranjava estrangeirinha para tornar a apanhar o seu dinheiro. Pos-se a considerar quem seria o ladrão, e achou lá para si que era por força um vizinho. Tratou de vir a fala, e disse-lhe:

— Olhe, meu amigo, quero-lhe dizer uma coisa muito em particular, que ninguém nos oiça.

— Então que é, Senhor Vizinho?

— Eu ando doente, e isto há viver e morrer; por isso quer-lhe dar parte que tenho algumas moedas enterradas no quintal, dentro de uma panela, mesmo debaixo da figueira. Já se sabe, como não tenho parentes, há de ficar tudo para vossemece, que sempre tem sido bom vizinho e me tem tratado bem. Ainda tinha aí num buraco mais umas peças, e quero guardar tudo junto, para o que der e vier.

O vizinho ouviu aquilo, e agradeceu-lhe muito a sua intenção, e naquela noite tratou logo de ir enterrar outra vez a panela de dinheiro debaixo da figueira, para ver se apanhava o resto das peças ao cego. Quando bem o entendeu, o cego

foi ao sítio, encontrou a panela e trouxe-a para casa, e então é que se pos a fazer uma grande caramunha ao vizinho, dizendo:

— Roubaram-me tudo! Roubaram-me tudo, Senhor Vizinho.

E daí em diante guardou o seu dinheiro onde ninguém por mais pintado dava com ele.

(*Porto*)

NOTA: Apesar de ser uma simples facécia, tem raízes tradicionais; acha-se no *Alívio de Caminhantes*, de Timoneda, n.º 49, p. 181, da ed. Ribadaneyra.

O AVARENTO

Havia numa terra um homem muito rico, e nenhuma mulher queria casar com ele porque tinha unhas de fome e era um cheira vinténs. Uma rapariga mais esperta deixou-se conversar por ele, e quando veio a falar-lhe em casamento, respondeu logo que sim! O velho ficou contente, mas disse:

— Menina! eu quero desenganá-la; olhe que na minha casa não se acende lume, e um vintém chega para todas as despesas da semana. Veja lá o que faz.

A rapariga, que tinha a sua travada, não tornou atrás com a palavra, e casaram. O velho não alargava os cordões a bolsa, dava por conta as castanhas, e o pão secava-o ao sol para ser mais duro e se comer menos. Mas a rapariga, que era ladina, tratou mais foi de comer as escondidas; deu com um falso onde o velho tinha bastante dinheiro, comprava galinhas, depenava-as e guardava as penas em uma arca, para que o velho o não soubesse. Assim ia andando, e estava gorda e rosebunda. O velho, que se mirrava e tinha a pele em cima dos ossos, admirava-se do que via, e disse-lhe:

— Sempre te vai muito bem na minha casa. Olha que as sopas de teu pai nunca te engordaram tanto.

A rapariga, enjoada com a sovinice do velho, não teve mão em si, e respondeu:

— Voce sempre é o pai da miséria! Se eu comesse só o que me dá, já tinha morrido umas poucas de vezes. Olhe, quer saber quem me dá estas cores? Veja esta arca.

E abriu uma grande caixa, que estava cheia até cima de penas de galinha:

— Tenho comido aquilo tudo!

O velho assim que tal viu, caiu para a banda com um ataque; levaram-no para a cama, e vieram os vizinhos aos gritos da mulher, que fingia que se lamentava. Assim que entraram no quarto, o velho ainda falava, mas só dizia o resto das frases que tinha ouvido:

— Tudo... a minha mulher... Come... Tudo a minha mulher.

Disse ela para os vizinhos:

— Sejam boas testemunhas, que meu marido diz que deixa tudo a sua mulher.

O velho morreu com a boca retorcida, e a mulher levantou-se com tudo o que havia em casa, e os parentes do velho ficaram a chuchar no dedo.

(Porto)

OS TRÊS CONSELHOS

Um pobre rapaz tinha casado, e para arranjar a sua vida logo ao fim do primeiro ano teve de ir servir uns patrões muito longe. Ele era assim bom homem, e pediu ao amo que lhe fosse guardando na mão o dinheiro das soldadas. Ao fim de uns quatro anos já tinha um par de moedas, que lhe chegava para comprar um eidico, e quis voltar para casa. O patrão disse-lhe:

— Qual queres, tres bons conselhos que te hão de servir para toda a vida, ou o teu dinheiro?

— Ele, o dinheiro é sangue, como diz o outro.

— Mas podem roubar-to pelo caminho e matarem-te.

— Pois então venham de lá os conselhos.

Disse-lhe o patrão:

— O primeiro conselho que te dou é que nunca te metas por atalho, podendo andar pela estrada real.

— Cá me fica para meu governo.

— O segundo, é que nunca pernoites em casa de homem velho casado com mulher nova. Agora o terceiro vem a ser: Nunca te decidas pelas primeiras aparencias.

O rapaz guardou na memória os tres conselhos, que representavam todas as suas soldadas; e quando se ia embora, a dona da casa deu-lhe um bolo para o caminho, se tivesse fome; mas que era melhor come-lo em casa com a mulher, quando lá chegasse. Partiu o homenzinho do Senhor, e encontrou-se na estrada com uns almocreves que levavam uns machos com fazendas; foram-se

acompanhando e contando a sua vida, e chegando lá a um ponto da estrada, disse o almocreve que cortava ali por uns atalhos, porque poupava meia hora de caminho. O rapaz foi batendo pela estrada real, e quando ia chegando a um povoado, viu vir o almocreve todo esbaforido sem os machos; tinham-no roubado e espancado na quelha. Disse o moço:

— Já me valeu o primeiro conselho.

Seguiu o seu caminho, e chegou já de noite a uma venda, onde foi beber uma pinga, e onde tencionava pernoitar; mas quando viu o taverneiro já homem entrado, e a mulher ainda frescalhuda, pagou e foi andando sempre. Quando chegou a vila, ia lá um rebuliço; era que a Justiça andava em busca de um assassino que tinha fugido com a mulher do taverneiro que fora morto naquela noite. Disse o rapaz lá consigo:

— Bem empregado dinheiro o que me levou o patrão por este conselho.

E picou o passo, para ainda naquele dia chegar a casa. E lá chegou; quando se ia aproximando da porta, viu dentro de casa um homem, sentado ao lume com a sua mulher! A sua primeira ideia foi ir matar logo ali a ambos. Lembrou-se do conselho, e curtiu consigo a sua dor, e entrou muito fresco pela porta dentro. A mulher veio abraçá-lo, e disse:

— Aqui está meu irmão, que chegou hoje mesmo do Brasil. Que dia! E tu também ao fim de quatro anos!

Abraçaram-se todos muito contentes, e quando foi a ceia para a mesa, o marido vai a partir o bolo, e aparece-lhe dentro todo o dinheiro das suas soldadas. E por isso diz o outro, ainda há quem faça bem.

(Porto)

NOTA: Além da versão oral, temos uma redação literária nos *Contos Proveitosos*

de Trancoso, do século XIV. No *Conde de Lucanor*, cap. XLV, fl. 116, há uma versão, indubitavelmente de origem árabe. No *Violier des histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. 94, uma outra versão moralizada, com notas. No *Patranuelo*, de Timoneda, n.º XVII, vem uma história análoga. Vid. n.º 161. Um conto grego-salentino *Os Tres Conselhos de Salomão*, publicado e traduzido por Vito De Palumbo.

O SACO DAS NOZES

O abade de uma freguesia costumava fazer a sua prática aos domingos, e reprendia os costumes do povo conforme lhe dava jeito. De uma vez disse:

— Eu sei que cá na freguesia anda o costume de obedecerem os homens as mulheres, o que é contra os mandatos da escritura, e como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo, onde pode mais a galinha do que o galo. Ora eu tive este ano muitas nozes no passal, e aqui declaro que dou um sacco cheio delas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa quem se achar em sua consciencia sem este mau costume, pode ir ao passal buscar as nozes.

Estava na igreja um homem casado, que era muito ralhão, e que tratava a mulher de mau modo, e em casa ninguém abria bico diante dele; disse para um que estava a sua beira:

— Nozes já eu tenho, e é que ninguém mas tira; pelo menos ninguém cá da freguesia mas tira.

Chegado ao fim da missa apresentou-se em casa do abade:

— Aqui estou, senhor meu; não há aí ninguém pela freguesia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

— Eu bem sei o teu viver. E pelo que me tem dito, levas as nozes. Anda cá encher o sacco.

O homem entrou, e puxou de um sacco meão; diz-lhe o abade:

— Ó homem, tu não tinhas lá outro sacco maior do que isso?

— Tinha, sim senhor.

— Então porque não trouxeste um saco bem grande?

— Oh senhor, eu trazia; mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha, teimou que trouxesse um mais maneirinho...

— Ah, grande tratante! despeja-me já essas nozes, que não levas daqui nada. Anda, tudo, tudo e põe-te já no olho da rua.

O homem foi-se arrepelando por lhe ter fugido a língua para a verdade.

(Porto)

O SAPATEIRO POBRE

Havia um sapateiro que trabalhava a porta de casa, e todo o santíssimo dia cantava; tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e a noite enquanto a mulher fazia a ceia, o homem puxava da viola e tocava os seus batusques muito contente. Defronte dele morava um ricoço, que reparou naquele viver, e teve pelo sapateiro tal compaixão, que lhe mandou dar um saco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado; pegou no dinheiro e a noite fechou-se com a mulher para o contarem. Naquela noite o sapateiro já não tocou viola; as crianças andavam a brincar pela casa e faziam barulho, fizeram-no errar a conta e ele teve de lhes bater, e ouviu-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando tinham mais fome. Dizia a mulher:

— E agora, o que havemos nós de fazer a tanto dinheiro?

— Enterra-se.

— Perdemos-lhe depois o tino; é melhor mete-lo na arca.

— Mas podem furtá-lo. O melhor é po-lo a render.

— Ora isso é ser onzeneiro.

— Então levantam-se as casas, e fazem-se de sobrado, e depois arranjo a oficina toda pintadinha.

— Isso não tem nada com a obra; o melhor era comprarmos uns carapinhos; eu sou filha de lavrador e puxa-me o corpo para o campo.

— Nessa não caio eu.

— Pois o que me faz conta é ter terra; tudo o mais é vento.

As coisas foram-se azedando, palavra puxa palavra, o homem zanga-se, atíça duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro de outra, naquela noite não pregaram olho. O vizinho ricaço reparava em tudo, e não sabia explicar aquela mudança. Por fim o sapateiro disse a mulher:

— Sabes que mais, o dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir levá-lo outra vez ao vizinho dali defronte, e que nos deixe cá com aquela pobreza que nos fazia amigos um do outro.

A mulher abraçou aquilo com ambas as mãos e o sapateiro com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e trabalhar como o costume.

(Porto)

O SINAL DA NOBREZA

Chegou-se um pobre ao pé de um indivíduo que parecia asseado, e reparando-lhe para o pescoço, disse:

— De-me licença de lhe tirar uma pulga.

O outro consentiu, e assim que viu a pulga, meteu a mão na algibeira e deu um pinto ao pobre em recompensa.

Um outro pobre que observou o acontecido, entendeu para si que se ele dava um pinto a quem lhe tirava uma pulga, o que não daria a quem lhe achasse um piolho.

Aproximou-se também do indivíduo, e disse:

— De-me licença, o senhor, de lhe tirar um piolho do casaco.

De facto tirou-lhe um piolho, mas o homem não lhe deu nada, e repeliu-o.

— Então o senhor dá um pinto a quem lhe tira uma pulga, e escorraça quem lhe cata um piolho?

— É verdade; voce fique sabendo que as pulgas são dos cães, e os piolhos dos fidalgos.

E foi-se andando como quem estava certo da sua nobreza.

(*Porto*)

A ESTÁTUA QUE COME

Havia numa igreja uma estátua de mármore que estava com a boca aberta. Uns homens começaram a falar ao pé dela, e disse um:

— Está há tantos anos com a boca aberta, sem ninguém lhe dar de comer.

— Pois se ela quiser de comer, que venha a minha casa.

Ora o que disse isto era muito pobre; a noite quando chegou a casa, bateram-lhe a porta, e era a estátua que dizia que estava ali para cear com ele. O homem atrapalhou-se alguma coisa, e respondeu-lhe a verdade, que não tinha que cear porque era muito pobre.

— Pois vai pedir por esse mundo, até teres que me dar a comer.

Dizendo isto, a estátua foi-se embora, e o pobre homem não pode mais ficar sossegado e foi pedir por esse mundo. Passado muito tempo estava rico, e veio outra vez a sua terra, procurou a sua casa, e viu outras no seu lugar, e todos lhe diziam que já não se lembravam de se terem feito obras naquele local. Foi a igreja e viu ainda lá a estátua que tinha convidado, e quando se foi chegando para ela, viu-lhe ainda a boca aberta, e pensou consigo:

— Eu convidei-a há tanto tempo, que ela já não me conhece.

E aproximando-se mais, ouviu a estátua dizer:

— Bem te conheço, e agora que estás rico é que virás cear comigo.

E caiu-lhe em cima, e matou-o.

(Sardoal)

NOTA: Convém aproximar esta lenda do conto da [Mirra](#), para se completarem os elementos da lenda de Dom João em Portugal. No n.º V do *Positivismo*, vol. IV, vem um estudo acerca dos vestígios míticos desta tradição.

AS ADIVINHAS EM ANEXINS

Um rei quis experimentar o juízo de tres conselheiros que tinha, e indo a passear com eles encontrou um velho a trabalhar num campo, e saudou-o:

— Muita neve vai na serra!

Respondeu o velho com a cara alegre:

— Já, senhor, é tempo dela.

Os conselheiros ficaram a olhar uns para os outros, porque era verão, e não percebiam o que o velho e o rei queriam dizer na sua. O rei fez-lhe outra pergunta:

— Quantas vezes te ardeu a casa?

— Já, senhor, por duas vezes.

— E quantas contas ser depenado?

— Ainda me faltam tres vezes.

Mais pasmados ficaram os conselheiros; o rei disse para o velho:

— Pois se cá te vierem tres patos, depena-os tu.

— Depenarei, Real Senhor, porque assim o manda.

O rei seguiu seu caminho a mofar da sabedoria dos conselheiros, e que os ia despedir do seu serviço se lhe não soubessem explicar a conversa que tivera com o velho. Eles, querendo campar por espertos, foram ter com o velho para explicar a conversa; o velho respondeu:

— Explico tudo, mas só se se despirem e me derem a roupa e o dinheiro que trazem.

Não tiveram outro remédio senão obedecer; o velho disse:

— Olhem: «Muita neve vai na serra», é porque eu estou cheio de cabelos brancos; «já é tempo dela», é porque tenho idade para isso. «Quantas vezes me ardeu a casa?» é porque diz lá o ditado: «Quantas vezes te ardeu a casa? Quantas casei a filha.» E como já casei duas filhas sei o que isso custa. «E quantas vezes conto ser depenado?» é que ainda tenho tres filhas solteiras e lá diz o outro:

Quem casa filha

Depenado fica.

Agora os tres patos que me mandou o rei são Vossas Mercês, que se despiram e me deram os seus fatos para lhes explicar tudo.

Os conselheiros do rei iam-se zangando, quando o rei apareceu, e disse que se eles quisessem voltar para o palácio vestidos que se haviam ali obrigar a darem tres dotes bons para o casamento das outras tres filhas do velho lavrador.

(Porto)

NOTA: Nos *Adágios*, do padre António Delicado, do século XVII, vem estes anexins a pág. 44, o que nos determina certa antiguidade da facécia. Há uma variante nos *Contos Infantis*.

A PRINCESA CARLOTA (Grisélidis)

Havia um rei que era solteiro, e os conselheiros instavam com ele que se casasse, para deixar sucessores ao trono. O rei era amigo de caçar, e sempre que saía passava defronte de uma cabana, onde morava um velho pastor e sua formosa filha, chamada Carlota. Um dia disse o rei do pastor:

— Os meus vassallos querem que eu case, e tu és a única mulher de quem gosto; queres casar comigo?

— Isso não pode ser, senhor; porque eu apenas sou uma pobre pastora.

— É o mesmo, caso contigo; mas com uma condição, de nunca me contrariar nos meus desejos, por menos razoáveis que sejam.

— Estou por tudo que Vossa Majestade me ordenar.

Realizou-se o casamento. O rei mandou para a cabana do pobre velho fatos de rainha, que ela vestiu, largando os seus trapinhos. Então, disse-lhe o velho pai:

— Guarda esses trapinhos para quando te sejam precisos.

A filha guardou os trapos em uma caixa, que deixou em poder do pai, e partiu para o palácio.

Ao fim de nove meses deu a luz uma menina, tão formosa como sua mãe. Passados tres dias entrou o rei no quarto da esposa e disse-lhe:

— Trago-te uma triste notícia: os meus vassallos querem que eu mande matar a nossa filha, porque se não conformam ser um dia governados pela filha de uma pastora.

— Vossa Majestade manda, e cumpre-me obedecer — respondeu a rainha,

quase a saltarem-lhe as lágrimas dos olhos.

O rei recebeu a menina e entregou-a a um conselheiro. Tempos depois teve a rainha um filho, que o rei mandou igualmente matar sob o mesmo pretexto.

Alguns anos depois entrou o rei muito apoquentado no quarto da esposa, e disse-lhe:

— Vou dar-te uma notícia, de todas a mais triste, os meus vassallos estão indignados comigo; não querem que estejas em lugar de rainha, e dizem-me que te expulsem do palácio. Por isso, querida Carlota, prepara-te, que tens de voltar para a cabana de teu pai.

— Não se apoquente, Real Senhor; estou pronta a obedecer; parto já.

— Tens que despir os fatos de rainha.

— É o que já vou fazer.

E a rainha despiu todo o fato ficando em camisa.

— Não dispo a camisa, porque encobre o ventre onde estiveram guardados os nossos filhos. (Disse a rainha).

O rei nada teve que objetar. Estava o velho pastor a porta da sua choça, quando viu aproximar-se a filha. Recolheu-se logo para dentro, tirou da caixa os antigos trapinhos e levou-os a filha para que os vestisse. Ela vestiu-os sem proferir um queixume. Continuou na antiga vida de pastora. Para ela a sua vida de rainha fora apenas um sonho; lembrava-se muito dos seus filhos e para estes eram todas as suas saudades. Passados anos voltou o rei a casa de Carlota, e disse-lhe que os vassallos instavam com ele que casasse; e por isso tinha resolvido casar com uma formosa princesa de quinze anos.

— Efetivamente — respondeu a pastora —, um rei bom como Vossa Majestade merece ter uma descendencia que lhe perpetue o nome.

— Venho pedir-te o favor de voltares ao palácio para dirigires as criadas de

cozinha. Bem sabes que a princesa há de ser acompanhada por fidalgos, e vem igualmente com seu irmão mais novo; quero, portanto, servi-los com lauta mesa.

— Estou pronta, logo que Vossa Majestade ordenar.

— Chegam amanhã; deves ir hoje para o palácio.

Carlota foi, vestindo um pobre vestido de chita com que costumava ir a igreja. No dia seguinte chegou a noiva e o irmão, com outros fidalgos, e houve a sua chegada grandes festejos. Carlota estava governando na cozinha e aí a foi o rei encontrar.

— Não vens ver a minha noiva?

— Estou esperando quem me substitua aqui, enquanto vou e volto.

Chegou então uma cozinheira, e Carlota foi cumprimentar a noiva.

— É muito linda! — disse Carlota, beijando a mão da noiva. — Deus conserve muitos anos a sua preciosa saúde. É digna do rei que vai receber por seu marido.

A menina ficou estupefacta. Então o rei ajoelhou-se em frente de Carlota, e disse:

— Olha que são os nossos filhos. Quis experimentar o teu coração: és uma pastora que vale mil rainhas.

Houve então muitos abraços e beijos de parte a parte. O rei mandara os filhos para casa de uma tia, que os educava como príncipes, que eram, em vez de os mandar matar como tinha firmado a rainha.

(Algarve — Loulé)

NOTA: Foi coligido da tradição oral pelo Dr. Ataíde de Oliveira nos *Contos Populares do Algarve*; e de alto interesse, merecendo comparar-se com a versão literária do século XVI, das *Histórias de Proveito e Exemplo*, de Trancoso, e que

adiante se relaciona com a universalidade deste tema tradicional extensamente idealizado na poesia da Idade Média. O povo português conhecia todos esses tesouros.

AS CINCO PROFISSÕES

Em tempos que já lá vão um lavrador mandou ensinar a ler a cinco filhos que tinha; e depois de se acharem prontos para as lidas da vida, tratou de saber que carreira pretendiam seguir. Falou o mais velho:

— Eu cá só queria mandar e fazer andar gente as minhas ordens.

— Pois bem, vais sentar praça para chegares a comandante e mandares a tropa.

— E eu desejo de aprender como é que se esfolia gente.

— Bem te entendo; queres ir formar-te em Direito, serás advogado, tratando de demandas, aconselhando os teus constituintes.

— Para mim, o que me servia era saber como se pode matar gente sem crime.

— Vais estudar para médico, já que é essa a tua vocação.

E olhando para o quarto filho, que estava com um sorriso alvar, perguntou-lhe.

— Dize lá que profissão te agrada mais, para assim te encaminhar?

— Ah, pai! o que eu queria era ter a arte de comer bem e cantar de papo, sem fadigas de trabalho.

— Estás bom para eclesiástico; darás um excelente padre.

O quinto filho já estava impaciente, e antes de ouvir a pergunta, disse deliberadamente:

— A mim, mande-me para uma profissão que seja muito rendosa.

— Muito rendosa? Explica-te melhor, meu filho.

— Que ajunte muitos bens, mentindo sempre.

— Compreendo o que queres: serás um rico comerciante.

(Algarve — Albergaria)

A DAMA VERDE

Um príncipe e grande apaixonado da caça levava um conselheiro, que era torto, e muito amigo de dirigir graças as damas. De uma vez encontrou o príncipe uma ermida, e disse para o conselheiro:

— Vamos ali a missa.

Entraram, e o ermitão disse que esperava a família do lavrador, que dotara aquela ermida, para ir para o altar. Pouco depois chegou o lavrador, e com a família acompanhando uma dama toda vestida de verde e com um véu verde que lhe ocultava o rosto. O príncipe foi-lhe oferecer água benta, dizendo:

Debaixo dessa esperança
Haverá caridade?

A dama respondeu:

Venha a nós o vosso reino,
Faça-se a vossa vontade.

O príncipe contou o caso ao conselheiro, que ao findar a missa, foi muito lampeiro oferecer água benta a dama:

Eu morro por cortesias
E também por ser cortes;
Morro por ser lá do Porto,
E por ser bom portugues.

A dama respondeu-lhe chacoteando:

Morreis por ser lá do Porto,
E também por serdes torto.

O conselheiro foi referir a resposta ao príncipe, que se riu muito, e já se achava muito apaixonado pela dama verde. Como não lhe foi possível saber quem ela era, andava muito melancólico; a rainha lembrou-lhe o ir estar uma temporada em casa do tio, que também era rei. Deram-se bailes para distraírem o sobrinho. Apareceu uma noite uma dama vestida de verde. O príncipe teve um grande sobressalto:

— Será a dama que encontrei na capelinha?

— É minha sobrinha — disse a rainha, apresentando-a ao príncipe. — Ela tem uma grande predileção pela cor verde.

O príncipe para se certificar se seria a mesma que tanto o impressionara, disse-lhe a meia voz:

Debaixo dessa esperança
Cresceu a minha saudade...

E a dama repetiu com um olhar enternecido:

Venha a nós o vosso reino,
Faça-se a vossa vontade.

Nessa noite dançaram ambos sempre, casaram e foram muito felizes:

Bendito e louvado,
Meu conto acabado.

(Loulé)

NOTA: Este conto da tradição do Algarve foi encontrado em Macau em 1868 por António Feliciano Marques, em que o galanteador da dama é Camões: «Galanteava as mulheres as portas das igrejas, recitando-lhes versos, ao dar-lhes água benta; e ainda hoje, entre os versos se repete aqui uma quadra com que uma lhe replicou ao galanteio chamando-lhe vesto (torto) com o que,

dizem, Camões quizilou muito, deixando desde então de fazer versos a quem tão mal lhos agradecia.» Marques Pereira não chegou a alcançar a quadra satírica; mas no jornal *República Portuguesa* do Rio de Janeiro, de 1895, n.º 7, conta-se a anedota, com a quadra: «Findo o ato religioso, o inigualável Vate endereçou para o sítio em que ordinariamente passava Maria Cortes, e entregando-lhe o hissope desfechou: *Cortesias me tem feito, / Eu morro por ser cortes; / Não sei se por ser do Porto, / Ou por ser bom portugues.*

A adorável poetisa não se fez esperar e retorquiou: *Eu não sei se sois do Porto / Ou se sois bom portugues; / Só vejo que sois um torto, / E eu Maria Cortes..*

Do livro *Camões — Época e Vida*, pp. 614-15, nota. É curioso o processo do sincretismo da tradição; assim como no conto oriental a esposa comparada a *Vinha* deu lugar a personificação histórica de Petro della Vigna, secretário de Frederico II, dando a situação uma aparência histórica, também o apodo de torto faz lembrar a deformação de Camões, mostrando o poeta identificado com o secretário do Príncipe chasqueado por *torto* pela *Dama Verde*.

A TIA MISÉRIA

Era uma velhinha muito encarquilhada, andrajosa e na mais angustiosa indigencia. Parecia que tinha nascido com o mundo. Vivia numa cabana de pedra seca e coberta de colmo e ramalhiça, e por únicos haveres, tinha diante da porta uma pereira sempre assaltada pelos rapazes do lugarejo. De uma vez parou-lhe a porta um peregrino, que lhe pediu pousada; a Tia Miséria deu-lhe a manta com que se cobria, e a única migalha de pão duro que tinha para passar o dia. Quando luziu a aurora, o peregrino despediu-se da Tia Miséria e disse-lhe que pedisse quanto quisesse que tudo lhe seria concedido. Ela pediu bem pouco.

— Uma cousa peço e mais nada.

— Pedi a vontade, tiazinha.

— Peço que quem subir a minha pereira não possa descer sem minha ordem.

— Será cumprido o teu desejo.

Como os garotos não sabiam do caso, cedo experimentaram o efeito do dom maravilhoso; e choravam, pedindo a Tia Miséria que os deixasse descer da pereira. E a dura lição serviu-lhes, porque as peras ficaram na pereira, sem serem furtadas. Estava-se nisto, quando a porta da Tia Miséria para outro viandante, mas com ar sinistro, e agitado.

Pergunta-lhe a Tia Miséria:

— O que quereis?

— Sou a Morte, e venho buscar-vos.

— Assim tão de repente? Concedei-me mais um anito.

— Não pode ser...

— Pelo menos deixai-me comer aquela última pera, que está ali esquecida...

— Isso concedo.

— Fazei-me a esmolinha de subir a pereira para a colher.

A Morte subiu, mas a velha, pelo dom que recebera, disse logo:

— Fica-te aí, enquanto te não mandar descer.

E é certo que durante algum tempo não se davam óbitos; e padres, médicos e boticários, andavam descontentes das suas profissões. A Morte teve de entrar em combinação com a Tia Miséria: que a deixasse descer, que lhe poupava a vida. E assim aconteceu; porque a Miséria, enquanto o mundo for mundo há de existir sempre.

A COMADRE MORTE

Um pobre trabalhador, carregado de filhos, já tinha vergonha de convidar para padrinhos as pessoas suas conhecidas e de importancia. Nasceu-lhe mais um filho, e lançou-se a ventura para convidar para compadre a primeira pessoa que encontrasse. Encontrou uma criatura magra, pálida, amargurada; o pobre homem, para em frente do desconhecido:

— Muito desejava te-lo por compadre, para poder batizar o mais depressa uma criança.

— Não me custa a aceitar o convite; ora voce não sabe quem eu sou.

— Não sei; mas por isso mesmo.

— Eu sou a Morte.

— Tanto melhor.

E caminharam juntos, e nesse mesmo dia se fez o batizado. A comadre Morte, depois da cerimónia, disse para o homem pobre:

— Já que vives tão apoquentado por falta de recursos vou-te ofertar um dom, que te aproveitará muito e até poderás viver com fartura.

— Ó minha querida comadre!

— É o que te digo. Faze-te cirurgião, e quando visitares os doentes e me vires a cabeceira da cama é sinal de que não escapam; nem Deus nem os santos os salvam. Se me vires aos pés do leito, receita o que quiseres, e parecerá a muitos que são curas milagrosas.

Assim foi correndo a vida, que o homem como cirurgião acreditado ganhava

muito dinheiro.

Uma vez é chamado para um doente que era riquíssimo; mas, por infelicidade ao visitá-lo, encontrou a comadre Morte a cabeceira. Disse que nada podia fazer, e quis-se ir embora. Agarraram-no, ofereceram-lhe muitas peças de ouro, uma boa saca. O cirurgião teve então uma ideia, para não perder o aquele dinheiro. Mandou virar a cabeceira do doente para os pés. Salvou-o, mas a comadre Morte foi-se embora e jurou vingar-se daquela deslealdade.

No dia seguinte a Morte foi esperar o compadre a saída de casa:

— É agora a tua vez:

— Ó comadre Morte, não me mates antes de eu acabar um padre-nosso.

— Pois sim; concedo-te isso.

O compadre nunca acabava de rezar o padre-nosso; a Morte foi-se embora, cansada de esperar. Daí a dias quando ia ao chamado de um doente encontrou a comadre Morte caída e estatelada na estrada, imóvel, insensível.

— Olha a minha comadre, como ela já está pronta! Sempre lhe quero pagar o bem que me fez. Vou-lhe rezar um padre-nosso pela sua alma. Rezou sinceramente, e logo que o acabou, a Morte ergueu-se:

— Sempre acabaste o padre-nosso, que te concedi. Anda daí comigo.

E assim acabaram todas as espertezas.

A ESMOLA DO DIABO

Um negociante que fazia grandes compras de cereais e revendia por diferentes feiras, ganhando muito dinheiro nesse giro, encontrava em uma encruzilhada duas caixas com o letreiro: *Esmola para as Santas Almas*, e *Esmola para o Diabo*. Nunca se esquecia nas suas andadas de deixar alguns vinténs na caixa das Almas, e lá ia uns cinco réis para a do Diabo.

Pernoitando uma noite em uma estalagem, pediu de cear, mas tinha sido tanta a freguesia, que nada lhe trouxeram. Nisto passa uma criada com tres ovos cozidos para um hóspede, mas o negociante atravessou-se:

— Ceda-me esses ovos, que os pago pelo dobro.

A estalajadeira, que era muito astuta acenou a criada, que logo lhe serviu os ovos. O negociante pagou duas vezes o custo dos ovos, e seguiu depois sua jornada. Daí por muito tempo, tres ou quatro anos, tornou por aí a passar, para tomar uma refeição, quando lhe aparece a estalajadeira muito lampeira:

— Foi bom passar por aqui, para pagar o custo dos tres ovos, que há tempos comeu e ficou devendo.

— Devendo? Está enganada: paguei duas vezes o seu custo, como ajustei.

— Eu boto outras contas. Os tres ovos que o senhor comeu, deitados no choco tinham dado ninhadas, que seriam galinhas, que durante esse número de anos, sempre pondo e chocando, fazem indubitavelmente um bom cabedal. Hoje mesmo é o senhor chamado ao tribunal, e o juiz dirá quanto me tem a pagar.

O negociante saiu para ir consultar um advogado; ia aborrecido e tristonho pela petulante exigencia. Encontrou um indivíduo que o abordou, perguntando-lhe

se algum grande cuidado o afligia; e conhecendo o caso, disse:

— Eu sou advogado, e conte comigo nessa audiência; é possível que me demore alguns minutos, mas o juiz por certo lhe concederá a espera.

De facto lá compareceram no tribunal a estalajadeira com suas testemunhas, e o juiz mandou logo abrir a audiência. Acode o negociante:

— Ó Senhor Juiz! Peço espera de alguns minutos, porque o meu advogado não tarda.

— O que o réu quer é chicanar para não pagar o que deve. Não me presto a rabulices.

Nisto aparece o advogado aforismado:

— Senhor Juiz, demorei-me mais do que queria, porque tive de cozer uns tremoços para os semear...

— Ora essa! então semeiam-se tremoços cozidos?

— Pela mesma razão com que de ovos cozidos se tiram pintos.

O juiz informou-se do caso da estalajadeira e condenou-a; e o advogado disse ao negociante.

— Salvei-te, em louvor das esmolas que me deste.

A SANDÁLIA DE OURO

Um mercador de grosso trato caiu em pobreza por percalços do negócio, ficando a família na miséria. Tinha uma filha muito formosa, que recusara um rico casamento, sendo entre os pretendentes o maior credor de seu pai.

Quando já não tinha mais nada que vender e forçada pela indigencia, a velha mãe mandou pedir uma esmola ao credor que estava senhor de todos os haveres de seu marido; respondeu-lhe vilmente, fazendo o preço de quanto daria para dormir uma noite com a filha.

A desventurada menina tinha muita devoção em Santo António, e pediu a mãe que a acompanhasse a igreja, e ajoelhando ambas diante do altar do santo, a menina orou com tanto fervor, que este lhe lançou uma das sandálias que tinha aos pés. Ela pegou na sandália e viu-a cheia de joias preciosíssimas. Foi a uma ourivesaria e ali lhe deram muitos mil cruzados pela joia. Vieram para casa muito contentes e satisfizeram a fome.

Logo nessa noite se espalhou que as duas senhoras tinham vendido joias de grande valor, e como sabiam todos que estavam muito pobres, espalharam que tinham sido roubadas.

Foram a igreja e viram o santo sem a sua sandália. Deram parte a justiça, e no dia seguinte, quando a mãe e a filha se levantaram viram a casa cercada de soldados. Abriam a porta, e logo entraram o juiz, advogado e mais autoridades que lhes deram voz de prisão.

— Roubaram umas joias de grande preço.

Foram a igreja, e a filha do mercador ajoelhando diante da imagem do santo,

dirigiu-se-lhe:

— Somos acusadas de roubar joias: mostrai-lhes que se enganam no mau juízo que fazem de nós.

Então o santo lançou-lhe a outra sandália também cheia de joias. Todos viram perfeitamente que fora o santo que assim beneficiara as pobres senhoras, que dali foram para sua casa soltas e livres.

(Contos Trad. do Algarve, I, p. 431.)

MOSTEIRO DE S. ANDRÉ DE ANCEDE

Como aquele sítio era muito falto de água para beber, trataram os cónegos de mudar o Mosteiro para o lugar onde hoje está por ser abundante de águas, de que deram conta a el-rei Dom Afonso Henriques para lhe dar alguma ajuda para o novo Mosteiro, o que ouvindo o grande Rei disse:

— Suposto que os cónegos *ham Sede*, mudem o Mosteiro, que eu os ajudarei.

«E deste dito de el-rei ficou chamado o *Mosteiro de Ancede*.»

(D. Nicolau de S. Maria, *Crón. dos Regentes*, liv. VI, p. 327.)

A GRAÇA ESTUDANTESCA

Tres estudantes seguiam para casa em férias, e no caminho encontraram um lobo morto. Pararam, e com gáudio disse um deles:

— Este lobo merece um necrológio.

— Ó se merece! Quem o fizer mais bem feito não pagará o jantar na estalagem.

— Mãos a obra — disse o terceiro, e declamou:

Aquele lobo
Por onde andou,
Qanto comeu
Nada pagou.

Sai-se o segundo prontamente:

Sim, esse lobo,
No meu sentido,
Comeu só cru,
Nada cozido.

O estudante do alvitre:

Quando este lobo
Dormia a sesta,
Não dormiu nunca
Uma como esta.

E rematando o necrológio pelas mesmas consoantes:

Eis aí um lobo,

Pelo que manifesta,
Das suas jornadas
A pior foi esta.

Cada um dos estudantes queria que a sua quadra tivesse mais chiste e enredaram-se em questiúnculas; não podendo chegar a acordo, foram a casa do juiz da terra, que os ouviu atentamente; e concluiu:

— Estão todas as quadras bem feitas, com pilhas de graça; e

Pelo que os senhores dizem,
E eu vejo nos autos
Os tres paguem o jantar
E comeremos quatro.

Os estudantes aceitaram a sentença, mas combinaram pregar uma peça ao juiz, e foram adiante a estalagem para que cozessem um paio e o pusessem partido na mesa em tres partes. Sentaram-se os quatro a mesa, e um dos estudantes espetou logo o garfo num dos bocados, dizendo:

Em nome do Padre
Este me cabe.

O segundo fez o mesmo, e nomeou:

Em nome do Filho
Este comigo.

O juiz, com ação executiva, agarra o último pedaço:

Em nome do Espírito Santo
Antes que fique em branco.

O juiz lembrou-se a tempo do tempo que fora estudante.

A MULHER TEIMOSA

Um homem era casado com uma mulher tão teimosa, que já a não podia aturar; uma vez trouxe para casa um queijo, e puseram-se ambos a mesa para jantar. Foram para partir o queijo, e disse o homem que era preciso uma faca. A mulher, teimosa, começou a porfiar que o queijo se partia com a tesoura. Teimam que teimam, o homem pega a bater na mulher, e a perguntar:

— Com que se parte o queijo?

— Com a tesoura! — respondia ela quanto mais ele lhe batia.

Por fim, o homem desesperado, deitou-a ao poço, e como ela já não podia falar com a cabeça debaixo de água, ainda fazia com os dedos da mão, que estava de fora, o gesto imitando as pernas da tesoura cortando.

(Porto)

NOTA: Edelestand du Meril, na *Histoire de la fable esopique* (nas *Poésies inédites du Moyen-Age*, p. 154, not. 5) cita um manuscrito da Biblioteca de Bruxelas, do século XV, no qual se acha esta mesma fábula com o título *De homine et uxore litigiosa*. Transcrevemos a peripécia final: «Illa, autem, quia jam linguam amiserat et loqui non potuit, signo quo valuit, pertinaciam ostendit, forcipi formam et officium digitis ostentans.» Também se le na *Sobremesa y Alivio de Caminantes*, cent. I.

O JOGO DO PIRA

Um estudante queria comer sem pagar, e andando uma vez a tuna foi parar casa de uma estalajadeira, onde pediu tudo o que lhe apeteceu. Depois bem comido, tratou de se safar, e propos a estalajadeira que lhe ensinaria um jogo novo muito bonito.

— Então como é o jogo?

Disse-lhe o estudante:

— Segure neste novelo, e deixe-me a ponta da linha porque é o Jogo da Pira. Ora veja como é que se joga.

Ele começa a puxar a linha, andando de costas para a porta, e a dizer:

— Pira, pira, pira.

Foi saindo e assim que se apanhou na rua, bota a correr dizendo:

— Pira por aqui abaixo.

E ninguém mais o apanhou.

(*Porto*)

NOTA: Este conto acha-se no século XVI numa comédia do célebre Giordano Bruno, intitulada *Candelajo*; Barra, que é um fregues, para não pagar na taverna, propõe vários jogos, que são sucessivamente rejeitados, e por fim propõe darem uma carreira, o que lhe serve de pretexto para se escapulir. No século XVIII este conto teve também uma nova forma dramática, na comédia de cordel *O*

Galego Lorpa ou os Tolineiros. Vid. História do Teatro Portugues, t. III.

O CASO DO TIO JORGE COUTINHO

Era uma vez uma mulher, que era casada e tinha um amigo, e quando o marido ia para o trabalho mandava chamar o amigo. Passou um pequeno, e ela disse-lhe:

Ó rapaz, que és mui malino,
Queres-me ir a um recadinho?
— Sim senhora, vou depressa;
Mas guarde-me essa panela.
Vai a casa do tio Jorge,
Que a tua tia Guiomar
Que te manda lá dizer
Que me venha cá falar;
Que o marido não 'stá em casa,
Pois ele foi trabalhar;
Que te de lá o convite,
Que eu não tenho que te dar.

O rapaz foi, e disse:

— Ó meu tio Jorge Coutinho,
Diz minha tia Guiomar,
Que lhe vá já lá falar,
Que o marido não 'stá em casa,
Pois ele foi trabalhar;
Que me de cá o convite
Que ela não tem que me dar.
— Rapaz, tu vens-me enganar,

Que ela havia de te pagar!
— Se eu engano a meu tio
Deus do céu permitirá
Que o marido cedo venha
E ache meu tio lá.

O homem foi ter com ela; quando a mulher depois foi vigiar para ele sair, viu o marido pela rua abaixo:

Aqui d'el-rei, quem me acode
Que eu morro sem confissão,
Que aqui vem o meu marido,
Mas vem co'os pés pelo chão.
— Se a comadre me encobre,
Ou por artes ou por manha,
Eu hei de lhe dar em janeiro
Cinco quartas de baganha.
Meu compadre bem sabe
Que eu sou segredeira,
O que me caiu no papo
Caiu-me na coalheira.
— Deus venha com meu compadre,
Vem em boa ocasião,
Estamos fazendo uma posta
Para ganhar um tostão.
— Quem mo dera pr'a tabaco,
E Deus sabe a precisão.
— É meu compadre meter
A cabeça neste talhão.

E depois ele meteu a cabeça no talhão, e o amigo da mulher saiu para a rua.

Agora vem o rapaz:

— Ó minha tia Guiomar,
De-me cá a minha panela
Mais o convite com ela.

Diz o marido:

— Não me dirás tu, mulher,
Aquele rapaz que quer?
Por ir a uma brasa de lume
Quer convite, e faz queixume.

Diz-lhe agora o rapaz:

— Bota lá poses nos olhos
A esse pobre inocente,
Quem quiser alcoviteiros
Há de lhe pagar adiente.

Agora a mulher disse ao marido:

— Toma lá esta barretinha
Chega a porta, põe-a e tira-a
E dize esta cantiga:

É gosto meu,
E de minha mulher:
Há de entrar e sair
Quantas vezes quiser.

Agora respondem os vizinhos:

Quem o é, e consente
É bem que lho chamem sempre;
Quem não consente e não sabe

Deus tenha dele piedade.

(Ilha de S. Miguel — Ponta Delgada)

NOTA: Recebemos esta facécia coligida na ilha de S. Miguel pelo falecido zoologista açoriano Francisco de Arruda Furtado. Conhecíamos-la em prosa. Existe um pequeno fabliau sobre esta aventura, na literatura francesa da Idade Média.

OS DOIS IRMÃOS E A MULHER MORTA

Eram dois irmãos, um rico, e o outro pobre: casaram, mas o pobre tinha muitos filhos, e o rico nenhum. Estavam de mal um com o outro, por intrigas da mulher do que era rico, que se envergonhava daqueles cunhados, e demais a mais compadres. Vai de uma vez o rico trazia umas manadas no campo, e uma res transviou-se e foi cair num barrocal e lá ficou morta. Os filhos do pobre quando vieram do mato foram contar o caso a mãe:

— Pois ide lá ao barrocal buscar o novilho, porque assim sempre teremos comer.

Os rapazes foram, fizeram-no em postas e trouxeram tudo para casa. A mulher do rico desconfiou, e disse ao marido que fosse a casa do irmão saber como aquilo era.

— Como é que hei de ir lá? Bem sabes que estou de mal com meu irmão, desde as partilhas. E demais, como é que se pode saber se foram os meus sobrinhos que espotejaram o novilho?

— Pois juro que foram os teus sobrinhos que roubaram a carne; foram, e sou eu que hei de por tudo em pratos limpos.

— Não sei de que feitio.

— Não sabes? Pois mete-me neste caixão, deixa-lhe um buraco para eu espreitar, e vai a casa de teu irmão pedir para o guardar.

— Com essa me rio eu. Pois com que pé hei de ir pedir a meu irmão para me guardar a caixa, estando nós desavindos?

— Tu não sabes da missa a metade. Vai ao compadre e dize-lhe que chegou tropa, e temos aquartelados em casa, e com medo do que der e vier lhe pedes para te guardar a caixa.

Dito e feito. O irmão pobre esteve por tudo e ficou muito glorioso de guardar a caixa das riquezas do irmão que sempre o desprezara; puseram-na junto da lareira. Como era já de noite, o rico despediu-se, e nisto começaram os rapazes seus sobrinhos a fazer-lhe figas nas costas, e a gritar:

— Hoje há carne assada! Hoje há carne assada! O novilho chega para todos tomarem uma barrigada.

A mulher do irmão rico deu um estremeção dentro da caixa, com raiva. Os rapazes calaram-se e disseram uns para os outros:

— Estão ratos na caixa.

— Deixá-los, vamos nós comendo; a estas horas a mulher de meu irmão está roendo as unhas de pena que ela é.

Nisto a comadre deu outro estremeção de furiosa.

— A caixa está cheia de ratos, com certeza.

— Bota-se-lhe água a ferver.

— Mas por onde?

— Aqui está um buraco. Foi por onde eles entraram.

Vão a panela da água para os pés e despejaram-na para dentro da caixa. A comadre e tia, que estava dentro dela, morreu sem tugar nem mugir.

O irmão rico estava com curiosidade de saber da experiencia e foi buscar a caixa; o irmão pobre entregou-lha logo. Pelo caminho já lhe perguntava:

— Sempre foram eles que roubaram a carne?

Nada. Chegou a casa e quando abriu o caixão deu com a mulher morta, e negra com as escaldaduras.

— Ai, que ela morreu excomungada! Foi castigo de levantar esse aleive a meu irmão.

Tratou-se do enterro, e a mulher foi depositada na igreja para se lhe fazerem os ofícios ao outro dia. Disse então o irmão pobre para a mulher:

— Se eu fosse de noite a igreja, tirava as joias que a excomungada leva para a cova.

— Lá isso faz pena ver estragar dinheiro.

O homem lá se introduziu conforme pode na igreja, e fez uma trouxa de tudo que pode tirar a comadre excomungada. Não contente pegou no corpo e foi encostá-lo ao altar-mor, com o missal aberto diante. Quando o sacristão veio de manhã ficou de queixo caído e correu a dar parte ao pároco da freguesia. Este foi entender-se com o marido da defunta que pagou bem os exorcismos, e o corpo enterrou-se logo depois de vestido e enfeitado com mais joias. O compadre pobre lembrou-se de ir furtar tudo isto ao cemitério. De noite, quando estava desenterrando a excomungada, ouviu vozes ao pé do cemitério. Pos-se a escutar, e pelo que pescou, viu que eram estudantes que vinham de furtar um porco, e o tinham pousado em cima do cemitério. Diz agora um deles:

— Falta-me o relógio! E esta? Vou por ele.

— Eu vou contigo. Não há perigo que ninguém nos venha aqui tirar o porco.

O pobre assim que não sentiu ninguém foi ao lugar onde pousaram o porco, e tirou-o de dentro de um saco, onde estava, meteu dentro a excomungada, deixou-a ficar e safou-se com o porco para casa. Quando os estudantes vieram, pegaram no saco, e foram ter a casa de uma taberneira para lhes arranjar uma ceia; vão para abrir o saco e dão com a mulher morta. A estalajadeira berrou logo:

— Ai, que ela é a excomungada!

— E agora? Como nos havemos de livrar desta? É a excomungada que se

enterrou esta manhã.

— Vamos po-la aí a porta de qualquer figurão da terra.

Pegaram nela e foram po-la inteiriçada a uma porta; o corpo foi escorregando, escorregando, até que embarrou na aldraba da porta e fez barulho. Falaram de dentro, mas como ninguém respondia vieram a janela. Viram um vulto, e pensando que estava a gazuar a porta, abriram-na de repente e deram-lhe muita pancada. O corpo caiu. O dono da casa pensou que o tinha matado, e para se ver livre da justiça, montou o corpo em cima de um burro e po-lo a caminho para a feira. Ao passar pela porta do compadre pobre, diz ele para a mulher:

— Ainda aqui me aparece a excomungada. Desta vez sempre se ganha um burro. E pegou no corpo e foi po-lo num cerrado do padre. Quando o padre o soube foi exorcismá-lo montado na burra do sacristão, porque este o tinha avisado de que a excomungada andava no cavalo que pastava no cerrado. Assim que o cavalo viu a burra, correu atrás dela; o padre foge, a burra segue o caminho de casa, e ao entrar pela estrebaria dentro, o padre bate com a cabeça na padieira ao tempo que o cavalo chega com o corpo da excomungada. O padre quebrou a cabeça e morreu, e todos disseram que tinha sido a excomungada que lhe caiu em cima. O irmão rico pensou que a alma da mulher andava penada, e para a despenar foi ter com o irmão e deu-lhe os bens que lhe tinha roubado e ainda muito dinheiro.

(Alentejo)

NOTA: Acha-se publicado no *Elvense*, n.^{os} 205, 205 e 206, III ano, com uma redação literária que prejudica o seu valor tradicional. Pertence ao ciclo do *Frade Morto*, aqui substituído por uma cunhada, o que é uma circunstancia accidental. Há cinco versões portuguesas do *Frade Morto*; na tradição peninsular acha-se no *Patranuelo* de Timoneda, n.^o III; no *Fabliau du prete qu'on porte* (*Hist. littéraire de*

la France, t. XXIII, p. 141); na antiga tradição italiana: *Cinquante Nouvelle* de Masuccio, n.º 1; e modernamente acha-se coligido por Pitré, nos *Fiabe e Racconti*, n.º 165: *Fra Ghinipera*. Na coleção dos *Contos Russos*, de Erlenwein, n.º 17, acha-se a tradição do frade morto. (Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 214).

— Na Baixa Normandia: *Le pauvre et le riche* (Jean Fleury);

— Cosquin, nos *Contos Populares de Lorena: René et son seigneur*;

— Conto calmuco, trad. por Gubernatis, *Myth. zoologique*, I, 141.

OS TRÊS PATRÕES

Um rapaz foi oferecer-se para criado a casa de um lavrador; a noite, quando foram cear, deram-lhe uma tigela de caldo. Diz ele:

— Ó meu amo, o caldo está muito quente.

— Pois sopra-lhe.

No dia seguinte o rapaz despediu-se, entendendo lá para si que lhe não convinha servir naquela casa, onde nem tempo dariam para comer. Foi-se oferecer a casa de outro lavrador; aconteceu a mesma cousa; ao começar a comer o caldo, disse:

— Ó meu amo, o caldo está muito quente.

— Pois espera que arrefeça.

O moço também resolveu não ficar servindo naquela casa, cuidando que lhe dariam tempo sem mais nada. Foi-se embora ao outro dia, e chegou a casa de outro lavrador, que o tomou para o serviço. À ceia disse o moço:

— Ó meu amo, o caldo está muito quente.

— Pois miga-lhe broa.

O rapaz disse lá para si que aquela era a casa que lhe convinha, e ali se deixou ficar.

(*Airão*)

PARA QUEM CANTA O CUCO?

Dois vizinhos ouviram cantar o cuco, e tomaram como agouro que era sinal de infidelidade de suas mulheres. Disse um:

— O cuco cantou mas foi para ti.

— Nada, isso não pode ser. Para ti é que ele cantou.

Pegam de teimar, e como nenhum cedia resolveram ir consultar um letrado. Chegaram lá, o letrado ouviu-os, e depois de botar a livraria abaixo, disse:

— Deposite cada um dois pintos antes de tudo.

Os vizinhos entregaram o dinheiro ao letrado, ansiosos de ouvirem a sua sorte; e depois que ele meteu os pintos na algibeira, fingiu um semblante triste, e disse:

— Vão-se embora na paz do Senhor, porque para mim é que cantou o cuco.

(Porto)

NOTA: Acha-se esta facécia na coleção quinhentista de Timoneda, *Sobremesa e Alívio de caminantes*, conto 57. (Ed. Ribadaneira, p. 181).

DICHOTE GALEGO

Um galego estava ao lume a ferver leite, e quando ele começava a vir acima, dizia:

Deus te acrexente

Para chegar para mais xente.

Por fim a efervescencia foi mais forte, e o leite derramou-se todo; o galego, zangado, exclama:

E tanto te acrescentou

Que até o diemo te levou

(Sardoal)

TUDO ANDAREMOS

Um marido desalmado batia na mulher, que, estando já tão acostumada aquela malhadeira, tomava tudo em desconto dos seus pecados. De uma vez o marido tinha-lhe dado muitas pancadas na cabeça, na cara e no peito, e a desgraçada exclamava:

— Homem! Bate-me antes nas costas.

— Deixa estar, que tudo lo andaremos.

(Porto)

A MULHER QUE CEGOU O MARIDO

Uma mulher andava desencaminhada, e foi consultar uma vizinha para achar modo de cegar o marido.

Este veio a sabe-lo, e disse a vizinha que lhe desse como receita infalível, que dando a comer galinha cozida ao marido, ele iria cegando pouco a pouco sem dar por isso.

Assim fez a mulher desencaminhada; ao primeiro pretexto, disse ao marido que era bom comer galinha cozida.

— Já que é remédio, comerei galinha.

Depois de ter comido, o homem fingiu que estava um pouco com a vista turva. A mulher continuou a dar-lhe mais galinha, e quando o marido já estava enjoado de comer tantas galinhas é que se fingiu cego de todo.

A mulher estava bem certa de que o marido era cego, e deu entrada ao amante; mas quando eles estavam mais seguros, é que o marido cobrou a vista, desancando-os como quem malha em centeio verde.

(Airão)

NOTA: Aparece este conto no *Pantchatantra*, (Vid. trad. francesa de Lancereau, p. 256) com o título *O Bramane e Sua Mulher*.

O TOLO E AS MOSCAS

Um maluquinho trazia a cabeça rapada, e não podia suportar as picadelas das moscas; lembrou-se de apresentar uma queixa contra elas ao juiz, que o atendeu para o desfrutar. O juiz deu por sentença, que onde quer que visse uma mosca podia usar do direito de legítima defesa atirando-lhe uma pancada. O maluquinho confirmou a sentença, fazendo que o juiz a repetisse. Nisto poisa uma mosca na cabeça do juiz; o tolo acerta-lhe uma pancada e o juiz caiu para a banda. Prenderam-no, mas o parvo defendeu-se com a sentença, e não tiveram outro remédio senão mandá-lo embora, porque lá diz o outro: Com tolos nem para o céu.

(Ilha de S. Miguel)

NOTA: Pitré coligiu também esta facécia nos seus *Contos Sicilianos*. (Vid. crítica na *Revue des deux mondes*, 15 de agosto de 1875, p. 857).

JÁ QUE TANTO TEIMA

Um fidalgo caiu em pobreza, e as vezes arrebatava com fome só para se não abaixar a pedir. Chegava a qualquer casa a hora de jantar, e se lhe diziam por cerimónia:

— E servido de se utilizar? Ou: quer fazer um pouco de penitencia connosco?

Ele respondia:

— Já que tanto teima uma vez só, aceito.

E assim sem descer da sua dignidade tirava o ventre de miséria.

(Porto)

NOTA: No *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º XXXIV. fl. 101, v. encontra-se este conto do século XIV, que em Portugal se repete quase exclusivamente como locução.

TIC-TACO

Um frade passava todas as tardes rente da janela de uma mulher casada, e dizia-lhe:

— Tic-taco.

A mulher contou tudo ao marido, e ele disse:

— Havemos de dar uma lição boa ao frade. Quando ele tornar a passar e disser a mesma coisa, dize-lhe que pode entrar; depois eu começo a tossir, e tu escondo dentro de um saco, que o resto vai por minha conta. Ao outro dia o frade passou rentinho a janela, e já lusco com fusco. Repetiu a gracinha:

— Tic-taco.

— Pode entrar.

Foi o que o frade quis ouvir. A mulher fechou a porta e levou-o para dentro. Nisto o marido tossiu; ela finge-se atrapalhada:

— Ai, o meu marido que chegou! Meta-se Vossa Reverencia já aqui neste saco, ao pé destes outros que estão cheios de milho.

O frade meteu-se no saco, a mulher atou-o e encostou-o aos outros que estavam cheios. Chega o marido e diz:

— Temos ladrões em casa, porque me avisaram, e estão por aí escondidos.

Começou a correr todos os cantos, e por fim exclamou:

— Não dou com eles; só se se esconderam dentro desses sacos.

E começou a dar pauladas nos sacos para a direita e para a esquerda, e o frade ia também apanhando a sua dose a chucha calada.

— Assim como assim, não está cá ninguém.

E o marido foi-se embora.

A mulher de combinação, já se sabe, veio tirar o frade do saco, e ele safou-se como Deus quer e é servido. Passado tempo aconteceu passar ele pela mesma rua, e a mulher disse-lhe da janela:

— Tic-taco?

Respondeu o frade com cara arrenegada:

— Não sou gorgulho que vá ao seu saco.

(*Ilha de S. Miguel*)

NOTA: Esta facécia açoriana acha-se contada por Franco Sacchetti, e nas *Notte piacevoli* de Straparola (*Facetieuses nuits*, nuit II, fab. 5) Um fabliau da Idade Média desenvolveu este *conto De la Dame qui attrapa un Pretre*. Vid. outros paradigmas na versão francesa de Straparola, p. XX. Ferraro publicou uma versão popular italiana, *Rivista de Letteratura popolare*, p. 67.

AS ORELHAS DO ABADE

Um sujeito bom caçador convidou o abade da sua freguesia para ir comer com ele duas perdizes guisadas, e deu-as a mulher para as cozinhar. A mulher, raivosa por não contarem com ela, cozinhou as perdizes e comeu-as. Nisto chega o abade muito contente, e diz-lhe a mulher:

— Fuja, Senhor Abade, que o meu homem jurou que lhe havia de cortar as orelhas, e isto das perdizes foi um pretexto para cá o pilhar.

O abade não quis ouvir mais, e ele, por aqui me sirvo.

Eis que o marido chega, e diz-lhe a mulher:

— O abade aí veio, viu as perdizes, e não querendo esperar mais tempo por ti, pegou nelas ambas e foi-se embora.

O homem vem a porta da rua, e ainda avista o abade fugindo; começa de cá a gritar:

— Ó Senhor Abade! Pelo menos deixe-me uma.

— Nem uma, nem duas! — respondeu ele bem de longe.

(Ilha de S. Miguel)

NOTA: Esta vulgaríssima facécia já se encontra na *Sobremesa y Alivio de Caminantes*, conto 51, da edição Ribadaneyra, p. 181.

Acha-se no *Fabliau des Perdrix (Recueil de fabliaux*, p. 159); no *Passatempo de Curiosi*, p. 22; nos *Nouveaux contes a rive*, p. 266; nas *Facetie, motti et burle*, da Ch.

Zabata, p. 36; e nos *Contes du Sieur d'Ouille*, t. II. p. 225. Nos *Contos Populares de Lorena*, t. II, p. 348: *Les deux perdrix*, Emm. Cosquin faz sentir a sua generalização.

PACTO COM O DIABO

Um rapaz desejava casar com a patroa a quem servia; ela repelia-o sempre, e depois de muito requestada, disse-lhe que só casaria com ele se arranjasse uma grande fortuna. O rapaz foi por esse mundo, para ver se enriquecia, e lá no meio de uns montes escavados encontrou um homem, que lhe disse:

— Eu sei o que procuras. Queres ser rico para casares com a tua patroa.

— É verdade! — disse o rapaz muito admirado. — E como é que eu arranjarei isso?

— Pois olha — respondeu-lhe o outro —, eu sou o Diabo, e posso dar-te tudo o que tu quiseses, mas tens de me dar...

— A minha alma?

— Para que quero eu a tua alma? Isso é muito. Basta que me des a primeira pessoa que entrar em tua casa no dia do teu casamento.

O rapaz aceitou a proposta, e jurou que a havia de cumprir.

Separaram-se cada um para a sua banda; o rapaz partiu para a terra em uns machos carregados de dinheiro que encontrou no caminho; assim que ali chegou achou um grande palácio novo diante da casa da patroa, todo mobilado, entrou, viu tudo arranjado, vestiu-se com a melhor roupa que lá havia, e foi ter com a patroa para a pedir em casamento. Ela disse que sim; até que se chegou ao dia da boda. Vieram muitos convidados, comeram e beberam antes da ida para a igreja, até que saiu o acompanhamento. Casaram-se. Quando os noivos vinham saindo, chega um criado muito asseado com um cavalo com arreios de ouro, e disse para o noivo:

— Aqui está o cavalo para o senhor ir.

O noivo meteu a mulher na carruagem com a madrinha, e montou a cavalo. Assim que o cavalo o apanhou com os pés nos estribos desata a desfilada, para casa, e meteu-se pela porta dentro. Foi a primeira pessoa que entrou ali depois do casamento; o cavalo arrebentou e desfez-se em fumo, a casa desabou de cima abaixo, e o noivo sumiu-se pela terra dentro. Quando a noiva e os convidados chegaram já não conheceram o sítio, tudo fora arrasado, e só estava ali um grande charco^[90],

CONTO EM ENIGMA

Todos os dias ia uma mulher com uma criança encostar-se a grade da cadeia em que estava um preso, com guarda a vista.

— Que vem aqui voce fazer todos os dias? — inquiriu o guarda.

— Eu já fui filha, e agora sou mãe, e o menino que eu crio é marido de minha mãe.

O guarda foi dizer ao rei o acontecido, e como nenhum dos seus conselheiros soubesse explicar o sentido dessa resposta, mandou vir a mulher a sua presença, para a inquirir.

— Eu me explicarei, se Vossa Majestade perdoar o crime do preso.

— Perdoo; mas explica.

— O que eu vou fazer todos os dias a grade da cadeia é sustentar meu pai com o leite dos meus peitos, e que como não há orde de entrar comida, eu o crio sendo o marido de minha mãe.

(Açores)

FILHA QUE AMAMENTA O PAI

Um rei perdoava todos os anos a morte de um preso, a quem fosse capaz de dizer um enigma que ele não pudesse adivinhar. Apresentou-se a dizer um enigma uma mulher ainda nova, para salvar o pai; e disse:

Já fui nina,
Aora soy madre;
Alimento mi padre,
Marido de mi madre
Avó de mis hijos.

Não conseguindo o rei adivinhar o enigma, a mulher explicou: o pai dela estava preso, e a filha ia todos os dias sustentá-lo com o leite dos próprios seios, que lhe passava por uma pequena abertura da porta. O rei mandou soltar o preso.

(Porto)

NOTA: Encontra-se na tradição popular italiana, Bernoni, *Indovinelli pop. veneziani*, n.º 63; Pitré, *Novelline popolari siciliane raccolte in Palermo*, n.º 5, pp. 76-78. *La bona Fia*; e nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, n.º CXCVI (vol III. p. 388) versões de Palermo: *La' nniminu*. Pitré coligiu a forma de adivinha: *Indovina, indovinator: / Figlia io son / de l'imperator; / Oggi son figlia, / domane sou madre / di um figlio maschio, / marito di madre*.

Pitré indica uma fonte tradicional da Antiguidade, conservada por Valerio Máximo sob o título *De pietate in parentes*, no *Factorum, Dictorumque memorabilium*, liv. IV. cap. 4. Na *Revista do Minho*, vol. I, p. 73, vem uma versão

colhida da narrativa popular.

Apresentamos aqui o tipo do conto em enigmas, como paradigma de [outro já coligido](#):

— «Um dia ele (Ragnar) chega a Noruega. Os seus companheiros desembarcam, e encontram em uma miserável cabana uma rapariga chamada Kraka, de uma beleza singular. Falaram dela com entusiasmo a Ragnar, que lhe propôs um destes enigmas, de que abundam os exemplos nas poesias do Norte, na Idade Média.

— Se esta rapariga a tão formosa como me quereis fazer crer, trazei-ma, contanto que venha aqui ter sem ser vestida nem vir nua, sem ter comido nem também vir em jejum, que não venha sozinha, nem que venha acompanhada.

Quando referiram o enigma a Kraka, ela compreendeu-o imediatamente, e para o resolver, deixou cair os seus cabelos louros compridos em volta do corpo, e envolveu-se em uma rede de pesca. Provou um pouco de caldo, e sem vir acompanhada por nenhum homem, trouxe consigo um cão. O rei ao vê-la, apaixonou-se por ela, e desposou-a.» (X. Marmier, *Lettres sur l'Islande*, p. 162, Bruxelas, 1837.)

PROVA DE AMOR

Um mendigo tinha uma filha muito linda, que o acompanhava e que lhe atraía muitas esmolas; namorou-se dela um príncipe com tanta paixão, que resolveu ir pedi-la ao pai em casamento. O mendigo fez as suas excusas com todo o bom senso, e a todos os embaraços o príncipe opôs os protestos da sua sinceridade e firmeza. Estava de pé um argumento, que o mendigo guardou para o final:

— A desigualdade de condições fará que esse casamento seja uma desgraça; que o príncipe é o que é, e a sua mulher não deixa de ser filha de um mendigo.

— Então que prova exige de mim, para poder obter a mão de sua filha?

— Uma prova muito simples: o príncipe veste os andrajos de pedinte, e anda a esmola seis meses. No fim, pode casar com a rapariga.

O príncipe aceitou a condição; envergou os andrajos e a sacola, arranjou a sua choradeira, e partiu. O mendigo, passados tres meses, convencido que já estava provada a verdade do seu amor pela filha disse para o príncipe:

— Agora dou licença; podem casar-se. Mas o príncipe objetou:

— Meu amigo! Já não largo a sacola; melhor do que a rapariga é esta vida divertida de andar de porta em porta, e de correr mundo. É a vida mais independente que há, por isso diz o ditado:

Cristo pediu,
Mas não serviu.

(Porto)

SEM CEIA

Diz o velho anexim, com imensa verdade:

Quem tiver muitos filhos
E pouco pão,
Tome-os de mão e diga-lhes
Uma Canção.

Um pobre homem sobre a desgraça de achar-se viúvo de repente, viu-se com uma caterva de filhos sem ter com que os sustentar. Com a fraca jorna e alguma caridade dos vizinhos que conheciam a sua miséria, ia amparando as crianças. À lareira os filhos cercavam-no, um chorava, outro pedia pão, aquele dizia que estava a cair com fome, e o pobre pai para os calar, começava a alentá-los com uma esperança risonha:

— Hoje não tive quem me fiasse uma broa; é preciso ter paciência. Os ventos são como a sorte, mudam, e amanhã posso ter um carneiro, que bem assadinho para o jantar...

— Ó pai! Há de me dar um bocadinho de perna?

— Com certeza, e com duas batatinhas.

— Eu — dizia um outro — eu queria... (Já lhe custava falar).

— Sim, guisado, também é muito bom.

— E que tenha muito molho, acode outro, para eu molhar o pão.

— E até fazer fatias grossas — acrescentava o pai.

— Pois eu — disse o mais pequeno — hei de esfarelar o pão no molho.

— Olhe cá, eu gosto mais de batatas.

— Aquele quer comer tudo! (Põe-se a choramingar.)

— Não vai a afligir, filhos! Também se faz um bom arroz com a fressura de carneiro.

— Que bom! e arroz! de que eu gosto tanto.

— Também me há de dar arroz, pai?

— Um prato bem cheio?

— Está dito — interrompeu o pai. — Agora é preciso que sosseguem; durmam, durmam.

Daí a pouco era tudo silencio naquele lar desvalido, embaladas as crianças na grata ilusão que anestesiara aqueles estomagos vazios. E os vizinhos que escutaram a conversa do carneiro assado e guisado com batatas, murmuraram entre si:

— Vai recebendo as nossas esmolas, e trata os filhos a carneiro assado e guisado com batatas.

(*Alentejo*)

ORIGEM DOS JAVALIS

Cristo e São Pedro na sua peregrinação pelo mundo, vendo e julgando as cousas, encontraram quatro bacorinhos nédios e lustrosos em um descampado.

— Coitadinhos, por aqui perdidos.

— Toma conta deles, Pedro, porque com certeza te digo, que não tem dono; dá-os a criar de meias aí em algum casal que encontremos no caminho.

São Pedro, sempre aproveitado, lembrou-se do ditado: quando te derem o bacorinho, bota-lhe logo o baracinho, foi tocando com uma varinha os quatro leitões; chegaram a um casal, onde estava uma mulher a porta, e São Pedro propos-lhe o contrato.

— Voce toma-me conta destes animaizinhos, trata-os e quando daqui a um ano por aqui passarmos fazem-se as partilhas.

Os bacorinhos cresceram, engordaram, já davam um grande lucro na feira. Eis que ao fim de um ano passaram os dois peregrinos; a aldeã assim que os avistou, foi esconder no cortelho os dois porquinhos mais gordos. São Pedro tocou ao ferrolho; aparece a mulher.

— Cá estão dois porcos bonitos; os outros dois deu-lhes um ar e morreram.

O divino Mestre afasta os olhos da mulher, e disse como sentença:

Pois estes dois que aqui estão,

Só teus e nossos serão;

E os que tens além fechados

Por essas serras irão,

E em feras serão tornados.

(Alentejo)

DAR VISTA AOS CEGOS

Um cego tinha uma filha muito linda, que o acompanhava para toda a parte, julgando assim defender a sua honra. A rapariga combinou com o namorado um stratagema: em um caminho estava uma cerejeira, e ele devia esconder-se aí, e quando passasse com o pai arranjar as cousas de modo a poderem abraçar-se.

As cousas dispuseram-se a seu talante.

Ao passar perto da cerejeira, diz a rapariga:

— Ó pai, está ali uma cerejeira, tão carregadinha, que parece um andor. Deixe-me apanhar algumas?

O cego concordou, e depois que a filha subiu a cerejeira, ficou agarrado ao tronco, para, segundo seu intento, guardar a honra da filha.

Os namorados não perderam tempo; mas no seu enlevo, passavam dois peregrinos, que eram Jesus Cristo e São Pedro, que andavam pelo mundo.

— Divino Mestre! — exclamou São Pedro —, como é louvável um pai que guarda a honra da filha.

Por um ar do divino Mestre o cego recuperou subitamente a vista; e espantado de ver a filha entre a ramagem da cerejeira abraçada pelo namorado, ela com toda a frescura acudiu de pronto:

— Não se zangue comigo pai: o que fiz foi para lhe dar vista.

São Pedro olhou para o divino Mestre, que na sua infinita bondade, disse sorrindo: Mulheres hão de ser sempre mulheres.

(Açores)

* Tema de *Oberen* de Wieland.

A GAITA MARAVILHOSA

Quando Cristo andava pelo mundo acompanhado de São Pedro, passaram por um laranjal, guardado por um rapazito. Era um dia de calma e São Pedro ia com muita sede.

— Bem me sabia agora uma laranja! Ó menino, deixas-me comer aí uma laranja?

— Pois colha-a; a sua vontade.

Não tendo com que pagar ao pequeno, lembrou ao divino Mestre que provasse uma laranja. Ao seu pedido, a criança acudiu risonha.

— Colha, senhor, quantas queira.

O divino Mestre quis logo premiar aquela sincera boa-vontade, e perguntou-lhe:

— Olha lá, tu queres a tua salvação?

— Isso, sim; mas também queria uma gaitinha, que quando a tocasse dançasse tudo.

O divino Mestre deu-lhe a gaitinha, e foram ambos andando. O rapaz, para se distrair começou a tocar, mas o dono do laranjal que estava escondido entre uma moita de silvas vigiando-o, e em vez de ir ralhar com ele começou numa dança entre as silvas, que ficou todo rasgado e arranhado. Quando o rapaz ia para casa do patrão, passava na estrada um vendilhão com um jumento carregado de loiça para a feira, e como começasse a ouvir-lhe o som da gaitinha, o jumento, vendilhão, loiça, tudo começou num delírio de pulos. Desesperado o vendilhão da loiça, vendo-a toda quebrada e sem poder ter mão no jumento, agarrou o

rapaz e levou-o a presença do juiz, para se lhe dar o castigo que bem merecia por tal travessura.

O juiz, carrancudo, informado do facto, voltou-se para o rapaz:

— Trazes aí a gaitinha? Sempre quero verificar como as coisas se passaram.

E vendo o simples instrumento, ordenou-lhe com má catadura:

— Toca!

O rapaz tomando a gaitinha, que apresentara ao juiz, rompeu logo o delírio da dança; e juiz, escrivão, mesa, livros, vendilhão e os beleguins, tudo começou num rodízio e rodopio dançante. No meio da sarabanda entra pela sala do tribunal a mãe do juiz, que jazia entrevada num aposento próximo, e batendo as palmas cantarolava a bailar:

Vá de folia,

Vá de folia!

Que há sete anos

Eu me não mexia.

O juiz, maravilhado do que se estava passando, pediu ao rapaz que não buzinasse mais. Imediatamente obedecido, começou a limpar as bagadas de suor, e disse para o rapaz:

— Vai-te em paz, porque se causaste dano com a gaita, também fizeste um grande benefício de curar minha mãe, que estava entrevadinha há sete anos.

(Porto e Algarve)

LENDA DA MÃE DE SÃO PEDRO

A mãe do apóstolo São Pedro era tão mofina, que nunca foi capaz de dar nada a ninguém, ainda que lhe pedissem até arrebeitar. Um dia foi a horta buscar couves para o caldo, e quando vinha para casa, caiu-lhe no chão uma rama de cebola. Como era uma cousa que se não aproveita, deixou-a ficar e foi andando, dizendo:

— Fica-te para aí pelo amor de Deus.

Passado tempo São Pedro fez-se discípulo de Cristo, e Nosso Senhor também o fez chaveiro do Céu. Quando morreu a mãe de São Pedro, o filho quis mete-la no Céu, mas não havia motivo.

— Ainda se ela tivesse dado alguma coisa em meu louvor.

São Pedro ouvindo estas palavras do Senhor, lembrou-se da rama de cebola caída no caminho, e apoiou-se nesta oferta.

— Pois então, puxa-a cá para cima.

São Pedro botou a rama de cebola a mãe, içou-a, chegou a porta do Céu, mas quando ia a mete-la para dentro, a rama quebrou, e a velha ficou entre portas sem poder entrar para dentro. Daqui vem o ditado: «Ficar entre portas, como a mãe de São Pedro.»

(Ilha de S. Miguel)

NOTA: Acha-se em muitas terras de Portugal; Pitré encontrou-a na tradição

italiana, mas em vez de ser a rama de cebola é uma folha de pereiro. A mãe de S. Pedro é uma locução proverbial em toda a Sicília, Veneza, Toscana, Friul, etc. (Vid. *Revue des deux mondes*, de 15 de agosto de 1875, p. 843. *Rev. politique et littéraire*, vol. XII. p. 648, 1877.)

Adiante, em outros contos, reaparece o tipo popular de S. Pedro em um género de contos muito vulgares em Andaluzia com o título de *Susedios*.

O LAVRADOR E O ERMITÃO

Cristo ia pelo mundo com São Pedro. Passaram por um campo, onde estava trabalhando um lavrador que rogava muita praga e berrava na labutação da arada. O Senhor saudou-o:

— Deus te salve, vida santa.

Foram para diante, e viram estar um ermitão a rezar a porta da sua cabana. O Senhor saudou-o:

— Deus te salve, vida de porco.

São Pedro ficou maravilhado e disse para Cristo;

— Senhor! porque é que aquele homem que praguejava, lhe chamastes vida santa, e aquele que rezava com tanta devoção lhe chamaste vida de porco?

— É porque aquele que estava praguejando, trabalha, e sustenta a sua família, produz alimento para muita gente; e aquele que está rezando, não é útil a ninguém e vive a custa das esmolos, que são o trabalho e a privação dos outros.

(Porto)

NOTA: Na revista *El Folclore Andaluz*, (an. I, n.º 5, p. 176) uma variante desta lenda colhida por Leite de Vasconcelos nas Duas Igrejas, do concelho de Miranda, servindo de paradigma a uma versão andaluza de Rodriguez Marin, publicada no *Folclore Andaluz*, n.º 2, pp. 31-33.

A TÚNICA DE CRISTO

Depois de Cristo ter sido sentenciado é que se conheceu a sua inocencia. Pilatos foi chamado a Roma para dar conta ao Senado da sua sentença injusta.

O proconsul vestiu-se com a túnica que tinha pertencido a Cristo, e apresentou-se no tribunal; todos aqueles que o queriam acusar nada puderam dizer contra ele, e Pilatos retirou-se absolvido. Ao fim de tempo as acusações continuaram a acumular-se, e Pilatos foi chamado de novo para ser julgado pela iniquidade que cometera. Trouxe outra vez a túnica vestida, e ninguém achou palavra que dizer contra ele. Foi então que ele confessou que o defendia a túnica que trazia vestida, que pertencera a Jesus, a qual desde criança crescera com o seu corpo. Pilatos foi absolvido e o Senado deixou que se falasse da doutrina de Jesus.

(Ilha de S. Miguel)

LENDA DO PARAÍSO

Criou Deus o homem e colocou-o no Paraíso; ao fim de dias apareceu-lhe e perguntou:

— Como te dás por cá?

— Sopra-me da banda do Norte, e tenho muito frio.

Deus fez-lhe um muro que o guardava dos ventos do Norte. A cabo de dias tornou-lhe a aparecer e pergunta:

— Como te dás por cá?

— Sopra da banda do Sul, e ainda tenho frio.

Deus fez-lhe outro muro. Ao cabo de dias apareceu-lhe, fazendo a mesma pergunta:

— Chove-me agora em cima.

Deus cobriu os muros com um teto, para o abrigar das chuvas. Tornou-lhe depois a aparecer:

— Como te dás agora?

— Estou sozinho entre estas quatro paredes; muito triste de estar sozinho.

Então Deus deu modo a arranjar-lhe uma companheira. Tornou-lhe a aparecer:

— Não tenho que comer, nem que dar a minha companheira.

Deus falou a terra, para ela dar de comer ao homem. A terra respondeu:

— Só lhe darei de comer, se o homem me tornar o que receber de mim.

Foi assim que o homem ficou sujeito a ser também comido pela terra.

(Tentúgal)

O TESOURO ENTERRADO

Uns amigos tiveram notícia de um tesouro e combinaram ir antes do nascer do Sol para o desenterrarem. Levantaram-se dois deles e foram pela porta do outro para o acordar; mas ele disse lá de dentro, que não deixava o calor da cama por nada.

Os outros foram, acharam umas pedras afamadas, revolveram-nas, mas só encontraram castanhas de burro. Vieram-se embora estafados, e ao passarem pela porta do amigo, como lhe viram o postigo aberto, atiraram-lhe por pirraça com as tais castanhas para dentro de casa.

O homem foi ver o que era, e achou o chão alastrado de peças de ouro. Quando tornou a falar com os amigos agradeceu a oferta, e quanto lhes explicou o caso eles nunca quiseram acreditar.

(Airão)

NOTA: Acha-se uma versão de Celorico de Basto publicada na *Revista de Etnologia e Glotologia*, p. 170; *Contos Populares do Brasil*, com o título *O Ouro dos Maribondos*, n.º XXXIX, tendo sido anteriormente publicado na *Revista Brasileira*.

O USURÁRIO E SANTO ANTÓNIO

Pensando sempre em riquezas e tesouros, sonhou um usurário com Santo António, que lhe aparecera e lhe perguntara:

— Queres um conto de réis?

— Ó se quero! Fazia-me um contão.

— Dize lá; queres em notas ou em ouro?

— Em ouro, em ouro, de preferencia.

— Nesse caso espera, enquanto vou trocar o conto de réis em ouro. No meio do delicioso sonho o usurário acordou, e olhando em volta exclamou, com amargos de boca:

— Que grande tolo eu fui, que não peguei logo no conto de réis.

AS VOZES DOS ANIMAIS

A ovelha, o galo, o porco, o gato, o pato e o peru foram fazer uma viagem, e recolheram-se de um temporal num casebre em que luzia o buraco. Não estava ali ninguém, e o porco foi para o cortelho, a ovelha e o pato puseram-se detrás da porta, o gato acocorou-se na borralheira, e o galo com o peru pousaram-se no caibro do teto. Lá pela noite adiante vieram os lobos, que a casa era deles, e um foi a borralheira a ver se havia lume, mas o gato esgatanhou-lhes os focinhos. O lobo começou a uivar, e os outros todos iam para acudir, mas o porco ferrou na perna de um, a ovelha deu uma marrada noutro, o galo pega a cantar, o pato a cacarejar, e os lobos, pernas para que te quero! Só muito longe é que se tornaram a juntar. Disse um:

— Vamos lá ver o que é que tomou conta da nossa casa.

— Eu cá não vou, porque estava lá um cardador que me chimpou com as cardas no focinho. (Era o gato.)

— E a mim, topei lá com um ferreiro que me atirou com uma tranca de ferro as canelas. (Era a ovelha.)

— Também eu não torno lá, porque o tal ferreiro agarrou-me por uma perna com umas tenazes. (Era o porco com a dentuça).

— Eu cá, escapei da malhada, mas ouvi um que estava a bramar:

Cacaristo, cacaristo,

Se lá vou, faço tudo em cisco.

— Tanto isso é verdade, que outro clamava: Engoli-los, Engoli-los. (Referia-se ao peru e ao galo.)

— É verdade, que havia lá uma coisa que dizia: Haja pazes! Haja pazes! (Era o pato.)

Mas os lobos nunca mais quiseram tornar aquela casa, porque o seguro morreu de velho.

(*Carrazeda de Ansiães*)

NOTA: Há uma outra versão coligida por Sequeira Ferraz, e uma versão francesa, intitulada: *Les musiciens voyageurs* (*Vieux contes*, p. 17, Paris, 1830); também nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 306, trad. de Brueyre. Nos *Contos* dos irmãos Grimm, vem com o título *Os Músicos da Cidade de Bremen* (*Contes choisis*, trad. Baudry, p. 313). Cosquin, nos *Contos Populares de Lorena*, II, p. 102: *Le chat et ses compagnons*.

OS DUZENTOS CARNEIROS

Era uma vez um pastor, e andava no mato com duzentos carneiros; veio uma trovoadá, e ele quis recolher o rebanho para o curral, chamou os carneiros e pos-se a caminho. Chegou ao pé de um rio muito fundo, aonde havia uma ponte, e de cada vez só podia passar um carneiro. Começou a passar um a um...

(Neste ponto o narrador cala-se, e as crianças que o escutam, depois de alguns momentos, intervem com a pergunta:)

— E depois? O que aconteceu ao pastor?

— Esperem, que os carneiros estão agora passando.

(E assim se logram as crianças, com a mesma resposta que os põe a espera.)

NOTA: É um conto típico; encontram-se no *Castoiment d'un Pere a son Fils*; nas *Cento Novelle antiche*, n.º XXX; no *Don Quijote* e no *Recueil de fabliaux*, p. I, Paris, 1829. (Bibl. choisie.) O sentimento hostile contra os Galegos expresso pelas locuções populares: Vento Galego, Galeguice, Galegada, e que se encontra em versos de Sá de Miranda e de Camões, que tinham avoengos galegos, explica-se pela persistencia da tradição das lutas políticas da mãe de D. Afonso Henriques contra a emancipação e direitos soberanos de seu filho, que os fidalgos da Galiza, e ainda numa tentativa de sublevação em 1131, por seu padraсто, Fernão Peres, fizeram contra a nova monarquia.

AS TRÊS POMBAS

Era uma vez um palácio, onde havia tres pombas brancas...

(As crianças cheias de curiosidade preparam-se para ouvirem um lindo conto.)

— Onde havia tres pombas... Diga mais.

— Pois, como ia dizendo:

Ora, uma casou,
A outra enviuvou,
A terceira morreu;
Meu conto acabou.

OS DITADOS NOVELESCOS

I. — Fórmulas iniciais

Era uma vez um Conde,
E ia por uma ponte...
Queres que te conte?

Era uma vez um Bispo...
Não sei mais do que isto.

Era uma vez um Rei...
Aqui está o que eu sei.

Era uma vez
Um Rei e um Bispo;
Acabou-se o conto,
Não sei mais do que isto.

Era uma vez
Um cesto e uma canastra...

Para conto já basta.

Era uma vez uma menina
Chamada Vitória,
Morreu a menina,
Acabou-se a história.

Era uma vez um homem
Que vivia numa aldeia,
Não tinha medo a fome
Em tendo a barriga cheia.

Era uma vez
Um porco montes,
Alça-lhe o rabo,
Chupa-lhe o pez.
— Alça-lho tu,
Que és mais cortes.
Chupa-lho bem,
Quanto mais chupas
Mais ele tem.

II. — Fórmulas finais

Quem o disse está aqui,
Quem o quiser saber vá lá.

Deus louvado,
Meu conto acabado.

A certidão está em Tondela,
Quem quiser, vá lá por ela.

Está a minha história acabada,
Minha boca cheia de marmelada.

Está a minha história dita,
E a tua boca cheia de forrica.

— E depois?
Morreram as vacas,
Ficaram os bois.

Quem o disse está aqui,
O que já lá vai, lá vai;
Sapatinho de manteiga
Escorrega mas não cai.

Entrou por uma porta
E saiu por outra
Manda el-rei meu senhor
Que me conte outra.

Era uma vez
Uma caixinha Vermelhinha,
Cor de pez... Queres que ta conte
Uma outra vez?

Quem o disse está aqui,
A certidão está em Tondela;
Quem o quiser saber
Vá até lá por ela.

Houve muita festa e grande matinada;
Eu fui lá e não me deram nada.

Fui lá... mas deram-me um prato de lentilhas,
E se transformaram em mentiras.

III. — Fórmulas proverbiais dos contos

Quem conta um conto
Acrescenta-lhe um ponto.

De longas vias
Longas mentiras.

Foi Maria a fonte,
Trouxe que contar todo o ano.

Conto do João das Favas,
Que nunca se acaba.

(Algarve)

NOTA: Nas tradições populares são frequentes estes estribilhos iniciais e finais. Colhemos alguns da coleção de Leite de Vasconcelos, no *Folclore Andaluz*, p. 214, e na de Ataíde de Oliveira, *Contos Populares do Algarve*. Rodriguez Marin, nos *Cuentos populares espanoles*, t. V, p. 46, traz as seguintes fórmulas iniciais: *Era vez y vez*, *Erase que se era*, que nos parece análogo a forma insulana: *Era, não era, no tempo da era*. Marin cita um trecho de Quevedo (Musa VI. rom. 29): *Doncellas no sé que son, / Porque me contó una vieja, / Que ya son sólo em los cuentos / Fruta de Erase que se era*.

E Cervantes também escreve: «Suelen los muchachos antes de comenzar un cuento conseja, decir: *Erase lo que era; / el mal que se vaia / y el bien que se venga; / el mal para los moros / y el bien para nos otros*. (Quijote, I, 20.)

Em Cuba repete-se um estribilho em forma de conto, com que se arrelia as

crianças; trá-lo Marin: *Este era um gallo pelado, / que tiene los pies de trapo / y la cabeza al revés. / Quieres que te lo cuente otra vez.*

(El niño responde que — si.) *Yo no digo que digas si, / Si no que si quieres que te cuente / el cuento de! Gallo-Pellado. (Cuentos populares españoles, t. V, p. 16.)*

A circunstancia de alçar o rabo e chupar o pezo, acha-se em um estribilho da Estremadura espanhola: *Era una vez y vez, / Una cabrita / Que tenia um chivito / Con los ojos de ver / Y el culito de lamer. / Quieres que te le conte otra vez? (Folclore Betico Extremeno, p. 210.)*

Costa Cascais, no *Panorama* (t. XII, pp. 115 e 118), traz intercaladas em uns versos seus, algumas fórmulas finais: *O caso contado / Vai sendo aumentado, / Pois diz o ditado: / Quem conta um conto / Aumenta-lhe um ponto.*

No final de um conto de Huelva vem «unos zapatitos de manteca». (Vid. p. 278).

Paródia da fórmula da ressalva tabelianica: *O que eu digo bem o digo / Se o digo como é; / Pois se é como eu digo / O que eu digo assim é.*

Notas

[1] Muitos destes contos aparecem na tradição continental, donde foram coligidos para os *Contos Populares Portugueses*, Lisboa, 1879; tais são: *José Pequeno* (n.º 21), *Maria Subtil* (n.º 42), *Duquesa* (n.º 60). *O Filho da Burra* (n.º 22), *Branca Flor* (n.º 14), *O Afilhado de S. João* (n.º 19), *São Pedro* (n.º 28). Além destes, não incorporamos outros, posteriormente publicados na citada coleção de 1879, como: *A Cobra Que Ia Dar Destroço a Cidade* (n.º 49), *O Passo Franco Galante* (n.º 27), *Os Tres Irmãos Que Iam Vender Fruta a Cidade* (n.º 45), *Carvoeiro Que Vende as Tres Filhas* (n.º 16), *Pedreiro Que Foi Pedir Obra ao Rei* (n.º 24), *Maria das Silvinhas* (n.º 58).

[2] É extremamente curioso o Diálogo X: Da maneira de contar histórias na conversação.

[3] Na coleção dos *Contos Populares do Brasil* acham-se os seguintes com paradigmas no nosso presente trabalho: *Os Tres Coroados*, *Rei Andrada*, *O Pássaro Preto*, *Dona Pinta*, *A Moura Torta*, *Maria Boalheira*, *A Madrasta*, *João Gurumete*, *Manuel da Bengala*, *Cova da Linda-Flor*, *João e mais Maria*, *A Formiga e a Neve*, *O Matuto João*, *A Mulher Dengosa*. Este facto confirma as palavras de Barbosa Rodrigues sobre os contos brasileiros: «alguns contos tenho coligido, posto que tenham a singeleza infantil e mesmo uma poesia natural, não constituem lendas; são simples histórias quase todas eivadas de superstição e seladas com o cunho europeu, e raras vezes mesmo africano.» (*Revista Brasileira*, t. X, p. 24).

[4] Os contos em verso da tradição madeirense são: *A Mulher do Almocreve* (*Rom.*, p. 321), *As Tres Cidras do Amor* (*Rom.*, p. 340), *A Gata Borracheira* (*ib.*, p. 364), *Os Encantos da Grande Fada Maria* (*ib.*, 391), *O Macaco* (*ib.*, p. 454), *A*

Carochinha (ib., p. 457).

[5] Trad. Cousin, t. IX, p. 105 e 106. Du Ménil, *Fable ésoyque*, p. 32.

No *Curso de Filosofia Positiva*, t. v, p. 25, Augusto Comte caracteriza o fetichismo: «pelo impulso livre e direto da nossa tendencia primitiva a conceber todos os corpos exteriores quaisquer, naturais ou artificiais, como animados de uma vida essencialmente análoga a nossa, com as simples diferenças mútuas de intensidade.» E mais adiante: «os primeiros ensaios de todas as belas-artes, sem excetuarmos a poesia, remontam incontestavelmente até a *idade do fetichismo*.» (Ib., p. 51.)

[7] *Avadanas*, t. I, p. 152. Trad. de Stanislaio Julian.

[8] *Ibidem*, t. tt, p. 41.

[9] *Ibid.*, t. ti, p. 138.

[10] *Ibid.*, t. I, p. 185.

[11] *Histoire générale des langues semitiques*, pág. 129.

[12] *Op. cit.*, pág. 32.

[13] *Premieres civilisations*, t. I, p. 337.

[14] *Ibidem*, p. 391.

[15] *Ibidem*, p. 395.

[16] Renan, *Hist. générale des langues sémitiques*, p. 281.

[17] Husson, *La Chaine traditionnelle*, p. 99.

[18] *Ethnologie gauloise*, t. III, p. 47.

[19] *Myth. zoologique*, t. I, p. 164 a 184.

[20] Ésquilo cita uma fábula líbica, dizendo: «Uma fábula líbica conta que um dia a águia ferida contemplou as penas da flecha que a ferira, e disse: — São as nossas próprias asas que prestam o instrumento da nossa perda.» (Plutarco, *De Musica*, XVII. Ap. Guizot, *Menandro*, p. 15). Menandro, para justificar a

precocidade do seu talento, conta uma fábula da Porca e dos Bacorinhos que nasciam sabendo praticar um certo número de atos. (G. Guizot, *Menandro*, p. 7.)

[21] Bergmann, *Les Getes*, p. 146.

[22] *Ibidem*, p. 216.

[23] Vide sobre esta lenda o estudo de Stanislao Prato, *L'Uomo nella luna*, onde vem bastantes dados comparativos.

[24] *Mythologie des plantes*, t. II, p. 36.

[25] Além da *Fábula dos Membros e do Estomago* e da *Matrona de Éfeso*, comuns a China e a Europa, temos, entre outras já citadas, a do *Jovem Bramane Que Suja o Dedo* (*Avadanias*, p. 223), que se repete em Portugal, na Alemanha e na Escócia (*Contos Populares Portugueses*, p. VIII); a disputa dos dois Demónios (*Avad.*, t. II, pág. 8) análogo ao conto da cacheira, botas de sete léguas e toalha mesa. Dá-se igual similaridade com o romance da *Donzela Que Vai para a Guerra*.

[26] *Petit Poucet*, pp. 3 e 5.

[27] Lenormant, *Prem. civilisations*, t. I, p. 378.

[28] Na minha *Hist. Universal*, t. II, p. 55

[29] *Hist. gén. des langues semitiques*, p. 125.

[30] *La Chaitze traditionnelle*, p. 102.

[31] *De resurrect carnis*, cap. XII.

[32] *As Civilizações Primitivas*, t. I, p. 391.

[33] *Idem*, *ibidem*, p. 389.

[34] *Idem*, *ibidem*, p. 397. 3.º

[35] *As Civilizações Primitivas*, t. I, p. 401.

[36] Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. I, p. 131..

[37] Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 184.

[38] Brueyre, *ibidem*, p. 28.

[39] *Ibidem*, p. 139.

[40] *Ibidem*, p. 125.

[41] *Violier des histoires romaines*, p. 205.

[42] O Fabliau intitula-se: *De la vieille que graissa la main du Chevalier* (*Rec. de Fabliaux*, p. 142). Acha-se também no *Democritus ridens*, p. 173; nos *Enfants sans soucis*, p. 258; nas *Facecie, Motti et Burle* de Ludov. Domeniche, p. 284; e no *Moyen de parvenir*, de B. de Verville.

[43] Publicado por Bernoni, Veneza, 1875, ap., Gubernatis, *Mythologie des plantes*, t. I, p. 17. Este anexim português é o resto de um conto, hoje totalmente esquecido em Portugal. Um conto popular veneziano narra como um indivíduo atacado de febre recebe uma receita, que só ficaria curado se tomasse como remédio um pouco do pau da Cruz de Cristo. O doente deu muito dinheiro ao da receita para lhe ir procurar a relíquia, mas o astuto mezinheiro foi gastar o dinheiro onde quis e trouxe um cavaco de uma barca velha, que fez ferver em uma panela, dando depois ao doente a beber em xarope. O doente ficou livre das febres, e daí o provérbio veneziano: *Siropo de barcazza La febre descazza*.

[44] Este provérbio pertence ao século XV; nasceu de uma anedota popular. Conta Estanislau Osio, que o grande polemista teólogo Alonso Tostado perguntara por desenfado a um carvoeiro: — Em que cres? Respondeu-lhe o pobre homem: «No Credo. — E em que cres mais? «No que cre a Santa Madre Igreja — E em que cre a Igreja? «Cre no que eu creio.» O carvoeiro nunca foi tirado deste círculo vicioso. Por isso no fim da sua vida, quando perguntavam a Tostado em que cria, respondia sempre: Como o carvoeiro, como o carvoeiro. E assim ficara a frase em provérbio entre os teólogos desde o século XV. No nosso livro *Adagiário Portugues* (inédito) estudamos mais detidamente os provérbios e locuções derivadas de contos e mesmo de fábulas clássicas. Citaremos aqui:

Pariram os montes, nascera um ratinho (Jorge Ferreira, *Eufrosina*, p. 27); *Pérolas orientais aos porcos não as lanceis* (Sá de Miranda, *Obr.*, p. 97); *Gralhas com penas de pavão*; *Estão verdes* (alusiva a fábula da Raposa e das Uvas); *Trocar o certo pelo duvidoso* (alusiva ao cão e a posta de carne); *Contar com o ovo ainda na galinha*; *Mais vale magro no mato que gordo no prato*; o *Conto das Tres Cidras do Amor* chegou a forma aforística, como vemos pelo refrém coligido por Santillana: «Fadas malas me ficieron negra, que yo blanca era.» Muitas facecias populares também se generalizaram na forma proverbial, como: *Comei mangas*; *Gracias á mis manos, que voluntad de Dios visto avias*; *Quem não te conhecer que te compre, verá o burro* (ou a prenda) *que leva*; a *Manta do Diabo* e *Pintar a manta*, etc.

[45] Ott. Müller, *Hist. de la littérature grecque*, II, p. 522.

[46] A Reforma, na Alemanha, também produziu o desenvolvimento escrito das Fábulas, como se ve pela coleção de Burkhard Waldis, franciscano que esteve em Portugal por 1540; essa coleção, sob o título de *Esopus*, foi publicada em 1862 por Heinrich Kurz. Durante o século XI (1548-1584) tivera seis edições.

[47] Max Müller formou o esquema desta migração das Fábulas da Índia para a Europa.

[48] No segundo volume de esta coleção tratamos da literatura dos contos populares.

[49] *Systeme de politique positive*, t. IV, p. 494.

[50] O Sr. Sant'Anna Nery, no seu livro *Folk-Lore Brésilien* (p. 4) apresenta-nos como contrafator dos Contos e Cantos Populares do Brasil; prestou-se a miséria de vulgarizar a ignóbil objurgatória de um louco moral, assoalhada no folheto *Uma Esperteza*. Servindo estes estudos etnológicos, arranjei-lhe em Portugal um editor que se sacrificou a imprimir esses tres volumes depois de rejeitados pelos editores brasileiros; acompanhei-os de dissertações acentuando a sua seriedade científica e elucidei-os com notas comparativas. Eis o móvel das

insolencias sem causa e com encarniçamento, característicos da epilepsia psíquica.

Os fenómenos da loucura moral só de há poucos anos são estudados; e este caso será citado como típico.

[51] *Contos Populares do Brasil*, n.º 31.

[52] *Biblioteca de las Tradiciones populares espanolas*, t. IV pág. 123.

[53] *Contos Tradicionais do Povo Portugues*, t. II, Introdução.

[54] Rodolfo Teófilo, *História da Seca do Ceará*, pág. 86

[55] *Obras*, pág. 262. Ed. Castro Irmão.

[56] *Óperas Portuguesas*, t. I, pág. 273.

[57] *Óperas Portuguesas*, t. I, pág. 73.

[58] Egger, *Mem. de littérature ancienne*, pág. 290.

[59] «In qualche comune della provincia di Siracusa corre la credenza che a Comarano presso Schoglitti, sia un tesoro incantado il qual non potra esser preso se non la notte dal 14 a 15 agosto, da chi, presa moglie, non sia pentito del matrimonio; ed e volgare il proverbio: *Cu'si marita e nun si penti. Piglia la truvatura di Comaramo.*»

Pitré, *Antichi usi* (*Rivist. di Lett. popolare*, pág. 107).

[60] Chassang. *Hist. du roman*, pág. 398.

[61] Ott. Müller, *Hist. de la littérature grecque*, t. II, pág. 522

[62] Tylor, *La civilisation primitive*, t. I, pág. 403.

[63] *Hist de la littérature grecque*, t. I, pág. 19.

[64] *Systeme de politique positive*, t. IV, pág. 520.

[65] *O Abolicionismo*, pág. 20.

[66] *Ibid.*, pág. 21.

[67] Ibid., pág. 108.

[68] Ibid., pág. 209.

[69] Ibid., pág. 24.

[70] *Syst. de politique positive*, t. II, pág. 461. — Virey, na *Histoire générale du genre humain*, descreve minuciosamente este caráter afetivo do negro, que o leva até sacrificar-se pela pessoa a quem se dedica. Broc, no seu *Essai sur les races humaines*, pág. 74, aceita também estas características, que deveriam ser conhecidas pelos políticos e chefes temporais. No livro *A Raça Negra sob o Ponto de Vista da Civilização de África*, de A. F. Nogueira, é onde pela primeira vez um etnologista vindica com factos observados diretamente a capacidade afetiva que distingue o negro.

[71] *O Abolicionismo*, págs. 50 e 136 seg.

[72] A. F. Nogueira, *A Raça Negra*, pág. 289.

[73] *O Selvagem*, p. 746.

[74] *Op. cit.*, pág. 138.

[75] *Op. cit.*, págs. 148-150. — Estas lendas e fábulas foram traduzidas para frances com o título: *Contes indiens du Brésil recueillis par M. le general Couto de Magalhães, et traduits par Emile Allain*. Rio de Janeiro. Faro e Lino éditeurs, Rua do Ouvidor, n.º 74. 1873.

[76] *Contos Populares Portugueses*, pág. X.

[77] Prichard, com o seu lamentável biblicismo, obscurece esta consideração, dizendo do indígena americano: «Não é o homem primitivo, mas o homem degenerado, que nós vemos nele.» *Hist naturelle de l'Homme* II, 216.

[78] *Apud* Prichard, *Hist nat. de l'Homme*, II, 85.

[79] Ibid., II, 87.

[80] Ibid., II, pág. 223.

[81] Ibid., *loc. cit.*

[82] Ibid., II, 271.

[83] No prólogo do Cancioneiro da Vaticana, cap. vi.

[84] Nas *Questões de Literatura e Arte Portuguesa*, págs. 61 a 80.

[85] Nas *Epopéias da Roça Moçárabe*, págs. 127 a 137; e *Teoria da História da Literatura Portuguesa*, pág. 24.

[86] Max Müller, *Essais de mythologie comp.*

[87] Ibid., pág. 318.

[88] Ibid., pág. 320.

[89] Comte, *Systeme de politique positive*, t. II, pág. 462.

[90] Este conto foi-nos narrado por uma pessoa ilustrada, que se não lembra bem se o ouviu da tradição popular, ou se o leu em uma coleção de contos da Bretanha. Ainda neste último caso tem o valor de um notável paradigma do conto português de *Boa Andança*, do *Orto do Esposo*.